

CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL *1130 / 1140*

01 0000001520

Lm 818322

2146 JFL

3560 JFL

TIETÊ, TEJO, SENA: A OBRA DE PAULO PRADO

Tese apresentada ao
Departamento de Teoria Literária do
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para obtenção do
título de Doutor em Ciências

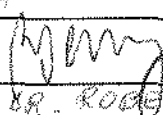
UNICAMP

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de
DOUTOR EM TEORIA LITERÁRIA na Área de Concentração: História Literária, à
Comissão Julgadora do Instituto de Estudos da Linguagem, sob a orientação do Prof.
Dr. **ROBERT SCHWARZ**.

CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

TIETÊ, TEJO, SENA: A OBRA DE PAULO PRADO

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por
CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL e aprovada pela Comissão
Julgadora em 14/12/94

Data: 14/12/94
Assinatura: 
PROF. DR. ROBERT SCHWARZ

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

1994

Comissão Julgadora:

Adolfo

João

Walter

Manny

(Orientador)

Dedico este trabalho a Wanda, Marina, Nádía e Laís.

ÍNDICE

Preâmbulo.....	1
A GÊNESE DE UM PENSAMENTO.....	8
Uma Certa Dimensão de Classe.....	10
A Família Prado.....	12
Inícios de Vida.....	16
Os Vencidos da Vida: a Principal Influência.....	31
A Carta de Fradique Mendes a Eduardo Prado (1888).....	36
As Idéias de Eduardo Prado.....	49
Certas Idéias de Eduardo Prado Como Historiador.....	55
Oliveira Martins.....	58
<i>Fin-de-siècle</i> e fim de um ciclo.....	61
Um Homem com Profissão.....	63
PRELÚDIOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA.....	68
Prelúdios da Semana de Arte Moderna: utilizações do Teatro Municipal.	
A Exposição de Pinturas e Esculturas Francesas e o episódio da montagem	
de O Contratador dos Diamantes	68
PAULO PRADO E A SEMANA DE ARTE MODERNA.....	80
O Depoimento de Mário de Andrade.....	81
O Depoimento de Oswald de Andrade.....	88
O Depoimento de René Thiollier.....	91

COM A SEMANA, A OBRA	93
O <i>Prefácio à Poesia Pau-Brasil</i> de Oswald de Andrade.....	103
" Toda a América " de Ronald de Carvalho.....	122
A Série Eduardo Prado - Para Melhor se Conhecer o Brasil.....	126
 PAULÍSTICA: Caminhos, Raça, Meio e Momento	129
Paulística: Caminhos, Raça, Meio e Momento.....	130
A Tese Regente: O Caminho do Mar.....	133
Decadência e Regeneração de São Paulo.....	153
 RETRATO DO BRASIL	159
Tietê: Sena ou Tejo ?.....	162
<i>A Luxúria</i>	179
Caracterização do Homem da Renascença.....	181
As descobertas, a febre do ouro e o "maravilhoso".....	183
A "escuma turva das civilizações". A lascívia do índio.....	185
" Terra de todos os vícios e de todos os crimes ".....	188
Transoceanismo. Desamor à terra.....	190
<i>A Cobiça</i>	193
O individualismo infrene. A quimera do ouro.....	194
Os jesuitas escapam da pandemia do ouro.....	196
Vícios e virtudes dos Bandeirantes.....	197
O ouro empobrecia o Brasil.....	198
O Aleijadinho.....	202
As Bandeiras continuam.....	202

<i>Tristeza</i>	204
A decadência de Portugal.....	207
Colonização do Brasil. A raça paulista. O brasileiro.....	211
Retomada dos temas dos dois primeiros capítulos.....	212
A raça triste.....	213
Buckle.....	214
Condições raciais do país na Independência.....	216
O negro envenenou a nacionalidade. A Bahia e Rio de Janeiro como exemplos.	218
Situação de São Paulo.....	219
Síntese da situação brasileira.....	221
 <i>O Romantismo</i>	 222
 <i>Post-Scriptum</i>	 230
O negro como o problema mais angustioso na formação da raça brasileira. A influência de Joaquim Nabuco.....	 231
 O SEGUNDO <i>PREFÁCIO</i> (1934) DE PAULÍSTICA.....	 244
 BIBLIOGRAFIA.....	 250

Preâmbulo

O trabalho que aqui se inicia é dedicado à análise da obra de Paulo Prado, um dos autores menos conhecidos do Modernismo brasileiro. Na verdade, diferenciando-se neste aspecto dos demais integrantes deste movimento, Paulo Prado nada havia produzido de substancial ou representativo por ocasião da Semana de 22, como ainda a sua obra - que principia em exata contemporaneidade com o evento paulista - não se fará no campo da literatura ou das artes, mas no da história: mais precisamente, Paulo Prado será um ensaísta, integrando uma linhagem que contará, em imediata sucessão, com os nomes de Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior - aliás todos estes vinculados pessoalmente de alguma forma a Paulo Prado. Em certo sentido, então, Paulo Prado inicia o ensaísmo da década de 30..

Detenhamo-nos por mais um instante na afirmação inicial. Apesar de, como está dito, não possuir até aquela ocasião qualquer produção intelectual digna de nota, Paulo Prado foi o principal idealizador da Semana de Arte Moderna, conforme veremos no momento mais adequado através do depoimento dos principais modernistas. É preciso abandonar de vez a idéia, difusa, de ter sido Paulo Prado apenas o *mecenas* do movimento, empenhado em comprar com o dinheiro fácil do café a companhia alegre e prestigiosa dos iconoclastas de 22. Tal atitude seria, aliás, inteiramente contrária à sua índole aristocrática, que só poderia ver nesta prática evidência do mau gosto de novos ricos.

A relação de Paulo Prado com a Semana foi muito mais complexa. Fez parte de um cálculo bastante assentado que juntava cultura e política, e suas referências vêm de longe, sendo parte de uma articulação mental com origens na experiência da Geração de 70 da literatura portuguesa, e encontra similitudes tanto com as exposições francesas de arte moderna quanto com as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, de 1871.

As idéias de Paulo Prado, que ganharam dimensão com a Semana de Arte Moderna, eram bastante amplas - como nos empenharemos em demonstrar - e o mais intrigante é que só serão desenvolvidas *a posteriori* deste evento. Muitas coisas passaram-se de modo inusual com nosso autor: empreende a Semana a partir de critério ideal mais ou menos rigoroso, mas o esquema intelectual que o preside, embora articulado, só será explicitado nos seis ou sete anos seguintes. Este fato, aliás, constituiu uma das maiores dificuldades da organização expositiva deste trabalho. Mais ainda: o seu primeiro ensaio histórico (**O Caminho do Mar**), cuja redação principia em 1922, já é o resumo prévio de tudo que virá a escrever na sua curta trajetória de ensaísta da história. Pode-se, portanto, considerá-lo tanto como resumo quanto como programa para realização futura- que de fato será cumprido.

Por outro lado - e esta é a parte mais empenhada deste trabalho - Paulo Prado possuía poucas idéias que possamos considerá-las como próprias. Elas são uma espécie de reelaboração e adaptação das teses de um grupo de intelectuais com os quais conviveu pessoalmente, e que compunha uma geração anterior à sua: mais precisamente, a de seu tio Eduardo Prado. O que está sendo dito aqui é que há uma dimensão de continuidade, e que esta continuidade existiu principalmente através de Paulo Prado.

A maior parte dos estudos realizados até agora sobre o Modernismo têm-se ocupado, principalmente, com o ato de ruptura que as obras deste movimento, de fato, praticaram. Há, entretanto, uma outra face: o acervo do Modernismo comporta, para além da ruptura, esta forte dimensão de continuidade a que estamos aludindo. Esta continuidade reside não tanto nos aspectos propriamente literários ou plásticos, mas principalmente nos aspectos programáticos que unem visão social e intencionalidade estética decorrente. Afinal, se *"a idéia de ruptura absoluta é metafísica, também o é a noção de uma continuidade inteiramente sem cortes"*¹.

De qualquer forma, o tema da ruptura é central não apenas para os que estudaram o Modernismo, mas para os próprios modernistas. Entretanto, o valor semântico aqui varia muito.

Ruptura estética, no Modernismo, nem sempre significou ruptura social - e esta idéia, aplicada à obra de Paulo Prado, é importante para este trabalho. Se o desejo de unir ruptura estética com transformação social tocou os segmentos de maior generosidade do Modernismo, não o fez da mesma forma para outros setores - sem que, entretanto, estes percam sua força de representatividade com relação ao movimento. Penso neste caso no Verdeamarelismo, na Anta, e mais especificamente em Paulo Prado. Curiosamente, entretanto, este autor não pode ser associado aos movimentos aqui aludidos, mas sim aos nomes de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Alcântara Machado, entre outros de menor força. Com estes, Paulo Prado fundou e dirigiu revistas, para estes prefaciou livros, destes recebeu em dedicatórias seus livros mais importantes: **Macunaíma** e **João Miramar**.

Estamos, então, construindo uma indagação: o quê Paulo Prado representa

¹ EAGLETON, Terry - *A Ideologia da Estética*, pg.9.

em termos de continuidade? Da mesma forma, o quê representa em termos de ruptura? Com que densidade insere-se no Modernismo? Para ir ao ponto, então, trata-se de ampliar o domínio da crítica e da história literária sobre sua obra e com isso apurar o quanto ela - com o seu índice de anacronismo somado ao seu teor de modernidade - são emblemáticos do Modernismo tomado em seu sentido mais geral: o de atualização da inteligência brasileira, na frase luminosa de Mário de Andrade.

O projeto desta tese surgiu como uma decorrência e como continuidade da minha dissertação de mestrado, que intitulei **Dimensões de Macunaíma: Filosofia, Gênero e Época** (IEL-UNICAMP, 1987). Neste trabalho procurei mostrar que o principal romance de Mário de Andrade formalizava um momento da vida nacional de grande transformação social, momento esse que alterava um sentido histórico que - embora repleto de negatividades - possuía de positivo a construção efetiva de uma tradição. Justamente este sentido histórico estava em risco, com o surgimento e avassalador desenvolvimento da industrialização, que alterava a forma tradicional da sociabilidade brasileira - a qual seria a própria identidade cultural do país.

Em **Macunaíma** Mário de Andrade mostrava os males da nacionalidade - a ausência de caráter nacional seria o mais sintético de todos -, mas indicava também que este defeito básico seria sanado com a definição cultural e civilizacional da raça brasileira: correriam paralelos, como aspectos de um mesmo processo, a estabilização da raça brasileira e a maturidade mental nacional. Porém, com o ingresso dos estrangeiros (principalmente italianos) e a decorrente industrialização, o Brasil jogava fora o que havia acumulado em termos de identidade cultural - e racial - e aderiu à decadência da Europa (sua referência aqui é a obra de Spengler, **A Decadência do Ocidente**) sem ter compartilhado da grandeza desta.

Mário de Andrade assim adotava uma visão da história do Brasil que era favorável à situação contemporânea da oligarquia do café, que agitava certas idéias sobre emancipação nacional que, na política, na cultura e na economia assemelhavam-se às suas. Surgia assim uma certa homologia entre a experiência histórica do café e a compreensão sobre a vida nacional desenvolvida por Mário no **Macunaíma**.

Não por acaso, nem apenas por amizade, este livro era dedicado a Paulo Prado.

Escritos e publicados ao mesmo tempo, **Macunaíma** e **Retrato do Brasil** parecem compartilhar vários pontos de vista sobre o país. Critérios raciais (Macunaíma é uma síntese inconclusa das três raças tristes que compõem o brasileiro - teoria que Paulo Prado adota), a luxúria e a cobiça como característicos da mentalidade nacional, influências notórias de teorias culturalistas para a armação do esquema histórico do país - seriam algumas entre outras idéias que os dois autores compartilhavam.

Além do mais, com grande frequência se percebe no **Macunaíma** uma espécie de interlocutor oculto para os temas históricos, que quase sempre revelam-se como sendo Paulo Prado. A impressão que fica é que a redação de **Macunaíma** e do **Retrato do Brasil** deu-se como um diálogo entre as partes, em que um lia os originais do outro, e que esta prática afetava uma e outra redação. Mário chega inclusive a mencionar este fato, no Prefácio que ficou fora do **Macunaíma**, dizendo que beneficiava-se com antecedência das idéias de Paulo Prado sobre a luxúria como uma das paixões nacionais, em livro que ainda seria publicado.

Enquanto trabalhava sobre o romance de Mário de Andrade, e era com

frequência remetido à obra de Paulo Prado, percebi então a pouquíssima produção que havia sobre ela, que consistia em alguns artigos e verbetes.

Desta forma surgiu o propósito deste trabalho.

Devo dizer que as suposições iniciais nem sempre se confirmaram. As posições de Mário de Andrade e a de Paulo Prado, apesar de tocarem pontos similares, caminham para direções diferentes. Por exemplo: enquanto Mário considerava que havia efetivamente uma construção da identidade brasileira, e que esta era expressão de uma rica cultura já existente, Paulo Prado indicava a existência de duas raças no território brasileiro - a paulista, já consolidada, e a *mixórdia* racial do resto do país - e que pouco havia para ser preservado numa história que era equívoco, pecado e crime.

Um ponto que se revelou central para a compreensão de Paulo Prado mal era suspeitado quando da elaboração do projeto: refiro-me à enorme influência da Geração de 70 sobre o nosso autor.

De qualquer modo, penso que este trabalho, apesar dos seus múltiplos defeitos, pode ter a virtude da utilidade, pois recoloca em circulação um autor injustamente esquecido pela crítica e pela história literária, e cujo resgate traz para dentro da discussão sobre o Modernismo novos itens - e que só Paulo Prado poderia trazer.

Gostaria de fazer alguns agradecimentos.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, Roberto Schwarz, pela sua sempre pronta atenção às minhas solicitações, e pela agudeza de suas observações.

Agradeço a vários colegas e amigos, que de uma forma ou de outra ajudaram-me neste trabalho: a Jorge Coli, cuja original visão do Modernismo brasileiro foi sempre estimulante para mim; a Luiz Carlos Dantas, membro da minha banca de qualificação e principalmente grande amigo, cujas finas considerações sobre as questões literárias muito me ensinaram; a Marisa Lajolo, também da minha banca de qualificação, a quem devo muito mais do que as argutíssimas questões formuladas com relação ao meu trabalho; a Paulo Franchetti, cujas indicações sobre a obra de Oliveira Martins deram-me segurança para algumas das páginas desta tese; ao Prof. Octávio Ianni e à Profa. Élide Rugai, interlocutores em vários momentos; e, da mesma forma, ao Prof. Michel Debrun.

Em plano mais pessoal, agradeço à Wanda Jorge a compreensão e o suporte; ao amigo Antônio J.R. Valverde, o estímulo constante.

Agradeço também ao Convênio CAPES-PUC (SP), pela bolsa PICD que me concederam.

A GÊNESE DE UM PENSAMENTO

"Quem daqui a meio século estudar a obra de Paulo Prado se espantará decerto ao ver seu nome associado, ao mesmo tempo, ao Movimento Modernista e a Departamento Nacional do Café."

Gilberto Freire, citado por Ernani Silva Bruno em *A tristeza do Povo, o assunto de Paulo Prado*, Folha de São Paulo, 25/9/1981

"Curioso este caso de uma vanguarda político-cultural à sombra de uma situação oligárquica, que a aceitou e a apoiou."

Antonio Candido, *Prefácio a Mário de Andrade por Ele mesmo*", de Paulo Duarte

Uma Certa Dimensão de Classe

Há na obra de Paulo Prado um elemento que é raro no Brasil: a presença de um corpo de idéias geradas no interior de uma família, idéias que têm continuidade e são desdobradas a partir de um núcleo temático - o que ajuda, neste caso, a configurar sua dimensão oligárquica¹ e aristocratizante. A originalidade não reside nesta condição básica de classe, mas sim nos dois elementos pressupostos: o primeiro, por ser um pensamento organizado com certo rigor ideológico, com coerência interna, e em segundo pelo fato deste pensamento ter continuidade, desdobrar-se e ter efetiva função social.

Esta constatação aponta para a relação intelectual que houve entre Paulo Prado e seu tio Eduardo - que abriu para ele as idéias da Geração de 70 da literatura portuguesa, e somou ainda a estas idéias um certo montante de concepções sobre a história do Brasil.

¹ "Oligarquia não designa tanto esta ou aquela instituição, não indica uma forma específica de Governo, mas se limita a chamar a nossa atenção para o fato puro e simples de que o poder supremo está nas mãos de um restrito grupo de pessoas propensamente fechado, ligado entre si por vínculos de sangue, de interesse ou outros, e que gozam de privilégios particulares". Conf. Norberto Bobbio *et alia*, **DICIONÁRIO DE POLÍTICA**, Edit. Universidade de Brasília, 2a ed., 1986, pg. 835.

Estas concepções estarão presentes na obra de Paulo Prado, embora submetidas a um propósito outro e portanto reelaboradas. Mas as marcas de origens estarão quase sempre evidentes. Este fato trouxe uma certa dificuldade para a composição deste trabalho. Embora o projeto seja o da exposição crítica da obra de Paulo Prado, averiguamos que ela está em relação direta e íntima com estes autores, que vieram muito antes dele, mas que com ele mantiveram relação pessoal e, em mais de um caso, familiar. A série destes autores é notável: Eça de Queirós, Oliveira Martins, Olavo Bilac, Capistrano de Abreu, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, para ficarmos apenas na geração anterior à de Paulo Prado. Buscaremos demonstrar que Paulo Prado foi herdeiro direto de idéias deste grupo, embora tenha efetuado uma seleção com marca pessoal do que lhe servia da obra destes autores. Mas sem eles - *isto é fundamental* - Paulo Prado não teria elaborado as idéias sobre o Brasil que afinal elaborou. Entretanto, apesar destas considerações, Paulo Prado foi um autor original.

Este fato obrigou à constituição de uma parte histórica, que ocupa a primeira metade desta tese. Nela, mostraremos o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história do Brasil, com especial atenção para o aspecto cultural, e na qual Paulo Prado toma pequena participação - ou é apenas espectador, ou está nos bastidores. Lembremos que nosso autor inicia a parte apreciável de sua obra apenas aos 53 anos de idade, no momento mesmo da Semana de Arte Moderna, mas então aquilo que podemos chamar de núcleo de seu pensamento já está pronto. Isto representou, como dissemos, a parte mais difícil da organização e disposição das partes desta tese.

Por aqui começaremos.

A família Prado

A família Prado, que foi sob vários aspectos a mais importante e representativa do ciclo do café, realizou sua ascensão durante o Segundo Império (1840- 1889), e sua história particular reflete o próprio desenvolvimento da sociedade brasileira como um todo.² Sua história está ligada de modo exemplar à própria história do complexo cafeeiro, principalmente o do Oeste Paulista, que a partir de 1870 conheceu grande desenvolvimento e transformou as áreas de "terra roxa" no principal pólo dinâmico da economia brasileira.

Francisco de Oliveira, que estudou este período, concluiu que, apesar do crescimento econômico do Segundo Império ter aparentemente o mesmo estilo do crescimento colonial - baseado na produção e exportação de produtos agrícolas e matérias-primas - tanto o conteúdo quanto as formas desse crescimento haviam mudado substancialmente. Esta diferença é bastante interessante: enquanto na Colônia o Estado português, através das concessões, havia fundado uma classe dominante cujas atividades econômicas se subordinavam estritamente aos interesses da Metrópole, no Império - e principalmente no Segundo - essa relação se inverte. O baronato brasileiro, de classe dominante fundada pelo Estado, passou à condição de

² Ler, a este respeito, o trabalho de Darrel E. Levy, **A FAMÍLIA PRADO**, Cultura 70-Livraria e Editora S/A, S.Paulo, 1977.

classe dominante que rejeitava um tipo de Estado estranho aos seus interesses. Proprietária de terra - o principal meio de produção - a oligarquia detinha a mediação do emprego de mão-de-obra escrava, e portanto poderia adquirir autonomia em relação ao Estado.³

E de fato foi o que ela fez. Neste processo de se tornar efetivamente classe dominante, a oligarquia do café de forma gradual vai construindo um programa político-econômico que, ao ser posto em prática, alterou o trilho da própria história do país. Abolição do trabalho escravo, construção de estradas de ferro, a própria queda da Monarquia e a consequente proclamação da República são assim, dentro de um complexo sistema, expressão de uma classe que se auto-reconhece e age conforme um interesse enunciado.

Este fato traz à tona a importante questão de que as burguesias dos países subordinados, de extração colonial - e, na vertente daqueles que Caio Prado Júnior chamou de *colônias de exploração* - não alcançam a densidade histórica das burguesias clássicas, classes para-si, aquelas que não se subordinaram a lógicas que não as próprias, que elaboraram um projeto de dominação universal e moldaram o mundo à sua imagem e semelhança. É o caso das primeiras burguesias nacionais - a inglesa, a francesa, a dos Países Baixos e poucas outras. Há, entretanto, aquele outro fator de importância decisiva para Marx: o chamado *capitalismo verdadeiro*. Este conceito significa que o capitalismo, para ser *verdadeiro* e portanto expressar a

³ Oliveira, Francisco de - *A Emergência do Modo de Produção de Mercadorias: uma Interpretação Teórica da República Velha no Brasil*" in *O BRASIL REPUBLICANO I*, S.Paulo, Difel, 1975, pg 395.

dominação *clássica*, necessariamente tem que ser industrial. A atividade industrial deve, por sua vez, subordinar todas as demais - a agricultura, o comércio - que se tornam assim apêndices e complementos da primeira.

No caso brasileiro e, especificamente, na vida do baronato cafeeiro, não se trata de um *capitalismo verdadeiro*, portanto - já que não é industrial - mas de um projeto nacional que, nascido da atividade monocultora e exportadora, sonha com a autonomia clássica. Há aqui um equívoco, um erro de avaliação quanto às suas próprias possibilidades históricas, que a aristocracia do café verá ser desfeito com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, com a Revolução de 30 e os resultados da guerra civil de 32. A História mostrará que a burguesia rural da periferia do capitalismo não pode praticar o montante de realizações que possa conduzir seu país e si mesma à autonomia - embora possa sonhar com tal.

Mas este tema do qual tratamos não pode ser mantido exclusivamente no plano abstrato de reflexão, operada a posteriori. Ele foi construído por experiências humanas individualizadas - de uma delas tratamos aqui - e foi um período vivo da história nacional. As decorrências foram apreciáveis, principalmente quando saem do terreno da política e ganham expressão cultural. As artes são, entre outras coisas mais permanentes, momentos de afirmação e emancipação de uma classe que, ao se reconhecer como tal, expressa algo assim como uma visão de mundo, um mundo que se torna objeto de um sujeito capaz de estabelecer uma relação original e transformadora. Este é, radicalmente, o momento de constituição de um sujeito histórico autônomo. O nascimento de uma classe para si - o Renascimento é o exemplo meridiano do que falamos - corresponde ao momento em que esta classe julga a si e ao mundo segundo conceitos nascidos neste mesmo gesto de julgamento.

A burguesia cafeicultora, ao sonhar sua emancipação, esboçou a sua própria cultura. Se no início ela contentou-se em ser contemporânea da forma menos esforçada, o que significava acertar o passo com a vida cultural européia - o Teatro Municipal de São Paulo resume o dito - mais tarde ela buscará nada menos que a originalidade, erigindo suas idiossincrasias, seus presumidos característicos étnicos e um putativo primitivismo nacional em pontos nodais de sua particularidade, como momentos insofismáveis da realização de sua universalidade.

Este será o momento de Paulo Prado, e será o momento do Modernismo paulista.

Inícios de Vida

Paulo Prado nasceu em 1869 na cidade de São Paulo, filho mais velho e herdeiro do Conselheiro Antonio Prado. Figura central e exemplar da oligarquia cafeeicultora paulista, Antonio Prado foi ministro do Império, fundador do Partido Republicano Paulista e mais tarde também do Partido Democrático. Um dos maiores produtores de café da época, foi a figura mais proeminente de uma vasta família que na sua geração constituiu-se de fazendeiros e políticos, sempre as duas coisas, e que a partir de então contará com certo número de intelectuais que eventualmente marcarão a vida ideológica nacional.

Segundo René Thiollier, que foi uma espécie de cronista da vida elegante paulista, *"Paulo Prado ... foi na sua mocidade um lindo adolescente. Lembrava um Duval de l'Epinoy, imortalizado por Quentin La Tour, e mais tarde, na idade madura, os gentis-homens da Renascença, imortalizados por Velasquez, por Van Dick."*⁴

Realizou parte de seu curso secundário na Corte, e concluiu-o em São Paulo.

⁴ THIOLLIER, René - EPISÓDIOS DE MINHA VIDA, Editora Anhembi Ltda., S.Paulo, 1956, pg.77.

Com apenas dezoito anos de idade, em 1887, participou da formação da Sociedade Promotora de Imigração, ao lado de seu pai e de seu tio, Martinho Prado Júnior, e do Visconde de Parnaíba. Esta entidade foi completamente decisiva para o incremento das correntes migratórias e do trabalho livre, e que irá mudar, em poucas décadas, a própria face de São Paulo e do país. Este empreendimento, do qual Paulo Prado participa portanto na sua extrema juventude, além da mais ampla consequência para a sociedade e para a vida nacional, sem dúvida terá exercido forte influência sobre a visão do mundo que o jovem elaborava então.

Sabe-se que a sociedade e a economia brasileira constituíram-se, na história, pelo amplo e decisivo uso da mão de obra escrava. O setor canavieiro, cujo período foi chamado de ciclo da cana de açúcar e ocupou o centro da nossa vida econômica desde Tomé de Souza, e cujo declínio até hoje não se transformou em término, este setor, então, trouxe para si o grosso da mão de obra escrava. O setor cafeeiro, que cresce avassaladoramente na primeira metade do século XIX - e também dependendo do braço escravo - atinge a igualdade com o açúcar, em termos de valor exportado, no mesmo instante em que o tráfico negreiro torna-se proibido pelas instâncias do Liberalismo inglês. Um dos resultados imediatos da concomitância destes acontecimentos foi a abertura de intensa disputa pela mão de obra, agora escassíssima, no interior do mercado brasileiro. A oposição daí decorrente entre o café paulista e o açúcar nordestino e fluminense assumirão feição política, e o maior compromisso existente na época entre o Estado e o setor canavieiro inclinará, gradativamente, o baronato cafeeiro para a ação republicana - com forte adesão ao abolicionismo. A Convenção de Itú, em 1871, teve no Conselheiro Antonio Prado, pai de Paulo, um dos participantes mais ativos, e o primeiro signatário do documento

que fundou o Partido Republicano Paulista. Mais tarde, ele será também signatário da Lei Áurea.

A fundação da Sociedade Promotora da Imigração surge dentro deste quadro: a contemporânea crise da sociedade italiana, esfacelada pelas guerras de Unificação, oferecia mão de obra barata para o café. A coincidência destas duas crises - a cafeicultura e a italiana - encontra na inventividade e no senso de oportunidade do latifúndio paulista o ponto de resolução desta questão. Paulo Prado observa e participa então de um empreendimento que faz atravessar o Atlântico todo um povo de trabalhadores livres, milhões de *contadini* e de *cafoni*, mas também de operários, comerciantes, artesãos e professores, que em pouco tempo alterarão de modo fantástico a província paulista. Ao lado da acanhada cidade de fazendeiros e de bacharéis de direito surge uma confusa mas orgânica cidade italiana no trópico de Capricórnio, proletária e não escrava, e que, entre outras coisas, monta um mercado interno, que era até então apenas um esboço. A industrialização, enquanto virtualidade, está posta.

Não há dúvida de que os efeitos destes acontecimentos no espírito de Paulo Prado foram de grande monta. Para ele, e a continuidade demonstrará, *agir resulta*. A idéia de Marx, de que a partir da Revolução de 1848 "*toutes les capacités de la bourgeoisie s'en vont*" parece encontrar fraca confirmação nesta particular burguesia de terceira categoria, que aparentemente molda em grande medida as suas próprias circunstâncias. Auto-confiança, projetos de longo alcance, sentimento de possuir um papel para desempenhar na história, então, frequentarão a sua imaginação. O mundo, de algum modo, ainda pode ser criado.

Ainda em 1887, Paulo Prado participou da organização da Casa Prado-Chaves & Cia, que em pouco tempo transformou-se na mais importante empresa nacional de exportação de café.

Será extremamente útil compreender o sentido que a fundação da casa Prado-Chaves teve para o desenvolvimento econômico e político do país. Sabemos que por essa ocasião o café já ocupava o lugar central na pauta das exportações brasileiras, e que iria crescer ainda mais nas décadas seguintes. Mas pensar que, a partir destes elementos, o país enriqueceria na mesma proporção é esquecer o complexo processo econômico que efetivamente regia todo o setor. Fundamentalmente, é preciso considerar que o baronato cafeeiro não ocupava setores decisivos da própria economia agro-exportadora. Conforme Francisco de Oliveira ⁵, *"restava um segmento do processo de acumulação cujo controle escapava, no entanto, à nova classe social burguesa agrária brasileira. Na forma, o 'exclusivo' comercial da colônia havia sido substituído pelos lucros da intermediação comercial dos produtos de exportação, agora pela Inglaterra e logo após pelos Estados Unidos da América do Norte (...) e pela intermediação financeira da City, que financiava a comercialização interna e externa dos produtos de exportação"*. Daí então que o setor da intermediação comercial, dominada pelos capitais ingleses e americanos, ocupa setores altamente rentáveis da economia cafeeira, através de seus mecanismos de escoamento da produção (estradas de ferro, linhas marítimas) e de casas exportadoras, sediadas no porto de Santos. Com este setor vai embora a fatia mais

⁵ OLIVEIRA, Francisco, op.cit., pg.397

generosa de toda a atividade dominante da economia brasileira, e se constitui assim em fator de limitação do desenvolvimento mais amplo do país como um todo. Se tomada a questão por um ângulo exclusivamente econômico, poder-se-ia dizer que o café era uma riqueza da Inglaterra, antes de ser nacional.

O baronato cafeicultor dependia então, em grande medida, do capital inglês, e é por isso limitado por ele. Se considerarmos, como Marx, que toda produção econômica complexa - como o café - é composta por quatro momentos necessários e sucessivos, a saber: a produção, a distribuição, a troca e o consumo, veremos que este baronato participava intensamente da primeira instância, mas apenas de modo insignificante das demais três instâncias. E justamente nestas é que estava a maior probabilidade de remuneração do capital. Aliás, mesmo com relação à primeira instância, que era a própria lavoura de café, os limites do controle do baronato é crescente, já que o capital inglês começa a financiar o próprio plantio das mudas nas fazendas.

A partir deste quadro fica mais evidente o significado da fundação da Casa Prado-Chaves para o cenário brasileiro. Representando um segmento da oligarquia cafeeira, minoritária desde sempre mas com maior descortínio político, e tendo atrás de si o maior volume de produção de café, esta empresa exportadora posicionou-se pela progressiva ocupação da intermediação comercial de seu produto. Evidentemente, daí à nacionalista estamos a um passo. O fato é que com o capital estrangeiro o café mantém uma relação contraditória, comportando uma oposição mais aberta e às vezes claramente agressiva. Este setor - chamemo-lo de "nacionalista" ou de "modernizante" - vai construir mecanismos de intervenção na atividade de intermediação comercial que gradativamente poderiam levar à redução

e mesmo - poder-se-ia pensar - à anulação da presença imperialista neste setor. Além da casa exportadora, e dentro da mesma lógica, uma importante estrada de ferro - a Cia. Paulista de estradas de ferro, com controle também dos Prado - foi inaugurada, cobrindo as novas regiões produtoras de café (as de terra roxa).

Esta atitude, historicamente marcada pela Casa Prado-Chaves, propiciará que em breve tempo a oligarquia do café conheça uma diferenciação interna que por sua vez propiciará um efêmero, porém fértil interlúdio nacionalista.

Aqueles, como os Prado, que se opõem à presença do capital inglês no seu setor, na década de 20 expressarão sua posição através do Partido Democrático - cujo primeiro signatário será também o Conselheiro Antonio Prado, como já o fora do Partido Republicano Paulista. Opunha-se o PD ao PRP, este inequivocamente articulado pelo segmento majoritário do café, e refratário, por "passadismo" político e econômico, à proposta "modernizante" e nacionalista dos "democráticos". Sem precisar absolutizar esta afirmação, distinguiram-se os dois grupos inclusive em termos geográficos, localizando-se os retrógrados do PRP no Vale do Paraíba, enquanto o setor mais modernizante migra com os seus empreendimentos para as regiões de terra-roxa, ao longo da Estrada de Ferro Paulista, passando por Campinas, Araraquara e chegando até Ribeirão Preto.

Este foi todo um campo de lutas da década de 20, a década do modernismo, e foi o quadro histórico em que Paulo Prado vai desenrolar a parte principal de sua vida, ocupando espaços sempre principais.

Em 1889, Paulo Prado formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, ao lado do futuro escritor (e futuro cunhado) Afonso Arinos; esta foi, então, a última turma do Império. Tendo 20 anos na ocasião, Paulo Prado por isto não pertenceu a uma geração digna de grande nota: era tarde demais para que fosse romântica e cedo demais para que fosse modernista. Ao mesmo tempo, pouco se identificará com as opções literárias em curso. Esta será uma das características mais importantes de sua vida: a de ser o elo de ligação entre dois momentos da vida literária nacional⁶: a influência da Geração de 70 e o Modernismo.

Concluído então o curso, Paulo Prado viajou. Percorreu quase toda a Europa, indo até o Oriente Médio, e de Londres chega finalmente a Paris em maio de 1890; lá, se fixará junto ao tio Eduardo Prado, no seu apartamento da Rue de Rivoli, 194, tornado célebre por ser cenário de *A Cidade e as Serras*. Esta experiência, riquíssima em suas possibilidades, será decisiva em sua formação e reverberará no papel intelectual que virá a desempenhar futuramente.

Esta viagem para a Europa, que tanto significado possuía para qualquer um naquele tempo, foi longamente preparada. Seu avô materno, Antonio da Costa Pinto e Silva, manteve com Paulo graves discussões, onde entravam os costumes que supostamente separavam o Brasil da Europa, tais como o trabalho, o sacrifício e a simplicidade do povo e das coisas do Brasil, em oposição ao ócio, ao luxo e ao

⁶ Candido Motta Filho dirá que Paulo Prado "*era um homem do século XIX posto a serviço do século XX*"! In **CONTAGEM REGRESSIVA - MEMÓRIAS**, José Olympio, Rio, 1972, pg.90.

refinamento da cultura européia. Ao que tudo indica, entretanto, o partido europeu desta oposição foi mais atraente para o jovem viajante, e por muito tempo.⁷

Além dos conselhos do avô, Paulo recebeu também a incumbência de manter a família informada e em dia com a cultura francesa: deveria então fazer assinaturas do *Figaro* e da *Revue Illustrée*.⁸

Eduardo Prado, seu tio mais jovem, era um intelectual refinado e mundano, que cultivava boas relações e possuía residência permanente em Paris. Foi, ao que se diz, o modelo da personagem *Jacinto de Thormes*, do aludido romance de Eça de Queirós. Fazia parte do célebre cenáculo de escritores portugueses e brasileiros, que residiam ou circulavam frequentemente pela França, e que era composto pelo próprio Eça de Queirós, por Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, pelo Barão de Rio Branco, e ainda Magalhães de Azevedo, Olavo Bilac, Graça Aranha, José Veríssimo, Domício da Gama e, esporadicamente, por Joaquim Nabuco e Olavo Bilac.

O local de reunião podia tanto ser a residência de Eduardo quanto a casa de Eça, em Neuilly - na intimidade da qual Paulo Prado foi imediatamente introduzido pelo seu tio. Depressa conquistou a simpatia dos donos da casa, "*graças ao seu dom de agradar, à sua distinção de maneiras e à elegância belle époque com que se apresentava.*"⁹ "Ontem"- escrevia D.Emília de Queirós ao marido - "*fomos dar um*

⁷ Almeida Prado, Yan de - **PAULO PRADO E A ÉPOCA DE SUA FORMAÇÃO**, PG.100.

⁸ Carta de Maria Catarina Prado a Paulo, "A bordo do La Plata", 7.9.1893,Arquivo de Antonio Augusto Monteiro de Barros Neto.

⁹ **LYRA**, Heitor - **O Brasil na Vida de Eça de Queiroz**, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 23

lindo passeio com o Prado e o sobrinho, um jovem de vinte anos." E mais tarde escrevia o próprio Eça de Queirós a Oliveira Martins, em setembro de 1892, comentando uma visita do "gentil Paulo, que vem por cá *trâner son diletantisme*".¹⁰ "Imagine você!" diz Paulo Prado, "Eu, moço, com dinheiro no bolso, em Paris, assediado pelas mulheres, em vez de me deixar arrastar por elas, preferia ir a Neuilly, ouvir o mestre. Não vá supor que ele discursava, não. Isso seria bom para a caipirada aqui da nossa terra. Ele palestrava. E com que finura palestrava, com que *humour*!... A mim, o palestrador me parecia superior ao escritor..."¹¹

Era o máximo...

O outro local destas reuniões era o já referido apartamento de Eduardo Prado.

Em 1904, Olavo Bilac, recebendo Affonso Arinos na Academia Brasileira de Letras - quando este assumia a cadeira número 40, fundada por Eduardo - recordava o apartamento parisiense: "*Quantos brasileiros ilustres passaram por aquela casa! Em noites de recepção (...) enchiam o salão, a biblioteca, a sala de jantar e até a sala de banho e a copa. Havia um aposento agraciado com o título de sala de fumar. Mas a dignidade era apenas honorária, porque nessas noites fumava-se em todas as salas. Fumarada e falatório nunca hão de faltar onde houver Brasileiros... Às vezes era janeiro e a neve caía lá fora. A acumulação da gente, a febre das*

1965, pgs.345 s.

¹⁰ Eça de Queirós - *Correspondência* - Coordenação de Guilherme de Castilho, Lisboa, IN-CM, 1983, pg.210.

¹¹ THIOLLIER, René, op. cit., pag. 77-8.

conversas, o ardor das disputas e o fumo dos cigarros transformavam a casa numa gruta-de-cão, de ar irrespirável; a coluna de azougue do termômetro, espantada, punha-se a subir vertiginosamente a escadaria centigrada, parando exausta no patamar tropical. O castelão corria a abrir as janelas, e só quando via as calçadas da rua e as fachadas dos outros prédios cobertas de neve, é que eu me lembrava que estava tão longe da pátria...

Ali vivia o Brasil, às vezes acerbamente julgado, mas sempre infinitamente amado. O pudor com que Prado evitava que o seu criado lesse os jornais do Brasil e viesse a ter ciência das vergonhas que se passavam na Pátria do amo era um gracejo pueril."¹²

A reunião sistemática deste grupo propiciou que algumas relações significativas fossem travadas. Foi neste apartamento que Eça de Queiroz encontrou Martinho Botelho, que viria a ser seu companheiro na *Revista Moderna*, editada em Paris. Ali também conheceu Joaquim Nabuco, que fugia da primeira fase republicana no Brasil. Eça dirigia nesta ocasião a *Revista de Portugal*, que abria suas páginas para a campanha monarquista e anti-republicana de Eduardo Prado, e cujos artigos serão mais tarde reunidos nos volumes intitulados *Collectaneas*¹³

¹² BILAC, Olavo - *Crítica e Fantasia* - Lisboa, A.M.Teixeira, 1904.

¹³ Eduardo Prado foi o mais constante colaborador brasileiro da *Revista de Portugal*, e o tema abertamente monarquista e militante de seus artigos causaram problemas a Eça, inclusive com relação ao republicano Teófilo Braga. Mais tarde, em 1980, Eça desejou livrar-se da publicação e a ofereceu a Eduardo Prado, que dispôs-se a pagar generosa soma - justamente o fator que levou Eça a desistir da transação. O que não impediu que outra década e outras

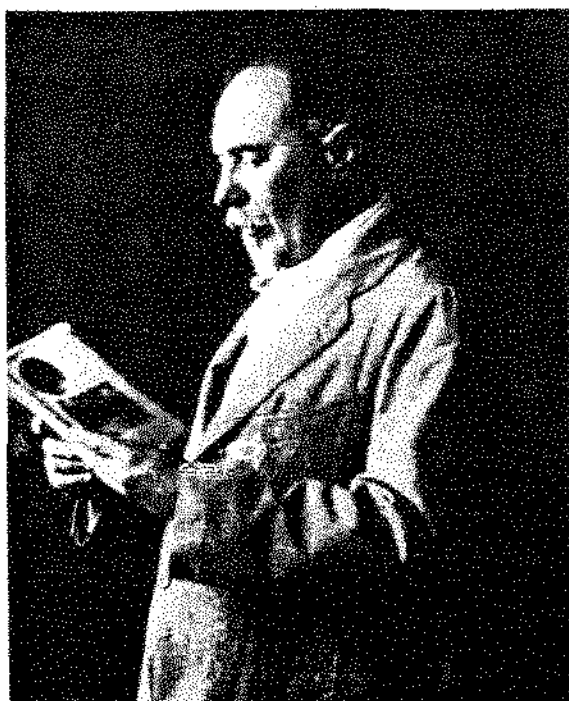
Outro destes cenários, neste caso predominantemente brasileiro, era a célebre livreria **Americana**, do antiquário Chadenat, várias vezes citado por este grupo quando da composição de suas memórias¹⁴. Paulo Prado foi assíduo frequentador

injunções criassem a **Revista do Brasil**.

¹⁴ Cito a nota 17, pg.55, de **A AVENTURA BRASILEIRA DE BLAISE CENDRARS** de Alexandre Eulálio (Edições Quiron Ltda/INL, S.Paulo/Brasília, 1978): "*Charles Chadenat (c.1855-1935), herdeiro do velho livreiro Dufossé -, este um dos primeiros a se dedicar durante o século XIX ao ramo de livrerias especializado em obras sobre as colônias e ex-colônias européias - por volta de 1890 já se havia tornado importante antiquário especialista. Editava ele o **Bibliophile Américain**, preciosos catálogos de que apareceram meia centena de números; o de 1907, por exemplo, era inteiramente dedicado ao Brasil. Entre eruditos de várias nacionalidades que frequentavam continuamente a sua livreria, tinha relevo o grupo brasileiro formado por Rio-Branco, Sant'Ana Nery, Eduardo Prado, Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho, Paulo Prado. Rio-Branco muito em especial foi ligado a Chadenat, com quem trabalhou em estreita colaboração durante o preparo das memórias históricas sobre os limites brasileiros em que imergiu no fim do século; mandava-o chamar à sua casa, a desoras, atravessando com ele noites a fio, em pesquisas comparativas de caráter bibliográfico e cartográfico. Conforme o depoimento precioso de João Fernando (Yan) de Almeida Prado, que a partir do decênio de 20 até o falecimento do livreiro frequentou a **Americana**, e dedicou em 1947 ao proprietário dela um belo artigo ("O livreiro Chadenat", publicado em **O Estado de S.Paulo** em junho, foi transcrito no vol.11, 1948, do **Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de São Paulo**, p.79-83), apesar do seu proverbial mau humor Chadenat considerava o Barão "pelo escrúpulo, inteligência e extraordinária erudição, **un savant**". Admirava-se também da exuberância temperamental brasileira, durante as violentas discussões, ora de caráter erudito, ora de caráter político, que muitas vezes tinham lugar na **Americana** entre os frequentadores de escol acima mencionados.*"



RIO BRANCO
NA ESCADA DO
HALL DO
APARTAMENTO DE
EDUARDO PRADO.
DELE SE DESPEDINDO.



AFONSO ARINOS

desta livraria desde sua chegada à França até o fim de sua vida. Foi nela, inclusive, que conheceu Blaise Cendrars, em 1924, apresentado por Oswald de Andrade. Em 1921, *"na Livraria Chadenat, nesse silencioso recanto de seu velho prédio de Quai des Grands Augustins - e que seria o recanto de Balzac - narrava-me o velho livreiro as intrincáveis discussões sobre a história do Brasil, presididos pelo eterno cigarro de Rio Branco, e que apavorava o bom Chadenat pelo perigo de incêndio nos seus pulvurentos alfarrábios."*¹⁵

Um dos muitos anedóticos episódios concernentes a este grupo, e que foi relatado por Olavo Bilac,¹⁶ deu-se em 1890, durante viagem de Paris a Rouen com o propósito de participar de uma homenagem a Flaubert por ocasião do décimo aniversário de sua morte: *"Éramos quatro: Eduardo Prado, Paulo Prado, Domicio da Gama, e eu. Em Paris, alojamo-nos num vagão de primeira classe, de oito lugares, ocupando os quatro lugares do lado direito. Chovia torrencialmente. O trem expresso ia já partir, quando se abriu a portinhola do vagão, e vieram ocupar os quatro lugares do lado esquerdo quatro sujeitos encapotados e encharcados, nos quais reconhecemos logo quatro figuras das mais notáveis no movimento naturalista da França: Émile Zola, Edmond de Goncourt, Guy de Maupassant, e o editor Charpentier. Partiu o trem..."*

Evidentemente, era uma oportunidade única para que testemunhassem *"a conversa interessantíssima, que certamente se ia travar entre aqueles homens*

¹⁵ PRADO, Paulo - Prefácio a JOAQUIM NABUCO - Esboço Biográfico, de Henrique Coelho, Monteiro Lobato Edit., S.Paulo, 1922.

¹⁶ BILAC, Olavo - *Flaubert*, in *Correio Paulistano*, 24 de outubro de 1907.

ilustres". A história literária saía dos livros e o verbo se fazia carne: para isso é que se viajava para a Europa, desta forma o abismo mental que nos separava do centro do mundo se aplainava. Mas a decepção triunfou: "Maupassant, Zola e Goncourt estavam endefluxadíssimos: tossiam e espirravam de três em três minutos, - enquanto o editor Charpentier, encolhido a um canto do vagão, dormia e roncava. De quando em quando, um dos três grandes romancistas olhava através da vidraça a paisagem, alva de neve e vergastava de chuva, e dizia melancolicamente, entre os dentes cerrados "Sale temps!..." Os outros sacudiam a cabeça com desconsolo e repetiam "Sale temps!..."

Na verdade, a discussão sobre temas brasileiros - a atualidade política, o sentido da história nacional, as virtualidades do futuro do país, a desejada volta da Monarquia - tudo isto marcava o grupo e era ao mesmo tempo um elemento agregador. Se cada um deles desenvolvia uma concepção mais ou menos própria do Brasil, coincidiam entretanto na inclinação aristocrática e monarquista, e quase sempre com uma acentuada marca renaniana. De cada um Paulo Prado guardou referências, às vezes uma noção explicativa do Brasil - e às vezes muito mais do que isso.

"O culto da pátria ausente conheci-o forte e constante nesse grupo de espíritos privilegiados; neles a vida no estrangeiro apurava o patriotismo", depõe Paulo Prado em 1922, com um anacronismo de estilo que a própria data agrava.¹⁷ Para ele, *"este grupo belíssimo (...) foi talvez o último depositário da grandeza intelectual dos cinquenta anos de império liberal. Joaquim Nabuco, Eduardo Prado,*

¹⁷ PRADO, Paulo - Op.Cit.

o ministro Correa, J.C.Rodrigues constituíram nessa época uma elite que purificava e fortalecia a vida na Europa pela contínua e religiosa preocupação das cousas brasilienses. Ubique patrice memor, dizia a célebre divisa do Barão, e esse era realmente o lema que reunia todos esses espiritos. Desde o exílio andradino no começo do século XIX", prossegue, "nunca se cogitou tanto na Europa da pátria longínqua como nesses cenáculos de Paris e Londres em que se acrisolava de modo raro o patriotismo de nosso patricios (...) Rio Branco, Eduardo Prado, durante anos, prepararam-se na Europa... para vir mais tarde trazer ao seu país o fruto precioso de tão longos trabalhos e tão incansável preocupação pela pátria."

A desconcertante retórica de exaltação e elogio de seus pares continua, para a indicação de um tema que será recorrente em sua obra: *"Essa cousa que era, há uns trinta anos, rara na vida de um brasileiro - uma viagem à Europa, e que marcava uma data no seu espírito, se era inteligente, ou nas preocupações galantes, se pendia para essas preocupações - essa viagem à Europa foi para muitos o início de uma grande descoberta, a descoberta de seu próprio país e a paixão pelas coisas brasileiras. É a revanche da terra, a que já nos ligam 400 anos de história e de lutas".*

Em mais de um momento, veremos que Paulo Prado retornará a este tema da relação dos brasileiros com a Europa - relação marcada inicialmente pela subordinação no plano da imaginação - e a subsequente descoberta do próprio país na terra estrangeira. Depondo sobre o seu próprio interesse pela história do Brasil, diz que *"a mim chegou-me tarde esta revelação... Mais moço, só a Europa nos interessava : era a terra prometida dos nossos sonhos. (...) Éramos assim: a Literatura e o Romantismo, criadores de idéias falsas, tudo deturpavam e tudo*

envenenavam. Se nosso sentimento era brasileiro, a imaginação era européia, como tão finamente disse Nabuco."¹⁸

Este comentário, datado de 1925, coloca frente a frente dois períodos da vida intelectual de Paulo Prado: este mesmo, já marcado pelo nacionalismo de 22, e aquele outro, de 1890, quando de seu ingresso como espectador no cenáculo parisiense de seu tio. Surge aí, no julgamento de uma época sobre a outra, a sua posição sobre o Romantismo, central em todos as suas análises sobre a vida brasileira.

Figurava-se-lhe que este movimento era criador de idéias falsas, assim como aquilo a que denomina "Literatura". Enquanto pensamento, o romantismo seria o trilho de baixa espiritualidade a conduzir a inteligência nacional para longe dos problemas da realidade. As soluções construídas pelo Romantismo, que erigiram temas brasileiros, expressariam, no máximo, algo assim como um sentimento viajante.

Literatura, Romantismo e dissociação da realidade serão, para Paulo Prado, referenciais permanentes. Mas estas balizas, que em si nada representam em termos de originalidade, ouviu-as frequentemente no círculo parisiense ao qual assistia.

¹⁸ *Prefácio de Paulística*, 1a. edição.

Os Vencidos da Vida: A Principal Influência

A Geração de 70, com a qual Paulo Prado privou já na fase em que eram os Vencidos da Vida, formou-se num momento em que o Liberalismo já estava institucionalizado e consolidado em Portugal. Não foi de pouca monta o desprezo que a Geração de 70 desenvolveu com relação aos adeptos da Revolução de 1820, chamados de *liberais do Porto*. Oliveira Martins, na sua **História de Portugal**, sintetiza esta opinião ao escrever o capítulo concernente a este episódio, nele apenas salientando a impressão de ridículo provocada na opinião dos contricantes. "*Tornou-se moda*"- diz ele- "*escarnecer da revolução de 1820, pela sua fraqueza, pelas suas ilusões, sobretudo pelo seu mau êxito. Os democratas pé-de-boi, gravemente hirtos nas suas gravatas altas (...) solenes nos modos, afogados em rapé, couraçados de direito romano, e tratando os velhos monarcas por senhores reis, formaram um tipo de que muitos riram, e riem*". Observe-se que Oliveira Martins não hesita em coletar impressões de acentuado subjetivismo, verdadeiras caricaturas, como material de primeira qualidade para a reconstituição histórica - recurso metódico ao qual Paulo Prado não ficará indiferente.

Alexandre Herculano, de modo similar, adota opinião despreziva sobre estes liberais, e é citado por Oliveira Martins: "*Mandaram (disse Herculano) a D.João II e D.João III, nos seus túmulos, o código do absolutismo e a bula da Inquisição. Queimaram profusamente a cera e o azeite em iluminações brilhantes, vestindo-se*

*de briche nacional, horrorosamente grosseiro e bastante caro. Foi um tiroteio de banquetes, procissões, foguetes, discursos, arcos de triunfo, revistas, tedéu, eleições, artigos de jornais e salvas de artilharias. Todos os dias havia novas festas, e babavam-se por elas. Era um salseiro de hinos, sonetos, canções dramas, cortes de fato, e formas de sapatos liberais. (...) Multiplicavam-se as lojas maçônicas: os tolos iam lá gastar dinheiro em honra do Supremo Arquiteto do Universo e os espertos comer-lho em honra do mesmo Arquiteto. Reuniram-se as cortes. Fez-se uma Constituição mais ou menos republicana mas inteiramente inadequada ao País. Repetiram-se, palavra por palavra, traduzidos em português, ou coisa semelhante, os discursos mais célebres do *Choix des rapports*, ou as páginas mais excêntricas de Rousseau e de Bentham. O povo espantava-se de se achar tão grande, tão livre, tão rico, em direito teórico: porque na realidade, nos fatos materiais, palpáveis, da vida econômica, as coisas estavam pouco mais ou menos na mesma.*"¹⁹

Para Oliveira Martins, "os revolucionários de 1820, imbuídos das quimeras jacobinas que a invasão francesa propagara em Portugal, foram nobres; mas - triste força é confessá-lo - foram um tanto ridículas.(...) O plano das suas reformas, dominado pelos princípios naturais-utilitários da escola de Rousseau e de Bentham, nem por isso deixava de reconhecer as necessidades do País; mas o seu erro foi pensar - era, é ainda, o erro da escola - que os povos podem converter-se e mudar de temperamento à voz dos apóstolos, e que a simples evidência da verdade basta para afastar os pecadores dos seus erros, para convencer e levar à abdicação das

¹⁹ Oliveira Martins, **HISTÓRIA DE PORTUGAL**, Publicações Europa-América, Editor Francisco Lyon de Castro, Lisboa, s/d, pag.181.

classes dominantes, e ao domínio as classes escravas e passivas."²⁰

Este episódio das idéias liberais em Portugal, que jogou em cena elementos de tensão para a grave crise da sociedade, fez definir três partidos: "*Era a dos radicais, os jacobinos, quase republicanos, pedreiros- livres, ideológicos sem malícia, ingênuos sem maldade, que destruíam tudo com a sua retórica balofa, inçada de fórmulas, princípios, doutrinas, quimeras, esperanças, visões. Era a dos miguelistas, o partido que tinha no paço e rainha e o infante, que tinha os conventos, todos os parasitas, todos os veneradores do passado católico e monárquico, e a plebe: o partido forte e audaz, a que estava reservado o futuro imediato, e o papel de consumidor do desabamento final da Nação. Era, finalmente, o partido prático, moderado, conservador e monárquico, partido de uma minoria seleta que partilhava as opiniões correntes na Europa, restaurada pelos tratados de 1815.*"²¹

O liberal do Porto ficará assim marcado como um *tipo* pela geração de 70, um verdadeiro paradigma de negatividades, sempre apontando para a incapacidade de tratar a realidade em sua dimensão prática e razoável. Esta imagem perdurará na memória e na imaginação de Paulo Prado, e quando iniciar seu trabalho de história e crítica da vida brasileira, sempre terá em mente o modelo português e buscará seu similar nacional - o que, convenhamos, não será tarefa particularmente difícil. Estavam à sua disposição o político de retórica *balofa* e roçagante, o poeta de coreto, áulicos e netelíbatas, os incapazes em geral de transformar o Brasil em ponto de

²⁰ Oliveira Martins, op.cit., pag. 182.

²¹ Oliveira Martins, Op.cit., pag. 185.

partida e chegada de uma reflexão útil ou de qualquer formulação original. A crítica a este contingente será notória como formulação modernista, mas na fase em que Paulo Prado convive com Eça, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, Portugal contava com um Parlamento regular e uma ideologia oficial "progressista", que saudava o desenvolvimento material da economia. Mas a estagnação geral era a nota dominante. Apesar de certa prosperidade efêmera da grande burguesia rural, a situação cultural, o nível de consciência e as condições de vida do povo permaneciam inalterados. O mesmo definia a existência, e a conciliação diluidora perdurava enquanto padrão dominante da vida social. Grandes setores da sociedade ficavam à margem do sistema, enquanto o campesinato seguia como massa de manobra dos partidos governantes. Saraiva e Lopes observam que *"ainda que os descontentes, a oposição virtual ao regime, nem sempre representavam forças renovadoras, mas sobrevivências declinantes, formas de produção condenadas pela nova tecnologia. Destas condições resulta, na literatura, a academização e o formalismo."*²²

Será dentro deste quadro que se formará aquele montante de idéias e de posições que caracterizou a Geração de 70. Esta consciência encontrará na visão de uma Europa mais adiantada um elemento decisivo.

Em conhecido artigo publicado em 1897 pela *Revista Moderna*²³, Eduardo

²² SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar - História da Literatura Portuguesa, Porto Editora, Lda, Porto, 1985, 13a. ed. corrigida e atualizada.

²³ PRADO, Eduardo - Eça de Queiroz - O passado e O presente, in Eça de Queirós visto por seus contemporâneos. Prefácio e José Trêpa, Lello & Irmãos, Porto/Lisboa, 1945.

Prado expunha sua convicção de que *"Eça de Queiroz pertence a uma geração portuguesa que, na sua mocidade, enchia-se de emoção com a mudança de um ministério sob o regime do Segundo Império e que, às vezes, não sabia os nomes dos homens que em Lisboa estavam governando Portugal. Chorava lágrimas de desespero com a perda da Alsácia e da Lorena e ignorava até que, pelo seu desleixo, Portugal estava, então, a perder ele mesmo, em África, territórios do seu velho patrimônio e que eram dezenas, centenas de Alsácias e de Lorenas próprias e não alheias. Apagada a memória das afrontas napoleônicas, parecia nada dizer a esses portugueses a vista dos seus monumentos patrióticos mutilados, destruídos, os ossos de seus reis e dos seus heróis profanados e dispersos, e o túmulo da linda Inês violado. Tudo fôra perdoado, tudo esquecido. Por virtude cristã? Não: por um entorpecimento aparente e invencível da fibra patriótica, por um fenómeno talvez único: o de um povo que se desnacionalizava."*

Este tema da desnacionalização de um povo, como aspecto da incapacidade mental de uma sociedade em tratar com a realidade ela mesma - incapacidade que podia ser chamada de romantismo - é recorrente na Geração de 70, assim como o é em Eduardo Prado e será mais tarde em Paulo Prado. Do que tratamos aqui, essencialmente, é que a crítica particular desenvolvida pela Geração de 70 para as mazelas de sua história fornecerá, aos Prado, referenciais, temas, motivos, angulações e expressões que por empréstimos usarão para idêntica função com relação à vida brasileira.

Cumpre demonstrar.

A Carta de Fradique Mendes a Eduardo Prado (1888)

Se existe um documento literário que possa sintetizar a discussão do cenáculo parisiense sobre o Brasil, e que ao mesmo tempo mantenha os referenciais característicos da Geração de 70 sobre as mazelas da vida portuguesa, este é a *Carta a Eduardo Prado*, datada de 1888, e que consta da *Correspondência de Fradique Mendes*²⁴. Esta personagem, que é uma extensão da personalidade literária de Eça de Queirós, exprime uma opinião que por sua vez é também uma extensão daquela adotada pelo próprio autor; revela algo assim como uma opinião condensada, resultado depurado e assentado das conclusões informais das tertúlias do grupo. Bem lida esta carta, saltará aos olhos do leitor atual o poder de permanência da mesma, que 34 anos antes da Semana de Arte Moderna já agitava determinadas noções perfeitamente centrais para o Modernismo.

Para Fradique Mendes, que voltava então de uma viagem de reconhecimento pelo Brasil às vésperas da Proclamação da República - que ele anuncia - e no momento mesmo da Abolição da Escravatura - que ele desconhece -, padecia o país de dois males de mocidade: o ouro e o regime colonial. O povo brasileiro - livre,

²⁴ Eça de Queirós, *Correspondência de Fradique Mendes*, in *OBRAS de EÇA DE QUEIRÓS*, Edição do Centenário vol. VI, Lello & Irmãos Editores, Porto, Portugal, 1947, pg.522 ss.

curado, forte, em pleno viço no começo do século XIX - poderia ter fundado a "civilização especial" que quisesse nesta ocasião. Pelo seu gosto, o Brasil deveria ser um povo rural, pela índole que o governava e por tudo ao redor dele. Seu desejo é o de que o *"Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI, se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, idéias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmônica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, às modas, aos hábitos importados da Europa. O que eu queria (e que constituiria uma força útil no Universo), era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo paquete e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongênere, que lhe faz ressaltar mais bolor e as nódoas"*.²⁵

²⁵ Esta idéia, de alto recurso evocativo, que delineia um Brasil desmorteado na constituição de seus referenciais culturais, e daí, de modo caracteristicamente colonial, copia as representações mentais metropolitanas, retornará como tópico em momentos centrais do pensamento modernista, notadamente com Mário de Andrade.

Em 1925, tratando numa entrevista da questão do binômio ruptura-tradição, Mário cria ser o maior problema atual do Brasil o *"acomodamento da nossa sensibilidade nacional com a realidade brasileira, realidade que não é só feita de ambiente físico e dos enxertos de civilização que grelam nele, porém comportando também a nossa função histórica para conosco e social para com a humanidade."* Daí então que *"Nós só seremos de deveras uma Raça o dia em que nos tradicionalizarmos integralmente e só seremos uma nação quando enriquecermos a humanidade com um contingente original e nacional de cultura."* E esta tarefa Mário atribuía integralmente ao Modernismo. Como evidência de tal, bastava *"ver a*

Fradique Mendes desenvolve uma concepção bastante idealizada e romântica do período inicial da vida norte-americana, em aberto elogio desta fase artesanal e de acumulação primitiva, para servir de termo de comparação com a situação brasileira. Por este recurso, passa a recomendar para o Brasil uma vida simples, forte, original, como a dos Estados Unidos antes do Industrialismo, do Mercantilismo, do Capitalismo, do Dolarismo; *"quando então os colonos eram puritanos e graves, quando a instrução e a educação residiam entre os homens da lavoura; quando os poetas e moralistas habitavam casa de madeira que as suas mãos construíram; quando, então, a charrua enobrecia, os grandes médicos percorriam a cavalo as terras, governadores e presidentes saíam de humildes granjas; as mulheres teciam*

maneira com que já matamos a melancolia de nós mesmos, essa coisa medonha criada pelo desacomodamento com a realidade ambiente. O modernista brasileiro matou a saudade pela Europa, a saudade pelos gênios, pelos ideais, pelo passado, pelo futuro (...). O modernista brasileiro vive, não revive. Por isso o soneto conceituoso e o poema evocativo morreram. E porque 'vivemos', necessariamente estamos vivendo o Brasil que é nossa terra, família, presente e tradição. Isso é muito importante: sentir e viver o Brasil não só na sua realidade física mas na sua emotividade histórica também." Esta capacidade de sentir de um modo particular brasileiro os fenômenos da vida nacional indicariam, dentro deste raciocínio, a superação daquilo que Mário chamava de "moléstia-de-Nabuco", a qual definia assim: *"Não tem moléstia-de-Chagas? Moléstia-de-Nabuco é isso de vocês andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista (...). Estilize a sua fala, sinta a Quinta da Boa Vista pelo que é e foi e estará curado da moléstia-de-Nabuco."* Conf. ANDRADE, Mário, - 1925 - *"Assim falou o Papa do Futurismo"*, in *Entrevistas e Depoimentos*, Org. Telê Porto Ancona Lopes, T.A. Queiroz, Editor, S.Paulo, 1983.

Este tema será retomado por Paulo Prado no **Prefácio à Poesia Pau-Brasil**, conduzindo ao tema da descoberta do Brasil pelos intelectuais brasileiros quando de suas viagens a Paris, numa retomada da crítica aos portugueses.

os linhos de seus bragais e os tapetes de suas vivendas, a singeleza das maneiras vinha da candidez dos corações; os lavradores formavam uma classe que, pela virtude do saber, pela inteligência, podia ocupar nobremente todos os cargos do Estado; quando, então, a nova América espantava o mundo pela sua originalidade, forte e fecunda. É evidente que esta reconstituição idílica e idealizada da vida americana pré-industrialização, com referência à reserva moral tipo Abraham Lincoln, apesar da retórica chã, não é ingênua, e busca um objetivo bem claro: a apologia da família patriarcal, rural, virtuosa - e que não deixava de ser a imagem da própria família de Eduardo Prado.

Fradique Mendes continua com uma indagação retórica: que fizeram os brasileiros ao invés de terem escolhidos esta existência que daria ao Brasil uma civilização sua, própria, genuína, de admirável beleza e solidez? *"Apenas as naus de D. João VI sumiram, os brasileiros, senhores do país, abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades, romperam a copiar tumultariamente a civilização européia no que ela tinha de mais vistoso e copiável. O Brasil ficou coberto de instituições alheias, quase contrárias à sua índole e ao seu destino, traduzidas às pressas de velhos compêndios franceses. (...) Os velhos e simples costumes foram abandonados com desdém: todos queriam a coroa de barão, enquanto as mulheres derretiam com roupas de veludo."*

Evidentemente, trata-se de uma visão extremamente idealizada do que os costumes mais próprios da terra, e repete-se o elogio enviezado dos hábitos presumidos das antigas famílias ligadas à terra; advinha-se, na verdade, as virtudes naturais da oligarquia do café.

Mas Fradique Mendes atribui a esta virada de costas do "brasileiro" às

sugestões espirituais da terra uma consequência de ordem física: *"toda uma surda deterioração da raça"*, alastrada pelas doenças das velhas civilizações (*"as tuberculosas, as infecções, as dispepsias, as nevroses"*).

A arbitrariedade deste juízo progride até o estado de pura afetação, quando Fradique Mendes afirma que o Brasil ia se tornando *"tão enfezado como a Europa, que tem 3.000 anos de excessos, 3.000 anos de ceias e de revoluções!"* Assim, *"Bem cedo, do generoso e velho Brasil nada restou: nem sequer brasileiros, porque só havia doutores - o que são entidades diferentes. A nação inteira se doutorou. Do Norte ao Sul, no Brasil, não há, não encontrei senão doutores! Doutores com toda a sorte de insígnias, espada, comando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a polícia; doutores, com uma lira, soltando carmes; doutores, com um prumo, construindo edifícios (...)* Uma tão desproporcionada legião de doutores envolve todo o Brasil numa atmosfera de doutorice."

O que seria então, para Fradique Mendes, a prática da "doutorice"? Seria *"desatender as realidades, tudo conceber a priori e querer organizar e reger o mundo pelas regras dos compêndios. A sua expressão mais completa está nesse doutor, ministro do Império, que em todas as questões públicas nunca consultava as necessidades da Nação, folheava com ansiedade os livros, a procura o que, em casos vagamente parecidos, Guizot fizera em França, Pitt na Inglaterra. São esses doutores brasileiros que, cada dia, mais desnacionalizam o Brasil"* - diz Fradique -, *"lhe matam a originalidade nativa, com a teima doutoral de moralmente e*

materialmente o enfiarem numa fatiota europeia feita de francesismo, com remendo de vago inglesismo e de vago germanismo".

O montante "crítico" da carta de Fradique/Eça é evidentemente referido ao processo mental de subordinação que impede a plena emergência histórica do "brasileiro" - uma vaga categoria histórico-cultural que tem dívida com Michelet, com Taine, com Renan e com tantas outras teorias históricas em voga na época. A dita subordinação mental está referida, não obstante, aos padrões culturais europeus, desde que tomados superficialmente. Assim, este "doutor", como emblema desta atitude, é um romântico em acepção estreita, é o "liberal do Porto" conforme a experiência histórica - vista sob ângulo particular - demonstrou na vida portuguesa após 1820, e que Fradique/Eça transfere e traduz para o Brasil, e em cuja atitude será referendado e continuado por Paulo Prado, quando da elaboração de sua obra na década de 20. Este "doutor", aliás, como caricatura de um certo colonialismo mental, sobreviverá inclusive no Manifesto da Poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade: "*O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. Pais de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.*" Trata-se da intacta figura elaborada por Oliveira Martins e pela Geração de 70, transladada para a experiência brasileira e tornada pública pelo modernismo na sua expressão mais iconoclástica.

De qualquer modo, o que emerge daqui é o desejo de emancipação mental do tipo brasileiro - o desejo de perder o complexo de inferioridade ao qual Antonio

Candido se refere²⁶ - e esta emancipação equivale à transformação da vida nas fazendas brasileiras em paradigma da emancipação nacional, nos moldes em que coisa vem sendo tratada. O Brasil, se viesse a existir enquanto entidade cultural autônoma, nasceria do padrão da vida familiar rural. Tudo isto é muito vago em termos conceituais, mas contundente se a leitura for feita por segmento oligárquico brasileiro que pode tomar a peito tal empreendimento - a constituição de uma vida "autenticamente nacional" - desde que veja em tal gesto índice de legitimação e ampliação de seu poder. Mesmo que tal projeto possa levar a momentos de atrito com os centros hegemônicos da vida social do período - Inglaterra, França, Estados Unidos.

Assim, Fradique Mendes julga que o livre gênio da Nação é falseado, torcido, contrariado na sua manifestação original das seguintes formas: na política, pelas doutrinas da Europa; na literatura, pelas escolas européias; na sociedade, pelas modas de mesma origem. A carta de alforria de 29 de agosto de 1825 não serviu para as inteligências, diz ele. Intelectualmente, o Brasil seria ainda uma colônia do Boulevard. Letras, ciências, costumes, instituições, nada disso é nacional; tudo vem de fora, em caixotes, pelo paquete de Bordéus, de sorte que este mundo que orgulhosamente se chama o Novo Mundo é na realidade um mundo velhíssimo, e vincado de rugas, dessas rugas doentias que nos deram, a nós, vinte séculos de

²⁶ Antonio Candido considera que *"O nosso modernismo importa essencialmente, em sua fase heróica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária."* **Literatura e Cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiros)** in *Literatura e Sociedade*, Cia. Editora nacional, S.Paulo, 5a. ed., 1976, pg.119.

literatura.

Existem nesta afirmação alguns pressupostos extremamente interessantes.²⁷ O primeiro, o de que a Europa é um mundo velho, doente, talvez esgotado; esta idéia, em grande voga então, faz parte da concepção mais geral da história européia desenvolvida pela geração de 70, principalmente sobre a própria história da Península Ibérica, e chegará com extrema força até o Modernismo brasileiro - e aí a referência já será Spengler e Keyserling²⁸. Porém, haverá indubitavelmente uma

²⁷ Observe-se que para Fradique/Eça, os indicativos da situação colonial do Brasil residem exclusivamente na esfera da representação mental, sem qualquer referência às condições materiais de vida do país. Trata-se de uma prática perfeitamente própria de uma aristocracia do espírito como a dos membros deste grupo, mas que será superada por Paulo Prado ao seu tempo, à medida em que anexar a estas preocupações sobre autonomia cultural outras de ordem econômica - aliás já praticada por sua família. Paulo Prado fará assim a síntese possível de todas estas instâncias; o seu índice de anacronismo deve-se em grande parte em ter este grupo - a geração de 70 - como sua principal referência, e o índice de contemporaneidade poderá estar na síntese operada por ele de todos os elementos da vida social - o que inclui o recurso ao método impressionista - aliás, nem tão contemporâneo assim.

²⁸ Com relação à influência de Spengler e de Keyserling sobre o Modernismo brasileiro, em particular sobre Mário de Andrade, escrevi uma dissertação de Mestrado intitulada **Dimensões de Macunaíma - Filosofia, Gênero e Época**, IEL-UNICAMP, 1987.

sobrevivência da herança teórica de Eça de Queirós e de Oliveira Martins relativa a esta questão, e a obra de Paulo Prado é a prova deste argumento.

Já o segundo pressuposto é o de que a velhice do "Velho Mundo" - ou do "Novo", tanto faz, já que se trata de matriz e cópia - é um produto da literatura. A literatura seria a causadora da senilidade da civilização européia. Afirmção arbitrária, sem dúvida, e gerada por um idealismo com sinal trocado: trata-se de uma versão *sui generis*, que no mesmo gesto em que afirma ser a história um produto exclusivo do movimento do espírito - a literatura, por exemplo -, afirma também ser esta mesma manifestação do espírito causadora de velhice precoce, de uma doença a ser evitada. E uma esclerose, portanto, que o Brasil traz para si, ao importar a literatura e as idéias européias.

"Percorri todo o Brasil à procura do novo", continua Fradique Mendes, "e só encontrei o velho, o que já é velho de cem anos na nossa Europa - as nossas velhas idéias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho (...). Sabe o que parecia (...)? Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete, feito com os remendos da civilização européia, e recobrindo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo (...). E haverá remédio para tão duro mal? Decerto! Arrancar o tapete sufocante. Mas que Hércules genial empreenderá esse trabalho santo? Não sei."

Esta indagação, se tomada a sério, coloca um programa cultural para o Brasil. Afinal, como imagem, retirar o tapete sufocante da velhice da civilização européia para descobrir a natureza brasileira, tornada neste gesto matriz para uma nova cultura e uma arte original - isto é um programa estético, é ponto de partida possível para um movimento literário.

Finalmente, Fradique Mendes chega à parte propriamente programática de sua carta, na qual declara crer que o Brasil possua ainda uma chance de se reencontrar numa vida nacional e só brasileira: *"Quando o Império tiver desaparecido e, a seu turno, vier essa República jacobino-positivista que já lateja nas escolas e que os doutores de pena hão-de necessariamente fazer, de parceria com os doutores de espada; quando tal república murchar como planta colocada artificialmente sobre o solo e sem raízes nele desaparecer de todo, levada pelo vento europeu e doutoral que o trouxe; quando, de novo, sem luta, e por uma mera conclusão lógica, surgir no Paço de S. Cristóvão um novo Imperador ou Rei; o Brasil nesse momento tem uma chance de se desembaraçar do "tapete europeu" que o recobre, o desfeia, o sufoca. A chance está em que o novo Imperador ou Rei seja um moço forte, são, de bom parecer, que ame a natureza e deteste o livro"*.

Para além desta afetada afirmação de fé monarquista, será dentro deste enquadramento, por assim dizer programático, que se deve entender a atuação posterior de Eduardo Prado, durante a década de 90, quando se empenha, tanto na **Revista de Portugal** quanto em seu próprio jornal, o **Comércio de São Paulo**, pela restauração monárquica.²⁹

²⁹ Há toda uma correspondência de Eduardo Prado com Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins sobre este tema da restauração monárquica no Brasil, quando buscou contar com colaboração deste grupo no seu jornal. Apenas dois dias após a proclamação da República no Brasil, Ramalho Ortigão escreve uma carta a Eduardo Prado, até agora inédita, em que diz: *"Meu querido Prado - V. é bastante crítico, bastante filósofo e bastante parisiense para não ter sido excessivamente abalado com as notícias políticas que o telégrafo nos tem transmitido do Brasil, mas para os nossos amigos, que triste, que doloroso desapontamento ! Quanto tenho pensado no Rio Branco, no Barão da estrela, no Barão de Penedo, no Visconde de*

Cavalcanti ! Para eles a proclamação da República no Brasil é todo um mundo que se desconjunta, que se dissolve e que desaparece. Para mim, o caso estava há muito anunciado e previsto. A única coisa que me surpreendeu foi a simplicidade quase trágica com que se fizeram as coisas. Tenho vagos receios do que se pode seguir, principalmente se um partido imperialista se constitui, e se homens de valor, cujo concurso é indispensável na formação do mesmo regime, amuarem, inutilizando-se completamente para a civilização e para o progresso de sua pátria, como fizeram em França os legitimistas. No fundo, confesso-lhe sinceramente que o sucesso desta revolução se me afigura um bem para o Brasil. O que se fez foi acelerar, com o mínimo de dispêndio e de perturbação, por meio de uma operação brasileiríssima e quase instantânea, a marcha dos acontecimentos que forçosamente tinha de advir. Se a alguma coisa, em história, se pode chamar progredir, é evidentemente a isso. Terapeuticamente considerando, este golpe é o mais científico. Desde que no corpo social, assim como no corpo de um indivíduo, se forma um abcesso que perturba as funções regulares da vida, esperar indefinidamente que o tumor resolva, à custa de deperecimento progressivo do doente, é um erro grosseiro e perigoso." É possível que Eduardo Prado tenha convertido em sugestão o comentário de Ramalho Ortigão sobre a fundação de um "partido imperialista", pois foi justamente a isso que se lançou com todo ímpeto e peso de sua bolsa. Adquiriu o **Jornal do Comércio** já em 1890, e buscou a colaboração de seus pares, conforme constatamos no seu copiador de cartas. Tendo sido convidado a contribuir, Oliveira Martins responde em 23/12/1890: *"Tenho o maior prazer em escrever para o seu Jornal do Comércio o estudo sobre a imigração portuguesa. É porém necessário saber que proporções querem que lhe dê e para que época o querem."* Sem dúvida, a "encomenda" deste artigo obedecia a uma visão já estabelecida entre os dois sobre o significado da imigração portuguesa. A contribuição de Oliveira Martins para este jornal foi mais além, trazendo artigos sobre **"As Paredes Operárias"**, sobre **"A Bolsa"**, etc. Eça de Queirós, também por cartas, instrui Eduardo Prado sobre aspectos técnicos e materiais. Foi justamente neste jornal que Paulo Prado estréia nas letras, conforme noticia Eduardo Prado na página 422 do primeiro volume de seu copiador de cartas. Dirigindo-se a J.C.Rodrigues, seu secretário de redação, em 1/1/1892, diz: *"(...) Notícias da Europa - São feitas pelo Paulo, a quem retribuo por minha conta e que está agora com vontade de trabalhar; se esta vontade durar e se der garantias de permanência poderá talvez servir-nos mais tarde. De hoje em diante acaba ele com o tal sistema do Nery de*

A questão imediata que surge após a leitura desta carta de Fradique Mendes é a de sua real autoria. Atribuindo-se mansa e pacificamente a redação ao próprio Eça, resta a indagação de se a sua própria experiência poderia ter gerado as idéias, o proto-programa cultural que nela existe. É sabido que Eça jamais esteve no Brasil e que suas informações partiam portanto de depoimentos de terceiros. É possível supor, então, que as idéias contidas na carta não fossem rigorosamente suas.

Sendo plausível este raciocínio, a hipótese mais lógica sobre a identidade de seus interlocutores sobre o Brasil passa a recair sobre o próprio Eduardo Prado e, ainda, sobre Ramalho Ortigão, que retornava então de sua viagem ao Brasil.³⁰

A idéia é que o *retrato do Brasil* que Eça expõe pode ter sido sugerido por Eduardo Prado - e esta hipótese, sendo verdadeira, confirmaria a natureza *cooperativada* da personagem Fradique Mendes. Aliás, Octávio Tarquino de Souza disse que "*foi uma admiração que levou Eça a julgar o Brasil segundo as opiniões e os preconceitos do amigo [Eduardo Prado], e a encarar, segundo as suas reações, os acontecimentos políticos que aqui se desenrolaram*".

Quanto à questão, de particular interesse aqui, de o Brasil paródia a vida cultural européia, esta sim constituía uma questão central para Eduardo Prado; mas

escrever a lápis, o que saia uma porcaria como você sabe e eu vi aí."(Documentos da Coleção Jorge Pacheco e Chaves/I.H.G.S.P.)

³⁰ Ver artigo "Um acontecimento em 1887" de Brito Broca, in *Horas de Leitura - Primeira e Segunda Séries*, Org. Carlos Eduardo Berriel, Editora da UNICAMP, Campinas, 1992.

também era verdadeira para Eça - afinal, era similar ao que dizia de Portugal, ao seu ver, um país traduzido do francês em calão.

Interessante é observar que a carta de Fradique (Eça, Eduardo Prado. Ramalho Ortigão) constitui um convite a um programa cultural, cuja entonação parte do Romantismo, pela sua parcela - digamos - nativista, mas que evidentemente, pela data e pelos parâmetros, vai para além desta escola. A vinculação imagética nega possibilidades indianistas, folclóricas, ao mesmo tempo em que aponta para as possibilidades geradas pelo concreto campo brasileiro, principalmente aquele da grande propriedade tradicional e cafeeicultora. Assim, reforça-se a incidência de Eduardo Prado sobre a natureza desta carta, e defrontamo-nos com uma exigência estética, que só poderá ser cumprida após o acúmulo da experiência de vanguarda européia, e a sua posterior absorção por uma geração de literatos e artistas brasileiros capazes de gerar um movimento nascido da simbiose destas vertentes: o tradicionalismo nacionalista e a ruptura experimental moderna. Estamos, assim, no vestibulo da Semana de 22. Estamos, sempre, falando de Paulo Prado.



Enviam em pazem ante vós,
Serlyte Prado! com seu propicio
e Sar o parabenos do Natalicio
As Damas, o seu nome e eu

Quero

N'ute glorioso dia, que a Historia
lembra, 27 de Fevereiro.

As Idéias de Eduardo Prado

Sabemos que Eduardo Prado não foi um ouvinte passivo destas idéias que afetavam tão de perto o Brasil. No seu tempo e ao seu modo, elaborou uma pequena obra que, embora desprovida de grande originalidade, representou uma certa matriz do pensamento conservador brasileiro, de cunho singulamente aristocrático. Para os fins deste estudo, importam dois tópicos em particular: *o primeiro*, a questão da importação de idéias européias para o emprego na vida ideológica nacional; *o segundo*, a tese da superioridade do paulista com relação aos demais brasileiros, expressa através da insubmissão do habitante do planalto ao dominador português e ao jesuíta.

Na verdade, o primeiro destes tópicos, o que se refere à questão do movimento ideológico nacional e sua característica inadequação, parte, em Eduardo Prado, da sua convicção de que as instituições necessitam de uma base cultural. Podem estar certos em seus países de origem, e "*trazer a confusão e a desordem aos países para onde arbitrariamente as transmudam*". Em 1893, tratando de afastar do Brasil o modelo político americano, formula: "*Copiemos, copiemos, pensam os insensatos, copiemos, e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma coisa*".³¹

³¹ PRADO, Eduardo - *A ilusão americana*, Livraria e Oficinas Magalhães, S.Paulo, 1917, pg.234.

A idéia de fundo mantida por Eduardo Prado - e para a qual o concurso da Geração de 70 é absolutamente vital - é a de que o Brasil praticava uma vida ideológica deslocada, por imitação e moda, e que o motor de tal prática era o espírito desfibrado do brasileiro. O estiolamento do país impedia assim que o gênio nacional viesse à tona e se emancipasse, e neste gesto evidenciasse o perfil cultural do Brasil.

A monarquia, entendia, era uma instituição profundamente enraizada no país, e a República recém-proclamada um gigantesco passo atrás no sentido desta emancipação. Nada mais era que a expressão catastrófica do espírito subordinado, desprovido de originalidade, dos "doutores de espada", ao qual aludia Fradique Mendes. Eduardo Prado temia a federação como causa inevitável da dissolução da unidade nacional, que fatalmente, fragmentaria a Nação em republiquetas autônomas e inimigas entre si. Para Luís Martins³², "*O que a esse aristocrata causava repulsa era a vitória da burguesia, impondo, num mundo sem tradições, uma nova ordem de valores alicerçados na onipotência do dinheiro*". O "Liberal do Porto", para a Geração de 70, e os "doutores" brasileiros são experiências particulares de uma mesma natureza - a incapacidade tanto lusitana quanto brasileira de efetivar o estabelecimento de seus próprios parâmetros e padrões de representação mental e consequente organização social. Casualmente, desqualifica nesta atitude as manifestações do pensamento liberal, e afasta qualquer possibilidade de emprego legítimo do rol de características desta ideologia para o país.

³² Suplemento Literário de O ESTADO DE SÃO PAULO, 31.12.60.

O movimento das idéias de Eduardo Prado é extremamente interessante. Numa circunstância histórica em que o típico era a cópia do padrão ideológico europeu - que em síntese era o Liberalismo - ele, ao mesmo tempo em que copia o padrão europeu fornecido pela Geração de 70, repudia nossa inclinação (nós, os desfibrados) de espelhar a voga européia.³³ Busca assim num pólo política e socialmente anacrônico da Europa a base argumentativa para a evidência do perfil cultural brasileiro, que partiria da premissa da rejeição aos padrões europeus e norte-americanos. Mas a rejeição de Eduardo Prado é de segunda linha, já que é ela própria uma cópia do procedimento literário da Geração de 70. Há, sem dúvida, alguma novidade na atitude de Eduardo Prado, mas ela é, essencialmente, *incompleta*.

Mas como as ideologias costumam ocultar alguma coisa, o que se vela com este discurso de Eduardo Prado sobre a originalidade? É o mesmo movimento que está na carta de Fradique Mendes: o convite à originalidade brasileira parte de uma falsidade, que é constituída por uma visão idílica mas não inocente sobre a vida brasileira, que esconde o fundamental, que é a brutalidade do padrão social nacional, e cuja funcionalidade imediata é o elogio do padrão estabelecido pela sociabilidade do café. Originalidade, autonomia cultural, libertação mental, além de deverem pela gênese à experiência portuguesa formalizada pela Geração de 70, convertem-se

³³ Sobre o tema do movimento das ideologias no Brasil, particularmente deste período, ler Roberto Schwarz, *Ao Vencedor as Batatas*, Duas Cidades, S.Paulo, 1977, em especial os dois primeiros capítulos.

gradualmente, pela mediação de Eduardo Prado, em projeto ideológico de uma nova expressão de oligarquia rural paulista - e abertamente anti-liberal. Assim, a sua proposta "nova" nasce da apologia de elementos já em processo de superação na vida brasileira.

Partindo deste primeiro ponto, chegamos ao segundo e decisivo tópico do pensamento de Eduardo Prado - a questão da superioridade do tipo paulista. A 20 de agosto de 1896, convidado pela Faculdade de Direito de São Paulo, Eduardo Prado proferiu a 2ª das *Conferências Preparatórias do Tricentenário do Padre José de Anchieta*, sob o título *O Catolicismo, a Companhia de Jesus e a Colonização do Novo Mundo*.³⁴

Tratando de diferenciar a colonização portuguesa da inglesa - tema a que tanto Paulo Prado quanto seu sobrinho Caio Prado Jr. irão retornar - Eduardo Prado considera que os portugueses são os europeus que "*mais e melhor se aliam a diferentes raças que eles tem encontrado pela terra*", sendo isto, "*um atestado da força e da vitalidade incontestáveis, que se revela nos climas mais ardentes*".³⁵ Lembrando que Varnhagen era partidário do extermínio do índio, e que odiava o caboclo brasileiro, Eduardo Prado busca diferenciar-se, expondo a convicção de ser este caboclo digno de admiração e que, afinal de contas, "*é ele que é o Brasil. o Brasil real, bem diferente do cosmopolitismo artificial em que vivemos nós, os habitantes desta grande cidade. Foi ele quem fez o Brasil. Foi o filho do português e*

³⁴ Eduardo Prado in *Collectaneas*, Escola Typographica Salesiana, S.Paulo, 1906. Originalmente publicada n' *O Comércio de S.Paulo*, em 1896.

³⁵ Eduardo Prado, op.cit., pag 70.

*do índio chamado desprezivelmente mameluco, que descobriu este grande país, e este enorme fator histórico não teria aparecido, se a catequese, a redução, o aldeamento, isto é, a domesticação do índio não tivesse sido feita pelos jesuítas".*³⁶

Mas, em sua opinião, a obra mais importante dos jesuítas foi a fundação da cidade de S. Paulo, onde estão reunidos, *"embora sob a ameaça de desaparecer na onda estrangeira"*, os descendentes das raças fundidas.

Ao mesmo tempo, *"a razão dizia e a experiência demonstrava que a obra de civilização do índio não poderia se fazer em Santos ou em São Vicente"*. A razão para tal já prenuncia a tese central da obra de Paulo Prado: *"o contacto imediato com gente do mar, forasteiros e aventureiros, era corruptor e fatal; e por outra parte, a raça européia não poderá medrar, ao começo da sua imigração tropical, na costa, onde o clima lhe é decididamente desfavorável. A aclimação definitiva da planta humana européia não era possível num país tórrido, sem o enxerto da planta indígena..."*³⁷. Para Eduardo Prado, S. Paulo começou a funcionar como oficina de homens: *"Homens mestiços, não de um tipo inferior, porque não é inferior (...) o tipo resultante do branco e do índio. Nesse cruzamento se o branco entra com o cérebro mais desenvolvido, que se reproduz no seu descendente, o índio traz para o novo tipo a agudeza da sensibilidade dos seus sentidos e a agilidade elástica dos seus músculos, sentido e músculos um tanto atrofiados no homem civilizado"*³⁸. Os

³⁶ Eduardo Prado, op.cit., pag. 75s.

³⁷ Eduardo Prado, op.cit., pag 79s.

³⁸ Eduardo Prado, op.cit., pag 84s.

jesuítas, então, com sua política, foram os responsáveis por este cruzamento que deu origem à quase totalidade da população brasileira. "*Oliveira Martins*," continua Eduardo Prado, "*com a superioridade de percepção que lhe era própria, incitando os portugueses a estabelecerem colônias nos planaltos africanos do Alto Zambeze e do Shire, citava-lhes sempre o exemplo de S. Paulo*".³⁹ "*De S. Paulo, dizia, pôde sair a raça que faz o Brasil; tivéssemos tido outro S. Paulo e criaríamos em África outro Brasil*"⁴⁰. Trata-se da tese, que tanto cresceria nas décadas subsequentes, de que o Brasil foi feito pelos paulistas.

Não é de pouca monta, portanto, a dívida dos Prado para com Oliveira Martins.

³⁹ Oliveira Martins - *O Brasil e as Colônias Portuguesas*, Lisboa, Bertrand, 1881, 2a.ed.aumentada, livro IV, cap VII.

⁴⁰ Oliveira Martins, op.cit., pag 85.

Certas Idéias de Eduardo Prado Como Historiador

Na busca de um passado que confirmasse sua tese da vocação construtora do paulista, Eduardo Prado empenhou-se em pesquisas sobre a história do Brasil, no que foi auxiliado por Capristano de Abreu. Por predileção pessoal, voltou-se para os temas da ação do Santo Ofício no Brasil. Os dois livros que deixou planejados tratavam justamente de dois processados pela Inquisição, o Padre Vieira e o Padre Manuel de Moraes. Dedicou vários anos de trabalho à redação de um estudo sobre o Padre Antônio Vieira, não exatamente uma biografia, mas um quadro do meio em que viveu, das cortes européias onde foi embaixador, e dos sertões brasileiros onde foi missionário. Segundo informou a Capistrano, a obra estava praticamente pronta, restando anexar um pouco da paisagem baiana.⁴¹ Este livro, entretanto, foi perdido por ocasião da sua morte.

Quando falece inesperadamente, em 1901, com apenas 41 anos de idade, Eduardo Prado deixou um trabalho em vias de publicação em Paris, e do qual se perdeu tudo, à excessão de fragmentos de dois capítulos. Trata-se de uma biografia do Padre Manoel de Moraes. Guardados estes fragmentos, Paulo Prado publicou-os em fevereiro de 1932, - data tão sintomática da história paulista - na **Revista**

⁴¹ Estas anotações sobre a paisagem baiana estão depositadas no Arquivo Eduardo Prado da Academia Brasileira de Letras.

Nova⁴². Simultaneamente ao seu interesse por Vieira, então, ocupou-se intensamente deste Padre Manuel de Moraes, um jesuíta nascido em São Paulo, portanto de alto interesse, por sua contradição, para o esquema histórico de Eduardo Prado - que tanto opunha o espírito bandeirante à presença missionária jesuítica. De fato, a vida desta personagem foi bastante complexa: foi missionário entre os índios de Pernambuco, chefe de emboscadas no período da invasão holandesa; mais tarde, durante a tomada da Paraíba, abjurou o credo católico e passou-se para o lado do inimigo. Converteu-se ao Calvinismo, e tornou-se teólogo junto à Companhia das Índias Ocidentais, além de historiador e naturalista. Na Holanda, casou-se duas vezes. Retorna a Pernambuco quando é deflagrada a rebelião, e acaba preso por Martim Soares Moreno, que o envia aos cárceres da Inquisição. Foi processado e condenado, mas conseguiu escapar, e daí desapareceu.

No processo de realização deste livro, Eduardo Prado empreendeu intensas pesquisas: descobriu em Simancas a correspondência de Matias de Albuquerque, obteve em Roma o *Curriculum Vitae* de Manoel de Moraes enquanto este pertenceu à Companhia de Jesus, obteve cópia em Lisboa de seu processo perante o Santo Ofício, e vários outros documentos, como uma resposta ao **Papel Forte** de Vieira e uma classificação das plantas indígenas, provavelmente a primeira feita por um brasileiro, em Leipzig.

Rodolfo Garcia relata que Eduardo Prado, dirigindo-se com legítima satisfação a Capistrano, dizia que *"uma personagem da nossa História, sobre a qual todas as notícias se apuravam em meia dúzia de linhas, agora fica uma das mais*

⁴² Revista Nova, ano 2, número 5.

conhecidas."

O interesse de Eduardo Prado nesta personagem pode ser resumido neste parágrafo: "*Manoel de Moraes, que os vereadores de S. Paulo estigmatizavam como jesuíta, era pelo nascimento e pelo sangue, pelas suas afinidades índias, muito mais um paulista, 'com partes de mameluco', como nos dizem testemunhas que o conheceram, do que um jesuíta, do tipo de jesuíta europeu, branco, exigente nos casos de consciência e protetor da liberdade dos Índios, liberdade que era a grande causa da luta dos paulistas com a Companhia*".⁴³

Estes dois tópicos - a ação jesuítica no Brasil e a insubmissão do paulistas - são absolutamente centrais tanto para Eduardo Prado quanto para a obra futura de Paulo Prado, que aliás, como veremos veio a publicar, em homenagem à memória do tio, toda uma coleção de documentos sobre as várias passagens do Santo Ofício pelo Brasil. Mas estas mesmas preocupações temáticas foram antecedidas por Oliveira Martins no seu estudo *O Brasil e as colônias portuguesas*. Portanto, iremos agora, pelo sentido lógico e cronológico da nossa investigação, percorrer alguns pontos escolhidos da obra deste historiador.

⁴³ Revista Nova, pg.23. Como curiosidade: a biografia do Padre Manuel de Moraes já havia sido escrita antes, na década de 60 do século XIX, por Richard Burton, aventureiro, explorador, literato e diplomata, consul da Inglaterra em Santos e São Paulo, e eventual frequentador do salão de D. Veridiana Prado. A dita biografia foi publicada na Inglaterra como anexo à sua tradução de *Iracema*, de José de Alencar. Portanto, a afirmação de Eduardo Prado sobre o desconhecimento sobre o Padre Manuel de Moraes deve ser relativizado.

Oliveira Martins

Para este historiador português, o Brasil desenvolveu-se no século XVI e XVII *"apesar dos embaraços que as missões criaram ao franco desenvolvimento do Brasil"*⁴⁴. Este embaraço consistia na criação do sistema de aldeias de índios *"batizados e cretinizados"*, dentro do qual não haveria lugar para a colonização livre, por ela não ter braços que a servissem.

Mas, apesar disso, o sul, onde o regime de colonização "livre" era dominante, progredia mais seguro, embora menos opulentamente, do que as colônias do litoral do Norte. E, decisivamente, no *"Sul desenvolviam-se de um modo espontâneo os elementos de uma nação futura; enquanto o Norte sujeito a uma administração corrupta e meticulosa, dependente da introdução dos negros e de uma cultura exótica, pagava a opulência de uma vida menos estável, uma população menos homogênea"*⁴⁵.

A conclusão para a qual Oliveira Martins se encaminha é a de que, pelos fins do século XVI, *"a região de S. Paulo apresentava os rudimentos de uma nação; ao passo que a Bahia e as dependências do Norte eram uma fazenda de Portugal na*

⁴⁴ Oliveira Martins, *O Brasil e as Colônias Portuguesas*, pag 29.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, pg. 30.

América"⁴⁶.

Oliveira Martins, desta forma, lançou as bases para uma diferenciação conceitual da população brasileira entre o norte e o sul, com prevalência positiva para o sul, os paulistas. Já as Minas teriam sido descobertas "pelo gênio dos paulistas", que as consideravam como propriedade particular. O próprio vínculo com a metrópole, desde cedo, eram mais nominais do que efetivos: os governadores, frequentemente, tinham sido forçados a reconhecer a independência de fato "*dessa população aventureira, indômita e ciosa de uma liberdade quase natural, anárquica decerto*".⁴⁷

As *bandeiras* de caça aos índios, depois convertidas em *bandeiras* de caça ao ouro e às pedras preciosas, molda o temperamento agreste dessas populações acostumadas à vida errante do sertão; e este temperamento assim formado não as levará "*a reconhecer a legitimidade de um governo até então ausente, só manifesto*", principalmente depois da descoberta das minas de ouro e diamantes. Exatamente este assunto será tratado na peça *O Contratador de Diamantes*, de Afonso Arinos, que mais adiante estudaremos.

A sequência desenvolvida por Oliveira Martins conduziu ao tópico que será o

⁴⁶ Idem, ibidem, pg 30. Mais adiante, nesta mesma obra, Oliveira Martins justifica a escravidão, ao dizer que Portugal tinha o direito de escravizar negros, já que sem escravidão nenhuma nação é fundada. Portugal deveria ter fundado uma sociedade aristocrática na África, usando o sistema feudal; não foi, porém, capaz deste empenho.

⁴⁷ Idem, ibidem, pg 76.

mais buscado pela oligarquia do café: o da superioridade histórica, racial, cultural, de temperamento, etc., do paulista com relação ao resto da população do país. A frase "*o espírito aventureiro do paulista foi a primeira alma da nação brasileira*" se tornará uma espécie de divisa regionalista, bordão da hegemonia cafeeicultora, e atravessará todo o século seguinte - com especial ênfase na década de 20 - e atingirá expressões de histeria chauvinista na guerra civil de 32, após a perda do poder pela oligarquia do café. Quando analisarmos os dois livros de Paulo Prado, **Paulística** e **Retrato do Brasil**, veremos como estas idéias de Oliveira Martins estarão lá presentes, plenamente absorvidas e com grande força referencial.

Fin-de-siècle e fim de um ciclo

O período no qual Paulo Prado viveu sob a influência pessoal e direta de Eduardo Prado termina, subitamente, com o falecimento deste em agosto de 1901, um ano após a morte de Eça de Queirós. De um modo extremamente notável, a última reunião do grupo parisiense deu-se na mais exata mudança do século, na noite de 31 de dezembro de 1899. Oferecera Eduardo Prado um jantar de *réveillon* a seus amigos, e quando da saída dos convidados deu início a um diário, aberto com o novo século, e que citaremos: *"O meu último jantar no século que, há menos de uma hora, desapareceu e através do qual com tão negligente e condenável inconsciência me tenho vindo arrastando desde o dia do meu nascimento, pelo caminho que leva à Eternidade, durante quarenta anos de inutilidade, esse jantar, minha última refeição do século, tive-o, em minha casa, cercado de gente da minha raça e da minha língua.(...) Havia no jantar Eça de Queirós, Joaquim Nabuco, o Dr. Hilário de Gouveia, o jornalista brasileiro Luiz de Castro, Graça Aranha, um nome que tem futuro, o sr. Joaquim Lacerda, antigo homem de negócio fantasista (espontâneo e sem cultura) das cousas de cifras e números e o jovem Ignacio da Gama.*

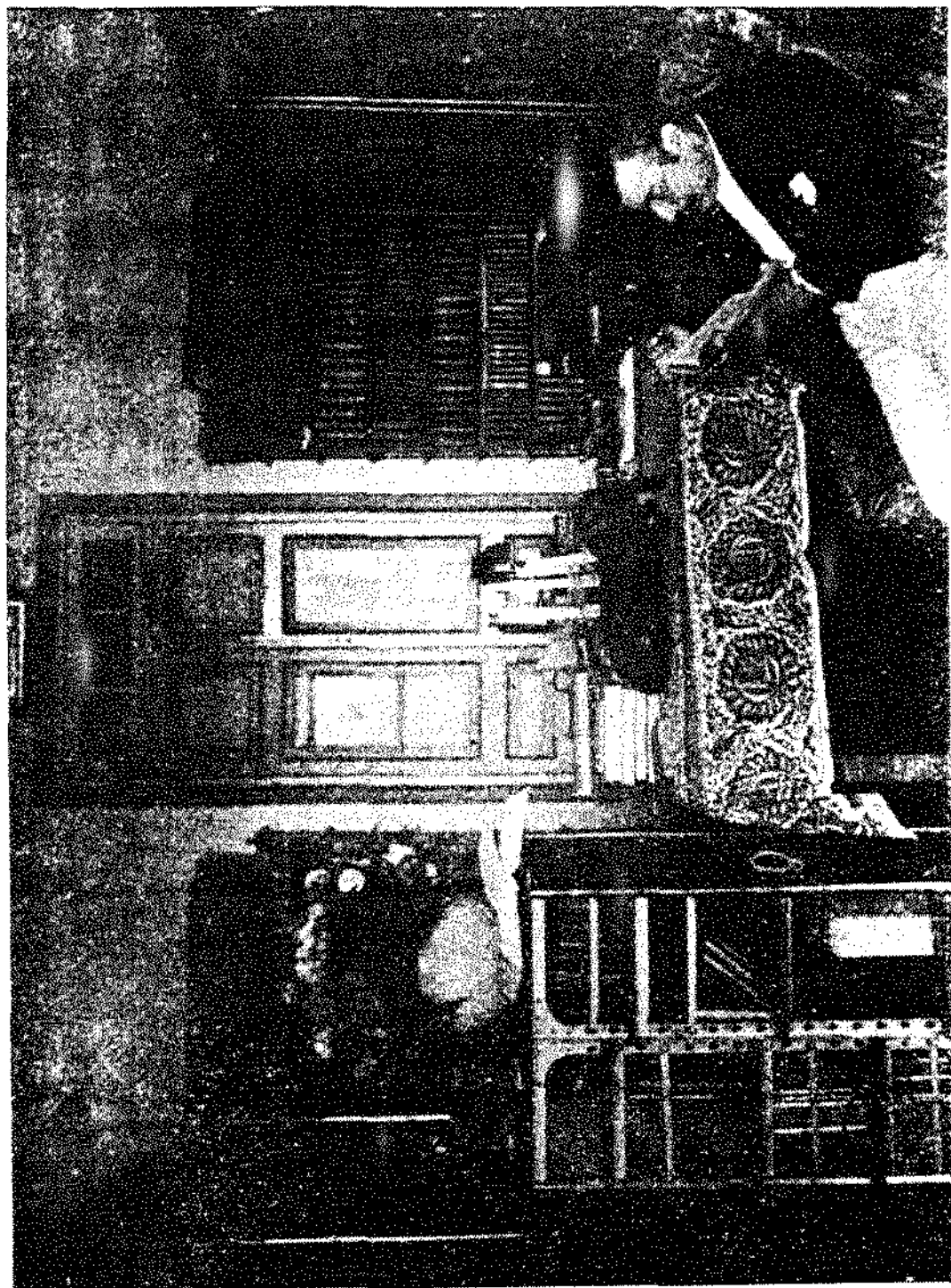
Era um conjunto bem representativo em graus bem diversos do que podia dar a nossa raça portuguesa-brasileira. Havia ali desde o tipo superior de artista de Eça de Queiroz, fino e delgado, da esplêndida figura encanecida de Joaquim Nabuco refletindo a sua elevação moral até a fisionomia robusta de Lacerda(...).

Do que se falou neste jantar? Não foi do Brasil. Fez-se a apologia da Inglaterra, cada um disse a sua palavra sobre a guerra do Transvaal, sobre as derrotas inglesas e todos concordamos na irremediável decadência da França.

Depois do jantar apareceu o secretário da Legação do Brasil Gomes Ferreira. Houve ditos, Eça de Queiroz partiu antes da 1/2 noite e também saíram Nabuco e Luiz de Castro. Queriam estar em casa no morrer do século junto das mulheres.(...) Soou a meia-noite. Apertos de mão e retirada. Na antecâmara encontrei o criado(...). Disse-me que chovia em torrente e que pelos lados do oeste caíra uma grande trovoada, uma verdadeira tempestade, sulcada de grandes raios e acompanhadas de trovões. Foi portanto entre raios e trovões que apontou para Paris o século XX. Funesto agouro?"⁴⁸

Era efetivamente o fim de uma época, e os raios e trovões não estavam desprovidos de sentido. Eça de Queirós morreu apenas sete meses depois desta data. Eduardo Prado retornou ao Brasil. Com a sua notável *brasíliana*, isolou-se na sua Fazenda do Brejão, de sua propriedade, no interior de São Paulo, atitude que inevitavelmente faz lembrar Jacinto de Thormes. Pretendia elaborar uma série de estudos sobre a história do Brasil - a biografia do Padre Manuel de Morais era o empenho do momento. Foi quando aproximou-se mais de Capistrano de Abreu, transformando-o numa espécie de consultor permanente. Pretendia também ser mais assíduo às instituições culturais de que fazia parte, como a Academia Brasileira de Letras, da qual era membro fundador, e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Mas voltara para morrer: contraiu febre amarela, e a ela sucumbiu.

⁴⁸ Extraído do Arquivo Eduardo Prado da Academia Brasileira de Letras.



EDUARDO PRADO NA BIBLIOTECA DA FAZENDA DO BREJÃO

Um Homem com Profissão

Sem ser mais protegido por seu tio, abre-se então para Paulo Prado um período no qual desenvolverá apenas como diletante o seu interesse pela cultura, e no qual estará dominantemente voltado para a atividade de grande produtor e exportador de café. Paulo Prado, juntando o seu papel de presidente da maior casa exportadora de café - a Casa Prado-Chaves - ao desembaraço pessoal no trato de grandes negócios, afirmou-se como uma espécie de ministro sem pasta da grande atividade econômica brasileira. Foi o período em que o café ditava a política nacional. Era o principal produto primário na balança do comércio internacional. Oitenta por cento do café mundial era produzido no Brasil, e noventa por cento da produção brasileira vinha de São Paulo. Os preços alcançavam altos patamares. O maior produtor brasileiro era o fazendeiro Schmidt, de Ribeirão Preto, mas o segundo maior produtor era a família Prado.

Paulo Prado tornou-se Presidente da Casa Prado-Chaves ainda em 1897, por renúncia de seu pai, e de 1913 até 1916 participou da Comissão de Valorização do Café representando São Paulo - o que na prática significava um cargo do peso de um ministro da economia. Mas este é o período da Primeira Guerra Mundial, e o conflito havia bloqueado as vias do comércio do Brasil com os beligerantes. Em 1917, apoiado pelo embaixador da França no Brasil, o poeta Paul Claudel, Paulo Prado

tornou-se o promotor do Convênio Comercial Franco-Brasileiro, sugerido por ele ao Governo Federal, e mediante o qual o Brasil vendeu àquele país europeu dois milhões de sacas de café. Isto tirou a praça de Santos da crise provocada pela guerra.⁴⁹ Paulo Prado foi signatário com Paul Claudel das convenções que regulamentavam a entrada do Brasil na Guerra ao lado dos Aliados, em 1917, num momento estrategicamente decisivo para o desenrolar do conflito, e que permitiu apreender nos portos brasileiros os navios mercantes alemães - que passaram assim para o controle aliado.⁵⁰

⁴⁹ Ver artigo que Paulo Prado publicou n'*O Estado de S.Paulo*, 22.05.1920, **O Convênio Franco-Brasileiro**. Em 15 de fevereiro de 1917 Paul Claudel escrevia a Aristide Briand, Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país: *"Encontrei-me ontem com o Sr. Paulo da Silva Prado, que Vossa Exa. conhece, e que pertence à família mais importante de São Paulo, podendo ser considerado, ao mesmo tempo, como o representante do comércio do café e o líder do estado mais rico e importante do Brasil. Se as iniciativas de Monsieur Chevalier [delegado do Escritório nacional dos valores imobiliários franceses, em missão no Brasil] parecem estar chegando a bom termo, é ao seu apoio e àquele dos deputados por São Paulo que se deve atribuir em grande parte esse feliz resultado. Agora o Sr. Prado parece bastante inquieto por não ouvir mais falar em café, e veio perguntar a Monsieur Chevalier sobre o andamento de uma proposta de compra por parte do Governo francês, a qual continua a interessá-lo vivamente. Ela constituiria de verdade uma prova do interesse que, apesar das presentes dificuldades, nós continuamos a oferecer para a recuperação financeira de uma República amiga."* Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês [Quai d'Orsay], nova série, Brasil, v.42, f.102, carta n.25. Cf. com [Exposição] **Paul Claudel, 1868-1955**. Paris: Bibliothèque Nationale, 1968, p.98, n.378. Tradução desta carta feita por recomendação de Alexandre Eulálio, como peça de seu estudo sobre este momento da vida cultural brasileira. (in **A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars**, op. cit., pg.55.)

⁵⁰ Este episódio da entrada do Brasil na Guerra, atitude casada com a compra dos

Esta intensa participação nos negócios durante a Guerra, nos quais Paulo Prado se jogou, veio tirá-lo de um longo período de dissipação e neurastenia, que foi testemunhado por Tristão de Athaíde. Encontrara-o o pensador católico em Carsbad, em 1913, tratando do fígado arruinado nessa estação de águas, e a impressão que guardou foi a de Paulo Prado *"neurastênico até a raiz dos cabelos. Esgotado. Sem achar graça em nada. Divertindo-se em ver um imenso árabe, enfiado num imenso albornoz azul, preparar café em xicrinhas minúsculas, no hall do nosso hotel. Mais desolados do que os bigodes do Sr. Paulo Prado, nessa época, só os pinheiris de Carsbad, pingando água o dia inteiro, numa tristeza, numa umidade, num abandono que nos faziam chorar por uma restiazinhas de sol, mesmo boêmio, como o que podíamos ter! ... Já vinha de longe essa sua neurastenia de fim de raça, de fidalgo amolado e cético"*.⁵¹

estoques de café pela França, foi interpretado como um escândalo financeiro por setores cafeicultores, que anonimamente ocuparam a imprensa para oferecer denúncia. O jornal **O Estado de S. Paulo** (23.12.1917) estampa manchete - **O Escândalo da Compra dos 2 Milhões de Sacas de Café - anônimo** - e na matéria concemente acusa Paul Claudel de, frente ao seu Governo, ter de má fé colocado Paulo Prado na condição de único negociador válido para os interesses em questão. Como resultado desta operação, todo o café que a França comprou do Brasil teve que passar pela intermediação da Casa Prado-Chaves, exportadora, operação que jogou soma fabulosa no ativo da empresa, em prejuízo dos produtores e demais casas exportadoras. Esta campanha de denúncias ocupa as principais páginas dos jornais por cerca de uma semana, durante a qual Paul Claudel veio a São Paulo deu entrevistas e fez conferência sobre o "a propaganda do café na França" na Sociedade Paulista de Agricultura, em sessão presidida pelo Conselheiro Antonio Prado.

⁵¹ Amoroso Lima, Alceu - Estudos, Primeiro Volume

Mas isto ficou para trás, em 1913.

Será por ocasião do Convênio com a França, em 1917, que Paulo Prado retomará mais incisivamente a atividade intelectual - pelo menos ela será de forma mais pública. Neste ano, na historicamente tão importante exposição de Anita Malfatti, adquiriu o quadro **A Onda** - e este foi, ao que se sabe, o seu primeiro contacto com aquelas pessoas que o futuro denominaria modernistas. Mas antes disso já transitava pela arte moderna, tendo sido ele quem trouxe o primeiro quadro cubista para o Brasil, *"uma tela de Fernand Léger, que ele pendurou de cabeça para baixo no seu salão!... o que transtornou seus sobrinhos e transtornou mais do que qualquer coisa no mundo o mau-gosto bem conhecido dos milionários da cidade."*⁵²

Passou a escrever com bastante frequência para o jornal **O Estado de S.Paulo**, e sobre os mais variados assuntos da atualidade: agricultura, pecuária, educação, forças armadas, política, etc. Ia assim exercitando o estilo, embora o que produzia então tenha ficado muito aquém, em qualidade e incidência, dos seus

⁵² Cendrars, Blaise - **Paulo Prado - A voz do sangue**, in **ETC...,ETC... (UM LIVRO 100% BRASILEIRO)**, São Paulo, Edit.Perspectiva, 1976. Paulo Prado chegou a reunir uma preciosa coleção de pintura moderna, constando dela vários quadros de Fernand Léger. Nas costas de uma dessas telas (*L'homme au chien*, de 1921, hoje na coleção Claude Laurens em Paris), Léger escreveu: *"Allo allo / Monsieur Prado / Voici le nuovo / Petit tablo / Est-il plus bo / Allo allo / F.Léger, Poète"*. Para a história da coleção dos Léger que foram de Paulo Prado, Alexandre Eulálio (op.cit., pg.57) indica a consulta ao catálogo redigido por Michèle Richet e Claude Langier para a exposição do Grand Palais parisiense, realizada de outubro de 1971 a janeiro de 1972 (**Fernand Léger**, Paris: Ministère des Affaires Culturelles, 1971, n.60 e 93).

escritos posteriores a 1922.

Em 1918 Paulo Prado dará início à sua correspondência com Capistrano de Abreu, a quem já conhecia desde o último período de vida de seu tio. Esta será a mais importante correspondência de sua vida, e colocará o historiador cearense no papel que hoje chamamos de orientador de tese. Estas cartas, da qual a parte de Paulo Prado se perdeu, estende-se ininterruptamente até 1927, quando da morte de Capistrano. Damos esta informação agora, por fidelidade à sequência cronológica dos acontecimentos da vida do nosso autor, mas só desdobraremos o tópico um pouco mais adiante, quando analisarmos os seus ensaios históricos.



Paulo Prado

São Paulo, c. 1912

Arquivo Marie Lebrun da Silva Prado

Um dos endereços fundamentais do Movimento Modernista no momento da sua afirmação, a casa da Avenida Higienópolis, 617 — demolida em princípios de 1975 — foi sempre coerente com o lema *Fays ce que voudras* que o dono havia inscrito no mármore do último degrau do ingresso. O longo caminho que percorreu o primogênito do Conselheiro Antônio Prado do rapaz bem dotado, mas dispérsivo ("Cá veio ontem o gentil Paulo passear o seu diletantismo", escrevia de Paris Eça de Queirós à mulher em 1890) até se transformar no intelectual discreto, fino ensaísta e historiador, da maturidade, é um dos mais harmoniosos da literatura brasileira, pródiga em adolescentes de gênio e promessas mal cumpridas de amadurecimento. Mais rara ainda a capacidade de um homem maduro, instalado desde sempre no poder econômico e político, se tornar intelectualmente contemporâneo das gerações mais moças, sem a mínima pretensão de mentor ou guia de novos. Alheia a qualquer esclerosamento, a vida intelectual de Paulo Prado é contínua ascensão, harmoniosa, secreta, que se defendia modestamente atrás do papel secundário do mecenas compreensivo e tolerante.

Prelúdios da Semana de Arte Moderna: utilizações do Teatro Municipal

A Exposição de Pinturas e Esculturas Francesas e o episódio da montagem de O Contratador dos Diamantes

No princípio do ano de 1919, Paulo Prado dá início ao tipo de atividade que lhe valerá a qualificação de mecenas das artes. Nos momentos e nas circunstâncias convenientes, este mecenato foi exercido em atividades culturais públicas, de grande efeito publicista, e sempre que possível ocupando o Teatro Municipal de São Paulo.

A construção desse teatro monumental, *"que casualmente seria maior e mais ostensivo que o da Capital Federal, inaugurado dois anos antes, em 1909"* - como observa Nicolau Sevcenko⁵³, foi um dos pontos marcantes da administração do Conselheiro Antonio Prado como prefeito de São Paulo. O projeto foi encomendado ao arquiteto da própria família Prado, o piemontês Claudio Rossi, que associado a Domiziano Rossi e Ramos de Azevedo, iniciou a construção do prédio em 1908 e concluiu-o em 1911. O efeito simbólico do monumental teatro sempre foi marcante: com ele, e através dele, a cidade declarava-se cosmopolita e centro cultural do país.

⁵³ Sevcenko, Nicolau - **Orfeu Extático na Metrópole - São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. Companhia das Letras, S.Paulo, 1992, pg. 232. Obtive deste estudo várias informações sobre as atividades culturais em São Paulo na década de '10.

Os eventos mais prestigiosos, daí para a frente, encontraram neste local o endereço adequado, e a alta carga simbólica desta arquitetura impregnava os empenhos que ali se realizavam. Através do Teatro Municipal, São Paulo tornou-se perfeitamente atualizada com as temporadas líricas européias, através de Walter Mocchi, empresário, que de 1912 a 1926 fez levar à cena, em 270 espetáculos, 88 óperas de 41 compositores, sendo dezassete italianos, dez franceses, oito brasileiros, quatro alemães e dois russos.⁵⁴

Mas não apenas a cultura do século XIX ocupou a cena. Algumas das manifestações mais meridionais para a arte moderna aí encontraram lugar: em 1916, Isadora Duncan marca uma data na vida cultural da cidade; em 1917 é a vez de Nijinski, com os Balés Russos de Diaghilev, em coreografias dele e de Fokine; retorna Nijinski no ano seguinte, o mesmo em que se apresentarão Kubelick e os Baíladors de Ana Pavlova, com a própria. Em 1919 retorna Ana Pavlova por duas vezes, dançando *O pássaro de fogo*, de Stravinski, e *La Péri*, de Paul Dukas, no primeiro programa, e no segundo, em conjunto com a Orquestra Sinfônica Italiana, sob a regência de Gino Marinuzzi, o "**Prelúdio**" e a "**Morte de Isolda**" de Wagner, além de obras de Debussy e de Respighi.

⁵⁴ Conforme CENNI, F. - ITALIANOS NO BRASIL - "andiamo in'merica", S.Paulo, Martins, s/d, pg. 361 s, citado por Cevcenko, Nicolau, op.cit.

Em 1919, então, em colaboração com o senador Freitas Valle e o Cônsul da França, Paulo Prado instala uma **Exposição de Pintura e Esculturas Francesas** no *hall* do Teatro Municipal de São Paulo. A comissão organizadora do evento contava ainda com Ramos de Azevedo e Numa de Oliveira, e entre as obras expostas, além de pinturas impressionistas, estavam peças de Rodin, Bourdelle e Laurens. No mesmo dia do *vernissage*, foram executadas obras de César Franck e Debussy: tudo isto deixa evidente que a utilização do Teatro Municipal de São Paulo para eventos de modernização da consciência artística e cultural já eram frequentes nesta época.

É interessante observar uma diferença: enquanto a arte moderna na Europa, principalmente na França, teve que abrir seus espaços à margem dos salões oficiais - pensemos na batalha do Impressionismo - no Brasil esta mesma arte ingressa pela via oficial e conduzida pela mão do poder. Esta inversão de situações faz pensar: revela, antes de mais nada, um esforço de modernização de um poder já assentado, mas que quer mais do que isto. Já não basta, para o *café*, a hegemonia num país subordinado, de extração colonial: trata-se agora de realizar uma emancipação ampla que deve necessariamente passar pelo vestibulo da emancipação expressional. Neste sentido, a arte moderna, pelo seu caráter renovador, teria algo a sugerir, pela sua vocação insurrecional, às mentalidades nacionais satisfeitas com *os mestres do passado*.

Um momento exemplarmente significativo do que foi dito está na montagem da peça de Affonso Arinos, **O Contratador dos Diamantes**. Há, na escolha desta peça e na forma intencionada de seu uso - que transita da arte para a função política - um indicativo de que o tradicionalismo que a tudo envolveu neste episódio expõe

traços ainda imaturos do Modernismo em gestação. Muito do que se fará na Semana de Arte Moderna será ensaiado nesta montagem.

O que se pode dizer é que a grande extroversão das idéias modernas no campo das artes, chamada de Semana de 22, acompanhada do empenho de valorização da cultura tradicional popular e da busca de matrizes arquetípicas da vida histórica e da sensibilidade nacional, este episódio, então, já havia sido precedido por experiências ainda incompletas porém de sentido mais ou menos similar. Refiro-me, é claro, tanto ao episódio da exposição da moderna arte francesa quanto a esta montagem de **O Contratador dos Diamantes** - e atentemos: nestes três episódios a atuação de Paulo Prado foi principal.

Como já dissemos, Affonso Arinos e Paulo Prado pertenceram à mesma geração, tendo sido contemporâneos no Largo de São Francisco, e mais tarde cunhados. Eram, portanto, também aparentados, e este parentesco estendeu-se até Graça Aranha, que casou-se em idade madura com uma outra irmã de Paulo Prado. Aceitando convite de Eduardo Prado, Affonso Arinos substituiu-o 1897 na direção do jornal monarquista **O Comércio de S. Paulo**; e substituiu Eduardo Prado uma segunda vez, em 1901, na cadeira número 40 da Academia Brasileira de Letras. Em tudo e por tudo Affonso Arinos foi ligado aos Prado. Falecendo precocemente em 1916, deixou obra que o celebra como uma espécie de precursor do regionalismo das décadas de trinta e quarenta, somando a este uma certa regência do catolicismo conservador e retórico então em voga.

Lúcia Miguel-Pereira admirava-se, *"diante da fama de Affonso Arinos, (de) verificar que a sua obra [regionalista] se reduz, afinal, a um romance de folhetim, quase desconhecido, Os Jagunços, e nove contos reunidos no volume póstumo*

Histórias e Paisagens.⁵⁵ Lembrando com seu equilíbrio característico, que volume de produção não é critério justo para a avaliação da qualidade de um escritor, Lúcia Miguel-Pereira considera entretanto que *"a exiguidade, neste caso especial, em que o autor se propunha revelar a um país intoxicado de literatura francesa a existência de uma parte da sua população, deve ser levada em conta."*⁵⁶

Na verdade, o prestígio de Affonso Arinos, mais do que por decorrência das suas qualidades literárias - que aparentemente não sobreviveram às circunstâncias - vem do uso que sua obra conheceu: ela avolumava a visão apologética da *civilização do café*. Arinos aparecerá como expoente de um movimento literário ainda sem corpo, mas do qual já se adivinha elementos que retornarão em Cassiano Ricardo (mais), e em Plínio Salgado (menos), elementos que são a valorização do Brasil no mesmo gesto em que se cria uma mitologia da identidade nacional. Também nele há a elaboração de tipos populares, marcados pela ação do meio, portadores e geradores de uma cultura folclórica particular - mas marcado este esforço por uma certa artificialidade que denuncia a fraca formalização, e que o tempo e os novos escritores (Graciliano, Guimarães Rosa, etc.) acabaram por conduzi-lo ao esquecimento em que jaz.

⁵⁵ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia - *Prosa de Ficção - De 1870 a 1920*, José Olympio, Rio, 1957, pg.187 s.

⁵⁶ *Idem*, *ibidem*, pg.188

A peça à qual nos referiremos é bastante expressiva do que está dito: há nela tanto o folclore quanto os antecedentes míticos do tipo paulista, alargador de fronteiras, insubmisso e criador da nacionalidade.

A montagem da peça, em 1919, foi revestida de um inusitado esforço de visibilidade das intenções da elite cafeicultora. Recusando a participação de atores profissionais, atuaram os próprios membros das grandes famílias *quatrocentonas*, cabendo o principal papel feminino a Eglantina Penteado Prado, irmã de Paulo Prado, estando no coro a própria viúva de Affonso Arinos, Antonieta Penteado da Silva Prado - e tantos outros nomes da elite paulista. Dois maestros permaneciam em cena, interpretando papéis de músicos: Francisco Mignone e Francisco Braga. René Thiollier, o já citado cronista da vida mundana paulista, desempenhava o papel do Ouvidor Bacellar. Fato inédito: no próprio palco do Teatro Municipal, para escândalo dos conservadores menos avisados, dançavam uma congada autêntica "*elementos de Atibaia, Bragança e Juqueri*", negros organizados pelo Coronel Sezefredo Fagundes.

Os objetos de cena, coerentes com o espírito do empreendimento, foram autênticas peças do período da mineração, móveis e pesadas pratarias, tudo num intenso desejo de mostrar a "autenticidade" de um passado histórico de grandeza dos clãs paulistanos.

Mas vamos ao enredo da peça.

AFFONSO ARINOS

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

O CONTRACTADOR

DOS

DIAMANTES

PEÇA EM 3 ACTOS E UM QUADRO

EPOCA 1751 — 1753

A acção passa-se no Tijuco, hoje Diamantina

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO	BELLO HORIZONTE
129, Rua Libero Badaró	Rua da Bahia, 1055

1917

O Contratador dos Diamantes é, de certa forma, um drama histórico, baseado em episódio tido como verídico da vida de Felisberto Caldeira Brandt, que no século XVIII fechou com o governo de Portugal um contrato para a exploração das minas de diamantes em Minas Gerais. O contrato foi celebrado no período de D.João V, mas a sucessão deste por D.José I, mais o ministério do Marquês de Pombal, foi desastroso para Caldeira Brandt. Por motivos que pouco importam para a peça - as acusações da época iam de intriga dos invejosos à corrupção pesada - o fato é que Felisberto Caldeira Brandt perdeu seus privilégios e regalias, além de sofrer confisco de todos os seus bens, e ter os seus próximos perseguidos. Preso, foi levado a Lisboa, onde terminou os seus dias em ignóbil pobreza.

A peça tem características próprias do teatro didático, e nela determinados conteúdos são emblematicamente sustentados por personagens elementares, sem dimensão psicológica ponderável - são tipos rasos, portadores de um enunciado particular ou de uma máxima circunstancial, e demonstram aqui e ali a sua virtude: mancebo cavalheiresco, mãe de família extremosa, biltre estrangeiro, mocinha virtuosa e casadoira, patriarca barbaças e indignado, sábio fútil e epigramático, etc.

A ação desenrola-se no Tijuco, hoje Diamantina, entre 1751 e 1753. Quando o pano sobe, vê-se a casa do Contratador Felisberto Caldeira Brandt, onde há um baile. Estão presentes toda a alta sociedade do Tijuco e o Intendente Lanções, além do Ouvidor Bacellar - autoridades essas chegadas de pouco de Portugal e hostis a Caldeira Brandt. Com este mora a sua sobrinha, Cotinha Caldeira, a quem um fidalgo lusitano, Luiz Camacho, faz com sucesso a corte - e desta forma aumenta a

má vontade do Ouvidor Bacellar para com a família Caldeira, já que também se tomara de amores pela donzela. Desfila neste momento Mestre Vicente, "*mestre de dança e política*", pedante, agitando um lenço de alcobaça, caricatura do intelectual bocô que foi desprezado pela Geração de 70 e ainda o seria pelos modernistas de '22. Após representar o "lado doutor" e sustentar a sua gratuidade, Mestre Vicente simplesmente desaparece da peça, já que em nada contribui para a trama. Esta breve aparição, porém, agrega ao espetáculo o sentimento de esgotamento de um acordo social, já que a situação até então vigente era capaz de se expressar através de personagens tão ridículas e constrangedoras. O tipo de intelectual que Mestre Vicente representa significa uma condenação aos seus caricaturados - e faz vigorar a necessidade de uma outra prática cultural.

Durante a festa, e a partir de uma série de elementos, o Contratador Felisberto se convence de que os seus dias de poder e de glória estão chegando ao fim. O pano cai quando o Contratador, já ciente de seu fim próximo, lança uma apóstrofe comovida, profetizando para um futuro breve o levante vitorioso da colônia contra os opressores: "*Ah! um dia os filhos da colônia hão de fazer dela uma nova e grande pátria!*".

Segundo ato. Aparece uma rua do Tijuco, tendo ao fundo a Igreja Matriz. É a Semana Santa, e o Contratador e sua família estão no templo. Fora, na rua, negros dançam um congado. Nesta montagem, em que tudo foi realizado com o máximo de verismo, o palco de Teatro Municipal de São Paulo mostrou pela primeira vez uma autêntica demonstração de dança folclórica brasileira. Este acontecimento, por si só, haveria de mexer com a imaginação de segmentos da intelectualidade, que então

acumulavam energias para um movimento lastreado no nacionalismo e voltado para estas fontes populares. Foi, indubitavelmente, uma marca - a junção apologética da expressão popular "pura" com a reconstituição mítica da emancipação mental do país na voga das dissensões com a Corôa portuguesa.

Mas a congada é interrompida por um escândalo: durante a missa, o Ouvidor Bacellar arremessou atrevidamente uma flor ao regaço de Cotinha Caldeira, provocando este gesto imediato protesto do Contratador que, encolerizado, vem à rua, e encontrando o povo já a par do que se passara, dirige-lhe um breve discurso: *"Na conjuntura de agora, dizei, bandeirantes e filhos de bandeirantes! dizei, paulistas, meus patricios e companheiros: como se lava a honra ultrajada ?"*. Com grandes movimentações de cena, o conflito iminente entre as partes é subitamente evitado pela procissão que atravessa o prosaetrio.

O terceiro ato inicia-se com os preparativos do Contratador, que vai ao encontro do General Gomes Freire, então a caminho do Tijuco. Conspira-se para prender Felisberto, que entretanto parte, deixando em sobressalto sua esposa, D.Branca de Lara. Na ausência do Contratador, apresenta-se em casa desta, seguido de dragões, o Ouvidor Bacellar, que entrega uma carta régia na qual se determinava a prisão de Felisberto e o confisco de todos os seus bens, incluindo a própria casa. Luiz Camacho está presente, e havendo um momento antes pedido a mão de Cotinha, no que obteve sucesso; protesta então contra tal arbitrariedade. O Ouvidor manda que o prendam. Mas ele ainda se manifesta: *"Ah! meu Rei e senhor! como vos enganam vossos cortesãos! Ah! terra querida de Portugal! és tu que mais sofres estes malefícios; mas os crimes de teus filhos serão mil vezes resgatados pela glória*

de outros filhos teus! (bradando) Eu bem vejo para onde marchamos: El-Rei perderá a sua colônia, mas a nossa raça e a nossa língua criaram no mundo outra gloriosa nação portuguesa! O velho Portugal reviverá no seu progênito, o Brasil!" D.Branca se retira, enquanto Camacho é conduzido pelos dragões. Ouve-se a voz do pregoeiro convocando o povo a saldar as suas contas com Felisberto Caldeira Brandt.

O quadro final representa a passagem do Contratador pelas margens escarpadas do Ribeirão do Inferno, indo algemado para a prisão em Portugal. Passando o olhar pela natureza magnífica, exclama: *"... Quantas vezes, lá no alto, ao dilatar a vista pela amplidão desta minha terra, eu não a supunha livre, pensando que nenhum povo, senão o que ela mesma criasse, seria bastante para senhorear a sua vastidão! Ah!... pátria... Dá que o meu olhar saudoso absorva a tua luz, o teu azul, ó céu da minha terra! céu que tanta vez me serviste de tenda de bandeirante..."* Diante da promessa do capitão dos dragões, de libertá-lo dos ferros tão logo saíssem do Tijuco, Felisberto diz a última fala da peça: *"Ah! Capitão! Eu bendigo estas cadeias! Elas simbolizam para mim a unidade perpétua e indissolúvel das capitanias! Elas hão de representar a solidariedade dos brasileiros na repulsa de todas as agressões e na defesa da liberdade com que sonhei!"*

Desce o pano.

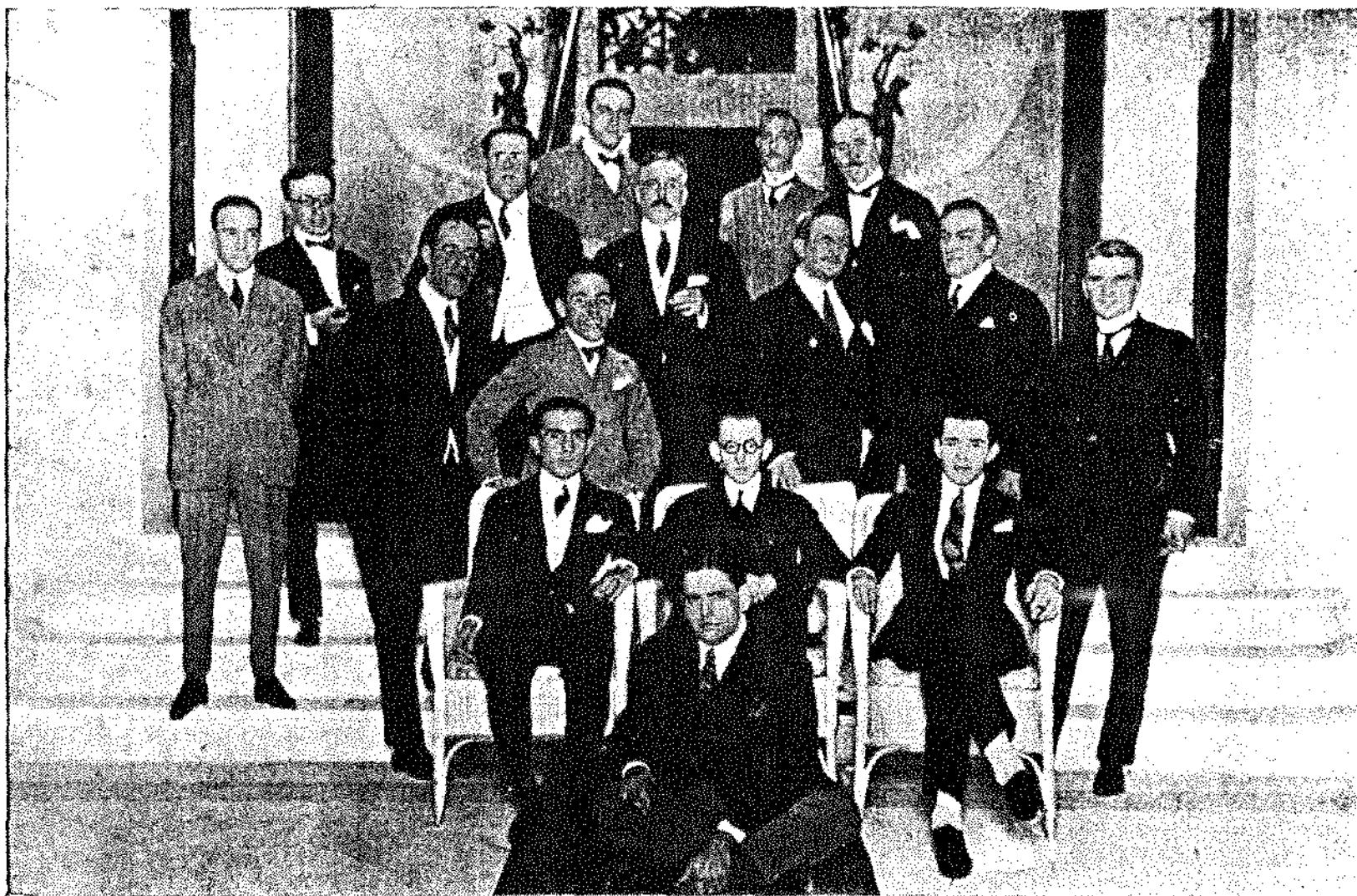
O que teria motivado as escolhidas famílias paulistas para que se empenhassem na montagem desta peça? Para além do fator primário, que seria o de homenagear o autor, poderemos encontrar o auto-elogio subjacente ao enredo. Se a oligarquia do café queria proclamar a sua primazia sobre todas as substâncias materiais e espirituais do país, encontrou neste drama todos os requisitos para o empreendimento. Mas a forma do espetáculo, a aguda exposição das próprias famílias, representando (certamente de forma canhestra) os seus antepassados clânicos, estes fatores nos enviam à constatação de que este segmento da elite lançava-se na verdade a um movimento de idéias, buscando pela indiscreta exposição o convencimento e o consenso para o seu próprio poder. Eram eles os fundadores da pátria, e os responsáveis pela existência da nação. Basta de indianismo romântico! Matemos Peri! O Brasil é obra dos bandeirantes. Proclame-se o novo mito.

Este novo movimento de idéias, evidenciado pela reconstituição presentista de um episódio da crise da dominação colonial, apresenta o fato de que o antigo manejo da cultura já não funcionava como ornamento ou sorriso da sociedade - se é que alguma vez o foram - mas como meio de efetivação de hegemonia, no sentido mais amplo. Há um certo arrojo, há a noção de um projeto nacional, há a prática ampla de uma burguesia que, embora não fosse clássica, já pugnava por sê-lo. O discurso final do Contratador/bandeirante, pela independência e pela insubmissão nacional, dirige-se para além de Portugal e ressoa sobre abstratos dominadores - a proclamação vale para qualquer um que se atrevesse a tanto.

O sentido mais geral da Carta de Fradique Mendes dirigida a Eduardo Prado pode ser reconhecido nesta peça. Há o "doutor" a derivar toda discussão para a irrelevância; há a matriz da nacionalidade na *bandeira* e no *paulista*; há a valorização do acervo da cultura popular; há o grito catártico pela emancipação nacional.

A experiência da montagem de **O Contratador dos Diamantes** obteve enorme impacto, como pode ser conferido pela imprensa do período. Paulo Prado, participante nos bastidores e no significado mais geral do evento, olhou e viu que o empenho tinha valido a pena.

A idéia geral do evento, ampliada, amadurecida e modernizada, retornaria em 1922.



Eco da Semana de Arte Moderna: almoço realizado no antigo Hotel Terminus, vendo-se da direita para a esquerda: Couto de Barros, Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Paulo Prado, René Thiollier, Graça Aranha, Manoel Villaboim, Goffredo Silva Telles, Notta Filho, Rubens Borba de Moraes, Luiz Aranha, Tácito de Almeida, Oswald de Andrade.

Paulo Prado e a Semana de Arte Moderna

"Pode-se agora considerar que para Paulo Prado a sua participação de liderança no movimento era uma consequência de sua profunda informação do que se processava no campo das idéias do século XX. Não era um snob o milionário que assim procedia, mas o mais consciente dos participantes da Semana."

(GERALDO FERRAZ, Paulo Prado e Duas Reedições⁵⁷)

Não vamos realizar, no âmbito desta tese, uma reconstituição ampla da Semana de 22; não obstante, buscaremos duas dimensões deste evento. Em primeiro lugar, investigaremos o papel de Paulo Prado nestes acontecimentos, mas pelo depoimento dos demais atores; e em segundo lugar, recuperaremos a concepção que o próprio Paulo Prado elaborou sobre o sentido da Semana de Arte Moderna.

⁵⁷ Ferraz, Geraldo - In *Província e Nação*, pg. IX.

O Depoimento de Mário de Andrade

Proferido no auditório da Biblioteca do Itamaraty em 30 de abril de 1942, por convite da Casa do Estudante do Brasil, **O Movimento Modernista** resultou no mais importante depoimento de um participante sobre a Semana de 22 - pelo seu múltiplo caráter, pelas angulações com que abordou o episódio, e pela profundidade que conferiu ao tema.⁵⁸

Mário de Andrade munuiu-se de uma coragem intelectual invulgar na vida brasileira para pôr-se, a si e ao acontecimento central de sua vida pública, como objeto de uma análise que, pela captação das vivas contradições do Modernismo, permanece como paradigmática. Sua conferência é o gabarito das análises sobre a Semana de Arte Moderna. A compreensão do evento expressa por esta conferência é superior à fornecida pelos depoimentos de todos os demais participantes do Movimento, e a demonstração deste fato interessa particularmente ao presente trabalho. Da Conferência, entretanto, só aproveitaremos as passagens que referem diretamente a Paulo Prado.

Indagando sobre a autoria da idéia da Semana, e transitando por várias hipóteses, Mário chega ao ponto: o que importava era poder realizar essa idéia,

⁵⁸ ANDRADE, Mário de - **O Movimento Modernista in Aspectos da Literatura Brasileira**, Liv.Martins Editora, 5a Ed., S.Paulo, 1974, pgs.231 ss. Há uma importante análise desta conferência feita por Alfredo Bosi, publicada pela revista **Colóquio** número 12, março de 1973, Lisboa.

"Além de audaciosa, dispendiosíssima. E o fator verdadeiro da Semana de Arte Moderna foi Paulo Prado. E só mesmo uma figura como ele e uma cidade grande mas provinciana como São Paulo, poderiam fazer o movimento modernista e objetivá-lo na Semana." A leitura atenta desta passagem mostra que Mário dá a Paulo Prado um papel completamente essencial para a Semana - tão importante quanto a cidade matriz do acontecimento. Do dito pode-se até extrair a conclusão de que Paulo Prado era a única pessoa - tomada individualmente - indispensável para a realização prática do evento.

Em parágrafo densamente elaborado, Mário de Andrade descarta a hipótese de que a Semana pudesse ter ocorrido no Rio de Janeiro - que chama de "Corte". Aliás, a parte inicial da Conferência é dedicada à argumentação do porquê da Semana ser obrigatoriamente paulista. Lá na "Corte", no Rio, já havia manifestações impressionistas e pós-simbolistas, e os nomes de Nestor Vitor e Adelino Magalhães eram "elos precursores". Acreditar neles, esperar deles, era um engano evolucionista. Havia no Rio Manuel Bandeira com o seu **Carnaval**; *"mas si soubéramos deste por um acaso de livraria e o admirávamos, nós, na província, ignorávamos até os nomes, porque os interesses imperialistas da Côte não eram nos mandar 'humilhados ou luminosos', mas a grande camelote acadêmica, sorriso da sociedade"*. Daí que o Rio não era o lugar para o Modernismo, já que este, *"no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional"*. Leia-se, aqui, revolta contra a Academia Brasileira de Letras - se ficarmos no campo das letras; se anexarmos as artes plásticas, vale então da mesma forma para a Academia Nacional de Belas Artes. Observe-se que Mário de Andrade vai configurando um antagonismo

entre tradições culturais que ele vincula às duas cidades em questão: a ruptura modernista foi essencialmente com a forma da hegemonia carioca. Rompendo com as Academias da "Corte" fluminense, as modas passam a vir "*diretamente importadas da Europa*"- isto é, sem a tradução e a intermediação tradicional carioca. Lutero rompe com Roma. Protestantismo.

Mas "*quanto a dizer que éramos, os de São Paulo, uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados, creio ser falta de sutileza crítica. É esquecer todo o movimento regionalista aberto justamente em São Paulo e imediatamente antes, pela Revista do Brasil;*⁵⁹ *é esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato*"⁶⁰. "*Desta ética estávamos impregnados*"- isto é, do nacionalismo e do tradicionalismo. Indica então Menotti del Picchia e seu **Juca Mulato** como exemplo: "*estudávamos a arte tradicional brasileira e sobre ela escrevíamos; e canta regionalmente a cidade materna o primeiro livro do movimento*", isto é, **Paulicéia Desvairada**.

Mário de Andrade segue tecendo o quadro das dicotomias entre o Rio e São Paulo para mostrar a lógica da ocorrência da Semana na segunda cidade - e, veremos, também para evidenciar a centralidade da figura de Paulo Prado. "*Socialmente falando*" - diz ele - "*o modernismo só podia mesmo ser*...

⁵⁹ Paulo Prado dirigia esta revista por ocasião da Semana.

⁶⁰ Sérgio Buarque de Hollanda, em depoimento a Homero Senna (**República das Letras - 20 Entrevistas com Escritores**. 2a. Edição revista e ampliada, Gráfica Olímpica Edit.Ltda, Rio, 1968), comenta que o tradicionalismo era sentimento fortíssimo no Modernismo, e a atuação de Paulo Prado era forte evidência da afirmação.

importado por São Paulo e arrebentar na província". Afinal, São Paulo era espiritualmente muito mais moderna, *"fruto necessário da economia do café e do industrialismo consequente"*, enquanto o Rio era muito mais internacional, como norma de vida exterior. Enquanto o Rio era porto de mar, São Paulo era *"caipira de serra-acima"* - argumento geográfico e cultural que guarda semelhança com a teoria da história que Paulo Prado apresentou em seus ensaios históricos.⁶¹ Então, *"São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e sua industrialização, em contacto mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo"*. Finalmente então, a argumentação, após defender a essencialidade paulista da Semana, chega ao seu segundo elemento irredutível: a figura de Paulo Prado. Afinal, diz Mário, *"o movimento modernista era nitidamente aristocrático. Pelo seu caráter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro ao extremo, pelo seu internacionalismo embrabecido, pela sua gratuidade anti-popular, pelo seu dogmatismo prepotente, era uma aristocracia do espírito. Bem natural, pois, que a alta e a pequena burguesia o temessem. Paulo Prado, ao mesmo tempo que um dos expoentes da aristocracia intelectual paulista, era uma das figuras principais da nossa aristocracia tradicional. Não da aristocracia improvisada do Império, mas da outra mais antiga, justificada no trabalho secular da terra e oriunda de qualquer*

⁶¹ No seu interessante ensaio sobre o Aleijadinho, do mesmo ano de publicação de *Macunaima* e do *Retrato do Brasil*, Mário de Andrade julga que *"O Rio de Janeiro é a maior homenagem que oferecemos ao tropical instinto burocrático da nacionalidade. Não correspondendo a nenhuma confluência econômica, a nenhuma necessidade industrial ou comercial do país, usando (e abusando um bocado também) da sua posição geográfica, o Rio de Janeiro cumpre estrategicamente a sua sinecura lustrosa de capital da Colônia e da Nação independente."* (*O Aleijadinho*, in *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*, Liv. Martins Editora, S. Paulo/ INL-MEC, Brasília, 2a ed., 1975, pg. 15 s.) Não passará despercebido ao leitor a ironia de Mário de Andrade - que se acentua quando colocada em seu tempo - ao lembrar a condição carioca de capital do Brasil Colônia.

saqueador europeu, que o critério monárquico do Deus Rei já amancebara com a genealogia. E foi por tudo isto que Paulo Prado pôde medir bem o que havia de aventureiro e de exercício do perigo no movimento, e arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional na aventura. Uma coisa dessas seria impossível no Rio, onde não existe aristocracia tradicional, mas apenas alta burguesia riquíssima. E esta não podia encampar um movimento que lhe destruía o espírito conservador e conformista. A burguesia nunca soube perder, e isso é que a perde. Si Paulo Prado, com a sua autoridade intelectual e tradicional, tomou a peito a realização da Semana, abriu a lista das contribuições e arrastou atrás de si os seus pares aristocratas e mais alguns que a sua figura dominava, a burguesia protestou e vaiou. Tanto a burguesia de classe como a do espírito".

Procedamos a uma reconstituição da trajetória dos argumentos de Mário de Andrade até aqui. Principia com a oposição entre Rio e São Paulo, justificando a incidência da segunda como sede da Semana. Enquanto o Rio era porto marítimo, capital do país e internacionalista, São Paulo tem uma história de isolamento geográfico e provincianismo; o Rio possuía uma burguesia endinheirada com um espírito coerente com esta condição - isto é, covarde; São Paulo possuía uma verdadeira aristocracia, que além do mais era casada com a modernidade industrial e com o comércio mundial. Mais técnica e mais atualidade. O Rio possuía uma instituição cultural - as academias - comprometida com a continuidade, enquanto o modernismo era justamente uma ruptura com este tipo de Inteligência. Principalmente, há uma substancial diferença entre classes sociais e a relação destas com o óbice da ruptura: a aristocracia - o modernismo era aristocrático - tem estatuto mental e lastro histórico para entrar numa aventura em que as reputações ficam

questionadas; já a burguesia guarda-se ciosa de sua aparência, e aposta no que já deu certo ["*Eu insulto o burguês!*"] A Semana não foi para ela, mas contra ela. Vê-se então, por todo este quadro, que o critério de classe é vital para a reflexão de Mário de Andrade: são as possibilidades culturais da aristocracia *versus* a burguesia que, no final das contas, decidiram a realização da Semana. Portanto, dizendo de novo - e agora em outro patamar - sem Paulo Prado não teria havido a Semana de Arte Moderna: ele foi o espírito aristocrático que deu substância e identidade de classe ao Modernismo. Foi o fautor verdadeiro. Fica, portanto, superada a qualificação redutora que o via apenas como um mecenas, um ricaço disponível que se divertia com a iconoclastia dos jovens artistas.

Mário de Andrade, neste depoimento, ainda historia a relação dos modernistas com a aristocracia do café: *"consagrado o movimento pela aristocracia paulista, si não sofreríamos algum tempo ataques por vezes cruéis, a nobreza regional nos dava mão forte e... nos dissolvia nos favores da vida. Está claro que não agia de caso pensado, e si nos dissolvia era pela própria natureza e o seu estágio de decadência. Numa fase em que ela não tinha mais nenhuma realidade vital, como certos reis de agora, a nobreza rural paulista só podia nos transmitir a sua gratuidade. Principiou-se o movimento dos salões."*

Embora seja bastante verdadeiro e um tanto pungente, este depoimento/confissão de Mário de Andrade, - sua dimensão católica não estaria atuando aqui? - principalmente no que se refere à gratuidade, a falta de razão de ser da aristocracia do café e seu poder dissolutor sobre os modernistas, ainda assim é possível pensar que Paulo Prado ficava à margem de tão cortante juízo. Lembrar que Mário dedicaria a Paulo Prado seu **Macunaíma** em 1928 não serve para desfazer a

crítica, mas pensar que Mário comporia com ele, mais Alcântara Machado, a direção de Revista Nova entre 1931 e 1932 - isto demonstraria inserção na vida política prática. Não era gratuidade de salão.

Mas voltemos à recordação de Mário de Andrade: *"Havia o salão da avenida Higienópolis, que era o mais selecionado. Tinha por pretexto o almoço dominical, maravilha de comida lusobrasileira. Ainda aí a conversa era estritamente intelectual, mas variava mais e se alargava."* E aqui vem um ponto importantíssimo: *"Paulo Prado, com o seu pessimismo profundo e o seu realismo, convertia sempre o assunto das livres elocubrações artísticas aos problemas da realidade brasileira."* Esta afirmação, por si só, já atribui ao historiador a qualidade de essencial liderança, pois reconhece em sua atuação a síntese pragmática entre a dimensão das artes e a vida social - que, afinal de contas, foi uma das marcas dominantes do Modernismo. Pois justamente nesta qualidade, apontada por Mário, é que reside o principal papel de Paulo Prado no movimento: sem ser artista ou poeta, sem ser o propositor central dos padrões renovadores de expressão - embora fosse conhecedor e opinasse a respeito - Paulo Prado foi justamente quem deu expressão social ao Modernismo, o que significa dizer que *deu o sentido de movimento às experiências até então isoladas dos modernistas*. Esta conclusão é de enorme importância: sem a resignificação da produção dos artística e literárias daquele grupo, dada pela tradução do sentido histórico (e portanto de missão), aquelas experiências não se transformariam em *movimento*, isto é, em identidade na diversidade, dada pela função social. Daí ser Paulo Prado o que Mário de Andrade disse: aquele que convertia sempre o assunto aos problemas da realidade brasileira; o fautor verdadeiro da Semana de Arte Moderna.

O Depoimento de Oswald de Andrade

Em dezembro de 1954, logo após a morte de Oswald de Andrade, a revista *Anhembi* iniciou a publicação, em capítulos, de seu livro inédito *Um Homem sem Profissão - Memórias e Confissões, volume dois*.⁶² A seleção efetuada pela revista foi intitulada '**O Modernismo**', e constitui também um documento notável para a compreensão deste movimento. A redação data do último período da vida do escritor - da mesma forma, então, que a conferência de Mário de Andrade - e tanto um quanto o outro, produto de reflexão amadurecida e crepuscular. A eles, então, o máximo de credibilidade.

Da mesma forma que Mário de Andrade, Oswald situa Paulo Prado em posição decisiva no interior do Modernismo: *"Nunca será demais exaltar uma figura central do movimento modernista. Foi Paulo Prado. A sua modéstia de fidalgo, a sua dupla personalidade de escritor e comerciante, o fato de ter aparecido tarde em nossas letras e mais possíveis complexos, fizeram com que Paulo Prado nunca desejasse o primeiro plano. Ele colocava em sua frente Graça Aranha, geralmente confuso e parlapição, filho duma abominável formação filosofante do século XIX, mas grande homem nacional, pertencente à nossa Academia de Letras, e autor de*

⁶² *Anhembi* n.49 - Ano V - Vol.XVII, pg.26 a 32.

um livro tabú "Canaan" que ninguém havia lido e todos admiravam.

Era evidente que para nós, sobretudo o apoio oficial de Graça Aranha representava um presente do céu. Com o seu endosso, seríamos tomados a sério. Do contrário, era difícil.

Sem a inteligência e a compreensão de Paulo Prado, nada teria sido possível. Ele foi o agente de ligação entre o grupo que se formava e o medalhão Graça Aranha.

Paulo Prado abriu-nos a sua casa em Higienópolis. Recebia magnificamente. Os seus almoços de domingo eram faustosos. Além de se comer e beber dentro de uma grande tradição civilizada, ali se debatiam os problemas candentes da transformação das letras e das artes.

Pode-se dizer que, depois da pobreza de minha 'garçonnière' na Praça da República, foi a casa de Paulo Prado o centro ativo onde se elaborou o Modernismo."

Apesar de se tratar, evidentemente, de um documento de menor poder elucidativo que o de Mário de Andrade, ainda assim guarda interesse. Em primeiro lugar, reconhece o papel de Paulo Prado, sem cuja inteligência e compreensão nada teria sido possível. Depois - e aqui há diferença com Mário - Oswald vê na presença de Graça Aranha uma grande importância para a Semana, mas não pelo peso intelectual deste, e sim pelo efeito de prestígio. Sabia Oswald, evidentemente, que a presença de Graça Aranha era produto do poder pessoal de Paulo Prado, a quem Aranha era ligado por laços de um semi-parentesco, (mantinha um casamento extra-

oficial, porém público, com a irmã deste), além de interesses econômicos.⁶³ O que importa aqui é o fato de Paulo Prado usar os recursos à sua disposição - tanto recursos materiais quanto os de prestígio - para colocá-los à disposição do interesse da Semana e do movimento modernista. Neste sentido, o depoimento de Oswald de Andrade caminha junto ao de Mário no item que aponta para a disposição empreendedora de Paulo Prado.

Mas a parte deste depoimento que possui maior interesse é aquela que expõe com teor antropológico os almoços dominicais do *grand seigneur*. Há a marca de uma aristocracia em plena desenvoltura de suas atitudes. O índice do bom gosto está na tradição que se coloca à mesa - numa culinária que já é da terra, tão antiga quanto a família de quem recebe. Era este, evidentemente, um momento e um cenário escolhido por Paulo Prado para exercer a sua função - elo de ligação entre gerações, propositor dos temas da discussão, árbitro dos "*debates candentes da transformação das letras e das artes*". Era assim que juntando os dois depoimentos vistos - Paulo Prado convertia as elocubrações artísticas aos temas da realidade brasileira.

⁶³ A participação de Graça Aranha nos empreendimentos exportadores de café dos Prado era notória na época. Lima Barreto, no artigo *Sobre a Carestia* [O Debate, Rio, 15.9.1917] atacou a família Prado e o "*seu caixeiro-viajante Graça Aranha*", acusando-os de exploradores da guerra.

O Depoimento de René Thiollier

René Thiollier foi grande amigo de Paulo Prado, um homem da sociedade elegante e uma espécie de cronista da vida mundana com particular intersecção com os eventos culturais do período.

Diz ele: *"Fui, por sugestão de Paulo Prado e Graça Aranha, mais que um animador da 'Semana', fui seu empresário. Basta dizer que o Teatro Municipal me foi cedido, a mim, por alvará de 6 de fevereiro de 1922, pelo então Prefeito da nossa Capital, o saudoso Dr. Firmiano Pinto, que muito me distinguia com a sua amizade; consegui ainda de outro amigo meu o sr. Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, Presidente do estado, que o seu governo custeasse uma parte das despesas com a hospedagem dos artistas e escritores que vinham do Rio. Além disso, organizei um comitê patrocinador da 'Semana', composto dos srs. Paulo Prado, Antonio Prado Júnior, Armando Penteado, Edgard Conceição, José Carlos de Macedo Soares, Oscar Rodrigues Alves, Alberto Penteado, Alfredo Pujol e eu."*⁶⁴

⁶⁴ Thiollier, René - A Semana de Arte Moderna (Depoimento Inédito). Editora Cupolo, S. Paulo, s/d.

Diga-se de passagem, este mesmo grupo de patrocinadores atuou nos bastidores da montagem de **O Contratador dos Diamantes** e ainda em outros eventos, como o das proezas aéreas de Edu Chaves (para lembrar que o avião - símbolo moderno - foi invenção de um membro da cultura do café).

O que se pode extrair deste depoimento, para além das informações pontuais, é o clima de favor que cercou a Semana, a íntima relação com a oligarquia à qual Mário de Andrade se referiu - *o intimismo à sombra do poder*, para usar uma expressão de Thomas Mann. O rico patrocínio oficial e oligárquico foi, evidentemente, atraído pelo prestígio de Paulo Prado, mas foi mais do que isso: correspondeu a um cálculo, já que o que este buscava era a **identidade** entre a elite tradicional paulista e a expressão de uma particular modernidade nas artes.⁶⁵

⁶⁵ Anita Malfatti diz coisa muito semelhante em seu depoimento sobre a época, depositado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP: "*Muito falou-se e escreveu-se sobre a decantada Semana de Arte Moderna. Foi com a chegada ao Rio de Janeiro do escritor Graça Aranha, que René Thiollier com Paulo Prado conseguiram alugar o Teatro Municipal por uma semana inteira para os artistas. Foram eles, influenciados por alguns artistas cariocas e por Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e outros íntimos de Paulo Prado, que foram os promotores desta Semana, que tanta influência teve sobre o desenvolvimento da Arte Moderna no Brasil.*"

COM A SEMANA, A OBRA

COM A SEMANA, A OBRA

Com a concisão e economia que lhe ficaram típicas, Paulo Prado analisou em poucos textos a Semana de 22. O principal deles é artigo **Brecheret**, enviado de Paris e publicado dois anos após o evento¹ na **Revista do Brasil**, dirigida por ele no importante período que vai de fevereiro de 1923 a maio de 1924. Adivinhava então que em pouco tempo "o que se chamou em fevereiro de 1922, em S. Paulo, a *Semana de Arte Moderna*, marcará uma data memorável no desenvolvimento literário e artístico do Brasil".

Havia sido um ensaio ingênuo e ousado de reação contra "*o Mau Gosto, a Chapa, o Já Visto, a Velharia, a Caduquice, o Mercantilismo*", que obteve um resultado imprevisto e retumbante, qual seja o de assanhar o "*ódio dos filisteus*", introduzir "*a dúvida nos espíritos de boa fé*" e fazer rir "*às gargalhadas um público triste e conselheiral*". Apesar das falhas inevitáveis de um evento desta natureza levado a efeito "*num meio acanhado e em cidade provinciana*", apesar do contingente "*que o Rio nos enviou*" (referindo-se evidentemente a Graça Aranha, Ronald de Carvalho e à adesão, *in absentia*, de Manuel Bandeira).

¹ Publicado inicialmente no **O Estado de S. Paulo** em dezembro de 1923, e depois republicado na **Revista do Brasil** (n.98, fevereiro de 1924, pg.179-182).

Com o vento revigorante da Semana, *"pela primeira vez S. Paulo se interessou, com paixão, por um problema de arte; pela primeira vez em meio do nosso industrialismo, saíram as conversas do ramerrão das preocupações materiais e da maledicência para o terreno das ideias gerais."* A própria reação indignada dos adversários, duradoura, *"foi um fenômeno animador, sendo uma das provas da existência de forças latentes de reação no nosso organismo social"*. A Semana nasceu para exercer esta função social: a educação das consciências, que ficariam elevadas, e a ativação das forças da sociedade.

Mas Paulo Prado admira-se da manifesta reação contrária, que sugere uma juventude inteligente apegada *"como um velho a um passado defunto"*. A razão de tal fenômeno *"talvez seja de ordem mais geral e indique uma falha ou um vício na própria vida intelectual do país"*. A explicação que Paulo Prado oferece, e cujo terreno veio preparando até aqui, torna explícita pela primeira vez a sua adesão ao pensamento da Geração de 70 - ao mesmo tempo em que expõe a tese sobre a história do Brasil que já vinha desenvolvendo e que se completará no **Retrato do Brasil**. O ponto de partida destas idéias é a concepção de que o Brasil *"sempre nos aparece em atraso de cinquenta a trinta anos, em todas as questões referentes à Arte e à Literatura. Quando as novas fórmulas, já gastas e esgotadas, desaparecem, ou se refugiam nos museus e bibliotecas da velha Europa, surgem elas envelhecidas e fora da moda nos nossos centros intelectuais."*

Paulo Prado diz pelo menos duas coisas aqui: a primeira, que o Brasil copia as idéias européias; e a segunda, que isto se dá quando estas idéias já estão ultrapassadas. A referência à carta de Fradique Mendes é evidente.

Mas é preciso avaliar estas afirmações com maior detimento.

A suposição de Paulo Prado é a de que o Brasil segue a mesma trajetória de desenvolvimento intelectual percorrida pela Europa, mas sempre com uma defasagem que nos põe a praticar idéias que já perderam sua vitalidade, já não tratam da realidade, e que além do mais nos induzem à fuga desta mesma realidade: estas são as características daquilo que ele chama de romantismo.

O que Paulo Prado parece desejar para o Brasil não é apenas "*acertar o relógio império com a Europa*", ou ainda a "*atualização da inteligência brasileira*", como dizia Mário de Andrade, mas o abandono do próprio ato da cópia - ainda que o seja de uma matriz contemporânea. Seu projeto, de uma ambição mais clássica, impunha que o Brasil encontrasse dentro de si seu próprio ritmo, seu padrão estético e os seus motivos culturais. Emancipação mental. Abandono do sentimento de inferioridade nacional.

E isto conduz a um outro lado da reflexão: se não há inferioridade, mas também não há superioridade, trata-se então de um desejo de igualdade. O modernismo, pois, como Paulo Prado o concebia, inseria o Brasil no concerto das nações civilizadas e autônomas, maduro e original.²

² Idêntica atitude defendia Mário de Andrade, quando afirmava em 1925 que "*Todo o segredo da nossa revolta estava em dar uma realidade eficiente e um valor humano para nossa construção. Isso estamos descobrindo. Ora o maior problema atual do Brasil consiste no acomodamento da nossa sensibilidade nacional com a realidade brasileira, realidade que não é só feita do ambiente físico e dos enxertos de civilização que grelam nele, porém comportando também a nossa função histórica para conosco e social para com a humanidade. Nós só seremos de deveras uma Raça o dia em que nos tradicionalizarmos*

Mas qual era o quadro das artes e da literatura nacional, que a Semana veio tornar terra arrasada?

Habituada à importação de idéias, a intelectualidade brasileira só incorporou o que havia de pior, e assim, teria deixado de lado coisas fundamentais. O *"romantismo descabelado"* de Castro Alves e de seus coetâneos desconheceu o *"frisson nouveau"* da poesia baudelaيرية; o *"simbolismo de Verlaine e Mallarmé, o neo-romantismo de Rimbaud (de onde sai todo o movimento poético moderno) quase nenhum vestígio deixaram na literatura pátria"*. Em outras palavras, a chamada terceira geração romântica, ao ignorar o que havia de verdadeiramente importante na literatura de seu tempo, deixou passar a oportunidade de ser moderna. E, fazendo as contas, eis aí - de 1870 a 1920 - os trinta ou cinquenta anos de atraso aos quais Paulo Prado se referiu.

Para ele, somente o Modernismo de 22 é moderno. Os poetas que foram os imediatos antecessores da Semana *"cristalizaram-se numa curiosa mistura de romantismo e parnasianismo"*, que, apesar de ter produzido autores de primeira ordem - tais como Raymundo Correia, Alberto de Oliveira e Bilac - já destoava na *"evolução moderna, como destoava no período romântico uma tragédia clássica ou uma ode anacreôntica"*.

integralmente e só seremos uma Nação quando enriquecermos a humanidade com um contingente original e nacional de cultura. O Modernismo brasileiro está ajudando a conquista desse dia." Conf. ANDRADE, Mário de - 1925 - **ASSIM FALOU O PAPA DO FUTURISMO**, in **ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS**, Org. Telê Porto Ancona Lopez, T.A. Queiroz, Editor, S. Paulo, 1983, pg. 18.

A observação atenta desta passagem mostra que Paulo Prado nega a condição *moderna* ao simbolismo e ao parnasianismo nacionais; e soma a este gesto de negação a recusa em empregar o conceito de *vanguarda* para os congregados do Modernismo de 22. Esta prática constitui uma necessidade lógica para sua linha de argumentação, que opera uma conceituação de **ruptura** bastante particular: a *"Semana de Arte veio revelar ao deserto do nosso mundo lunar que uma nova modalidade de pensamento surgira como uma grande Renascença moderna."* Não deve passar despercebido a nenhum leitor que neste "mundo lunar" encontram-se todos os escritores, artistas e intelectuais brasileiros do período aludido. O desmedido da afirmação revela, antes de mais nada, um profundo subjetivismo deformador que, apesar de loucura, tem método.

O conceito de **Renascença** será empregado por Paulo Prado com sentido que excede a função retórica. Foi este movimento e esta época a ruptura radical com uma forma de vida e com uma mentalidade historicamente datadas, ruptura esta gerada pela emergência de uma nova forma de vida social e de uma nova mentalidade. Tomar como paradigma esta grande fratura histórica é interesse e referência contruídos intencionalmente por Paulo Prado: seu ponto de chegada é a afirmação de que a Semana cumpre este mesmo papel para a vida brasileira.

Para construir esta similitude - digamos, temerária - foi preciso aprofundar a negatividade do juízo sobre as manifestações artísticas e literárias que antecederam a Semana, há que se hipostasiar o caráter renovador da Semana - há que se celebrar o **antes** e o **depois**, como de fato aconteceu com a Renascença, por obra daqueles que

construíram o pior juízo possível com relação à Idade Média.³ Portanto, o passado imediato da vida cultural brasileira é péssimo - e isto é mais uma afirmação de princípio do que uma constatação criteriosamente obtida.

Em se referindo ao século XIX, diz Paulo Prado, *"é inútil falar na pintura, na escultura e na música."* O atraso que aí ele constata *"foi - e é - secular e a nossa indigência insondável."* Aqui a iconoclastia de Paulo Prado não se detém: ficamos *"nas óperas de Carlos Gomes, de um italianismo de realejo, que totalmente ignorou a inspiração social e folclórica da nossa etnografia"*. Tal crítica é em tudo deslocada: impõe o cumprimento de um projeto nacionalista para as artes que, da forma como é situada, não era do tempo nem do modo do compositor em juízo. A impiedade atinge as artes plásticas do período acadêmico: péssimas seriam também as estátuas de Bernardelli, *"que faz parte, há mais de trinta anos, de uma oligarquia artística, tão deprimente e vergonhosa, numa terra livre como a dos tiradentes da política."*

Igualmente caduca seria a pintura de Victor Meirelles e Pedro Américo, *"dois grandes artistas explorando um gênero bem chamado histórico - basta uma visita ao*

³ A idéia de aprofundar o sentido de ruptura da Semana era difundida e bastante consciente entre os vários integrantes do Movimento. Oswald de Andrade, em 1946, dizia: *"Quereis saber com certeza como é que se produziu a Semana de Arte de 1922? Vou dizer ... Em fevereiro de 1922, Paulo Prado e Graça Aranha enquadram o nosso grupo e o do Rio de Janeiro. E manifestamos no Teatro Municipal, ao lado de músicos e artistas. Somos vaiados num dilúvio. Resistimos. O "terror" modernista começava. É preciso chamar Antonio Ferro de gênio e Carlos Gomes de burro. Chamamos."* *Informe sobre o Modernismo*, originais do CEDAE, IEL, UNICAMP.

"Salon" anual do Rio para se ter uma idéia da nossa pobreza artistica".

É desta forma que a Semana de Arte assemelhar-se-ia a uma nova Renascença: por ela ter inaugurado entre nós *"o sentimento de inquietação e independência que é característico da nova feição do espírito humano."* Sem se referir às vanguardas, mas adotado o tom e o sentido delas, confirma que o mundo já está cansado das fórmulas do passado: *"em toda a parte, em todos os terrenos - na estética da rua, no anúncio, nos reclames, nos jornais ilustrados, nas gravuras, na mobília, na moda - com uma alegria iconoclasta e juvenil se quebram os antigos moldes e desaparecem as velhas regras pesadas como grilhões."* O tom é elevado e o artigo torna-se manifesto: *"Política, Arte, Literatura, Ciência, Filosofia - todo o esforço humano - sofre dessa radical transformação do ideal, em que se exerce, de maneira tão luminosa, a sensibilidade livre e individual dos homens de hoje."*

A Semana de Arte, então, convidava as consciências para os ideais transformados. *"Nunca, desde a Idade Média"* - aqui mais um reforço para a idéia de Renascença - *"se viu tão esplêndida manifestação coletiva"*. As civilizações clássicas estão abaladas em seu arcabouço pelo *"vento másculo de revolta e renovação"*; e enquanto isso, *"como sombras estranhas em meio do esplendor da nossa terra, ainda vivem e dominam os personagens anacrônicos que são o poeta parnasiano, o escritor naturalista, o pintor anedótico, o músico de ópera, e o político - feição "liberal do Porto" - acreditando nas leis da velha Economia Política."*

Tudo isto foi a Semana de Arte, portanto: *"o primeiro protesto coletivo que se ergueu no Brasil contra esses fantoches do passado"*; sua obra é a do *"saneamento intelectual de que tanto precisamos"*.

Mas para Paulo Prado, a necessidade do "*saneamento intelectual*" não se restringe à vida mental fechada em si mesma, auto-referente e de desenvolvimento imanente: cumpre na verdade uma função para a totalidade da vida social. Comentando, em abril de 1923⁴ afirmação de Sarah Bernhardt de que S. Paulo seria a capital artística do Brasil - frase que ele cobre de sarcasmo -, Paulo Prado faz o seu diagnóstico da situação paulista: bovarismo. "*Bovarismo é o dom que possui o homem de se imaginar diferente do que realmente é.*" Daí, as coletividades, como os indivíduos, sofrerem dessa deformação da personalidade. "*O Brasil inteiro tem sido vítima desse mal estranho*", e é em decorrência dessa patologia que praticamos a imitação infantil do sistema político inglês e ao arremedo do constitucionalismo americano. Patologia mental e incapacidade de leitura dos dados da realidade particular nacional. No caso de S. Paulo - que crescerá como assunto para Paulo Prado, até evidenciar-se como seu tema central - que considera como sociedade em formação, o bovarismo é dos sentimentos predominantes do caráter desta província. Dele, vêm os excessos do orgulho e da vaidade, tão ofensivos para os brasileiros das demais regiões. "*Dessa enganosa ilusão originou-se a veleidade de S. Paulo-Nação*", diz ele; veremos entretanto que em 1932 Paulo Prado adotará este mesmo ponto de vista - apoiando então o separatismo paulista. Mas neste momento está interessado em apontar para a idéia de que "*de todas as nossa pretensões megalomaniacas, nenhuma sobrepuja convicção de que somos - a capital artística do país.*"

⁴ *O Momento*, Revista do Brasil n.º 88, abril de 1923, pg. 289-292.

Após negar veementemente esta condição, expõe uma opinião importante: a de que *"há uma falha lamentável no nosso progresso."*⁵ Pois então *"cuidamos de tudo, mas esquecemo-nos do harmônico desenvolvimento das nossas forças civilizadoras. Enriquecemo-nos; levantamos uma bela cidade moderna nestes campos onde vegetava a pequena S. Paulo acadêmica e romântica; erguemos nas nossas várzeas ... as gigantescas chaminés das fábricas; conquistamos a terra ignota dos sertões paulistas, e - sobretudo - estendemos pelos largos horizontes do interior o vastíssimo manto verde-escuro dos cafezais..."*

Mas neste corpo em plena crise de crescimento, não vimos a falha patológica, que é a nossa profunda anemia intelectual e artística. Para caso tão grave de desnutrição idealista, as ilusões do bovarismo são apenas o ópio e a morfina que não curam, e só servem para a retórica dos especuladores políticos."

Entre outras tantas coisas, Paulo Prado está dizendo o mesmo que seu tio Eduardo n'*A Ilusão Americana*, onde defendia o princípio de que as instituições necessitam de uma base cultural; como a referência é S. Paulo, e não o Brasil, ficam o estado e a cidade como instituições sólidas, embora ainda em crise de crescimento, e carecendo da base cultural e artística que as curem do bovarismo, do romantismo e de todas as patologias causadoras do provincianismo, do atraso mental e da incapacidade de ver e tratar a realidade.

⁵ Observe-se que o "nosso" geralmente é referido à condição paulista, e não à brasileira; este dado é decisivo para o rastreamento do pensamento deste autor.

Considerando então o que dirá no artigo **Erecheret**, publicado ao fim deste ano de 1923, compreendemos que a Semana de Arte Moderna cumpriu justamente esta função: além de uma ruptura com os males espirituais do passado, a Semana veio a ser a base cultural de uma nova fase da vida brasileira - autônoma, moderna, particular, contemporânea, e afeita ao veio tradicional de desenvolvimento deste complexo histórico: o bandeirante, o café, o paulista.

Correndo o risco da redundância, é preciso reiterar o fato de que Paulo Prado deseja, ativamente, a constituição de um corpo completo de instituições - políticas, econômicas e culturais - para a fundação de uma Nação clássica, que nada ficasse devendo às mais tradicionais, e não se subordinasse a qualquer uma delas. Possível ou não, contraditório ou coerente, este foi o seu empenho, e a complexidade desta questão histórica é a medida de seu papel.

O Prefácio à Poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade (1924)

O estudioso do pensamento de Paulo Prado tem que se contentar com uma quantidade muito pequena de textos. No que tange ao tema da condição artística e literária do país, é preciso se haver com apenas dois prefácios e dois ou três artigos, além das passagens em seus dois livros em que a questão é estrutural⁶. É natural que esta exiguidade de materiais se dê, considerando que a fase realmente madura e significativa de sua produção apenas residualmente deu-se fora dos breves anos que vão de 1922 a 1928.

Além disso, é preciso centrar a atenção em dois pontos de sua obra:

⁶ Indico como os seus textos mais elucidativos para a questão literária e artística, voltadas para o Modernismo, as apresentações sempre intituladas *O Momento da Revista do Brasil* (abril de 1923 e abril de 1924), o artigo *Brecheret*, também publicado na *Revista do Brasil* (publicado em fevereiro de 1924, mas datado de dezembro de 1923), o *Prefácio à Poesia Pau-brasil* (maio de 1924) e o artigo *Toda a América*, publicado no periódico *Terra Roxa e Outras Terras* (fevereiro de 1926). Evidentemente, o capítulo *Romantismo, do Retrato do Brasil*, possui enorme interesse para a matéria.

primeiro, cada texto de Paulo Prado, tomado isoladamente, tem a mesma natureza, a mesma substância e a mesma intencionalidade de todos os demais textos - o que equivale a dizer que a sua efêmera carreira intelectual existiu em função de uma tese básica, que quis fazer triunfar;

segundo, as suas idéias sobre arte e literatura dependiam de suas teses históricas, desenvolvidas concomitantemente mas com precedência lógica - embora com publicação um tanto retardada.

Este fato dificulta o trabalho de reconstrução da evolução temática da obra de Paulo Prado, que surge "pronta" em 1922, destruindo a ordem cronológica de seu trabalho: a sequência evolutiva ficou embutida na longa maturação que veio da convivência com a Geração de 70 e com os interlocutores nacionais de Eduardo Prado. Assim, esta longa maturação revela-se também na concisão e parcimônica no número de textos - e a história do desenvolvimento pessoal destas idéias torna-se estilo.

Para Paulo Prado, a poesia "pau-brasil" (em minúsculas) é o ovo de Colombo: esta opinião inicial do texto está dizendo que aquela poesia ousada de Oswald era de uma simplicidade, de uma obviedade que só seria desvendada quando fosse posta em ato. Tal como sucedeu com a lenda do ovo de Colombo.

Mas onde estava a obviedade oculta? O que tornou possível o desvendamento? *"Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy - umbigo do mundo"*⁷ - *descobriu, deslumbrado, a sua própria*

⁷ Alexandre Eulálio (Op.cit., pg.62), comentando esta passagem, lembrava que na Antiguidade, Delfos, onde ficava a sede do oráculo de Apolo, guardava a pedra sagrada, chamada *omphalos*, "umbigo do mundo", centro das peregrinações do mundo grego. A Pítia

terra. A volta à pátria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas,[grifo meu] a revelação surpreendente de que o Brasil existia. Esse fato, de que alguns já desconfiavam, abriu seus olhos à visão radiosa de um mundo novo, inexplorado e misterioso. Estava criada a poesia "pau-brasil".

Esta citação nos possibilita uma série de observações. Em primeiro lugar, este tema do deslumbramento com Paris e a descoberta da sua própria terra é bastante recorrente - e disto já sabemos: começa com o artigo de Eduardo Prado sobre Eça de Queirós⁸ e a sua geração, *"que na sua mocidade, enchia-se de emoção com a mudança de um ministério sob o regime do Segundo Império e que, às vezes não sabia o nome dos homens que em Lisboa estavam governando Portugal."* Eduardo Prado julgava que este alheamento era devido a um entorpecimento *"aparente e invencível da fibra patriótica, por um fenômeno talvez único: o de um povo que se desnacionalizava"*.

Em um texto de janeiro de 1922 - a data de publicação é das vésperas da Semana - Paulo Prado já adianta esta idéia sobre a descoberta do Brasil em Paris. Em prefácio a uma biografia de Joaquim Nabuco⁹ lembrava *"essa coisa que era, há*

em transe predizia o futuro inebriada pelas emanções do deus que vinham do centro da terra. *"É nesse contexto alusivo, com um tom discretamente sardônico, que paulo Prado evoca Place Clichy - santuário do mundo latino-americano, ao mesmo tempo ágora e forum desse turismo 1920"*.

⁸ PRADO, Eduardo - Eça de Queirós - O Passado - O Presente in Eça de Queirós Visto Por Seus Contemporâneos.

⁹ PRADO, Paulo - Prefácio a Joaquim Nabuco - Esboço Biográfico de Henrique Coelho. Monteiro Lobato Edit., S. Paulo, 1922.

uns trinta anos, rara na vida de um brasileiro - uma viagem à Europa, e que marcava uma data no seu espírito, se era inteligente ... - essa viagem à Europa foi para muitos o início de uma grande descoberta e o começo de uma grande paixão, a descoberta de seu próprio país e a paixão pelas coisas brasileiras."

Portanto, o acontecido com Oswald de Andrade, tal como foi contado por Paulo Prado, e cujo tema já vimos em páginas anteriores, coloca o poeta numa espécie de sucessão e de linhagem já tradicional - e nas quais se pode reconhecer as marcas da frente de Fradique Mendes e de Jacinto de Thormes de **A Cidade e as Serras**, além dos ilustres exilados como José Bonifácio. O aparente tom de ironia, assim, em parte se desfaz, já que o sucedido com Oswald o assemelha, uma geração depois, ao grupo que estudamos na primeira parte deste trabalho. Aliás, comparar qualquer um com os membros do cenáculo onde principiou a vida intelectual de Paulo Prado é gesto que, para ele, significa o máximo de exaltação. Neste caso, porém, não se trata uma exaltação absoluta, já que permanece, de fato, o "*tom discretamente sardônico*" ao qual Alexandre Eulálio se referiu. Este tema retornará, ainda outra vez, na obra de Paulo Prado em 1925, no **Prefácio** da 1ª. edição de **Paulística** - o que demonstra o quanto o seduzia.

A segunda observação que faremos é acerca da noção de a poesia "pau-brasil" expressar um sentimento de *descoberta do Brasil*, de ter um certo sabor, experimentado pelo poeta, de encantamento das descobertas manuelinas. Este movimento de Paulo Prado é muito importante e significativo, e é preciso que se observe a sua coerência interna. O elemento fundamental desta poesia é o *tempo*

ideal da locução: é o próprio momento da descoberta do Brasil. O poeta pau-brasil colocou-se líricamente no tempo e nas praias do Descobrimento, a apropriando-se da matéria prima literária que desta circunstância nasceu - a Carta de Caminha e as crônicas do 1o. século - e *contando com a cumplicidade do leitor moderno*, refez o encantamento, o sentimento do maravilhoso que é a identidade da circunstância. Revivemos, se nos sensibilizamos com os poemas, com a posse de Brazil a Feliz, a terra intocada, incorrupta, e centro de toda atenção e pensamento. É um momento mágico e único, e seus documentos contém uma poesia, a poesia da descoberta, que Oswald de Andrade deste modo descobre e resgata. Esta é a poesia pau-brasil: o lirismo de um retorno ao início da vida nacional, em termos de tempo e de espaço, passando por sobre quatro séculos de desconcertos mentais, expressão de um desacerto muito mais geral. A descoberta do Brasil é gesto que será celebrado por Oswald de Andrade - e por Paulo Prado, no **Prefácio** - e esta celebração será na forma da paródia; a consciência nacional volta sobre seus próprios passos, rejeitando o romantismo e outras patologias, para encontrar, neste momento do passado em particular, a sua própria modernidade. Há neste reengate uma poesia autêntica, em que os documentos da descoberta são a própria essência deste gesto literário. Além do mais, os autores destes documentos são os portugueses heróicos da épica camoniana, homens da Renascença, abertos às sensualidades, vivendo o auge da raça peninsular - conforme Oliveira Martins - e ainda não marcados pela decadência que principiará em 1580. É o português que se mesclará com o início em Piratininga, gerando o mameluco bandeirante. Portanto, retomar o tom da Descoberta é reengatar com as próprias origens raciais, ainda não contaminadas pela decadência dos povos peninsulares, de que falava Antero de Quental em 1871. A própria forma da *poesia*

pau-brasil, em que Oswald parodia o antepassado correto, obedece à necessidade lógica de adequação da forma ao conteúdo. E, além do mais, voltar a 1500, como esta forma de poesia moderna permite (obriga a ?) pensar o Modernismo como uma nova Renascença, conforme Paulo Prado convidava a fazer no artigo sobre Brecheret. A própria naturalidade deste reengate - um ovo de Colombo - seria a demonstração da similitude destes dois movimentos das artes.

Reeditando as idéias da Carta de Fradique Mendes de 1888, Paulo Prado lembra que *"já tardava essa tentativa de renovar os modos de expressão e fontes inspiradoras do sentimento poético brasileiro, há mais de um século soterrado sob o peso livresco de idéias de importação"*. Em síntese, demorava o país a se livrar do Romantismo, esta manifestação duradoura de alheamento da realidade, e como expressão natural e particular deste vício, a imitação do estrangeiro. Como o Brasil - a realidade - era removido das instâncias do pensamento, a poesia pau-brasil inverte e supera esta situação *"redescobrimo o Brasil"*.

Para Paulo Prado há uma diferença na efetivação da poesia e da prosa no Brasil: enquanto esta evolui acompanhando de longe os grandes movimentos da arte e do pensamento europeus, a poesia teria se imobilizado *"no tomismo dos modelos clássicos e românticos"*. No plano político, o chamado *"grito do Ipirango inaugurou a deformação da realidade de que ainda não nos libertamos e que nos faz viver num sonho de que só nos acordará alguma catástrofe benfeitora. Em literatura, nenhuma outra influência poderia ser mais deletéria contra o espírito nacional."*

É preciso observar que o Romantismo, que desperta o máximo de oposição de Paulo Prado, recebe sempre e a cada momento uma definição bastante limitada, e é assim reduzido a um aspecto que pode ser aplicado apenas restritivamente ao

movimento como um todo. Ao mesmo tempo, contraditoriamente, professa uma concepção da poesia que poderia ser considerada romântica, quando, ao elogiar Casimiro de Abreu e Catulo da Paixão Cearense, capazes de participar *"o lirismo puro, simples e ingênuo"*, acredita serem estes *"os dois únicos intérpretes do ritmo profundo e íntimo da raça."* Daí serem os outros poetas *"lusitanos, franceses, espanhóis, ingleses e alemães, versificando numa língua estranha que é o português de Portugal, esbanjando talento e mesmo gênio num desperdício lamentável e nacional"*. O critério está subjacente: o poeta que se apegava ao real - que não deforma a realidade e que não é romântico - é o intérprete do ritmo profundo da raça, falando numa língua que é a reabilitação do falar quotidiano, *"brotando do solo natal, inconsciente. Como uma planta."* Ora, este critério não deixa de ser romântico, e arbitrariamente remonta a fragmentos de ideários que vão de Bernardim de Saint-Pierre à teoria da história de Herder.

Aliás - o que só acrescenta matéria à incoerência deste pensamento - como poderiam não ser românticas a literatura e a poesia brasileira do século XIX, se esta era a corrente da época, em larga medida? Poderia ter o país a condição de uma tal autonomia mental, que o colocasse à margem de uma tendência mundial, e presumivelmente disto auferisse alguma vantagem?

Aqui parece surgir uma diferença entre o pensamento de Paulo Prado e o de seus pares modernistas. Enquanto Mário de Andrade lutava pela *"atualização da inteligência brasileira"*, e Oswald propunha *"acertar o relógio império da inteligência brasileira"*, Paulo Prado está mais empenhado, para além desta equiparação temporal, em constituir uma originalidade formal e conteudística da literatura e da arte. (Evidentemente, Mário e Oswald também desejavam a mesma

coisa; a diferença está na ênfase e na prioridade, ou nas mediações do processo literário, que para estes possuía autonomia.)

Mais do que com a coerência, Paulo Prado está empenhado em fazer valer a sua visão da história do Brasil, e de seus anseios de emancipação. Daí criar o seu próprio conceito de romantismo, marcado pela arbitrariedade e pelo impressionismo - método que explicitamente assume no **Retrato do Brasil** - e que amplamente serve ao seu propósito.

A poesia autêntica de um país não viria de fora, mas seria aquela captada desde o íntimo da raça - o que pressupõe uma raça! Qual seria então a raça brasileira, que poderia ter o seu ritmo profundo sondado por indivíduos sensíveis e afinados - já que membros dela - e capazes de traduzir esta intimidade biológica e cósmica em versos elaborados num idioma que, também ele, fosse expressão da simbiose desta raça com o meio?

Na verdade, quando Paulo Prado faz terra arrasada da arte e da literatura brasileiras do século anterior, está tratando da questão da viabilidade subjetiva da realização destas formalizações. *Se raça é critério, quem pode ser o bardo?* E incisivamente, qual a raça dos músicos, pintores, escultores, escritores e poetas, já descartados por ele, e culpabilizados pelo " mundo lunar" da vida cultural brasileira pré-modernista?

Na raiz desta questão estará o motivo de Oswald ser o poeta *certo* e Coelho Neto o poeta *errado* ?

Esta problema não ficará totalmente claro se tomarmos apenas este prefácio como referência. A chave está nos seus textos sobre a história paulista (**Paulística** - 1925 e **Retrato do Brasil**, 1928), onde - e aqui vai como antecipação sucinta

requerida para clareza da atual análise - Paulo Prado julga ter o Brasil duas distintas configurações raciais: uma, completamente degenerada, formada pelas três raças tristes (negro escravo, índio lascivo e português da decadência pós- 1580), que é o brasileiro, alvo de todos os seus ataques, e a outra, mescla do português heróico da Renascença com o índio perfeitamente adaptado ao meio, o mameluco - que é o bandeirante - numa palavra , o paulista. A este é reservado o prestígio devido aos melhores (lembremo-nos do episódio da montagem de **O Contratador dos Diamantes**), e somente dele se pode esperar um futuro.

Portanto, o *pathos* da descoberta do Brasil celebrado pela poesia pau-brasil é peça viva deste pensamento. "*Sejamos agora ... no cumprimento de uma missão étnica e protetora* [grifo meu] *jacobinamente brasileiros.. Libertemo-nos das influências nefastas das velhas civilizações em decadência*". O Modernismo então, através da poesia de Oswald de Andrade - e presumivelmente através de outras tantas obras - tem uma missão étnica, protetora da nacionalidade, que realiza a emancipação cultural do país pelo reencontro com um momento particular e bem demarcado de seu passado - precisamente o instante que vai da Descoberta realizada pelo português da Renascença até aquele momento em que inapelavelmente decaíram os povos peninsulares. A fórmula desta tarefa está dada: "*Outros tempos, outros poetas, outros versos*". Há um novo conteúdo no Brasil, e há uma nova forma.

Daí que a poesia pau-brasil seja "*entre nós, o primeiro esforço organizado para a libertação do verso brasileiro.*" Liberdade e arte pura e viva são a condição indispensável para a existência de uma literatura nacional. Então é um "*grande dia esse para as letras brasileiras. Obter, em comprimidos, minutos de poesia.*

Interromper o balanço das belas frases sonoras e ocas, melopédia que nos aproxima, na sua primitividade, do canto erótico dos pássaros e dos insetos." Um dos resultados deste novo movimento é a fixação da "nova língua brasileira", será "a reabilitação do nosso falar quotidiano".

Entre tantas e tão esmagadoras tarefas que Paulo Prado adivinha para a *poesia pau-brasil*, está também o de exterminar "de vez com um dos grandes males da raça - o mal da elegância balofa e roçagante", porque "nesta época apressada de rápidas realizações a tendência é toda para a expressão rude e nua da sensação e do sentimento, numa sinceridade total e sintética."

Há neste prefácio de Paulo Prado, que em grande medida toma a poesia de Oswald de Andrade como ponto de partida para falar de coisas para além desta (aliás, até que ponto concordou Oswald com este **Prefácio** ?), um tom de receituário estético, um tom mesmo de manifesto, que logicamente o aproxima da praxis da vanguarda do seu tempo. Entretanto, contra isto ele se guarda, pois propõe "fugir também do dinamismo retumbante das modas em atraso que aqui aportam, como o futurismo italiano, doze anos depois do seu aparecimento, decrépitas e tresandando a naftalina." Daí não existir "nada mais nocivo para a livre expansão do pensamento meramente nacional do que a importação, como novidade, dessas fórmulas exóticas, que envelhecem e murcham num abrir e fechar de olhos".

Portanto, o pior dos males não é a importação de modas em atraso, mas o simples ato de *importar idéias*, mesmo que sejam as da vanguarda. Isto é importante. Entre idas e vindas de seu texto programático, o que sempre resta: a autonomia para o pensamento brasileiro, em todos os campos. Sem Romantismo e sem Vanguarda.

Paulo Prado periodiza a história literária brasileira, com um gesto largo, em

três momentos: o Descobrimento, o Romantismo e o Modernismo. Cada um destes momentos, antes de mais nada, é uma atitude. São, pela ordem, o sentimento do maravilhoso, o alheamento da realidade, e o reengate com a literatura e a atitude mental do Descobrimento. O primeiro implanta uma realidade, o segundo a fuga, o terceiro a emancipação. O que é positivo e o que é negativo neste esquema gerado pelo puro arbítrio está evidente.

Paulo Prado, ao que tudo indica, vai abertamente contra os momentos fundantes do Romantismo, em particular contra o **Prefácio do Cromwell**, de Victor Hugo. Parece tê-lo claramente em vista. Neste texto, agindo de modo também arbitrário e periodizando de modo abertamente volitivo a história literária do Ocidente, o autor francês rompia com o neo-classicismo e fundava o Romantismo. Paulo Prado parece ser neste seu **Prefácio** exatamente um anti-Victor Hugo: ao "fundar" o Modernismo, rompe com o Romantismo e resgata um passado literário que pertenceu ao universo neo-clássico. É uma situação que lembra o espelho: ao reproduzir, inverte, e ao inverter, reproduz.

É comum encontrar-se o raciocínio em sentido contrário ao de Paulo Prado. Octavio Paz, por exemplo, considera que um mesmo princípio inspirava os românticos alemães e ingleses, os simbolistas franceses e a vanguarda cosmopolita da primeira metade do século XX.¹⁰ Querendo "fundar" o Modernismo, Paulo Prado

¹⁰ "Un ejemplo entre muchos: en varias ocasiones Friedrich von Schlegel define al amor, la poesía y la ironía de los románticos en términos no muy alejados de los que, un siglo después, emplearía André Breton al hablar del erotismo, la imaginación y el humor de los surrealistas. Influencias, coincidencias? Ni lo uno ni lo otro: persistencia de ciertas maneras de pensar, ver y sentir." PAZ, Octavio - **LOS HIJOS DEL LIMO - Del romanticismo a la vanguardia**, pg.23. Editorial Seix Barral, S.A., Barcelona, 1974.

age coerentemente, rejeitando o movimento literário anterior (que passou a ser o Romantismo, que por fagocitose incorporou o Simbolismo e o Parnasianismo no momento em que tiveram negadas a sua condição de correntes "modernas" da literatura nacional). Mas há uma incoerência dentro desta coerência, ou uma incompletude: a sua noção de Romantismo é genérica e vaga até o ponto da distorção, e afinal sua concepção de poesia moderna é, como sabemos, basicamente romântica.

Ao mesmo tempo, se adotarmos os pressupostos de Paulo Prado, não encontraremos necessariamente um antagonismo entre sua posição e as teorias como a de Octavio Paz, que juntam Vanguarda e Romantismo, já que o Modernismo brasileiro não seria um movimento de Vanguarda. Seria, então, algo completamente original, fora dos padrões literários e estéticos em curso, uma outra coisa. A particularidade (nacional, paulista) torna-se, assim, particularismo. É isto, aliás, que ele mesmo diz neste Prefácio.

Ainda um último raciocínio.

Foi Mário de Andrade quem disse que Paulo Prado convertia todas as conversas à dimensão social. Seria possível dizer-se dele que todas as questões eram, e viviam, pela política. Daí esta sensação que fica da leitura do Prefácio à Poesia Pau-brasil de que Paulo Prado beneficiou-se da questão poética para agitar as suas idéias de emancipação nacional, da originalidade histórica da vida paulista, etc. E, deste modo, Oswald acaba relegado a uma posição de subalternidade, de ilustração das teses de terceiros, que é preciso deixar assinalado. Afinal, Oswald não é Paulo

Prado, e suas obras conhecerão trajetórias bastante distintas, e a reconstituição da distância que assumiram um em relação ao outro, daí por diante, iluminaria mais de um aspecto da vida ideológica nacional.

Em outubro de 1944, em conferência que também celebrava a descoberta da América¹¹, Oswald de Andrade indagava: "Mas o que procurava Colombo sob as estrelas novas do hemisfério ocidental, onde, no dizer do poeta, 'a razão humana se perturba e a agulha inventada pelos homens não sabe mais onde é o Norte ?'" . A sua própria resposta traz em si um componente utópico, que é tanto político quanto estético: "Nada ele procurava além da liberdade. Era a inocência duma terra 'no sétimo dia da criação', onde se escoavam ainda as águas do Dilúvio e onde, longe das aflições do pecado, residia a liberdade."

Dizer que o pensamento político de Oswald de Andrade está subordinado à utopia não é dizer muito. Interessa em especial demonstrar a modalidade desta subordinação e, mais ainda, dizer que, ao contrário de Paulo Prado, a sua visão política está subordinada à sua visão estética. E geralmente é desta forma que a política se torna utópica: pela subordinação de um desejo, de um programa, de uma forma ideal de sociabilidade à uma configuração prévia de um conceito de harmonia, de proporção justa, de equanimidade e equilíbrio que sempre, em primeira ou última instância, emana da estética. Trata-se sempre de uma visão de mundo.

Quem acompanhasse a trajetória política de Oswald de Andrade poderia ficar

¹¹ *Fazedores da América* - Conferência realizada em 30 de outubro de 1944. Originais do CEDAE- IEL, UNICAMP.

perplexo: das posições mais conhecidas da mentalidade oligárquica sofisticada-se em dândi modernista; daí ingressa no Partido Comunista - aí permanecendo de 1931 a 1945 -, onde aspira à condição de "casaca de ferro do proletariado", e de onde sai para a dase final de sua vida política, sem rumo definido e em várias circunstâncias usando o referencial retórico da Guerra Fria.

Uma apreciação ansiosa desta sequência de posições poderia encaminhar Oswald de Andrade para o número daqueles que buscam na viragem dos ventos da política a melhor angulação para as suas próprias velas. Mas não creio residir aí a possibilidade de compreensão das posições políticas deste escritor. E basicamente por dois motivos, que passo a expor.

Em primeiro lugar, a trajetória de Oswald indica, para além de uma inconstância pessoal, a própria sequência errática da vida política brasileira, carente de projeto próprio, submissa às marés enchentes e vazantes causadas por luas que brilham em latitudes que não as tropicais. Assim, Oswald de Andrade revela-se, antes de tudo, como exemplo e testemunha da própria vida brasileira deste século. Sua trajetória é exemplaridade.

Em segundo lugar, há uma notável *coerência* nas idéias de Oswald, que deve ser buscada *não na política, mas na estética*. Suas idéias sobre a vida cultural brasileira - que organizou sob o nome de Antropofagia - é que dão os pressupostos de sua atividade política - e isto o coloca a uma distância insanável de Paulo Prado. Pode-se dizer que a Antropofagia tem para ele foros de uma autêntica *Weltanschauung*, isto é, de uma visão de mundo harmônica em seu interior, congruente, e que subordina à sua lógica interna e imanente a percepção de todos os fenômenos do mundo, que ficam assim ordenados dentro de um sistema orgânico.

Para compreender o processo de elaboração empreendido por Oswald de Andrade será útil dar a devida atenção às leituras por ele realizadas da obra de Oswald Spengler. **A Decadência do Ocidente**, assim como **O Homem e a Técnica**, representaram momentos importantes na elaboração oswaldiana dos temas concernentes à identidade cultural do país. Assim, em confluência com Spengler, Oswald de Andrade parte sempre de uma dicotomia entre Cultura e Civilização. Nas suas próprias palavras: *"À cultura podem-se ligar dois conceitos - o de sentimento e o de caráter. À civilização dois outros - o de razão e o de técnica. Cultura é o que somos. Civilização é o que usamos. Assim sendo, Cultura vem a ser a alma de um povo, de uma etnia, de uma área histórica. Civilização, ao contrário, é técnica. Aquela é Pathos, esta é Logos. Moisés foi o criador de uma Cultura milenária. Descartes um iniciador de Civilização.*

Cultura significa o patrimônio material, moral e intelectual que caracteriza uma etnia, um povo numadeterminada época. É o que faz desse grupo histórico um organismo original e afirmativo, portanto como ele cresce, evolui e morre. Civilização se mede pelas aquisições que marcam o progresso humano. É o instrumental acumulado e transmitido. Seu destino está preso ao do próprio progresso humano. Cultura é língua, folklore e comida, vestuário e religião, enfim o que dá originalidade a um grupo étnico e à sua área geográfica. Civilização é matemática, Water-closet, libertação de preconceito, rádio, esperanto, divórcio, leis sociais. A Índia tem cultura e não tem civilização. Nos Estados Unidos sobra Civilização e se desmancham as Culturas.

No Brasil andam aos pontapés Civilização e Cultura. Da Civilização nos refastelamos no pior. E da Cultura que há quatro séculos procura dar-nos um

caráter de povo lírico, cordial e estóico, destruímos implacavelmente, liquidando o índio, sofisticando o negro e monogamizando o português.

Ao passar ao contraste que separa Cultura de Civilização que (...) Spengler acentuou de maneira um tanto diversa, desejo apontar que se nós brasileiros continuarmos indiferentes e amáveis ante os costumes tanto políticos como domésticos que nos distinguem, veremos confirmar-se o calamitoso diagnóstico de que perdemos a nossa Cultura sem chegar a ter uma civilização."¹²

Tendo em vista este primeiro ponto de partida para a compreensão da visão histórica de Oswald de Andrade - a dicotomia entre Cultura e Civilização -, podemos perceber que o ponto central da construção de sua utopia é a reorganização conceitual do primeiro contacto da cultura viva dos ameríndios com a civilização européia. Em devaneio, Oswald quer alterar a norma da subordinação: esta é uma radical diferença com Paulo Prado. Para este, a dominação do europeu da Renascença sobre o índio é um fato não estetizável; daí sairá o mamaluco, expressão racial do bandeirante e do paulista. Nada deve ser alterado aí, nem em atos de liberdade poética. Seu ponto de vista, se tiver que ser entre o do índio e o do europeu dos descobrimento, será inequivocamente o do segundo. Nesta fantasia, estaria nas naus de Cabral a olhar para o Novo Mundo, e não nas praias mordiscando a canela moqueada de um inimigo. Para Oswald, os índios americanos, construídos idealmente a partir de pouca etnografia e muito Iluminismo - vivem neste plano um comunismo sentimental e utópico, capacitado a operar uma crítica sintética do

¹² *Civilização e Dinheiro* - Conferência realizada no Centro de debates Casper Líbero, S.Paulo, em 25-I-1949. Original depositado no CEDAE-IEL, UNICAMP.

européu spengleriano da conquista. Não se trata, para ele, do "bom selvagem" rousseaniano, mas do mau selvagem de Montesquieu - capaz de devoração.

Portanto, se houve um momento de convergência entre Oswald e Paulo Prado, no retorno imaginário a 1500, esta coincidência estará desfeita a partir do momento em que a poesia pau-brasil se tornar antropofagia, e as idéias de Paulo Prado alcançarem plena explicitação.¹³

¹³ A ruptura pessoal entre Paulo Prado e Oswald de Andrade, que coincidiu com a ruptura deste com Mário de Andrade, deu-se quando da publicação de um artigo de "Tamandaré"[Mário de Almeida ?] na **Revista de Antropofagia**, na coluna "*Moquém*" (2a.dentição, no.4, 7.4.1929) dando notícia da publicação do **Retrato do Brasil** e tratando o livro e seu autor, e parentes do mesmo, com a mais completa desconsideração, e mesmo deboche. Foi, aliás, dentro da fortuna crítica deste livro, o único artigo desta natureza. (V.anexo). Pouca ou nenhuma documentação existe sobre o evento, à exceção de um rascunho de carta que Oswald redigiu nesta ocasião, e não se sabe se foi concluída ou remetida. Diz ela: "*Paulo: Escrevo-lhe esta ainda debaixo da penosa impressão que me deixou a sua atitude perfeitamente infame, quando me retribuiu com [grosserias] restrições à delicadeza de minha telefonada. Foi bom em ter sabido [pelo telef.] antes da desprevenida visita que ia lhe fazer que você às vezes assume atitudes duma inferioridade revoltante. Se lhe telefonei é porque devendo partir para Santos [onde Tarsila está esperando] afim de receber Dulce e Nonê que chegam da Europa, não poderei comparecer ao enterro do conselheiro - amigo e companheiro que foi de meu pai. Queria então vel-o você [assim e apresentar-lhe meus] levar-lhe meus sentimentos de amigo leal e velho.*

[Tarsila à chácara] O facto de você atribuir qualquer cumplicidade minha a ataques e violências contra você - é um índice de abjeção e de loucura simplesmente. [Fique com ela e eu] Fico com a revelação que isso me traz. [Sem mais] Oswald. / O mesmo não direi relativamente [com relação] ao Mário e alcantara (principalmente este safado) a quem tenho atacado. Aliás, sou responsável somente pelo que escrevo. / [e ainda hontem, como lhe disse, nada consegui querendo evitar certas coisas contra o Mário] / [Como você sabe [se não telefonei antes a você foi porque] acompanhei o presidente prestes a mato Grosso e no meu regresso fui imediatamente para a fazenda.] Conf. original do Arquivo Oswald de Andrade, CEDAE-IEL-UNICAMP. (Em

Paulo

é ainda bem
de dire, não consigo
querendo evitar certas
coisas contra o Mar

Escrevo-lhe esta ainda debaixo da penosa
pressão que me deixou a sua atitude
enfaticamente infame, quando me retri-
buir com ~~gratidão~~ ^{realização} a delicadeza de minha
telefonada. Foi bom eu ter sabido ~~pelo~~
~~antes~~ ^{vinte} da despenhida ^{que} in lhe fazer
que você às vezes assume atitudes

duma inferioridade revoltante. Se lhe
telefonar é porque devendo partir para
Santos, ~~onde estou até saber da~~ ^{que chega}
~~para de receber Dulce e Nenê~~ ^{passar}
a Europa, não poderei comparecer ao en-
tão do Conselho - amigo e companheiro
que foi de meu pai. Queria então ver você
e levar ~~meus sentimentos de amigo~~
~~apresentar-lhe meus~~ ^{translato a checar} ~~besta e volta~~

O facto de você atribuir ~~a~~ ^{alguma} qualquer culpa
dade minha / ataques e violências ^{contra você} é um
indice de abjeção ^{de loquaz} simplesmente. ~~Três vezes~~
~~ella e~~ ^{em} ~~ficou~~ ^{com} a revelação que isso
me traz.

~~Seu mais~~

resposta
momento pela
que
escrevo

O mesmo não dizer ^{relativamente}
aos Mario e Alda ^{com relação}
(principalmente este safado) ^{por}
ter sido atacado. Aliás não

~~Se o deslocamento para~~
Como não sabe
~~for~~ que acompanha a Presidência
pertença a Mato Grosso e ao
meu regresso fui im-
ediatamente para o
Foz de Iguaçu.

De qualquer modo, temos já aqui os elementos que organizam a visão geral das coisas para Oswald de Andrade: quando, na qualidade de militante comunista, veio a pensar a relação entre o Brasil e as potências imperialistas, o fará a partir do quadro tensional entre a *cultura* brasileira e a *civilização* européia - e não conforme as vias próprias do marxismo.

Oswald de Andrade não hesitou em criar seu próprio esquema de interpretação da história mundial. No seu ensaio de 1950, *A Crise da Filosofia Messiânica*, afirma que a história humana se divide em Patriarcado e Matriarcado. Ao Patriarcado corresponde a filosofia comprometida com Deus, e suas formas essenciais compreendem o Estado, a propriedade privada e a família indissolúvel. Já o Matriarcado - que deve ser entendida como *Cultura Antropofágica* - se anuncia com suas formas de expressão e realidade social, que são a propriedade comum do solo, o Estado sem classes ou mesmo ausência de estado, e o filho de direito materno.

Fica fácil perceber a inversão do sentido histórico exercida por Oswald. Pela elaboração deste esquema de inspiração spengleriana, fez a forma de vida dos índios da América, batizada de matriarcado, ficar à frente da forma de vida social dos europeus, que se tornou exemplo do Patriarcado em fase agônica - *A Decadência do Ocidente*. O passado fica à frente. O presente é passado. Marx e Cunhambebe.

Assim, mesmo dentro da atmosfera restritiva do Partido Comunista, Oswald

anexo)

de Andrade encontrou um forma muito pessoal de realização teórica de sua utopia - assim chamada Revolução Caraíba. Onde o programa comunista dizia contra o imperialismo, Oswald traduzia para uma expressão de afirmação da cultura nacional. Quando a palavra de ordem era a luta contra o Estado e a propriedade privada, Oswald bradava contra a instituição do patriarcado. E a proclamação volitiva da decadência do capitalismo era traduzido, pelo seu método, como o fim da cultura patriarcal.

A fase atual do progresso humano - dizia Oswald - prenuncia a tese de Aristóteles: quando os fusos trabalhassem sozinhos, desapareceriam os escravos: isto corresponde à maior conquista - a conquista do ócio - que apenas o Matriarcado permitiu para todos. No Patriarcado, o ócio fica restrito às elites. Seria preciso então, para a realização da revolução de nosso tempo - a Revolução Caraíba - a junção da cultura antropofágica do matriarcado com as conquistas técnicas da civilização moderna. Só a restauração tecnizada duma cultura antropofágica resolveria os problemas atuais do homem e da filosofia.

Portanto, não se trata mais da defesa do homem natural, que é uma tese, nem da defesa de sua antítese, o homem civilizado: trata-se de saudar a síntese de nossos tempos, o homem tecnizado. O Matriarcado de Pindorama.

Difícil achar pensamento mais longínquo do de Paulo Prado, ainda que tenham se encontrado, inicialmente, à sombra de um Monte Pascoal literário.

"TODA A AMÉRICA" DE RONALD DE CARVALHO

Em março de 1926, no periódico **Terra Roxa e outras Terras** - que ele ajudou a fundar e sustentou financeiramente embora de forma mais ou menos velada - Paulo Prado publicou um texto sobre o recente livro de poesias de Ronald de Carvalho¹⁴. Não era uma resenha, mas considerações gerais sobre a obra, tecidas a partir de uma visão bastante exterior ao próprio livro: na verdade, aproveitando o motivo, expõe mais uma vez, e de forma bastante direta e sintética, sua visão sobre o sentido do Modernismo.

Dizia que do grupo dos poetas modernos brasileiros *"um dos que mais me delicia é Ronald de Carvalho"*, e um dos motivos desta preferência está no *"seu profundo brasileirismo. A inspiração do poeta, mais do que a geografia, afasta a sua obra da influência européia. Graças a Deus."*

E então, lançado o mote, ele passa a expor uma concepção sobre o jogo de aproximações e distanciamentos, de natureza pendular, entre o Brasil e a Europa. Segundo esta idéia, o Brasil nem sempre tem estado longe da Europa, desta forma como está Ronald de Carvalho: *"durante séculos, desde o momento em que nascemos para a história, a distância que nos separa da Europa varia, ora*

¹⁴PRADO, Paulo - *Toda a América - Ronald de Carvalho*. Terra Roxa e outras Terras, Ano I, n.4, 3.3.1926.

aumentando, ora diminuindo. É o movimento pendular das marchas civilizadoras. Fomos a princípio um simples arrabalde de Portugal, e para aqui vinham espairecer os que sofriam da estreiteza da vida européia. (...) Período que Capistrano de Abreu qualificou de transoceânico, de desapego à terra pelos seus próprios povoadores. O nosso verdadeiro grito de independência foi dado no monte das Tabocas e no passo de guararapes. Dai começou a se alongar a distância que nos separa da Europa." Esta distância só não foi maior, segundo ele, pela formidável energia do Padre Vieira, que empreendeu naquelas condições 14 vezes a travessia do Atlântico.

Nesta situação de distanciamento, ocorre um dos momentos da série de "descobertas do Brasil", tal como a que afetou Oswald de Andrade, e antes dele, a geração de Eduardo Prado: "*Afinal*" - diz ele - "*no século seguinte [XVIII] Rocha Pita e André João Antonil [1711] descobrem de novo o Brasil e vibram de entusiasmo diante do esplendor da terra desconhecida.*"

Observemos que o "entusiasmo", neste contexto, é mais do que um estado de alma: transformou-se em necessidade de escrita, a ênfase é quase estilo obrigatória para as sincopadas circunstâncias de re-descobertas do Brasil, sendo o **Prefácio à Poesia Pau-brasil** o campo onde o próprio Paulo Prado exercitará o seu particular entusiasmo, preparando-se para as primeiras páginas do **Retrato do Brasil**:

Após então este momento de descoberta da realidade brasileira - e logicamente de distanciamento da Europa - o movimento pendular se repõe: o amor "*somente mais tarde, quando a distância encurtou, tivemos a invasão da epidemia romântica. Todos adoeceram. Como um nevoeiro abateu-se sobre os nossos claros dias o tédio da vida, descabelado e a visão deformadora do mal do século.*" O Brasil, representado em seu aspecto mental da mesma forma como o era Portugal

pela Geração de 70, começou *"em literatura a pensar em francês, e os nossos políticos brincavam de parlamentares ingleses sob o olhar sonhador do monarca, também romanticamente 'liberal do Porto'."*

Mas com o Modernismo o Brasil retomou o distanciamento da Europa: *"Iniciamos agora a reconquista de nossa própria liberdade."* O que Paulo Prado fala a seguir é uma das maiores explicitações de seu pensamento no que concerne ao nascimento de uma raça brasileira, pois *"Vai nascer o Brasileiro. Desenhamos as cadeias que nos prendiam às raças primitivas; sacudimos aos poucos as influências subconscientes que nos aparentavam ao Selvagem, à Criança e ao Macaco. Vai nascer outro Brasileiro. Vai nascer o Brasileiro. Já os poetas celebram o natalício. Do câro destaca-se o timbre perfeito da voz de Ronald de Carvalho."*

O *Selvagem, a Criança e o Macaco*, forma um tanto enigmática de designar os aparentados do "Brasileiro", parece descrever com - por quê não dizer - brutalidade as "três raças tristes" (o índio, o português e o negro) que para Martius e Capistrano de Abreu foram as formadoras da etnia brasileira. Mas pelo que Paulo Prado aponta na ligeireza deste texto, e que contém argumentos aos quais não voltará - o antigo brasileiro, assim formado, está para ser superado por uma nova conformação étnica, o novo Brasileiro, do qual Ronald de Carvalho (um carioca, portanto um não-paulista) é um alvorecente representante. Este poeta, do grupo de Graça Aranha, estaria para o Brasil assim como Oswald de Andrade está para São Paulo.

De qualquer modo, este esquema será abandonado por Paulo Prado já que ele veio trazer alguma dificuldade para o desenho da história nacional, seu grande projeto, que evidencia realidades completamente distintas para a Província (São

SERIE EDUARDO PRADO
PARA MELHOR SE CONHECER O BRASIL

PRIMEIRA
VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO
ÁS PARTES DO BRASIL

Pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça
Capellão Fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu Desembargo,
Deputado do Santo Officio

o o

DENUNCIÇÕES DE PERNAMBUCO

1593 - 1595

SÃO PAULO
HOMENAGEM DE PAULO PRADO
1929

Paulo) e a Nação.

A SÉRIE EDUARDO PRADO - Para Melhor se Conhecer o Brasil

Bem antes de iniciar a redação de seus escritos sobre temas modernistas, Paulo Prado lançou-se à concepção, organização e financiamento de um notável projeto intelectual: a publicação em série dos documentos inéditos sobre a presença da Inquisição no Brasil, além de outros textos igualmente reveladores sobre os primeiros tempos da implantação da colonização portuguesa - verdadeiros retratos do Brasil no seu início.

O início da correspondência entre Capistrano de Abreu e Paulo Prado, e, 1918, deveu-se exatamente ao propósito de retomar o projeto inacabado de Eduardo Prado, que, conforme disse o primeiro, *"tinha certa predileção pelas cousas inquisitoriais"* - daí ter estudado as vidas de dois processados pelo Santo Ofício. Quando faleceu, Eduardo Prado apenas iniciava a sua trajetória de historiador, e buscava especializar-se nas questões relativas ao momento de constituição da sociedade brasileira. Havia, com este propósito, colecionado uma rica brasiliana, composta dos livros mais raros e mais preciosos sobre o passado nacional. Morto, dispersou-se em leilão esta biblioteca, em episódio totalmente incompreensível dado o comportamento da família Prado para as questões culturais.

Em 1918, então, e já na sua primeira carta para Capistrano, Paulo Prado decide reativar parte do projeto de seu tio, financiando a publicação de obras totalmente raras, ou ainda em estado de manuscrito original e único, que estivessem dentro da perspectiva da revelação da forma da constituição do passado histórico do país.

Esta foi a forma de ingresso de Paulo Prado nos temas da história.

A coleção, dirigida por Capistrano de Abreu, principiou em 1922 e foi até 1929 (no último volume, a série foi dirigida por Rodolfo Garcia, pois Capistrano faleceu em 1927).

A série completa constava de:

1) reprodução fac-similar da **Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines, par le R.P.Claude d'Abbeville - Paris, 1614**, prefaciada por Capistrano de Abreu; Paris, Librairie Ancienne Edouard Champin, 5, quai Malaquais, 1922;

2) **Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, capelão fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu Desembargo, deputado do Santo Ofício - Confissões da Bahia - 1591-92** ; Introdução de Capistrano de Abreu, S.Paulo, 1922;

3) **Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, capelão fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu Desembargo, deputado do Santo Ofício - Denúncias da Bahia - 1591-93**;

Introdução de Capistrano de Abreu, S.Paulo, 1925;

4) **Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532)**
comentado por Eugênio de Castro ; Prefácio de Capistrano de Abreu - 2 vols. - Rio
de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1927;

5) **Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo licenciado
Heitor Furtado de Mendonça, capelão fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu
Desembargo, deputado do Santo Ofício - Denúncias de Pernambuco - 1593-
95**, Introdução de Rodolfo Garcia, S.Paulo, 1929.

Como se poderá comprovar mais adiante, o interesse de Paulo Prado pelo
passado brasileiro não se restringia a um gesto de homenagem à memória do tio:
tratava-se, principalmente, de acumular informações documentais e bem
direcionadas sobre a linha de constituição da sociabilidade brasileira, de modo que a
escolha feita - as Denúncias do Santo Ofício - não eram casuais, mas pré-
determinadas: a imagem (ou retrato) que dessas páginas se extrai é ^ade um povo
dominado pela degeneração, pelos "vícios", pelo pecado, pela infâmia, pela
dissolução dos costumes. Afinal, que outro material se extrairia de delações ? No
entanto, esta será a paleta do retrato do Brasil-Colônia que Paulo Prado elaborará.

PAULÍSTICA: Caminhos, Raça, Meio e Momento

PAULÍSTICA: Caminhos, Raça, Meio e Momento

"A geografia é um dos fatores essenciais da história. Os rios conduziram as raças; as montanhas as detiveram."

(Renan, **O que é uma Nação ?**)

Será apenas em 1925, aos 55 anos de idade e com o Modernismo em pleno andamento, que Paulo Prado irá publicar o seu primeiro livro, **Paulística**. Trata-se da reunião sob este título de uma série de artigos sobre a história de São Paulo, publicados de 1922 àquela data, no jornal **O Estado de S.Paulo**. Ainda publicaria em 1934 uma segunda edição desta coletânea, bastante alterada pelo acréscimo de artigos, que por sua vez haviam sido publicados na sequência de suas elaborações pelo mesmo periódico.¹

¹ A Primeira edição de **Paulística**, de 1925, contava com um *Prefácio* e com os ensaios *O Caminho do Mar* (1922-25), *Cristãos-Novos em Piratininga* (1923), *Bandeiras I e II* (1923), *A Decadência* (1923), *Uma Data* (1924), *Fernão Dias Pais (Alguns Documentos)* (1924) e *A Paisagem* (1925). A Segunda Edição, ampliada, de 1934, conta com um *Prefácio* próprio, e com os ensaios *O Patriarca* (1926-31), *Pires e Camargos* (1926), *O*

Para cada uma destas edições Paulo Prado redigiu um prefácio bastante útil para a compreensão do sentido da obra. O primeiro deles será incluído no interesse do presente capítulo; o segundo, entretanto, será analisado em separado, em função de ser o seu último texto publicado, e se constituir em avaliação final e principal explicitação dos temas que foram centrais para esta série de ensaios históricos.

Paulo Prado veio a escrever apenas dois livros. Se o primeiro é sobre a história de São Paulo, o segundo é sobre a história do país como um todo. Por outro lado, não são obras que possam ser tomadas totalmente em separado: **Retrato do Brasil**, de 1928, depende das idéias desenvolvidas em **Paulística**, que são retomadas e inseridas no âmbito histórico nacional.

Esta disposição não é casual: ela indica a idéia de que a história do Brasil depende da história de São Paulo. O nacional depende, e portanto é subordinado, a uma expressão regional - evidentemente, à paulista.

Estes dois volumes constituem concepções da realidade brasileira, construídas à luz de uma gama de noções que viemos estudando até agora. O pressuposto básico a que Paulo Prado chegou é o da existência de duas realidades no Brasil, ou de duas configurações históricas distintas - embora umbilicalmente ligadas. A cada uma destas configurações consagrou um título: para a de São Paulo, **Paulística**; para o país, **Retrato do Brasil - Ensaio sobre a Tristeza Brasileira**.

Em **Paulística**, que analisaremos agora, Paulo Prado indica quais seriam, a seu juízo, os problemas máximos da história de São Paulo:

- a) as origens das populações do planalto paulista e o seu cruzamento;
- b) o caldeamento das raças e sub-raças;
- c) o modo pelo qual se desenvolveram no meio especial que os cercava².

Considerando estes itens como os de maior teor explicativo para o seu tema, Paulo Prado vai aplicá-los com maior ou menor evidência em todos os artigos de **Paulística** - o que dará à coletânea um certo teor de redundância. Cada um dos títulos da série parte de um tema distinto - judeus em São Paulo, os primeiros paulistas, bandeirantes, lutas fratricidas, etc - mas todos completam o raciocínio geral: são comprovações, por outro ângulo, das mesmas idéias. Diante deste obstáculo (porque é um obstáculo), optei por dissolver a frágil fronteira entre os artigos e, seguindo a indicação temática fornecida pelo próprio autor, expor apenas a linha básica de raciocínio que presidiu a coleção. Considerando ainda que da primeira para a segunda edição não houve qualquer alteração substancial no que tange ao sentido, usarei a edição definitiva, a de 1935, com a série completa dos ensaios, para a análise que desenvolverei.³

² *Cristãos-novos em Piratininga*, pg. 68 e ss.

³ Neste trabalho sempre será utilizada a edição de 1972 que foi intitulada **PROVÍNCIA & NAÇÃO**, volume que reúne as duas obras de Paulo Prado, organizado por Geraldo Ferraz para a Editora José Olympio. Não obstante, as primeiras edições destas obras

A Tese Regente: O Caminho do Mar

A 13 de fevereiro de 1920, em resposta a uma carta de Paulo Prado, Capistrano de Abreu escreveu: *"Que sei eu a respeito do caminho do mar?"*⁴

sempre foram cotejadas.

4 Correspondência de Capistrano de Abreu, edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, INL, Rio, 1954, Vol.II, pg. 393 s. Aliás, a correspondência de Paulo Prado com Capistrano possui notável interesse para a constituição daquele momento da historiografia brasileira. Paulo Prado foi o segundo correspondente mais importante de Capistrano, datando suas cartas de 1918 a 1927, e o estabelecimento desta relação, para além da intermediação já tão remota de Eduardo Prado, foi movida pelo interesse despertado pela leitura de *Capítulos de História Colonial - 1500-1800*. José Honório Rodrigues, que da obra de ambos compreende apenas a de Capistrano, observa que *"Nesta correspondência dominam também os aspectos históricos, há referências a pesquisas, estudos, publicações, alguma matéria política respingada de frases curtas e incisivas, e, ainda, um pouco de maledicência. Domicio contara-lhe que Paulo fora tido como uma flor de civilização em casa de Eça de Queiroz, e que dançava, tocava, etc. 'Nunca pensei que você possuísse esta prenda, espero que não a tenha perdido' (Carta a Paulo Prado, 8/6/1918). Livros, artigos, ensaios de Paulo receberam sempre a crítica e a aprovação de Capistrano, que o orientava nos estudos. O próprio título Paulística foi primeiro usado por Capistrano, quando andava escrevendo seus trabalhos sobre São Paulo em 1917. Não sei se seria avançar demais dizer que esta correspondência mostrará que Paulo Prado como intérprete de nossa História não seria o que foi se não contasse com a assistência de Capistrano de Abreu."*

Seguia-se a esta indagação uma pequena série de sucintas indicações que selaram uma relação de orientação intelectual que se estenderia ainda por vários anos, até a morte de Capistrano, em 1927. A influência do tardio membro da Escola do Recife sobre a obra de Paulo Prado foi ampla: *"Ninguém entre nós soube tão bem aliar a paixão dos fatos concretos e precisos e a minúcia erudita às generalizações das grandes leis históricas e biológicas"*, depôs o discípulo⁵. Para Paulo Prado, *"Capistrano, no Brasil, foi o criador de uma Escola de História, que não é somente 'livro de livros', mas estudo completo e complexo do drama humano no correr dos tempos, desde a compreensão dos ritmos mundiais, das forças instintivas e conscientes que dirigem os homens e as aglomerações sociais, até o detalhe pitoresco, palpitante, do viver quotidiano nas épocas passadas"*.⁶

O que considera positivo em Capistrano buscou ele próprio reproduzir em seus ensaios. Afinal, diz Paulo Prado, os ensaios de **Paulística** *"tudo devem à carinhosa solicitude de Capistrano de Abreu - até o título que os enfeixa"*⁷. Este reconhecimento faz sentido; mas por outro lado, nem "tudo" Paulo Prado deve a Capistrano, como veremos, mas a dívida reconhecida é interessante. Aliás, já se disse que *"Retrato do Brasil é, em suma, o livro que Capistrano não escreveu"*, mas que

⁵ PRADO, Paulo - *Capistrano*, in *Paulística*, pg. 143.

⁶ IDEM, *ibidem*, pg.143.

⁷ IDEM, *Prefácio* da 1ª edição de *Paulística*, pg.11. De fato, em maio de 1917 Capistrano publicou na *Revista do Brasil* (Vol.V, ano II, pgs.3-18) um artigo intitulado *Paulística - A Pretexto de Uma Moeda de Ouro*.

gostaria de tê-lo escrito.⁸

No corpo da Correspondência entre ambos, cuja parte de Paulo Prado se perdeu, Capistrano deu uma indicação sobre a história de São Paulo, ilustrada por um gráfico, que forneceu a lógica e a própria disposição dos artigos de **Paulistica**⁹.

⁸ Humberto de Campos, *Crítica - Primeira Série*, Liv. José Olympio Edit., Rio, 1935, 3a Ed., pg.60.

⁹ O acompanhamento de Capistrano às pesquisas de Paulo Prado foi constante, até às vésperas de sua morte. Seu conhecimento sobre o caminho do mar, em 1920, resumia-o desta forma:

"1o. Era anterior à chegada dos portugueses, obra dos tupiniquins (...), feita do campo para a marinha, porque machado de pedra não era para mata de extremidade desconhecida; mesmo com machado de ferro, nossa gente só se animou quando as locomotivas os apoiaram;

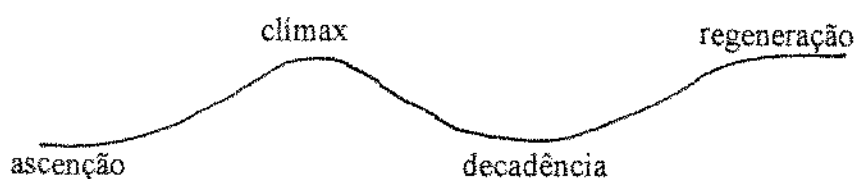
2o. que o traçado variou mais de uma vez e o exame topográfico pode desvendar variantes, de que são reconhecíveis os vestígios;

3o. que é preciso em Anchieta subordinar a legenda à História. Quando Anchieta tinha pouco mais de um mês da chegada à Bahia, já Nóbrega fôra ao campo e determinara o aproveitamento para a catequese. (...)"

Menos de um mês depois (7.3.1920) voltava Capistrano a informar sobre novas descobertas, indicando a **Revista do Instituto Histórico e Geográfico** como fonte de várias notícias sobre o caminho do mar. Daí em diante, e sempre desta forma, consolidou-se a associação entre os dois historiadores.

Ei-la:

"No largo quadro da História paulista, pelos claros-escuros das diferentes épocas, percebe-se nitidamente traçada uma linha curva que assinala sua grandeza, sua decadência e sua regeneração. Graficamente a imagináramos neste traçado:



Eis o sentido deste gráfico:

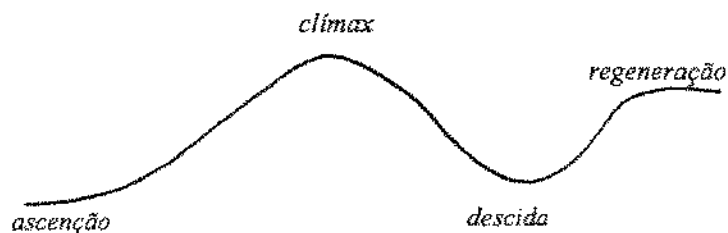
*"Curva ascencional, culminando na expansão colonizadora e mineira do século XVII, quando a ambição dos lavageiros e escavadores de ouro e o ânimo guerreiro substituíram a gana escravizadora dos primitivos aventureiros; curva descendente, resultante do despovoamento provocado por conquistas e minas, atingindo a degradação política, moral e física dos tempos dos governadores capitães-generais, em que na miséria extrema da província morria vergonhosamente a glória do paulista antigo; curva ascendente para se elevar de novo ao renascimento econômico dos dias de hoje."*¹⁰

¹⁰ PRADO, Paulo - Prefácio da 1A. Edição de *Paulística*, pgs. 14s. A sugestão deste gráfico foi dada também por Capistrano, em carta de 23.12.1922, portanto quando o trabalho relativo ao Caminho do Mar ganhava consistência. Vinha Paulo Prado desenvolvendo a idéia da decadência de São Paulo, quando Capistrano admoestou-o: *"A grandeza de São Paulo é tão pequena que não dê para um artigo ? Escrevendo-o sem se importar com a decadência, que será estudada à parte, V.verá melhor a realidade, e não se*

Mas a data e o teor daquela carta de Paulo Prado são importantes: evidenciam o início mesmo de sua obra, já que a idéia que elabora sobre o Caminho do Mar é a base de toda a sua reflexão sobre a história paulista e nacional, e a tese regente de todos os seus vários estudos.

Na verdade, a chave deste ensaio, e que vai ser o pressuposto de todos os demais, é a afirmação e o desenvolvimento de uma única tese: a de que a história do Brasil como um todo depende da história particular de São Paulo, e esta

*deixará levar por cantigas." (Carta de 11.12.1922) Poucos dias depois (15.12.1922), considerava: "Fiz bem em lhe aconselhar que separasse a **grandeza da decadência**, evitando esta **montesquieuserie barata**." Depois, em 23.12.1922, ele diz: "Falei da grandeza de São Paulo por uma questão de método. Você tem de acompanhar a Paulicéia até seu **clímax**, mostrar como declinou e como readquiriu seu lugar. Figuremos:*



De outro modo fugirá do fenômeno."

Bem mais tarde, em 20.11.1924, escrevia: *"Li seu artigo sobre o caminho do mar, que denota seu progresso sobre os esboços anteriores. Vou relê-lo para devolver com alguns reparos. Um antecipo: para que tantas referências a alemão que você nunca lê ou pelo menos não lia até pouco tempo? No Brasil come-se francês e arrota-se alemão, escreveu Tobias."*

A carta seguinte, de 27.11.1924 trazia o imprimatur: *"Reli e devolvo o Caminho do Mar. Fiz alguns reparos a que V. dará a atenção que lhe parecer. Pode publicar sem susto."*

por sua vez é explicada a partir das circunstâncias históricas gerais criadas pelo Caminho do Mar.

É possível, e mesmo necessário, que se veja nesta tese um ponto de convergência de toda aquela ampla especulação sobre o sentido da história do Brasil mantida pelo cenáculo parisiense já referido, e mesmo a relação com Capistrano de Abreu deve ser vista dentro deste ângulo. Afinal, vem de Capistrano a corrente interpretativa da história nacional que privilegia os caminhos e suas decorrências características como elemento explicativo central da história colonial; sua obra **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**, de 1899, é um marco da historiografia do período. E esta obra, somada à de Oliveira Martins, são as de presença mais fundamental no norteamento do trabalho de Paulo Prado.

Afinal de contas, a idéia de que os "caminhos" possam fornecer a lógica explicativa da história só poderia ser grata a quem desejasse situar as Entradas e Bandeiras como a alma para esta mesma história.¹¹

O parágrafo anterior coloca Paulo Prado, através de seu trabalho, em linha de continuidade com o pensamento histórico da Geração de 70, ou mais precisamente, com o empenho especulativo daquele cenáculo parisiense com relação à história do Brasil. A posição singular de Paulo Prado fica ainda mais evidenciada quando lembramos que ele aliou a esta sintonia genérica o envolvimento com o Movimento Modernista.

¹¹ Este ensaio de Capistrano de Abreu foi publicado pela primeira vez, na data aludida, n'O *Commércio de S.Paulo*, o jornal de Eduardo Prado, e que por esta ocasião era dirigido por Affonso Arinos.

Atentemos agora para o ensaio mais importante de **Paulística**, intitulado *O Caminho do Mar*. Investigado, portanto, a partir de 1920, e escrito entre 1922 e 1925, quando finalmente é publicado como ensaio de abertura desta coletânea, este é sob qualquer aspecto o estudo mais importante de Paulo Prado.

Ocupando sua atenção desde antes da Semana de Arte Moderna, e evoluindo em sua escrita até a época do **Prefácio à Poesia Pau-brasil** de Oswald de Andrade, este ensaio foi elaborado constantemente, sofrendo numerosas revisões até atingir a sua forma definitiva. Tanto empenho e retardo se justifica: dele dependeria toda a linha de raciocínio de Paulo Prado.

Uma das coisas mais importantes que extrairemos deste ensaio é a constatação de que, nele, Paulo Prado já adianta tudo o que virá a dizer na sua breve trajetória de historiador. Durante o período em que elaborava *O Caminho do Mar*, Paulo Prado escreveu também todos os outros ensaios que compuseram a primeira edição de **Paulística** - seis ao todo - o que revela que todas as suas idéias nascem juntas, como elos de uma cadeia. Ou talvez, mais precisamente, sejam desdobramentos particulares de uma idéia central. Isto significa que já em seu ensaio de estréia Paulo Prado tem estruturado o básico de sua reflexão sobre o sentido da história do Brasil, trazendo neste todos os tópicos que serão desenvolvidos em **Paulística** e posteriormente no **Retrato do Brasil**. Esta afirmação precisa ficar bem entendida: ela diz que, apesar de não tê-la ainda redigido, Paulo Prado já tem a sua obra concebida por ocasião da Semana de Arte Moderna - e concebida a ponto de poder se reger por ela.

Neste sentido, a forma como Paulo Prado entendeu a Semana, e que aparece nos textos que já analisamos, têm como pressuposto aquilo que vai aparecer em seus ensaios históricos - mesmo que ainda não escritos. Este fato evidencia a clara intencionalidade de sua obra, que, desdobrada em sete anos, buscou com tenacidade tornar probante e argumentada a tese exposta desde o primeiro instante.

O ponto central deste ensaio é a afirmação de que o caminho do mar, a primitiva ligação entre a cidade de São Paulo e o litoral, mais isolou do que ligou esta cidade ao restante do país e do mundo. A Serra do Mar, com suas escarpas e dificuldades de transposição, teria agido como um cordão sanitário a isolar São Paulo das demais regiões, e impediu a chegada das influências de toda ordem. "*O Caminho do Mar*"- diz Paulo Prado no **Prefácio** de 1925 - "*por muito tempo único, foi um fator indiscutível na formação do agrupamento étnico que se constituiu no planalto: o caminho cria a raça, disse um sociólogo francês [Renan, talvez]. A sua influência histórica como baluarte de resistência contra as pretensões de mando da Metrópole, é sensível em cada momento do magnífico século XVII da História de São Paulo. Ao contrário do papel representado por outros caminhos - caminho da seda, caminho do sal, caminho das especiarias - na evolução das relações históricas entre os grupos humanos, a função do Caminho do Mar foi toda negativa: isolou em vez de ligar. Desse fato se originaram consequências notáveis para o passado de São Paulo, confirmando o que sempre repete Capistrano, que é no estudo dos caminhos que melhor se aprende a História do Brasil.*"¹²

¹² Prado, Paulo - **Prefácio** da Primeira Edição, pg. 15.

Para Paulo Prado, o Paulista - em maiúscula, sempre - possui "*predestinações heróicas e étnicas*", e essa função seletiva do Caminho do Mar é "*incontestável e providencial para a formação de seu caráter e tipo. A população do planalto se conservou afastada dos contágios decadentes da raça descobridora*". Este acaso feliz, entretanto, não se repetiu para o restante do país, principalmente para a população do Norte, que vivia, "*como é natural, em contacto com a Metrópole por intercâmbio marítimo muito frequente*."

Esta diferença na intensidade dos contactos é fundamental para a articulação histórica operada por Paulo Prado. A frequência metropolitana aos pontos expostos da colônia, pondera, não poderia ser mais deletéria. Paravam nas várias capitanias reais a completa evidência da decomposição portuguesa: desembargadores, ouvidores-gerais, provedores-mores, familiares do Santo Ofício, frades capuchos, carmelitas e beneditinos e exilados em vagas sinecuras. Toda a ancestralidade do parasitismo do Estado peninsular.

Disto São Paulo ficou livre, o que levou Capistrano, enquanto acompanhava o desenvolvimento dos estudos de Paulo Prado, a referir-se ao Caminho do Mar, com alguma ironia, como "*as Termópilas Paulistas*", e ao ensaísta como "*Leônidas*". Pela sua condição excepcional, então, São Paulo possuía as características de um "*centro de isolamento*", conceito do evolucionismo social que Paulo Prado vai buscar em Moritz Wagner, cuja teoria foi desenvolvida "*pelo grande Ratzel, pai da Antropogeografia*".¹³

¹³ E que veio a ser a base teórica da obra de Golbery do Couto e Silva, *Geopolítica do Brasil*, em grande voga nas décadas de 1950-70.

No esquema que resulta desta teoria, vemos que no processo de formação das raças atuam três fatores principais:

primeiro, a adaptação dos indivíduos imigrados às novas condições de vida que encontram;

segundo, a transmissão dos característicos individuais dos primeiros colonos aos seus descendentes, efetivada pela reprodução entre consanguíneos, trazendo o desenvolvimento dessas mesmas características;

terceiro, a ação niveladora e compensadora do cruzamento.

Este era o esquema que veio servir ao projeto de Paulo Prado:

*"Admirável aplicação tem esta lei biológica na constituição étnica do tipo paulista, habitante segregado do mundo num altiplano que defendia uma quase intransitável via de comunicação." Apesar de todo este recurso à autoridade dos autores, a idéia de que São Paulo teria se transformado em centro de isolamento Paulo Prado já conhecia de seu tio Eduardo. Conforme Affonso d'Escragnolle Taunay, era deste a noção de que "Resistira São Paulo ao ataque dos Tamoios inimigos, e dessa data em diante, ficou seguro o seu futuro e começou a funcionar como uma oficina de homens. Homens mestiços, não de um tipo inferior, porque não é inferior como o tem verificado todos os americanistas, o tipo resultante do branco e do índio. Neste cruzamento, se o branco entra com um cérebro mais desenvolvido, que se produz no seu descendente, o índio traz para o novo tipo a agudeza da sensibilidade dos seus sentidos e músculos um tanto atrofiados no homem civilizado."*¹⁴

¹⁴ d'Escragnolle Taunay, Affonso - SÃO PAULO NO SÉCULO XVI - História da

O índio possui então este significado para a mescla racial que gera o paulista. As índias tupiniquins e guaianases, para propiciar o processo de mestiçagem, trouxeram *"a sedução da concubinação na vida livre da mata virgem"*. Este índio tomado como o tipo ancestral, é decomposto em suas características étnicas de modo a que fique indicado quais as suas contribuições para o futuro bandeirante. Citando Capistrano de Abreu, Paulo Prado indicia a posse de sentidos mais apurados e intensidade de observação da Natureza, em graus impossíveis para o homem civilizado - mas não para os Paulistas das Entradas e Bandeiras.

No plano das características de comportamento, Paulo Prado relata que estes índios, como os seus presuntivos sucessores, eram dotados de uma *"impassividade espartana. Eram geralmente taciturnos"*.

Há ainda um elemento que de certa forma iguala este nativo ao europeu seu contemporâneo, o homem do Renascimento: a busca de novos lugares, o instinto do nomadismo: *"O local onde com trabalho e amor fixavam as suas habitações, daí a dias não o achavam bom e o abandonam para irem habitar outro lugar com novo empenho e muito trabalho. Do fundo instintivo da raça dominava-o uma fatalidade nômade e vagabunda"*.

Este é um momento decisivo da fusão da teoria histórica de Capistrano de Abreu - a dos Caminhos - com a teoria da decadência da raça portuguesa conforme a desenvolveu Oliveira Martins.

Uma passagem do ensaio *Bandeiras I e II* sintetiza a questão. Reeditando a imagem da luta do Paulista contra a terra inóspita, agressiva, sem qualquer ajuda do Estado de Ultramar, e muitas vezes contra ele, Paulo Prado recria em imagem o *"heroísmo quotidiano da luta contra o obstáculo ... que a cada passo lhe armava a Natureza hostil e agressiva"*, e nisto então *"está a verdadeira grandeza do bandeirante"*.

Do tópico inicial do heroísmo Paulo Prado move-se para os do meio, raça e educação, fatores que para essa luta sobre-humana *"tinham preparado e afeiçoado admiravelmente o 'herói providencial' no tipo do bandeirante de São Paulo."*

Isto equivale ao tópico da mescla racial paulista: *"Do cruzamento do forte sangue português quinhentista, dos franceses, castelhanos e flamengos com cunhãs, o mamaluco surgiu perfeitamente aparelhado para o seu destino histórico. A montanha isoladora dos contágios decadentes do litoral; a atitude sempre sobressaltada de quem vivia na orla das imensas matas virgens, sombrias e espessas; a convivência diária e íntima com o gentio da terra de quem falava correntemente a língua; a feliz situação geográfica e topográfica, que o locava à margem e nas proximidades de grandes rios descendo para o interior das terras; a aspereza fortificante de um clima de bruscas variações, que às geadas das manhãs claríssimas sucedem sóis abrasadores do meio-dia - todos esses fatores conjugados criaram um admirável exemplar humano, belo como um animal castiço, e que só puderam realizar nesta perfeição física os homens da Renascença italiana, quando César Bórgia seduzia o gênio de Maquiavel."*

Aí está, em estilo ensolarado, a exposição da formação de um tipo racial, em que o produto final splende em vigor telúrico - o máximo de uma terra nova somado à culminância de uma civilização: a América e a Renascença. Portanto, agora neste texto sobre a história nacional e primordialmente paulista, Paulo Prado repõe a questão, apenas esboçada no *Prefácio à Poesia pau-brasil*, de serem os paulistas, no recôndito da sua constituição étnica, uma espécie de sobrevivência no tempo do homem da Renascença - adaptado a um meio particular, que ao invés de alterá-lo, preservou-o.

Mas há ainda um terceiro elemento racial a compor o tipo paulista: o judeu. No ensaio *Cristãos-Novos em Piratininga* (1926), cujo ponto de partida é um debate com Oliveira Viana, Paulo Prado expõe a sua convicção de que é incontestável a importância do contingente hebraico para a composição étnica do tipo paulista.. Teria sido a própria forma inicial do comércio com os índios favorável a esta presença: "*Com a natural tendência para o açambarcamento e na sua maçonaria de perseguidos constituíram os colonos judeus em pouco tempo a verdadeira casta dominante na colônia.*"

Além do mais, encontraram em São Vicente a melhor acolhida entre todas, pois em São Paulo não os perseguia a Inquisição, que nunca chegou à capitania do Sul. Aqui, pois, se estabeleceram livremente, "*à sombra da independência paulista, e o seu cruzamento com os vários elementos que vieram compor o tipo étnico específico, é atestado por traços característicos da psicologia do habitante de São Paulo e do meio social em que se desenrolou o drama da sua história.*"

Este ponto é de enorme interesse para Paulo Prado. Retomando por esta época (princípios dos anos 20) a preocupação de seu tio Eduardo Prado com a presença da Inquisição no Brasil, financiará amplas pesquisas, e a subsequente publicação, das Denúncias do Santo Ofício na Colônia, entre os fins do século XVI e começos do século XVII. Voltaremos a este ponto, mas fica desde já assinalado o fato - que não passou despercebido a Paulo Prado, da ausência do Santo Ofício nas terras paulistas: mais um fator da independência deste tipo, e um condicionante da presença do sangue semita na formação do mesmo.¹⁵

A contribuição do judeu para o novo tipo foi o aporte do *"elemento inteligente, voluntarioso, irrequieto e nômade que outras influências mal explicam, e, sobretudo, a rediviva preocupação de enriquecimento tão peculiar ao judeu e que em toda a parte o assinala como um pioneiro de civilização e progresso."* Além do mais, haveria uma impressionante semelhança entre a psique coletiva das tribos de Israel e do povo paulista, cuja evidência está no *"perseverante, tenaz e resistente arrivismo"* - ele toma o cuidado de dizer que *"é no sentido menos pejorativo da expressão"* - e na notável faculdade de adaptação utilitária.

¹⁵ Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, quando precisa trabalhar com o tema da presença judia no Brasil, parte das afirmações de Paulo Prado: *"São Paulo foi provavelmente o núcleo brasileiro de população mais colorida pelo sangue semita. Não tendo chegado até lá os tentáculos do Santo Ofício, que entretanto se fixaram ameaçadoramente sobre a baía e Pernambuco, só faltando mesmo armar as fogueiras, a essa circunstância costumava em conversa atribuir Capistrano de Abreu (segundo nos informa Paulo Prado, seu íntimo e constante amigo) o fato de se ter tornado São Paulo o ponto preferido dos cristãos-novos."* Conf. *Casa-Grande & Senzala*, 6a. Ed., José Olympio Edit., Rio, 1950, pg.191.

A partir destes elementos, que compuseram até agora os itens propostos por Ratzel, e adaptados por Paulo Prado¹⁶, temos um tipo físico original e com psicologia própria - temos uma raça, uma raça paulista: "*No desenvolvimento fatal dos elementos étnicos num meio propício, mais do que em outras regiões do país, [grifo meu] em São Paulo medrou forte, rude e frondosa a planta-homem.*"

Portanto, esta nova raça, embora mesclada na América, é restrita à região do Planalto de Piratininga. Este fator, justamente, será o que vai revelar, acima de outros, a profunda ligação do pensamento de Paulo Prado com o de Oliveira Martins.

Esta tese do isolamento do paulista com relação à Metrópole, em nítida dissonância com o restante da colônia - fruto do Caminho do Mar - vem necessariamente articulada com outra tese - a da decadência da raça portuguesa após o seu auge descobridor. Vem esta concepção mais remotamente de Alexandre Herculano, e foi exposta por Antero de Quental em 1871, sob o título de *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, nas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense.

¹⁶ Lembrando: as origens das populações do planalto paulista e seu cruzamento; o caldeamento das raças e sub-raças, gerando as características do paulista; e, finalmente, o modo pelo qual se desenvolveram no meio especial que os cercava - o Caminho do Mar, as Bandeiras.

Resumidamente, estas causas seriam três:

- a) a reação religiosa produzida pelo Concílio de Trento;
- b) a centralização política operada pela monarquia absoluta, que redundou na perda das liberdades medievais;
- c) um sistema econômico de rapina guerreira que, atalhando o desenvolvimento da pequena burguesia, detivera em Portugal a evolução econômica do resto da Europa.

Esta tese obteve grande difusão em seu tempo, e expressou por isto um pessimismo acentuado dos portugueses com relação ao seu próprio destino histórico, e que Paulo Prado repete desta mesma forma com relação ao Brasil em seus ensaios - ressaltando São Paulo deste destino, logicamente.

Mas será a versão de Oliveira Martins, o historiador da Geração de 70 (assim como nosso autor o será para a geração do Modernismo) que Paulo Prado escolherá a referência para seu próprio uso da tese da decadência de Portugal. Neste particular assunto Oliveira Martins diverge de Antero, encaminhando a mesma idéia com argumentos sensivelmente modificados.

Para Oliveira Martins a descoberta do Novo Mundo, com o ouro e a riqueza fácil, trouxe consequências deletérias para a Península Ibérica. Provocou o reaparecimento da escravidão e a constituição de uma aristocracia do dinheiro, desespiritualizada e *parvenue*. Isto acarreta o predomínio das tendências

utilitárias ou egoístas para além do que seria normal no desenvolvimento das classes na sociedade.

Portugal e Espanha vivem então uma espécie de paralização da história. Tudo isto leva à formação das monarquias modernas baseadas na aristocracia do dinheiro ("*O trono, outrora de ferro, torna-se de ouro*"). Em sua decadência, Portugal e Espanha vivem uma perversão do espírito na forma do jesuitismo, tornando-se a sociedade fradesca e o rei fanático. A intolerância torna-se norma geral, e a expulsão dos judeus e dos mouros aprofunda a decadência da Península Ibérica.¹⁷

Mas também neste tópico a presença de Capistrano de Abreu é efetiva. Em **Capítulos de História Colonial -1500-1800**¹⁸ algumas páginas são dedicadas à definição dos elementos estruturais da raça portuguesa, antes e depois da queda sob o domínio espanhol. Para ele, "*O Português do século XV era fragueiro, abstinente, de imaginação ardente, propenso ao misticismo, caráter independente, não constrangido pela disciplina ou contrafeito pela convenção; o seu falar era livre, não conhecia rebuscos nem eufemismos de linguagem. A ténpera era rija, o coração duro. As cominações penais não conheciam piedade. (...) Crueldades que hoje denotariam a vileza de um caráter perverso não tinham nesses tempos semelhante*

¹⁷ OLIVEIRA MARTINS, História da Civilização Ibérica, Parceria A.M.Pereira, Lisboa, 1909, 5a edição, cap.VII, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*.

¹⁸ CAPISTRANO DE ABREU, J. - Capítulos de História Colonial, 4a edição revista e anotada por José Honório Rodrigues, Rio, Briguiet, 1954.

significação. (...) à dureza da têmpera correspondia extensamente um aspecto agreste, a força muscular era tida em grande apreço."¹⁹

Em outra página, dizia Capistrano: *"Nessa lenta desagregação, na decomposição que foi a morte do Portugal heróico, no deserto piratiningano, 'no meio deste sertão e cabo do mundo', como dizia o Padre Cardim, isolava-se, ao findar o século XVI, um núcleo de rude população quinhentista, que ia aumentar e proliferar protegida pela própria natureza hostil.*"²⁰

Estavam dadas pois as condições para que surgisse o paulista como uma raça, e isto se deu ao findar o século XVI: em meio século, o cruzamento das mencionadas etnias já teria alcançado uma nova expressão étnica. A rapidez deste processo, para a teoria que Paulo Prado está desenvolvendo, é essencial: afinal, o componente lusitano da nova raça adv m do período heróico, camoniano, e não ao posterior, decadente e degenerado como o desenha Oliveira Martins. *Fins do século XVI* significa não apenas o nascimento da raça paulista, mas também o início da decadência dos povos peninsulares. Os barões assinalados, após Alcácer-Quibir, sobrevivem reencarnados em mamelucos, e os mares nunca dantes navegados são as florestas que prometiam esmeraldas.   este o raciocínio.

Feito raça, então, o Paulista, nos dois séculos seguintes, agiu intensamente na história da Colônia: *"o processo de segregamento, contribuindo tão*

¹⁹ CAPISTRANO DE ABREU, J - op.cit., pg.28s.

²⁰ IDEM, ibidem, pg.26.

poderosamente para lhe dar feição específica, já o preparara para a tarefa que lhe iria competir na formação da nacionalidade brasileira."

E esta ação vai explicitar outra característica do Paulista: a insubmissão, de que aliás, já falava Eduardo Prado. E por ela, já no início do século XVII, lavrava intensa luta entre os Paulistas e a Companhia de Jesus; e quando Salvador Correia, governador, quis tomar o partido dos padres, *"a repulsa dos Paulistas foi violenta e decidida."* Além do mais, e como um elemento a radicalizar a oposição entre os jesuítas e os Paulistas, *"a febre da escravidão dos índios se apoderara dos bandos insubmissos e desabusados que invadiam os sertões"*. O ódio e o temor que São Paulo desenvolve contra si tinham a sua justificada explicação *"nos desmandos da gente conquistadora e mestiça que dos campos de Piratininga invadia os desertos, destruindo totalmente as 'reduções jesuíticas' e repelindo o inimigo tradicional"*. De uma forma ou de outra, está subjacente a esta idéia a preocupação de Eduardo Prado com estas características do paulista: a biografia do Padre Manuel de Moraes, sem ser citada, opera na sombra desta reflexão de Paulo Prado.

Assim, os *"excessos dos bandos mamalucos, se tinham uma explicação na própria rudeza dos tempos, afirmavam, no entanto, as qualidades fortes da raça, criada àperamente nas suas montanhas, longe das influências deprimentes da Metrópole ou do litoral. O Caminho do Mar preparara o Paulista para as predestinações que lhe reservava a História do Brasil."*

Neste empenho de interpretar o passado paulista de modo a corroborar intenções modernas, Paulo Prado não tentou edulcorar este passado

(vez, aliás, desta época), mas selecionou sem meios termos aspectos de força racial - que para ele é a correta expressão, mas que eventualmente pode ser tomada como expressão deslocada de uma noção de classe - e que exibem características de burguesia clássica. Em outras palavras, Paulo Prado parece montar um passado paulista em que se teria dado - ao invés de uma acumulação primitiva de capital - uma acumulação de características étnicas, que justificariam a hegemonia cafeicultora (ou, mais adquadamente, paulista) sobre o Brasil.

Evidentemente, a importância que Paulo Prado atribui ao conflito entre paulistas e jesuítas está vinculada à tese de Oliveira Martins, de ter sido esta Ordem co-responsável pela decadência da Península Ibérica. Assim, os ataques dos bandeirantes às reduções jesuíticas do Paraguai ficam cobertas de justificativas, pois eram "*afirmação da raça paulista*", e uma imunização contra o germe da decadência dos povos peninsulares. Foi, além do mais, um fator que diferencia o paulista dos demais habitantes da colônia.

Este percurso de raciocínio permite a Paulo Prado chegar ao ponto desde o primeiro instante desejado: o de poder afirmar que a "*história do que se nomeou a 'expansão geográfica do Brasil'* não é, em sua quase totalidade, senão o desenvolvimento fatal das qualidades étnicas do povo paulista".

Fica lógica e argumentada, então, a tese implícita do direito natural à hegemonia do Paulista com relação ao Brasil como um todo.²¹

²¹ Gianfranco Pasquino, no verbete "Integração" do **DICIONÁRIO DE POLÍTICA** organizado por Norberto Bobbio (op.cit.), considera que uma das formas de integração nacional diz respeito ao processo de construção da nação: "*Ele já era bem conhecido no século XIX; de fato, neste sentido é interpretada a famosa frase de Massimo D'Azeglio: 'Feita a Itália, precisa fazer os italianos'. Enquanto o processo de integração 'territorial'*

Decadência e Regeneração de São Paulo

Mas o ímpeto paulista foi arrefecendo, a *"febre foi pouco a pouco diminuindo, e pela lenta transformação que é a lei implacável da Natureza, pelos meados do século XVIII, ou mesmo antes, desaparecera com o seu cunho peculiar o tipo primitivo."* Este é o momento da decadência particular do tipo paulista, que é assinalado no gráfico sugerido por Capistrano de Abreu.

Diversas causas teriam contribuído para esta decadência, *"mas nenhuma talvez tão importante como a abertura de novos caminhos que vinham interromper o isolamento das antigas populações."* Fica lógico este raciocínio: se as características paulistas foram organizadas pelo isolamento, o fim deste haveria de

consiste essencialmente na imposição de obediência, o processo de integração 'nacional' consiste na aceitação, por parte da população, das ordens provenientes das autoridades centrais, por serem consideradas legítimas. O processo de integração nacional é fortemente influenciado pelo modo como se desenvolveu o processo de integração territorial. Se, de fato, a integração territorial conduziu a uma posição de superioridade um determinado grupo étnico ou social e este continua mantendo todas as posições de poder, é difícil que outros grupos aceitem suas ordens sem se oporem." (Pág.633 s.) Esta situação aqui abstratamente relatada, e que com facilidade faz lembrar situações como a da África do Sul, também servirá, guardadas todas as mediações, para o conflito região *versus* nação que marcará o ano de 1932 no Brasil, e no qual - ainda veremos - Paulo Prado desempenhará algum papel.

desorganizá-las.

Pois o desenvolvimento natural da vida dos bandeirantes paulistas levaria à descoberta do ouro onde o houvesse, e isto significou a abertura de um caminho para as Minas Gerais. Daí concordar Paulo Prado com Mário de Andrade, *"no seu 'Noturno de Belo Horizonte' (que por sinal é uma das obras primas da poesia brasileira):*

"Minas Gerais, fruta paulista."

Paulo Prado preferia o isolamento étnico para São Paulo do que a descoberta do ouro, que assim como causou a decadência de Portugal, causaria também a de São Paulo, pois *"Com a abertura do caminho das Minas se iniciava na Colônia o drama do ouro, enlouquecendo a todos."* Este será o tema do capítulo **"Cobiça"**, do **Retrato do Brasil**. A vertigem mineira levou ao abandono de toda e qualquer atividade agrícola, e a *"fome veio completar a obra de cobiça."* Como resultado, *"Ao lado desta prosperidade estonteada e fictícia definhava, em novo isolamento, a Capitania de São Paulo. Desaparecia, desde então, a sonhada hegemonia paulista, [grifo meu] que a princípio parecia lhe dar a predestinação histórica e geográfica da evolução nacional."*

Triste desenrolar dos acontecimentos: *"Nascidos das condições especiais do Caminho do Mar, os destinos da velha capitania vicentina seriam contrariados e anulados pela abertura e uso do Caminho das Minas."*

Aparentemente contraditória, esta idéia de que o paulista sofreu um período de decadência possui uma alta funcionalidade para o pensamento pradiano: ela fortalece e confirma a sua tese de que o isolamento de São Paulo era a razão de sua grandeza, e confirma também que o contacto com outras populações só

poderia trazer prejuízo para o paulista.

Pois então, pela abertura de vários novos caminhos para São Paulo - desde Minas Gerais, Rio de Janeiro, etc - cessava o isolamento em que se desenvolvera a população paulista, e que portanto passava a se comunicar com o próprio país e com o resto do mundo. Daí que *"já desaparecia o piratiningano; na evolução histórica do Brasil viria substituí-lo o Paulista da decadência e o seu descendente do São Paulo moderno."*

Assim, o bravo povoador do planalto, o temível destruidor de reduções jesuíticas e caçador de esmeraldas, pelo fim do isolamento transformou-se - triste destino - no Jeca Tatu de Monteiro Lobato, já que *"a terra rica e o viver fácil transformavam o aventureiro dos primeiros tempos coloniais no agricultor, pesadão desconfiado, e no pálido caboclo, vítima como o antepassado índio, do álcool, da doença e do faquirismo indolente."*

E em outro plano, *"o cabo de tropa, que seguia à frente das expedições, ao rufar de tambores e bandeiras desfraldadas, será hoje o chefe político, entusiasta incondicional de todos os governos..."*

São aspectos contrários porém complementares de uma mesma decadência.

A reconstituição da sequencia e natureza das idéias de Paulo Prado, distribuídas pelas vários ensaios de **Paulística**, conduziu a este ponto. A aristocracia rural, *"que era o último reduto do tipo ancestral, degenera, se extingue e se transforma no industrialismo cosmopolita, e sem o laço íntimo e profundo que o liga ao solo - na sua vida social e na sua vida política - estrangeira na própria terra, assiste, inerte e desolada à formação de uma nova raça, que ainda não tem*

nome, e que será o habitante do futuro São Paulo."

Destas afirmações extraímos que as particularidades que compunham o tipo paulista resistiam, apenas, na aristocracia rural - a nobreza da terra. Mesmo aí, todavia, tende a desaparecer, o gênero tende a se desfazer pela situação industrial - criadora da indistinção cultural - , já que é cosmopolita e civilizadamente neutra. Sem a ligação ancestral, íntima e profunda com a Terra, não há caráter coletivo. Daí surge, indistinta, outra raça em São Paulo, mas que não pode da mesma forma que a tradicional, ser chamada de Paulista. "*A nota aristocrática do Paulista puro*", dizia Paulo Prado no seu ensaio *Fernão Dias Pais*, era dado pelo "*cunho mamaluco*."

A onda imigratória deste período, "*imigrante de outros países, imigrantes do próprio Brasil - inunda os campos e as colinas do Planalto, que não mais protege a serra rude hostil*." O conforto e o bem-estar modernos destruíram o nomadismo do passado. Portanto, "*intoxicados pela própria riqueza, o Paulista, no melting pot brasileiro, representará apenas a contribuição histórica e racial de um epígono prestes a desaparecer*."

O que ficará deste período histórico, desta raça tão assinalada ? "*Da velha semente bandeirante ainda lhe restará, no entanto, na consciência das forças subconscientes, o fermento instintivo dos tempos heróicos*." O que sempre fica subjacente nos textos de Paulo Prado, principalmente em momentos sintéticos como este, é alguma coisa como um prenúncio, um conhecimento de algo oculto que não se explicita, um rumor que quase vira ameaça. Algo que ainda virá.

No último parágrafo de *A Decadência* (1923) palpita um indício da regeneração de São Paulo, conforme a sugestão de Capistrano de Abreu:

"Já outros destinos, porém, se preparavam para a antiga capitania: em 1856 lavrava-se o decreto autorizando a incorporação de uma companhia para a construção de uma estrada de ferro ligando Santos a Jundiaí. Eram organizadores o Marquês de Monte Alegre, Pimenta Bueno e Barão de Mauá." Este fim do ensaio, bastante seco, reitera o hábito de Paulo Prado de terminar os seus textos com sucintas indicações de um significado alto porém relativamente oculto. De qualquer forma, este parágrafo indica que a decadência paulista encontraria em empreendimentos do tipo de uma estrada de ferro - que tanto efeito teria sobre o desenvolvimento da economia do café - a chave para a superação desta degenerescência e o reencontro com a grandeza do passado - o café reencontraria o homem da Renascença - e neste reencontro sua autonomia e particular modernidade. A teoria da decadência de São Paulo - talvez apenas um *constructo* para igualar esta província ao destino da Península Ibérica, e assim melhor poder usar as idéias da Geração de 70 -, esta teoria, dizíamos, foi preparando o terreno para que Paulo Prado pudesse afirmar sua convicção de que a regeneração de São Paulo foi produzida pela economia do café. É uma afirmação apologética, afinal de contas, para sua própria classe e família.

Mas ainda um lamento, uma nota final de inconclusão: *"Do tipo ancestral falta, porém, ao Paulista moderno, a ânsia de liberdade e independência que deu um cunho tão característico ao habitante da velha capitania. O amor e a devoção ao poder, herdados da estúpida tirania dos governadores do século XVIII completaram a obra de decadência que se iniciara nos primeiros quartéis desse século pelo fenómeno dispersivo da desaglomeração individualista e que tinha transformado o pioneiro e aventureiro em povoador, mineiro ou*

fazendeiro. O velho paulista, aos poucos, se mudara no arrivista pacífico, que a tudo antepõe a paz submissa e o duvidoso enriquecimento."

Guardadas as devidas, porém poucas diferenças, ocorreu em São Paulo o mesmo tipo de decadência da Península Ibérica. Mas ao contrário da matriz, São Paulo possui o poder de regenerar-se.

"O Caminho do Mar é hoje uma estrada para automóveis", lamenta Paulo Prado ao concluir o ensaio central da coletânea.

Se o contacto com o resto do Brasil gerou tantas negatividades, não deveriam os Paulistas, num gesto de recuperação de sua antiga dignidade, pensar em separação, em secessão ?

Mas este será um dos temas de **RETRATO DO BRASIL - Ensaio sobre a Tristeza Brasileira.**

RETRATO DO BRASIL
Ensaio sobre a Tristeza Brasileira

"Entre a Revista do Brasil, onde descera a examinar 'o momento' político e social; a Semana de Arte Moderna, que impulsionara; a sustentação da nova poesia de Oswald de Andrade e os artigos sobre Paulística, ao mesmo tempo que com Capistrano lançava a série da Coleção Eduardo Prado - 'Para melhor se conhecer o Brasil' - Paulo Prado se armara de todos os elementos com que traçar o Retrato, estudando o traço da tristeza brasileira, formada em nosso passado de descoberta e de povoamento, de ambições e vitórias, de frustrações e derrocadas, que estão na história da conquista da terra... Estamos então em 1927".

Geraldo Ferraz, *Paulo Prado e Duas Reedições*)

*"Sabemos pelos velhos cronistas, pelas cartas jesuíticas e por outros documentos, inclusive e especialmente os da Primeira Visitação do Santo Ofício (...) até onde chegava a licença de costumes na população brasileira durante os séculos iniciais da colonização. O quadro que nos ofereceu Paulo Prado em seu Retrato do Brasil é bem eloquente a respeito. Corria na Europa, durante o século XVII, a crença de que aquém da linha do Equador não existe nenhum pecado: *Ultra aequinoxialem non peccari*. Barleus, que menciona o ditado, comenta-o dizendo: "Como se a linha que divide o mundo em dois hemisférios também separasse a virtude do vício".*

Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*.

TIETÊ: SENA OU TEJO ?

"Poses qui durent un instant, gestes ébauchés ou à faux [...] désarticulations savantes, équilibres instables, allures étranges, voilà ce qu'il poursuit et traduit."

Verhaeren comentando a obra de Degas

Principiaremos os comentários sobre o **Retrato do Brasil** a partir de um aspecto específico do seu *Post-Scriptum* - o que significará começar pelo método explicitamente assumido pelo autor, o Impressionismo. Este movimento da pintura moderna converter-se-á, através do singular tratamento que Paulo Prado lhe confere, em método historiográfico, onde os recursos sistemáticos advindos da liberdade do artista, próprios do Impressionismo, transmutar-se-ão neste episódio em arbitrariedade de historiador.

Paulo Prado, organizando-se conforme as suas luzes para a redação deste livro, buscou ao máximo o distanciamento de virtuais influências que pudessem exercer sobre o seu espírito uma inclinação ou um condicionamento. O primeiro resultado desta disciplina, segundo diz, foi a impossibilidade de que seu trabalho aparecesse como regionalista : *"Gaba-se o autor de ter fechado os olhos à mera aparência das coisas ambientes, absorvente, tirânica e tantas vezes falsas."*¹

¹ RB pg.220.

Cumpre indagar, então, em que patamar ele se colocava, e qual o ângulo da sua visão.

Estes deslocamentos imaginários foram frequentes em sua obra. No **Prefácio à Poesia Pau-brasil** reconhecia a posição projetiva do poeta, sentado à sombra do Monte Pascoal, e que, em abstraída observação, olhando por sobre o ombro de Caminha, compartilhava o assombro da descoberta da nova terra e, ao retornar ao seu próprio século, parafraseava modernamente estes inícios da vida brasileira.

No **Retrato do Brasil** Paulo Prado colocou-se distante da maré do cotidiano: *"Para fugir à influência do bovarismo paulista, talvez desculpável pecado de mocidade, quem escreveu estas linhas adotou, como se fosse artista, o processo goethiano na criação das obras de arte: isolou-se."*²

Este isolamento metódico, acredita, resultou no fato deste "Retrato" ter sido *"feito como um quadro impressionista. Dissolveram-se nas côres e no impreciso das tonalidades as linhas nítidas do desenho e, como se diz na gíria de artista, das 'massas e volumes', que são na composição histórica a cronologia e os fatos. Desaparecem quase por completo as datas. Restam somente os aspectos, as emoções, a representação mental dos acontecimentos, resultantes estes mais da dedução especulativa do que da sequência concatenada dos fatos. Procurar deste modo, num esforço nunca atingido, chegar à essência das coisas, em que à paixão das idéias gerais não falte a solidez dos casos particulares. Considerar a história, não como ressurreição romântica, nem como ciência conjectural, à alemã; mas*

² RB, pg.220.

como conjunto de meras impressões, procurando no fundo misterioso das forças conscientes ou instintivas, as influências que dominaram, no correr dos tempos, os indivíduos e a coletividade. É assim que o quadro - para continuar a imagem sugerida - insiste em certas manchas, mais luminosas, ou extensas, para tornar mais parecido o retrato."³

Até que ponto pode permanecer plausível a liberdade que Paulo Prado tomou com relação ao Impressionismo, transformando-o em método historiográfico ?

De qualquer forma, é a segunda vez em que Paulo Prado traz para sua linha de raciocínio uma situação limite, um momento de ruptura no desenvolvimento do pensamento artístico. A primeira vez, como sabemos, foi o rompimento modernista com a antecedência romântica, conforme a sua livre acepção; a segunda é esta agora, quando adota, com igual liberalidade, o Impressionismo como método. Afinal, conforme diz Argan⁴, o ponto de ruptura na tradição artística instituída no século XIX é representado pelo impressionismo:

"o movimento moderno na arte européia começa quando se percebe que o impressionismo mudou radicalmente as premissas, as condições e as finalidades do trabalho artístico. Coloca-se então o problema da avaliação da dimensão histórica do Impressionismo, e em primeiro lugar procura-se esclarecer se o Impressionismo orientava-se por uma tendência clássica ou romântica ou se resolvia (e como) a

³ RB, pg.221.

⁴ ARGAN, Giulio Carlo - As Fontes da Arte Moderna, in Novos Estudos CEBRAP, n.18, setembro de 1987, pg.50 s.

antítese dessas duas posições, não mais consideradas como situações históricas determinadas e sim como eternas polaridades do espírito humano.

Reinvindicando para o artista o objetivo de traduzir na obra de arte a sensação visual imediata, independentemente, e mesmo em oposição, de toda noção convencional da estrutura do espaço e da forma dos objetos, o impressionismo afirmara o valor da sensação como fato absoluto e autônomo: o artista realiza na sensação uma condição de plena autenticidade do ser, atinge na renúncia a qualquer noção habitual um estado de liberdade total, fornece o exemplo daquela que deve ser a figura ideal do homem moderno, livre de preconceitos e pronto para a experiência direta do real. Um exame e um aprofundamento das possibilidades do homem moderno, ou do homem definido exclusivamente pela autenticidade das próprias experiências, deviam necessariamente mover-se em duas dimensões: buscar estabelecer qual poderia ser a figura e eventualmente a estrutura de um mundo dado exclusivamente como sensação e fenômeno; definir o sentido e eventualmente a finalidade de uma existência humana entendida exclusivamente como sucessão, interferência e contexto de sensações. Uma arte que se desenvolva nestas duas direções é intrinsecamente moderna, porque implica a renúncia a qualquer princípio de autoridade, seja ele entendido como imagem revelada e eterna do criado ou como norma estética geral e como tradição histórica de valores. Também por isto a arte deste período, a arte moderna, prescinde de toda e qualquer tradição nacional, e se coloca não mais como arte ou beleza universais e sim como a arte de uma sociedade histórica que busca superar as tradicionais fronteiras das nacionalidades e ser internacional ou européia.

Não há dúvida de que o objetivo das diversas, e frequentemente contraditórias, correntes artísticas, do fim do século XIX ao começo do século XX, era a definição de uma idéia de Europa, resultante justamente da superação dialética das tradições históricas e daquilo que o positivismo filosófico denominava características ou constantes nacionais.

Deste modo, a questão da arte se apresenta em vários planos: participando diretamente da situação histórica, abarca necessariamente problemas de ordem não especificamente estética - intelectuais, morais, sociais, religiosos e políticos. Mas dado que, enquanto arte, é um modo completo e insubstituível de experiência, ela conserva e acentua sua própria autonomia.

(...) A sensação que os impressionistas lograram isolar não é mais somente um modo de conhecimento imediato e espontâneo (e portanto mais autêntico e flexível). É um estado de consciência, a própria consciência surpreendida e interrogada no momento ativo de seu encontro com o fenômeno. A sensação tem portanto uma estrutura que é preciso revelar; e tem um desenvolvimento, um processo que deve tornar manifesto no desenvolvimento e nos procedimentos da operação pictórica. A visão é algo que se faz mediante a pintura, e consequentemente as fases do procedimento pictórico não devem ter mais nada de inspirado ou de misterioso em ser visíveis e demonstráveis como as fases de uma experiência científica.

A assunção deste método, traduzido para as condições da historiografia, traz alguns pontos de reflexão. Sempre esteve evidente que Paulo Prado aplicou recursos das ciências naturais, como a biologia, para a articulação de seu raciocínio sobre questões histórico-sociais. Esta prática não contém em si qualquer novidade, sendo

mesmo da identidade metodológica de qualquer raciocínio regido pelo signo do positivismo. Agora Paulo Prado traz um método aplicado, ou aplicável, particularmente à pintura. Deseja, desta forma, criar um Retrato do Brasil, um retrato falado.

Vamos comentar alguns pontos desta passagem de Argan confrontando-a com a obra de Paulo Prado.

Em primeiro lugar, o aspecto de o Impressionismo orientar-se por uma tendência clássica ou romântica, ou se as considerava com eternas polaridades do espírito humano. Paulo Prado parece resolver esta antítese justamente desta forma, considerando os polos desta oposição como inclinações da alma humana tomada supra-historicamente. Considera o Romantismo como um estado d'alma, como uma sensibilidade doentia - mas sem a complexidade do juízo goethiano com relação a este problema -, e inclina-se de modo não resolutivo em favor do clássico, que torna-se o antecedente e a fonte do modernismo. É preciso neste processo considerar como pertencentes ao clássico as manifestações literárias do primeiro século brasileiro, e a pintura de Memling e de Nuno Gonçalves, citados por ele, como referências apropriadas para o comércio intelectual que estabelece. Tudo muito arbitrário e oscilante - e talvez por isso mesmo, bastante representativo da vida ideológica brasileira.

O segundo aspecto que abordaremos refere-se à prática do artista filiado ao Impressionismo realizar na sensação uma condição de plena autenticidade do ser. Este ponto é de grande importância para o presente trabalho. Considerando-se que Paulo Prado, apesar de aplicar um método das artes plásticas, não busca realizar um "retrato" no sentido pictórico, mas uma interpretação histórica, com inclinação

abertamente programática para a vida brasileira, chega-se à suposição de que esta "plena autenticidade do ser" move-se da circunstância individual para a coletiva - a condição de classe. É sempre notável ver um representante meridiano das elites rurais brasileiras assumir a "plena autenticidade de seu ser". Este é um dos pontos centrais do **Retrato do Brasil**: o discurso pleno da aristocracia do café em seu auge histórico, com suas características em estado de máxima exposição. Este ensaio torna-se assim, para além de um retrato do Brasil, um retrato de corpo inteiro da aristocracia do café, e desta plena exposição depende a visualização clara de sua constituição histórica, de suas possibilidades e de seus movimentos.

De qualquer forma, é sempre notável quando no quadro histórico brasileiro uma classe assume a integridade de suas determinações - quando mais não seja, pela simples raridade do evento.

Diz ainda Argan, na sua circunscrição do Impressionismo, que o estudo das possibilidades do homem moderno, ou *"do homem definido exclusivamente pela autenticidade das próprias experiências"*, devem mover-se em duas dimensões, sendo a primeira o estabelecimento da figura e eventualmente a estrutura de um mundo dado exclusivamente como sensação e fenômeno, e a segunda a definição do sentido e *"a finalidade de uma existência humana entendida exclusivamente como sucessão, interferência e contexto de sensações"*. Conclui que a arte que se desenvolver nestas duas direções é intrinsecamente moderna. A passagem é extremamente condensada, e sua resolução, quando aplicada a um caso particular, define genericamente a localização histórica de uma obra de arte, localizando-a na modernidade ou remetendo-a ao passado e, eventualmente, ao anacronismo.

No caso específico do **Retrato do Brasil**, o procedimento de Paulo Prado circunscreve-se neste conceito de modernidade: é desta forma que os quatro séculos da história nacional são considerados, e a estrutura da sua existência é dada, nesta obra, exclusivamente como sensação e fenômeno.

A segunda dimensão apontada por Argan também é realizada por Paulo Prado, desde que se considere como válido o seu tratamento da existência humana a partir de um critério genérico - e não individual -, que é o de raça.

Diz então Argan que uma arte que se desenvolve nestas duas direções assinaladas é intrinsecamente moderna. Este raciocínio nos encaminha para considerarmos Paulo Prado (sua obra) como moderna, o que parece irrecorrível. Entretanto, Argan estabeleceu estas premissas para a arte, e não para a história. Arte e história são reflexos do mundo, mas reflexos distintos. A arte é um reflexo antropomorfizador do mundo, enquanto a historiografia é (ou deveria ser) um reflexo desantropomorfizador deste mesmo mundo. Mas Paulo Prado embaralha as fronteiras, dando-se a liberdade de ação volitiva e subjetivadora na reconstituição do passado histórico; mas não se satisfaz com esta liberdade: deseja extrair de sua análise um julgamento objetivo, deseja que o seu retrato do Brasil assuma foros de verossimilhança objetiva, do qual se possa derivar para uma possível política concreta. Todo o processo fica assim arbitrário. Da mesma forma como para ele a modernidade transforma-se na apologia de um passado escolhido - e vice-versa - a liberdade (do artista moderno) transmuda-se em arbítrio, e está a um passo da desfaçatez.

Há pelo menos uma enorme diferença entre ser um pintor impressionista e um historiador impressionista. O pintor desta escola, apesar de poder escolher o

objeto que vai impressioná-lo, não deve, entretanto, organizar previamente este mesmo objeto. Já nosso autor não agiu deste modo: partindo de uma mistura do que viu - sobre a possibilidade de uma "neutralidade" da visão muito já foi dito - com aquilo que leu e ouviu sobre o Brasil, e anexando ainda uma documentação sobre o passado nacional que ele mesmo fez buscar e publicar (**Os Autos das Visitações do Santo Ofício**), Paulo Prado preparou-se minuciosamente para ter as impressões que, com anterioridade, queria ter. O seu Impressionismo parece assim mais álbi do que método, e o seu índice de modernidade, que em parte seria dado pelo recurso integral a esta escola pictórica, cede a precedência ao anacronismo da sua própria visão da realidade brasileira. Sua modernidade, embora real e particular, é desde sempre de segunda linha.

Mas a adoção desta versão adaptada do Impressionismo indica mais coisas. Enquanto método, esta tendência faz incidir sobre o indivíduo em sua constituição histórica particular a representação do mundo, que fica assim marcadamente subjetivada. Isto pressupõe auto-confiança individual - o indivíduo assume-se conscientemente como mônada - e esta representação, se projetada no coletivo, revela uma expressão de classe autônoma, "para-si", na conceituação de Gramsci.

Além do mais, a confecção de "quadros" historiográficos, sem qualquer filiação necessária ao Impressionismo, vem de práticas como a de Michelet e, mais exatamente para o caso que nos interessa, de Oliveira Martins - mais uma vez ele.

Sob a influência do historiador francês, Oliveira Martins buscou em suas obras históricas, *"além de uma exposição concatenada de idéias ou de fatos, uma*

verdadeira ressurreição de mundos desaparecidos".⁵ Para a obtenção deste resultado, contornou ao máximo a exposição discursiva e aplicou um processo de sucessão de quadros, trazendo cada um deles a imagem de um acontecimento assim tornado pitoresco. A história de Portugal, da Península Ibérica, do Brasil e das colônias portuguesas em África, por este tratamento, aparecem como álbuns coloridos, in-fólios com pormenores de cenas e reconstituições de personagens, épocas e modos de vida. Aproxima-se, assim, do procedimento historiográfico da Escola dos *Annales*, tão posterior, e com marcantes obras sobre a vida cotidiana. Conforme suas próprias palavras, na **História de Portugal** buscou "*fazer viver os seus homens e representar de um modo real a cena em que se agitam: tal é o programa deste livro*". Para tanto, "*carece-se do faro especial da intuição histórica e dum estilo que traduza a animação própria das coisas vivas*"; deste modo, a "*História de Portugal consiste numa série de quadros [grifo meu] em que, na máxima parte das vezes, os caracteres dos homens, os seus atos, os motivos imediatos que os determinam e as condições e modo por que se realizam merecem antes a nossa reprovação que o nosso aplauso*".⁶ O efeito deste procedimento é notável, mas como comentam Saraiva e Lopes, "*o pitoresco de Oliveira Martins é todavia quase sempre convencional e forçado, geralmente um pitoresco de segunda*

⁵ Antonio José Saraiva e Óscar Lopes, **História da Literatura Portuguesa**, Porto Editora, Lda, Porto, Portugal, 13a Edição, 1985, pg. 914 s.

⁶ Oliveira Martins, **História de Portugal**, Publicações Europa-América, Lisboa, s/d, vol.I, pg.15.

*mão, tendo por fontes textos literários e não uma percepção direta da realidade."*⁷

Mas eles também consideram que , com tudo o que tem de fantasista ou de arbitrário, a sua **História de Portugal** é "*o mais completo e vivo retrato coletivo e histórico do povo português*".⁸

Portanto, Paulo Prado não necessitava, enquanto método, do Impressionismo, já que as águas de que bebia eram mais do Tejo do que do Sena. Mas há um fator de prestígio não desprezível em jogo, e ser moderno para Paulo Prado - já o sabemos - é decisivo: somente os paulistas o eram.

Esta situação enquadra e, em grande parte, define Paulo Prado: usa os recursos de prestígio - arte moderna é prestígio e legitimidade - mas age com relação a ela como o Brasil age com relação às idéias liberais: não as perde de vista, mas não as pratica; ou só as pratica após deformá-las, como ocorreu com o Impressionismo.

Nestas circunstâncias, como vimos em capítulo anterior, a arte moderna no Brasil se torna prerrogativa paulista, e sua realização uma "missão étnica e

⁷ Idem, ibidem, pg. 915. Comentam ainda estes críticos que a "*incontestável sugestão artística das obras de Oliveira Martins não provém da evocação plástica, mas da movimentação dos quadros. Quer mostrando Aníbal despenhando-se pelos precipícios dos Alpes, quer Lisboa a desabar com o terramoto, quer os vinhos de Gaia jorrando no Douro, quer simplesmente a linha movente do cume dos montes evocando uma impetuosa história geológica, Oliveira Martins sabe transmitir impressivamente a percepção do movimento. O seu talento é mais musical do que plástico. Os homens passam movendo-se no seu gesto característico - 'um homem é um momento', escreveu; as batalhas, os terramotos, os naufrágios, os incêndios sucedem-se num ritmo que não esmorece. Este ritmo cria uma atmosfera musical densa e muito particular, com um páthos próprio.*"

⁸ Idem, ibidem, pg. 917.

protetora". Paulo Prado não aceita as idéias liberais, mas aceita a arte moderna após convertê-la em elogio da superioridade racial paulista. Age arbitrariamente com relação ao Impressionismo (assim como agiu com relação ao Romantismo), arranjando a vida literária e artística de modo a que sirvam ao seu propósito. A referência à Geração de 70 - fator real de anacronismo - é necessidade de sua base ideológica, de seu ponto de partida histórico-social: dela depende o elogio do latifúndio.

Assim, sua adesão ao Impressionismo tem duas funções:

1) obter prestígio e legitimidade, pois soma ao elogio de sua condição de classe o aval que a última palavra dos grandes centros poderia dar: a noção de modernidade assume assim o papel de argumento de poder e de manutenção de *status quo* social e econômico - fenômeno atuante na vida brasileira inclusive (e acentuadamente) nos dias que correm;

2) dar-lhe licença para a arbitrariedade no trato da História, produzindo uma interpretação marcada por um subjetivismo não mediado pelos óbices da objetividade.

Mas há mais um comentário a fazer, nesta confrontação entre o **Retrato do Brasil** e as observações de Giulio Carlo Argan: trata-se do item referente 'a "definição de uma idéia de Europa". Este é, sem dúvida, um dos pontos centrais de todo o movimento ideológico brasileiro, incluído aí o Modernismo.

Todo o acervo de idéias de que Paulo Prado se serve centra-se num ajuste de posições frente a Europa, seja para o *aggiornamento* da mentalidade nacional, seja para a afirmação do Brasil - que teria que ser feita frente ao Velho Mundo. O próprio Argan já indica, genericamente, tal coisa, quando observa que as correntes artísticas

do fim do século XIX e começo de século XX são "frequentemente contraditórias", e que a contradição funda-se justamente no que toca a esta definição. A crítica ao processo brasileiro de imitação do padrão estrangeiro, a falta de instituições culturais nascidas do solo nacional, a incapacidade de tratar dos temas da realidade, o atraso (sempre se é atrasado com relação a algum referencial - invariavelmente a Europa); enfim, todo o esforço crítico com relação ao Brasil, tão caracteristicamente modernista, cotidianamente faz parte deste empenho de definir uma idéia de Europa - e com muita frequência, para romper com este continente. Ruptura que é, evidentemente, mais um gesto estético.

Nas indicações metodológicas que Paulo Prado inseriu no seu *Post-Scriptum*, está, como vimos, a sua rejeição ao uso da "*ciência conjectural, à alemã*". Mas imediatamente após esta declaração, afirma que na realização deste singular projeto historiográfico, serviu-se de uma clássica sugestão de von Martius, contida na dissertação *Como se deve escrever a História do Brasil*, publicada em 1845 pela *Revista Trimestral de História e Geographia*⁹ do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - instituição e revista, aliás, sempre presentes no seu pensamento e nas suas referências. Duvidando da eficácia para a compreensão da história nacional da citação das efemérides ou de atos administrativos, tão subordinados a uma documentação que poderia resultar em derivações desconexas, propôs o sábio

⁹ Ou *Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, n.24, janeiro de 1845, pgs.50 ss. É interessante observar que esta instituição assumia certas tarefas intelectuais e de pesquisa como ato de "criação" da nacionalidade. Esta atitude podia facilmente ser harmonizada com a inclinação de inspiração renaniana da responsabilidade moral das elites. Estes dois pontos, aliás, foram os que mobilizaram Eduardo Prado.

viajante alemão "Largo estudo em que apareceriam, encontrando-se e fundindo-se, as três raças cujos efeitos de recíproca penetração deverão produzir o novo tipo étnico que será o habitante do Brasil. (...) Estudar o povoador português da colonização primeira, e que o momento histórico do Renascimento, a paixão descobridora, a ânsia de enriquecer e viver às soltas, lançaram na esplêndida aventura das grandes viagens conquistadoras. Esse colono, célula inicial da nossa formação, procurar apanhá-lo vivo na sua entidade histórica, sitiá-lo na sua roça, na sua fazenda, no seu engenho, no seu curral, ou na incipiente indústria, em intimidade de relações com vizinhos e escravos. Ou encontrá-lo organizador de entradas pelos sertões, cativando índios sob o disfarce da procura do ouro e pedras preciosas, menos feliz na rapina que o seu próprio irmão, o soldado da Índia, aventureiro irrequieto, sem eira nem beira, que sob a égide do cruzado saqueava e destruía as populações indígenas do Malabar. Conhecer enfim o negro africano, nos seus costumes, preconceitos e superstições, máquina de trabalho e vício criada para substituir o índio mais fraco e rebelde, e que se tornou companheiro inseparável do branco, ambicioso e sensual."¹⁰

É evidente que a indicação de Martius transformou-se em roteiro de trabalho para Paulo Prado, que agregou a estas sugestões todo o acervo de noções sobre a realidade brasileira do qual era repositário. Observe-se, também, que a largueza de gestos indicada por Martius, que diretamente convidava ao ensaio, veio a repercutir também no ensaísmo dos anos '30, principalmente em **Casa Grande e Senzala**¹¹ e

¹⁰ RB, pg.221 s.

¹¹ Consta que Gilberto Freyre iniciou a redação do mais importante dos seus trabalhos durante o período em que foi hóspede de Paulo Prado ("Meus agradecimentos a Paulo

Prado, que me proporcionou tão interessante excursão pela antiga zona escravocrata que se estende do Estado do Rio a São Paulo, hospedando-me, depois, ele e Luiz Prado, na fazenda de café de São Martinho. Agradeço-lhe também o conselho de regressar de São Paulo ao Rio por mar, em vapor pequeno, parando nos velhos portos coloniais; conselho que lhe costumava dar Capistrano de Abreu O autor do Retrato do Brasil, desconfiado e comodista, nunca pôs em prática, é verdade, o conselho do velho caboclo - talvez antevendo os horrores a que se sujeitam, no afã de conhecer trecho tão expressivo da fisionomia brasileira, os ingênuos que se entregam a vapores da marca do Irati." Prefácio à primeira edição de **Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil - Casa Grande e Senzala - Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal**, conf. a 6a. Edição, pg.47, José Olympio edit., Rio, 1950. Aliás, Paulo Prado, tendo encontrado na Livraria Americana, do parisiense Chadenat, os manuscritos do **Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier**, passou-o a Gilberto Freyre, que veio a publicá-lo pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1940, durante a gestão à frente do Patrimônio de Rodrigo Mello Franco de Andrade. Este diário, "*contendo observações tão interessantes sobre o Brasil (...) interessa particularmente à história da arquitetura, da arte de construção civil e da administração de obras públicas em nosso país*" (conf. Freyre, Gilberto - **Um Engenheiro Francês no Brasil**. Coleção Documentos Brasileiros. José Olympio Edit., Rio, 1940, pg.7s., biografia do citado Louis Léger Vauthier, aliás dedicado a Paulo Prado) veio a ser de preciosa utilidade como fonte de sugestões para o autor de **Casa Grande & Senzala e Sobrados & Mocambos**. Indo um pouco mais adiante nesta nota, considero que as observações de Antonio Candido sobre o impacto causado na sua geração por **Casa-Grande & Senzala** poderiam perfeitamente ser aplicadas a **Retrato do Brasil** ("*Era justamente um intuito anticonvencional que nos parecia animar a composição libérrima de Casa-Grande & Senzala, com a sua franqueza no tratamento da vida sexual do patriarcalismo e a sua importância decisiva atribuída ao escravo na formação do nosso modo de ser mais íntimo.*" Candido, Antonio - **O Significado de Raízes do Brasil** in Sérgio Buarque de Holanda, **Raízes do Brasil**, Livraria José Olympio Editora - (Coleção Documentos Brasileiros), 12a. Edição, Rio, 1978, pg.xi.)

em **Raízes do Brasil**, obras que talvez possuam no **Retrato do Brasil** o seu grande vetor.

Fica desta forma indicado, em linhas gerais, o programa que Paulo Prado empreendeu, e quais as idéias que presidiram o seu empenho.

A sequência dos capítulos de **Retrato do Brasil** obedece à lógica sugerida por Martius: *Cobiça* trata do impulso psicológico básico da Descoberta, e que estava na raiz da Renascença; *Luxúria*, o segundo pecado capital que funda a nacionalidade, era igualmente intrínseco ao homem da Renascença, e que levou, pela sua natureza, à mescla racial brasileira: as três raças tristes que geram o brasileiro e o herói de nossa gente, sem nenhum caráter; o esgotamento do ouro, objeto da Cobiça, e a hiperestesia sexual esgotaram o habitante da Colônia, gerando o sentimento caracteristicamente nacional da *Tristeza*. Daí para o *Romantismo* é um passo. Estes capítulos obedecem assim a uma lógica interna, e possuem um desenvolvimento imanente.

Este **Retrato do Brasil** não é, todavia, um perfeito "retrato" de São Paulo, cujo habitante, já sabemos, é produto de uma mescla particular, quinhentista e sem o aporte do negro. Isto resulta em superioridade. A diferença racial entre a província de São Paulo e a Nação é a base histórica, ontológica, da diferença irreconciliável entre as duas partes: guerra ou revolução ? - perguntar-se-á Paulo Prado ao final deste livro.

Estamos, assim, no interior de **Retrato do Brasil**. Seu ponto de partida é a noção de psicologia racial aliada à idéia de ciclos evolutivos na história dos povos. Estes dois pontos de partida, que são duas leis gerais da história - aliados à noção de

influência do meio natural sobre o homem, proporcionarão a estrutura teórica a partir da qual Paulo Prado vai compor o seu ensaio.



Rio de Janeiro, Copacabana Pálace, fevereiro de 1928.
BC, Paulo Prado e Marinette — foto de Joaquim de Sousa Queirós.
Joaquim de Sousa Queirós, Marinette e BC — foto de Paulo Prado.
Marinette sozinha — idem.
Arquivo Marie Lebrun da Silva Prado.

A Luxúria

"Uma pornografia desorganizada é também uma quotidianidade nacional. Paulo Prado, espírito sutil pra quem dedico este livro, vai salientar isso numa obra de que aproveito-me antecipadamente."

Mário de Andrade, Primeiro Prefácio de *Macunaíma*
- o herói sem nenhum caráter

A frase que abre este capítulo - e o livro - , *"Numa terra radiosa vive um povo triste"* também servirá, com leve inversão, para fechar o capítulo *Romantismo* (*"Viveram triste numa terra radiosa"*). A tese da tristeza do brasileiro, que já é do subtítulo, não se constitui entretanto em questão central; aliás, pela vacuidade advinda de tal generalidade - um estado de espírito coletivo - não poderia mesmo sustentar um trabalho que veio a ter repercussão e se tornar referência para estudos que foram significativos para a compreensão da realidade brasileira.¹² Mas esta

¹² Não obstante, surgiram na ocasião contrafações ao livro de Paulo Prado, como o volume intitulado *O Brasileiro não é Triste*, de Eduardo Frieiro, em 1931. O tema da tristeza do brasileiro já era bastante recorrente em Graça Aranha (*"Somos os líricos da tristeza"*) ,

frase de efeito indica, sobretudo, uma ausência de sintonia entre a natureza brasileira e a estrutura espiritual dos seus habitantes. Serve perfeitamente com paráfrase àquela passagem da Carta de Fradique Mendes, onde dissertava a importação de padrões culturais europeus que se espalhavam "como panos de feira, entre uma natureza incongênere".

A primeira preocupação contida no **Retrato do Brasil** está na recomposição do que Paulo Prado chama de "*psicologia da descoberta*", dominada por dois grandes impulsos criadores de tristeza: "*a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença fizera ressuscitar*". Aí está, nesta fórmula simples, o esquema que quando for desdobrado fará visível toda a trama historiográfica de Paulo Prado. Renascença = cobiça + luxúria; estes impulsos d'alma, no caso particular do Brasil, levarão à tristeza e ao Romantismo.

enquanto Ronald de Carvalho defendia "*o claro riso dos modernos*" que espantara o mal romântico. Brito Broca, que reconstituiu este assunto, disse que Paulo Prado, descambiando para um completo pessimismo, assim o fazia "*deslocando a questão do plano estético para o plano político-social, achando que só poderiam salvar-nos duas soluções catastróficas: a guerra e a revolução. Não veio a guerra, mas veio a revolução. E se não nos salvou, mudou, no entanto, a perspectiva do modernismo. Em 1931 o debate estéril entre a alegria e a tristeza já estava completamente superado.*" (Brito Broca, *Alegria versus Tristeza*; Secção *Vida Literária*, *A Gazeta*, recorte sem data pertencente ao arquivo do CEDAE - IEL - UNICAMP.)

Caracterização do Homem da Renascença

Já sabemos que o conceito de Renascença é importante para o nosso autor. Acompanhemos, assim, o seu raciocínio, nestas que aliás são as suas páginas mais vigorosas, no aspecto do estilo. Pode-se observar que Paulo Prado adotou uma alternância de cadências e toques de caracterização e descrição para insuflar vida a pessoas e lugares que poderia ser qualificada como *sprezzatura*, (desprezo, menoscabo) conforme o conceito desenvolvido por um clássico da Renascença, Baldassare Castiglione. Esta expressão, tornado conceito de estilo na obra *Il Cortegiano*, de 1528, sintetiza sua indicação de que a nenhuma das realizações do cortesão, de um grande homem, deve faltar este fator, *sprezzatura*, uma desenvoltura de realização, um sabor de superioridade sem esforço, que seriam considerados pelos séculos posteriores à publicação deste livro a marca registrada do perfeito cavaleiro.

Mas este comentário deve permanecer à margem. O estilo de Paulo Prado no Retrato do Brasil, que corresponde à sua maturidade quanto a este e a outros aspectos, guarda alguma ressonância do simbolismo, que se realizava na agudeza dos sentidos - e que convidava à indefinição semântica e modal. A poesia de Verlaine (o poeta predileto de Paulo Prado) tinha como característica mais notável a capacidade de apreender agudamente as coisas, embora guardando distância delas, e salvaguardar destas coisas sons e impressões, que se reorganizam no universo da lembrança. Este princípio, além do mais, assemelha-se à prática do impressionismo,

e lembra a prosa de Paulo Prado, que é marcada pela contínua substantivação dos verbos e adjetivos.

Mas retornemos ao tema.

Da Renascença, diz Paulo Prado, surgira um homem novo com um novo modo de pensar e sentir. Numa passagem tocada por um hegelianismo insuspeitado (herança enviesada de Michelet ?), declara que a história deste homem *"será a própria história da conquista da liberdade consciente do espírito humano"*. Superando a Idade Média, este homem livre e consciente voltou ao paganismo, e seu retorno ao ideal antigo alargou as *"ambições humanas de poderio, de saber e de gozo."* Para chegar a este ponto, a vida européia era excessivamente estreita: *"Era preciso alterar - na terminologia nietzscheana - o sinal negativo que o cristianismo inscrevera diante do que exprimia fortaleza e audácia. Guerra aos fracos, guerra aos pobres, guerra aos doentes. Abrir as portas da prisão ocidental. Substituir à Obediência a Vontade individualista."*

Neste ponto Paulo Prado insere uma nota interessante: *"Contra essa tendência revoltada se formou a Companhia de Jesus, tendo como uma das suas bases fundamentais a Obediência. É o que explica a longa luta dos colonos no Brasil contra os jesuítas [grifo meu]. Por sua vez a Companhia é bem do seu tempo, quando preconiza a Ação como um ideal inaciano."* O homem da renascença irá *"dissipar as constantes e aterrorizadoras preocupações da Morte e do Inferno - medo de Deus e medo do Diabo - que tanto torturavam os espíritos cristãos"*.

As descobertas, a febre do ouro e o "maravilhoso"

A era dos descobrimentos teria sido o resultado desse movimento de libertação: *"Recomeçava na história do mundo o misterioso impulso que de séculos em séculos põe em movimento as massas humanas, após os longos repousos em que as civilizações nascem, se desenvolvem e morrem."*¹³ Mais uma vez, nesse movimento de fluxo e refluxo, a inquietação migratória tomaria o aspecto de imperialismo econômico e comercial." O movimento econômico ganha, com Paulo Prado, o

¹³ Estava na ordem do dia as teoria morfológicas da história, principalmente a de Oswald Spengler (*A Decadência do Ocidente*), que interpretava a vida dos povos, sempre tomados isoladamente, a partir da idéia de ciclos vitais, oriundos da biologia. Assim, não haveria uma história universal, mas apenas histórias particulares de povos, que repetiriam com variantes secundárias a mesma trajetória: da Cultura (expressão espiritual da fase agrária e primeira deste ciclo) indo em direção da Civilização (fase final e radicalmente urbana, e essencialmente desespiritualizada). O ciclo vital aplicado à história prevê o nascimento, o desenvolvimento, a maturidade e a morte do espírito coletivo, que ocorreria quando os povos perdessem o contacto com a natureza que lhes deu origem e conformação racial. Embora conhecesse a obra de Spengler e a de sua "contrafação otimista", o Conde Hermann von Keyserling (que esteve em São Paulo hospedado na casa de Tarsila do Amaral e de Oswald de Andrade), Paulo Prado orienta-se mais por uma interpretação cíclica da história, porém de trajetória irrepetível, como a que Oliveira Martins traçou para a Península Ibérica. De qualquer modo, a noção de decadência é central tanto para Spengler quanto para Oliveira Martins - e também para Paulo Prado.

estatuto de uma dimensão do espírito, a expansão marítima e o mercantilismo tornam-se expressão circunstancial de um "misterioso impulso", sazonal e cíclico.

"Os homens, a quem o Renascimento revelara o prazer de viver, lançavam-se com a energia da época aos mais arriscados empreendimentos na esperança de fortuna rápida. A conquista sanguínea da América Espanhola é dominada por essa paixão frenética. Rio da Prata, Rio do Ouro, Castelo do Ouro, Costa Rica, Porto Rico, assim se batizavam as terras que os conquistadores desvendavam ao mundo atônito. 'Io no vine aqui para cultivar la tierra como un labriego, sino para buscar oro', escrevia Cortez. Nas narrativas de Oviedo, em duas páginas e meia apareceram 45 vezes as palavras oro e dorado, numa insistência de maniaco. (...) Era a preocupação, confessada ou disfarçada, da auri mortifera fames, de que falava Pedro Martir. Ouro. Ouro. Ouro."

Foi nesta circunstância e neste ânimo que o Brasil foi descoberto. A chegada da frota de Cabral ao litoral baiano propiciou ao navegantes uma visão do paraíso. O principal documento deste acontecimento, a carta de Caminha, é considerado por Paulo Prado como um primeiro retrato do Brasil: *"na sua idílica ingenuidade, é o primeiro hino consagrado ao esplendor, à força e ao mistério da natureza brasileira. Nas suas tintas frescas de painel primitivo - que já se comparou a um Memling - percebe-se o encantamento do maravilhoso achado que surgia diante dos navegantes depois da longa e incerta travessia."*

Mas *"não era, nem do tempo nem da raça, o amor à natureza"*. Assim, este maravilhamento marcou apenas o primeiro momento, e o novo habitante voltou-se para as empresas que eram *"do tempo e da raça"*.

O povoamento do Brasil. A "escuma turva das civilizações". A lascívia do índio.

A nudez das índias, que despertava a admiração de todos os cronistas e comentadores da época, somada à ardência do clima, desatou o sensualismo dos aventureiros e conquistadores. " *Aí vinham esgotar a exuberância de mocidade e força e satisfazer os apetites de homens a quem já incomodava e repelia a organização da sociedade européia. Foi deles o Nôvo Mundo. Corsários, flibusteiros, caçulas das antigas famílias nobres, jogadores arruinados, padres revoltados ou remissos, pobres-diabos que mais tarde Callot desenhou, vagabundos dos portos do Mediterrâneo, 'anarquistas', em suma, na expressão moderna, e insubmissos às peias sociais - toda a escuma turva das velhas civilizações, foi deles o Nôvo Mundo, nesse alvorecer.*"¹⁴

De todos os povos europeus que se juntaram ao elemento nativo, e entre si, no grande caldeirão racial da América, surgiram os tipos adaptados: os "vaqueanos" e rastreadores da América Espanhola, os "coureurs de bois" dos desertos do Norte e, o que mais importa para Paulo Prado, o tapejara e o mamaluco bandeirante da colônia portuguesa.

¹⁴ Vale a pena lembrar que na conferência "O Movimento Modernista" Mário de Andrade refere-se aos ancestrais de Paulo Prado nestes mesmos termos.

Existiram tipos que foram grandes povoadores neste período inicial da vida brasileira. Um deles foi João Ramalho, patriarca da capitania de São Vicente. *"Dele escreveu Tomé de Sousa ao rei de Portugal: 'tem tantos filhos e netos, bisnetos e descendentes delles ho non ousou dizer a V.A. nã tem cãa na cabeça nem no rosto e anda nove leguas a pé antes de yantar...'. Foi o ascendente por excelência dos mamalucos paulistas que viriam a exercer tão grande influência na história do Brasil; foi o antepassado típico, como o descreve o primeiro governador, do antigo piratiningano, fisicamente forte, saudável, longo, desabusado e independente, resumindo as qualidades com que dotou gerações e gerações de descendentes."*¹⁵

João Ramalho (que Paulo Prado considera como o "patriarca" de São Paulo num dos ensaios de **Paulística**) assim como outros povoadores do Brasil, possui origem desconhecida: *"Náufragos, desertores, degredados ?"* É interessante que aqueles que considera como as raízes da aristocracia da terra são sempre, e o mais brevemente possível, marcados por epítetos que na Europa seriam considerados como ofensas. Mas a intenção de Paulo Prado, que sempre existe, busca outro resultado: uma diferenciação em toda instância, que assenta com o seu desejo de autonomia e de originalidade. A própria condição errante e de passado obscuro torna-se elemento necessário para que constituíssem a original aristocracia da terra: eles formarão a nova raça a partir do cruzamento com as índias. O mistério de sua origem é simbólico, pois representa *"o insinuante domínio do branco sobre a indiada que o acolhia no engano dos primeiros encontros. Contém em embrião quase todos os elementos da sociedade posterior. Era ainda o período idílico e*

¹⁵ RB, pg. 157.

heróico, em que o colono aqui chegava isolado no individualismo da época, e misturava-se com o indígena de quem aprendia a língua e adotava os costumes."

Um dos fatores que ajudaram este processo foi a ausência quase completa de mulheres brancas na colônia. Daí a concubinação tornou-se regra geral, trazendo como resultado a implantação da mestiçagem na constituição de tipos autóctones que povoaram desde logo esta parte do Novo Mundo.

No que concerne às circunstâncias, *"O clima, o homem livre na solidão, o índio sensual, encorajavam e multiplicavam as uniões de pura animalidade. A impressão edênica que assaltava a imaginação dos recém-chegados exaltava-se pelo encanto da nudez total das mulheres indígenas."*¹⁶ Disto decorre que a sedução da terra veio *"aliava-se no aventureiro a afoiteza da adolescência. Para homens que vinham da Europa policiada, o ardor dos temperamentos, a amoralidade dos costumes, a ausência do pudor civilizado - e toda a contínua tumescência voluptuosa da natureza virgem - eram um convite à vida solta e infrene em que tudo era permitido. O indígena, por seu turno, era um animal lascivo, vivendo sem nenhum constrangimento na satisfação de seus desejos carnaís."*

Assim, do contato dessa sensualidade com o desregramento e a dissolução moral do conquistador europeu surgiram as primitivas populações mestiças do Brasil.

¹⁶ RB, pg.158.

"Terra de todos os vícios e de todos os crimes."

Podemos apontar agora um forte elemento de ambiguidade dentro desta obra de Paulo Prado. Em consonância com o pensamento de Antero de Quental e de Oliveira Martins, reputa a ação da Companhia de Jesus como um dos fatores mais negativos para a história da Península Ibérica, uma das causas de sua decadência. Os bandeirantes paulistas, inclusive, teriam construído a sua identidade - e sua obra, o território nacional - na luta contra estes religiosos. Lembremos aqui mais uma vez que esta idéia está no próprio cerne do pensamento de Paulo Prado.

No entanto, a adesão ao ponto de vista jesuítico e/ou da Inquisição é fundamental para o seu trabalho, retirando dos Autos das Visitações argumentos decisivos para sua linha de argumentação. A visão do Brasil não como Paraíso, mas como Inferno - ou caminho reto e seguro para lá - faz parte tanto da visão jesuítica quanto do **Retrato do Brasil**, que afinal indica que a história nacional se conta por pecados capitais, os mesmos que levam ao Inferno. Cobiça, Luxúria: a história nacional torna-se o caminho do Inferno, mesmo com visões do Paraíso. Além do mais, o inferno são os outros - os mestiços dos negros, índios e portugueses da decadência - os não-paulistas: os brasileiros.

Comentando os "*preciosos documentos*" da **Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil**, de 1591-92, Paulo Prado reputa-os como muito

reveladores do impressionante quadro do começo de sociedade que era a Bahia nesse findar de século: *"É também no segredo inquisitório a mostra minuciosa e completa das mais baixas paixões, que só parece devam existir na decadência das civilizações."*¹⁷

Informa que grande número dessas confissões, 45 em 120, *"referem-se ao pecado sexual"*. Apesar da população relativamente escassa da cidade do Salvador, *"a repetição dos casos de anormalidade patológica põe claramente em evidência em que ambiente de dissolução e aberração viviam os habitantes da colônia. São reinóis, franceses, gregos, e a turba mesclada da mestiçagem - mamalucos,*

¹⁷ Em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo (O Brasil é um país de réus, 18.9.1994), José Paulo Pais, comentando o tom intimidatório dos documentos oficiais dirigidos aos cidadãos comuns, aventa a hipótese de que a síndrome de culpa dos cidadãos e a mentalidade policial do Estado talvez se originem na Inquisição: *"Fico a cogitar com os meus botões se esse inato, kafkiano sentimento de culpa que o brasileiro traz dentro de si, e que as mais das vezes o faz baixar a cabeça diante da arrogância do Poder, não teria raízes na própria formação histórica, eminentemente católica, do nosso país. (...) Ninguém ignora haver sido em Portugal e na Espanha que o Santo Ofício prosperou como em nenhuma outra parte, e isso no mesmo século em que se deu a descoberta e se iniciou a colonização do Brasil. Tanto assim que já em 1591 desembarcava na Bahia a Primeira Visitação do santo Ofício às Partes do Brasil, que aqui vinha apurar e punir crimes contra a fé e a moral. (...) Aos olhos do Santo Ofício, (...) a heresia estava em toda parte e todos eram suspeitos dela. (...) Daí não estranhar que o zelo fanático dos inquisidores criasse entre o comum das pessoas um pavor generalizado, a que se associava um irracional sentimento de culpa, fácil de medrar nos espíritos obsessionados com a noção de pecado. Quem sabe não provém dessa raiz quinhentista a nossa síndrome de réus subliminares, que o autoritarismo das estruturas brasileiras de poder, também nascido da mesma raiz inquisitorial, só fez aumentar ao longo dos quatro séculos da nossa formação histórica ..."*

curibocas e mulatos - trazendo ao tribunal da Inquisição os depoimentos dos seus vícios; sodomia, tribadismo, pedofilia erótica, produtos da hiperestesia sexual a mais desbragada, só própria em geral dos grandes centros de população acumulada."¹⁸

Transoceanismo. Desamor à terra.

Essa era a sociedade informe e tumultuária que povoava o vasto território cem anos depois de descoberto. *"Caracterizava o europeu o desamor à terra, aquilo que o nosso historiador [Capistrano de Abreu] chamou de transoceanismo: o desejo de ganhar fortuna o mais depressa possível para a desfrutar no além-mar. Gandavo observou, entretanto, que os velhos acostumados ao país não queriam sair mais. Eram certamente os que constituíram a estrutura básica racial, os primeiros colonos - degredados, desertores, náufragos - gente da Renascença, que o crime, a ambição ou o espírito aventureiro fizera abandonar a Europa civilizada".* Paulo Prado usa os

¹⁸ Continua Paulo Prado a partir desta página 162 : *"Sodomita, esse vigário de Matoim, de 65 anos, cometendo atos desonestos com mais de quarenta pessoas, ou esse outro clérigo, Frutuoso Álvares, 'homem velho que já tem as barbas brancas', pederasta passivo, assim como o cônego Bartholomeu de Vasconcelos, apaixonado pelos negros de Guiné; e o sodomita incestuoso Bastião de Aguiar, menor de 16 anos que se juntava com o irmão mais velho e com um bacharel de artes, natural do Rio de Janeiro; e Lázaro da Cunha, mamaluco, que vivera cinco anos entre os tupinambás, 'despido e tingido', praticando com as índias o pecado nefando; e o cristão-novo Diogo Afonso encontrando-se com o seu cúmplice Fernão 'pelos campos e ribeiras'", etc.* Longe vai Paulo Prado na referência à luxúria praticada no Brasil, conforme os documentos, e do ponto de vista da Inquisição.

critérios do darwinismo social e racial, quando julga este contingente um "*produto humano fisicamente selecionado, tendo resistido aos perigos, tribulações e sofrimentos da longa travessia.*" O darwinismo obrigava ao uso do critério de adaptação ao meio: pois ao se instalarem no país virgem, "*tinham conseguido vencer a hostilidade da natureza e adaptar-se às condições de uma nova existência. Nesta, tinham aceitado mais ou menos a mentalidade e a moralidade ambientes e aprendido com o aborigene os processos de caça, de pesca e de rudimentar agricultura.*"¹⁹

O processo moral seria também um fator de adaptação ao meio, e os colonos "*moralmente já eram mestiços*", como observou Capistrano, "*e essa como que mestiçagem lhes permitiu, na luta em que sucumbiam os fracos e tímidos, a fácil adaptação à vida colonial*". Adaptando-se e sobrevivendo, "*entregavam-se com a violência dos tempos à saciedade das paixões de suas almas rudes*".

Uma dessas paixões foi a lascívia do branco solto no paraíso da terra estranha: "*Tudo favorecia a exaltação de seu prazer: os impulsos da raça, a molícia do ambiente físico, a contínua primavera, a leveza do vestuário, a cumplicidade do deserto e, sobretudo, a submissão fácil e admirativa da mulher indígena, mais sensual do que o homem como em todos os povos primitivos, talvez por considerações priápicas, insinua o severo Varnhagen*". O índio era assim "*uma simples máquina de gozo e trabalho no agreste gineceu colonial*". O povoamento do país deu-se, desta forma, a partir de "*uniões de pura animalidade.*"

A sociedade brasileira, formando-se neste processo darwinista e de bruto padrão, constituiu-se como patriarcal: "*De fato, só o macho contava. A mulher,*

¹⁹ RB, pg.167.

acessório de valor relativo, era a besta de carga, sem direitos nem proveitos, ou o fator incidental na vida doméstica. Fenômeno androcêntrico, de origem portuguesa e indígena, que por tanto tempo perdurou na evolução étnica e social do país. Não a modificou, ou antes, o acoçoou a passividade infantil da negra africana²⁰, que veio facilitar e desenvolver a superexcitação erótica em que vivia o conquistador e povoador, e que vincoou tão fundamente o seu caráter psíquico." Estas indicações serão, como sabemos, elaboradas de modo diferenciado por Gilberto Freyre.²¹

²⁰ Ver a este respeito a obra de Dante Moreira Leite.

²¹ RB, pg.167 s.

A COBIÇA

"Macunaíma ... caiu dormindo debaixo duma palmeirinha guairô muito aromada onde um urubu estava encarapitado. Ora o pássaro careceu de fazer necessidade, fez e o herói ficou escorrendo sujeira de urubu. Já era de-madrugadinha e o tempo estava inteiramente frio. Macunaíma acordou tremendo, todo enlambuzado. Assim mesmo examinou bem a pedra mirim da ilhota pra ver si não havia alguma cova com dinheiro enterrado. Não havia não. Nem a correntinha encantada de prata que indica pro escolhido, tesouro de holandês. Havia só as formigas jaquitaguas ruivinhas."

Mário de Andrade, *Macunaíma - o herói sem
nenhum caráter*

"Não se fabrica, não se cria: basta o ouro do oriente para pagar a indústria dos outros, enriquecendo-os, instigando-os ao trabalho produtivo, e ficando nós cada vez mais pobres, com as mãos cheias de tesouros!"

Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos
Peninsulares nos Últimos Três Séculos*

Se o povoamento do Brasil - a constituição ancestral de sua sociabilidade - deveu-se ao pecado da luxúria, sua própria descoberta deveu-se a outro pecado não menos mortal: a cobiça.

Da mesma forma ocorreu com todos os empreendimentos portugueses da época das Descobertas. A Índia foi o grande Eldorado. Tudo aquilo que não significasse riqueza imediata foi secundário neste processo: "*O fragor das armas nas lutas contra infiéis e mouros disfarça os conciliábulos dos mercadores, negociando tratados e contratos comerciais. O nervo eram os canhões, a alma a pimenta, resumiu Oliveira Martins: Tam Marti quam Mercurio.*"²²

O individualismo infrene. A quimera do ouro.

Para o Brasil, entretanto, só vinha por sua própria vontade o aventureiro miserável, resolvido a tudo, o desesperado. Foi a época e o lugar dos degredados, dos criminosos, dos náufragos, dos grumetes rebelados: "*Individualismo infrene, anárquico pela 'volatização dos instintos sociais', cada qual tendo no peito a mais formidável ambição que nenhuma lei ou nenhum homem limitava*", e entregue ao encanto da novidade e da surpresa. "*Como exclusiva preocupação, viver livre e dominar; como único alento, a miragem que então incendiava a imaginação do mundo inteiro de não estar muito longe, mas sempre inatingível, o maravilhoso Dorado, senhor da lagoa de prata de Manoa e da cidade do Ouro rodeada de*

²² RB, pg.169.

montanhas reluzentes de pedrarias. Lenda continental que por toda a parte se espalhara, como o Dorado dos Paititis, na região dos Mojos e Chiquitos, o Dorado dos Césares, na Patagônia e no Chaco, o Dorado das Siete-Ciudades, no Nôvo México, e até nas grandes planícies da América do Norte, o Dorado de Quiriza."²³

O encanto do primeiro encontro com a terra desconhecida desaparecia aos poucos para ser substituído por uma dura realidade em que o colono se via "*abafado pela mata virgem, picado por insetos, envenenado por ofídios, expostos às feras, ameaçado pelos índios, indefeso contra os piratas*".²⁴

Apesar dos sofrimentos, por toda a parte o aventureiro corria atrás da prata, do ouro e das pedras preciosas, que durante dois séculos não foram senão ilusões e desenganos. Compensava a esterilidade do esforço a captura e escravização do índio. Assim, bandeiras de caça ao gentio e bandeiras de mineração tornavam-se praticamente a mesma coisa. Quando se dissipava a miragem do ouro ficava como consolo o índio escravizado: "*Estes, Senhores - escrevia o padre Vieira - são as minas certas deste Estado, que a fama das de ouro e prata sempre foi pretexto, com que aqui se iam buscar as outras minas que se acham nas veias dos índios, e nunca as houve na terra*".²⁵

Para sustentar a quimera do ouro que foi a loucura da época, sempre latente e insistente em todos os empreendimentos, era no entanto necessário viver e trabalhar a terra para o sustento diário: daí por todo o século XVI o lento progresso da lavoura incipiente e do comércio rudimentar. Apesar do desenvolvimento agrícola em certas

²³ RB, pg.170.

²⁴ RB, pg.172.

²⁵ RB, pg.174.

capitanias, principalmente do açúcar em Pernambuco e na Bahia, o Brasil foi, entretanto, na lenda e na realidade, o país do ouro e das pedras.

"O sertão vivia como ainda vive hoje, inexplorado, guardando em seu arcano, para o escoteiro, a esperança de todas as possibilidades. A sua história, nas suas linhas gerais, será a história dos catadores, faiscadores e lavageiros do ouro, da prata e das pedrarias. Atrás dessa ambição correram as bandeiras por todas a vastidão da terra desconhecida. (...) o mais, durante tão longos anos, foi o cativo do gentio, e com altos e baixos, a febre do ouro e da riqueza mineira. Obsessão diabólica. Dinamismo formidável de uma época, de uma raça e de um novo tipo étnico, convergindo numa idéia fixa, avassaladora. Ouro. Ouro. Ouro. Ouro."

Os jesuítas escapam da pandemia do ouro

A essa verdadeira pandemia só escaparam duas classes de colonos: os padres da Companhia de Jesus e os parasitas sedentários da burocracia metropolitana. Estes, pela estupidez vegetativa dos governos coloniais, eram os capitães-mores, fidalgotes, desembargadores, ouvidores, bispos, toda a complicada máquina administrativa que já começara a sugar a energia do velho Portugal. Mais uma vez, a dicção de Paulo Prado advém de Oliveira Martins e de Antero de Quental.

Os jesuítas, por sua vez, escapam da febre do ouro pelo derivativo da fé missioneira, em que no desenfreamento das paixões do Nôvo Mundo *"representou o poder moderador, o elemento de cultura moral, de exaltado misticismo com que aqui chegaram os primitivos missionários de Coimbra e Évora"*.

Vícios e Virtudes dos Bandeirantes

Esses conflitos seculares da Colônia, diz Paulo Prado, colocam em evidência "*os vícios e virtudes tão peculiares ao tipo do bandeirante de São Paulo*". Observe-se que ao invés de chamar de elementos característicos, ou particularidades, Paulo Prado os chama de "vícios e virtudes", adotando assim a angulação e a terminologia jesuítica sobre a questão.

Resumidamente, seriam estes os vícios e virtudes peculiares aos bandeirantes:

- **Ânsia de independência** levada até o motim e a revolta;
- **Excessos e brutezas** de homens de engenho rude;
- **Escrúpulos exíguos**;
- **Fortaleza física** apurada pela endogamia e seleção num meio propício;
- **Ambição de mando** que o isolamento da montanha desenvolvia;
- **Ganância de riqueza rápida** a que não era estranha a influência semítica dos cristãos-novos;
- **Ausência de elementos alienígenas**, levando à conseqüente:
- **Predominância dos fatores indígenas** na cruzada e no pessoal das expedições do sertão.

Todos estes são tópicos que já vimos elaborados em **Paulística**, e que são aqui reativados.

Estes bandeirantes, numa fórmula, *"cometeram todos os crimes que os homens dessa época praticavam para a satisfação das suas paixões."*²⁶

Esse característico na formação da nacionalidade é quase único na história dos povos. Todos os agrupamentos étnicos da colônia não tiveram outro incentivo idealista senão esse de procurar tesouros nos socavões das montanhas, e nos cascalhos dos córregos e rios do interior. *"As próprias lendas - observa Martius - que na Europa fornecem a poesia popular todo um mundo de fadas, cavalheiros, duendes e espectros, no Brasil primitivo consistiam em histórias fantásticas de riquezas escondidas, minas de pedrarias e tesouros enterrados nos sertões longínquos"*.

No entanto, todo este sacrifício, que ocupa dois séculos da vida nacional, resultou em nada.

O ouro empobrecia o Brasil

Já sabemos que Paulo Prado possuía o gosto pela construção de frases retóricas, que traziam o contrasenso para a figuração do país: assim como *"numa terra radiosa vive um povo triste"*, também a posse da máxima riqueza era a razão da miséria da vida brasileira.

Durante o ciclo do ouro as fortunas eram contruídas do dia para a noite, pelo acaso feliz das descobertas. Vila Rica, por meados do século, era a cidade mais opulenta do mundo, *"se ouro, e somente ouro, constitui riqueza"*. Para o Brasil,

²⁶ RB, pg.178.

porém, esse século XVIII foi também o século do seu martírio. À semelhança com o drama histórico da Califórnia, em que o milionário Suter teria sido arruinado pelo achado de uma mina de ouro nas suas terras de lavoura cobertas de vinhas, oliveiras e gado de raça - o ouro empobrecia o Brasil: *"Guerra civil, inomináveis abusos do fisco e do clero, epidemias de fome, em que se morria de inanição ao lado de montes de ouro pelo abandono da cultura e da criação"*.²⁷

Olhos fixos na loteria da mina surgindo de repente, a população vivia entre a mais abjeta indolência e o frenesi de mineração desordenada. De fato só o negro trabalhava, e este era comprado a preços exorbitantes para os misteres da mineração. A agricultura, como resultado, ficava em completo abandono, enquanto rapidamente o país se despovoava.²⁸

²⁷ RB, pg. 185.

²⁸ Estas idéias Paulo Prado foi encontrá-las também em Oliveira Martins. Em **O Brasil e as Colônias Portuguesas** (pg. 83 s.) diz que *"Assim, de futuro, quando as areias dos rios estivessem esgotadas de diamantes, e as camadas de cascalho limpas de ouro; quando essas povoações, fundadas num furor de exploração, tivessem de entrar na vida normal do trabalho e da indústria agrícola; quando os produtos das lavouras exigissem transportes fáceis e baratos: levantar-se-iam os problemas graves que determinaram o atrofamento de muitas vilas, o desaparecer de algumas, e uma crise na economia de uma região outrora opulenta."*

Isso foi o que efetivamente sucedeu no último quartel de nossa era, a província de Minas apresentava o aspecto de uma ruína: os habitantes estavam indecisos entre a exploração de jazigos cada vez menos produtivos, e a agricultura prometedora; e as vilas, isoladas por léguas e léguas de distâncias, escondidas em desvios difíceis de serras bravias, definhavam. Era uma decadência triste e uma desolação geral. (...) Mendigos habitavam em palácios carunchosos. A apatia, a indolência do temperamento meridional apareciam agora, passado o delírio da exploração mineira, e depois de dois séculos de

*"Na metrópole, de 1740 a 1750, a febre atingira o auge. Neste último ano terminava o reinado sultanesco de D.João V, numa apoteose de loucura e de esbanjamentos. Para isso contribuía somente Minas, e até 1751, com 26.000 arrobas de ouro, não contando os quintos, os dízimos, os direitos das entradas, as passagens dos rios. (...) Nada porém bastava para a voracidade da metrópole, para a carolice do rei, para os desperdícios do reino."*²⁹

O Brasil sangrado, exausto, viu extinguir-se a fonte milagrosa do ouro. A mineração, afinal esgotada, transformou os mineradores em classe de indigentes. Procuravam livrar-se da miséria pela volta aos trabalhos agrícolas, mas este era um ofício que não mais conheciam.

incessantes correrias pelos sertões virgens. Viam-se os campos abandonados, miseráveis casas destelhadas caindo a pedaços; os jardins e cercados estavam infestados de plantas parasitas (...). A agricultura, esquecida pelo ouro, parecia agora uma ocupação modesta demais: não inflamava as imaginações com os milagres deslumbrantes das riquezas escondidas no seio das encostas agrestes. O café produzia espontaneamente, e os lavradores, tristemente apáticos, nem o colhiam.

Oscilando entre a esperança vã de um retorno das maravilhas mineiras, e a fatalidade de um regresso à vida agrícola, o proprietário indeciso, mole, arrastava uma existência quase miserável. A lavra da mina não raro lhe absorvia o produto líquido da lavoura; e entretanto a sua paixão fazia-o desprezar a segunda, amar a primeira." Interessa observar nesta passagem de Oliveira Martins mais de um significado para Paulo Prado: além da evidente similitude de interpretação do fenômeno do esgotamento das minas, há um procedimento de compor quadros vivos, de excelente poder de visualidade, que o ensaísta brasileiro terá como modelo.

²⁹ RB, pg.186.

A situação em Portugal - *"cúmplice desse crime estúpido que foi a exploração das minas do Brasil"* - não era melhor. Houve o breve intervalo da administração pombalina, que por algum tempo conseguiu desenvolver a produção e comércio das colônias, sobretudo da Índia: *"Empreendeu a tarefa difícil de reter no país o ouro que o Brasil ainda produzia"*. Mas em 1794, quando Portugal se juntou à Inglaterra contra a França, todo o passageiro ressurreto já se tinha dissipado: *"sem dinheiro, sem esquadra, sem exército, o velho reino se entregou de corpo e alma ao aliado poderoso que lutava contra Napoleão. Em 1808, diz Elisée Reclus, quando o rei partiu para o Brasil, Portugal poderia desaparecer subitamente, num cataclismo, que ninguém no mundo se sentiria lesado nos seus interesses (...). Tinha faltado a Portugal a verdadeira compreensão histórica e econômica da sua missão metropolitana. A nação e o governo recebiam como uma esmola o ouro, as pedras preciosas e os produtos comerciáveis das colônias. Quiseram viver sem trabalhar. A sua grande obra, como que inconsciente para os estadistas dos séculos passados, e mesmo para os da atualidade, foi a criação e formação de um outro povo, a quem puderam legar a língua natal e as peculiaridades raciais da civilização portuguesa."*³⁰

Agora que já partimos de uma visão mais global da obra de Paulo Prado, constatamos que toda a sua linha de reflexão conduz à desautorização de outra forma de atividade econômica que não a do café. O aspecto destrutivo do ouro, contraditório em si, e que veio por empréstimo de Oliveira Martins e Antero de Quental, é um deles. Mas a própria economia canavieira, olhado atentamente o modo como é tratado pelo nosso autor, também resulta negativa, pois trouxe para o país o

³⁰ RB, pg.188.

trabalho escravo, e com ele um dos elementos da degeneração étnica nacional: o negro. Isto ficará mais claro no **Post-Scriptum**.

O Aleijadinho

De toda a tempestuosa experiência do ouro, de permanente e de valor só ficou uma quase ruína, que é a obra de Aleijadinho, escultor e arquiteto. *"Esse monstro físico, asqueroso, de face atormentada e disforme, de pálpebra caída e boca estuporada, escondia-se debaixo de uma tolda para trabalhar nas igrejas. Não lhe perturbava o gênio inculto nenhum ensinamento de academias ou mestres; a sua obra surgiu e viveu na espontaneidade da imaginação criadora, sem nenhuma deformação."* Observe-se a contradição do Aleijadinho, no comentário de Paulo Prado: deformado no físico, mas sem nenhuma deformação na "imaginação criadora", pois não tinha sido colhido pelos ensinamentos acadêmicos, que só poderiam vir de fora, como moda importada e deslocada da realidade nacional. Este fator é decisivo, e o torna algo assim como um precursor do Modernismo, no plano mais abstrato. Foi, por isso, *"o único grande artista que durante séculos possuiu o Brasil. É o que resta do maravilhoso Potosi das Gerais, que por tanto tempo assombraram o mundo,"*³¹

As Bandeiras continuam

Concomitante ao drama do ouro nas Gerais, mantinham-se as correrias paulistas. Rechaçados dos territórios onde descobriram as aluviões que enriqueciam fabulosamente os usurpadores - os bandeirantes paulistas afundavam-se pelos desertos longínquos de Cuiabá e Goiás: *"Se nos lançarem fora daqui - diziam -*

³¹ RB, pg.188.

iremos acolá', mostrando, para os lados do sertão, os morros e serrarias que se estendiam a perder de vista." Numa derradeira arrancada, "prestes a terminar a finalidade histórica do seu papel na formação do país, as bandeiras multiplicam-se em demanda do próprio coração do continente."

Esta bandeira conservava, como nos primeiros tempos, "os traços característicos da sua formação: Interesse, Dinamismo, Energia, Curiosidade, Ambição. Faltavam-lhe os estimulantes afetivos de ordem moral e os de atividade mental. Nunca soubera transformar em gozo a riqueza conquistada. A sua energia intensiva e extensiva concentrava-se num sonho de enriquecimento que durou séculos mas sempre enganador e fugidio. Com essa ilusão vinha morrer sofrendo da mesma fome, da mesma sede, da mesma loucura. Ouro. Ouro. Ouro.

Cobiça."

TRISTEZA

"Sabem qual o livro que me lembrou Macunaíma, guardadas já se vê as devidas proporções? O Caminho das Índias de Forster. O romance inglês mais notável dos últimos tempos e talvez o melhor retrato da Índia que até hoje se fez. Dessa Índia, que é também o retrato do Brasil. Pois não há dois países no mundo que, no fundo mais se pareçam do que esses dois antípodas, ligados não apenas pela bossa dos zebus, mas principalmente pelo espírito das macumbas e pela volúpia da dissolução."

Tristão de Atayde - *Macunaíma*, in "Vida Literária",

O Jornal, Rio,

9.9.1928

"E essas falsas condições sociais não produziram somente os efeitos que aponteí. Produziram um outro, que por ser invisível e insensível, nem por isso deixa de ser o mais fatal. É o abatimento, a prostração do espírito nacional, pervertido e atrofiado por uns poucos de séculos da mais nociva educação. As causas, que indiquei, cessaram em grande parte: mas os efeitos morais persistem, e é a eles que devemos atribuir a incerteza, o desânimo, o mal estar da nossa sociedade contemporânea."

Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos*

Peninsulares nos Últimos Três Séculos

Paulo Prado principia este capítulo com uma comparação histórica que seria das mais importantes para a historiografia brasileira contemporânea: a da forma de colonização dos Estados Unidos frente ao modo de ocupação do Brasil.³² Ao

³² Poucos anos depois da publicação do *Retrato do Brasil*, Caio Prado Júnior, sobrinho de Paulo, veio a escrever um dos principais clássicos do pensamento histórico e social brasileiro, *Formação do Brasil Contemporâneo - Colônia* (Livraria Martins Editora, S.Paulo, 1942). Um dos pontos básicos desse estudo é justamente a mesma comparação entre as formas de colonização da América do Norte e a do Brasil, e esta contraposição, seguindo princípios metodológicos que privilegiaram as particularidades econômicas de cada ocupação, lançaram as bases para (e em si foi) uma interpretação marxista da história nacional. No capítulo "*O Sentido da Colonização*", chamou Caio Prado Jr. a ocupação da América do Norte de "colônia de povoamento", e a de países como o Brasil de "colônias de exploração". Há nesta diversificação um decisivo fator geográfico e climático: o primeiro tipo corresponde às regiões temperadas, e a do segundo tipo às regiões tropicais e sub-tropicais. Portanto, à América do Norte corresponde um clima e uma natureza pouco diferente do da Europa, sendo seus atrativos, portanto, esmaecidos frente a uma exuberância tropical. Sua colonização obedeceu assim a interesses do deslocamento populacional causado pelos vendavais políticos, econômicos e religiosos da Europa a partir do século XVII: "*Durante mais de dois séculos despejar-se-á na América todo o resíduo das lutas político-religiosas da Europa.*"(pg.20)

Mas "*muito diversa é a história da área tropical e sub-tropical da América.*" "*São trópicos brutos e indevassados que se apresentam, uma natureza hostil e amesquinhadora do homem, semeada de obstáculos imprevisíveis sem conta para que o colono europeu não estava preparado e contra que não contava com nenhuma defesa.*" Portanto, para que se estabelecesse em tal paragem era preciso que a circunstância oferecesse uma vantagem especial: "*a diversidade de condições naturais, em comparação com a Europa, que acabamos de ver como um impecilho ao povoamento, se revelaria por outro lado um forte estímulo. É que tais condições proporcionarão aos países da Europa a possibilidade de*

contrário da febre do ouro que definiu o início da vida brasileira, o lendário John Smith ensinava aos seus virtuosos pares, os peregrinos recém-chegados à América, que *"Aqui nada se obtém senão pelo trabalho."* Puritanismo, utilitarismo, a dura labuta nos campos e a frequência dominical ao culto religioso, que apurava a disciplina, fixaram o tipo moral predominante na história dos Estados Unidos.

obtenção de gêneros que lá fazem falta." Lançando mão de seus altos dotes estilísticos, Caio Prado Jr. recorta a imagem de uma Europa fria, ainda circunscrita aos recursos pouco variados existentes na recente Idade Média, e que se defrontava de súbito com a opulência dos produtos tropicais - alguns até então itens dos enxovais de rainhas - como o açúcar, a pimenta, o tabaco, o arroz, o algodão, o anil. E para a obtenção ilimitada destes recursos, a *"América lhe poria à disposição, em tratos imensos, territórios que só esperavam a iniciativa e o esforço do homem. É isto que estimulará a ocupação dos trópicos americanos. Mas trazendo este agudo interesse, o colono europeu não traria com ele a disposição de por-lhe a serviço, neste meio tão difícil e estranho, a energia do seu trabalho físico. Viria como dirigente da produção de gêneros de grande valor comercial, como empresário de um negócio rendoso; mas só a contragosto como trabalhador. Outros trabalhariam para ele."*(pg.22 s.)

Nestas circunstâncias, surgiram os elementos econômicos que dariam o enquadramento histórico fundamental da futura nação: o latifúndio, a escravidão, a monocultura e a vocação exportadora de produtos primários e alimentos. *"É este o verdadeiro sentido da colonização tropical"* - diz Caio Prado Jr. - *"de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos"*. (pg.25) Constatamos assim que Caio Prado Jr. contrapõe aos *"impulsos misteriosos que de séculos em séculos põem em movimento as massas humanas"*, na conceituação de seu tio e interlocutor, uma interpretação de base material para o mesmo ponto decisivo de interpretação da história do Brasil.

Houve aquilo, que Weber sinteticamente chamou de "ética protestante [como] espírito do capitalismo".

Mas no litoral brasileiro o drama da conquista e do povoamento desenrolou-se de modo distinto.

A decadência de Portugal

As páginas que vem a seguir nós já as conhecemos: contêm a paráfrase das **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares**, as idéias de Antero de Quental, de Oliveira Martins e ainda de Alexandre Herculano, e que já estava - esta paráfrase - em **Paulística**. Retornam estas idéias agora com nova vitalidade, visando acumular argumentos para a questão da superioridade paulista - que imporá o problema do separatismo regionalista.

Recapitulando estes argumentos, então, lembra Paulo Prado que na própria Índia Portugal foi encontrar o motivo da decadência de seu poderio. A derrota na África, a morte de D.Sebastião, a grande perda de homens por ocasião dessas lutas, enfraqueceram o reino que lhe sentia escapar a colônia asiática tão cobiçada. A união com a Espanha, a crescente influência da Inquisição, mais poderosa do que nunca no reinado de Felipe II, completaram a obra de decomposição que lentamente se preparava. Nos últimos anos do reinado de D.João III o estabelecimento definitivo da Inquisição já fôra o início da decadência que se agravou rapidamente durante os governos sucessivos de seu neto e de seu irmão.

A situação política, cada vez mais turbada, tinha levado rapidamente o país à beira da anarquia e à perda da independência; em 1580 Filipe da Espanha tomava posse de Portugal.

O declínio do império colonial não era uma desgraça que vinha sozinha: acompanhava-a a decadência da metrópole. *"A nação portuguesa, corrompida pelo luxo e pela desmoralização dos costumes, perdia, pouco a pouco, a sua primitiva vitalidade. Os governos, despóticos e incapazes, só conservavam a antiga energia para sustentar a Inquisição."*³³

À dissolução em Portugal, associavam-se a miséria e a fraqueza, *"cobrindo-se com as fórmulas de uma religiosidade fervente, como a pobreza e a debilidade se encobriam sob as aparências do esplendor e sob a linguagem da onipotência"*, conforme disse Alexandre Herculano. A imoralidade reinava em toda a parte, sobretudo entre o clero: os mosteiros sustentavam em luxo *"mancebas e filhos, mantendo custosas e nédias cavalgadas, com aves e cães de raça"*. A sociedade vivia em íntima mistura com mouros e negros, uns forros, outros escravizados. O trabalho servil dos escravos da África sustentava a agricultura, mas a escravidão minava o organismo social, como em toda a parte onde existiu.

³³ RB, pg.192.

Assim, *"Nesse aviltamento e nesses horrores começou a desaparecer o português heróico do século XV, 'fragueiro, abstêmio, de imaginação ardente, propenso ao misticismo' ,³⁴que criara o tipo perfeito do homem aventureiro, audacioso e sonhador, livre, sem rebuscos nem eufemismos de linguagem, como imaginamos os que pintou Nuno Gonçalves no retábulo de São Vicente. Os indivíduos aos poucos perdiam a dureza da primitiva têmpera. A Índia já os esgotara com os seus encantos e desilusões, dura escola de ferocidade brutal, de cobiça voraz, de luxúria hircina, onde a mocidade portuguesa se ia educando nos vícios e crimes da sedução asiática."*³⁵

³⁴ Com frequência Paulo Prado faz citações de passagens de outros autores, demarcadas por aspas, mas sem citar a fonte. Neste caso, a passagem pertence a Capistrano de Abreu, em *Capítulos de História Colonial*.

³⁵ RB, pg.194.



No retábulo de São Vicente, de Nuno Gonçalves, o português heróico do século XV, base da formação da raça paulista: "*'fragueiro, abstêmio, de imaginação ardente, propenso ao misticismo', que criara o tipo perfeito do homem aventureiro, audacioso e sonhador, livre, sem rebuços nem eufemismo de linguagem...*".

Colonização do Brasil. A raça paulista. O brasileiro.

Em seguida, Paulo Prado retoma os temas próprios de Paulística: *"por este povo já gafado do germe da decadência começou a ser colonizado o Brasil. Frutificam esplêndidamente os fortes troncos que primeiro chegaram à nova terra. Mais tarde só escaparam à degenerescência de além-mar os grupos étnicos segregados e apurados por uma mestiçagem apropriada. Foi o caso de Piratininga em que o Caminho do Mar preparou e facilitou para a formação do mamaluco esse 'centro de isolamento', da teoria de Moritz Wagner."*³⁶

Outros núcleos de população, como Pernambuco e a Bahia, sede do governo central, *"se ligavam umbilicalmente ao organismo doentio e enfraquecido da metrópole. Não viviam, por assim dizer, de vida própria; a proximidade da Europa, o intercâmbio comercial, a influência direta da administração central, mil fatores étnicos e econômicos solidarizavam essas colônias com o ritmo vital do velho reino, ora paupérrimo, ora esbanjador de riquezas, mas no caminho fatal para a velhice"*.

Como da Europa do Renascimento nos viera o colono primitivo, individualista e anárquico, ávido de gozo e vida livre - veio-nos em seguida o português da governança e da fradaria: *"Foi o colonizador. Foi o nosso antepassado europeu. Ao primeiro contato com o ambiente físico e social do seu exílio, novas influências, das mais variadas espécies, dele se apoderariam e o transformariam*

³⁶ RB, pg.194.

*num ente novo, nem igual nem diferente do que partira da mãe-pátria. Dominavam-no dois sentimentos tirânicos: sensualismo e paixão do ouro."*³⁷

O esquema básico aqui exposto é o seguinte: os portugueses que vêm para o Brasil escapam da decadência peninsular porque, *primeiro*, vieram antes da implantação desta decadência, e *segundo*, porque se isolaram da metrópole e das regiões abertas ao contacto contaminador com Portugal. O primeiro destes fatores ocorreu em todo o Brasil, mas o segundo deu-se exclusivamente em São Paulo por causa da Serra do Mar, etc.

Retomada dos temas dos dois primeiros capítulos

Aproveitarei esta passagem do **Retrato do Brasil**, na qual a atenção do leitor não precisa se concentrar nos conteúdos - já bastante conhecidos - para indicar um aspecto mais formal da composição desta obra, o da alternância de vozes na narrativa. Nesta alternância de vozes que Paulo Prado apresenta, sintomática da variedade um tanto incongruente de suas fontes, percebemos que às vezes - quase sempre, na verdade - a sua dicção vem de terceiros. Algumas passagens mais significativas disto estão nas páginas seguintes, onde ele retoma as idéias expostas até aqui para, com novo fôlego, organizar os pontos de chegada. No início desta passagem preside a vocalização da Inquisição, persecutória, torturada e misógina. Assim, relembra que a história do Brasil é o desenvolvimento desordenado "*dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas. Para o erotismo exagerado contribuíam como cúmplices - já dissemos - três fatores: o clima, a terra,*

³⁷ RB, pg.194.

a mulher indígena ou a escrava africana. Na terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual. Ao findar o século das descobertas o que sabemos do embrião da sociedade então existente é um testemunho dos desvarios da preocupação erótica. Desses excessos de vida sensual ficaram traços indeléveis no caráter brasileiro".

Esta dicção "jesuítica" cede instantaneamente a vez ao cientificismo positivista, como o do médico Nina Rodrigues: *"Os fenômenos de esgotamento não se limitam às funções sensoriais e vegetativas; estendem-se até o domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de uma profunda fadiga, que facilmente toma aspectos patológicos, indo do nojo até o ódio".*

Em seguida a dicção retorna a ele mesmo, Paulo Prado, mas com nítida ressonância das vozes do conhecido cenáculo parisiense: *"Por outro lado, como derivativo dessa paixão, outro sentimento surgia na alma do conquistador e povoador, outro sentimento extenuante na sua esterilidade materialista: a fascinação do ouro, exclusiva como uma mania."*³⁸

A raça triste

Assim, na luta entre esses apetites, *"sem outro ideal, nem religioso, nem estético, sem nenhuma preocupação política, intelectual ou artística"*, criava-se pelo decurso dos séculos uma raça triste: *"A melancolia dos abusos venéreos e a melancolia dos que vivem na idéia fixa do enriquecimento - no aborto sem finalidade dessas paixões insaciáveis - são vincos fundos na nossa psique racial,*

³⁸ RB, pg.195.

paixões que não conhecem exceções no limitado viver instintivo do homem, mas aqui se desenvolveram de uma origem patogênica provocada sem dúvida pela ausência de sentimentos afetivos de ordem superior. Foi na exaltação desses instintos que se formou a atmosfera especial em que nasceu, viveu e proliferou o habitante da colônia." ³⁹

"Luxúria, cobiça: melancolia". Dos pecados mortais, chegamos a estados d'alma; e daí, à fisiologia: "Nos povos, como nos indivíduos, é a sequência de um quadro de psicopatia: abatimento físico e moral, fadiga, insensibilidade, abulia, tristeza". Na alternância de referências, Paulo Prado lança mão do raciocínio que nasce com Lombroso e teve seu grande momento no Brasil com Nina Rodrigues: "a tristeza, pelo retardamento das funções vitais, traz o enfraquecimento e altera a oxidação das células, produzindo nova agravação do mal com o seu cortejo de agitações, lamúrias e convulsões violentas. Influência do clima, dos hábitos de vida, da alimentação, ou do bom ou mau funcionamento das glândulas endócrinas, que a ciência começa a estudar?"

Buckle

Situando-se tão largamente entre tantos determinismos, Paulo Prado teria que necessariamente fazer surgir o nome de Buckle, para quem as diferenças de clima explicariam as várias modalidades de temperamento: *"Países de luz e calor influenciando na psicologia das populações; névoas e escuridão de invernos rigorosos dando uma*

³⁹ RB, pg. 196.

feição tristonha aos homens de terras frias. No Brasil, o véu da tristeza se estende por todo o país, em todas as latitudes, apesar do esplendor da natureza, desde o caboclo, tão mestiçado de índio da bacia amazônica e dos sertões calcinados do Nordeste, até a impassibilidade soturna e amuada do Paulista e do Mineiro".

Destoariam desse tom melancólico o gaúcho fronteiriço, mais espanholado, e o Carioca, que Paulo Prado julga ser já produto de cidade grande e marítima, em contato com o estrangeiro - juízo e expressões que reencontraremos na Conferência de Mário de Andrade sobre o Movimento Modernista. Além do mais, estas opiniões sobre o tipo gaúcho e o carioca vêm de Oliveira Vianna, cuja obra **Populações Meridionais do Brasil** foi objeto de correspondência entre nosso autor e Capistrano de Abreu.

Este é mais um exemplo do fato de Paulo Prado usar, mais ou menos rigorosamente, o pensamento de certos autores, porém sem fazer a menção protocolar.

Mas para além da natureza como fator condicionante da tristeza brasileira, havia ainda a própria família patriarcal a condicionar esta situação. Citando Capistrano, observa Paulo Prado que desde os tempos primeiros *"a família brasileira teve como sustentáculo uma tripeça imutável: pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados. Nesse ambiente se desenvolvia a tristeza do mamaluco, do mazombo, do reinol, abafado na atmosfera pesada da colônia"*.

O português transplantado só pensava na pátria d'além-mar: o Brasil era um degredo ou um purgatório. Já no século XVII Frei Vicente do Salvador queixava-se de que os povoadores *"não só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram ... usam da terra não como senhores mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e*

*a deixarem destruída*⁴⁰ Com essa mentalidade, o povoamento se fazia de ádvenas de passagem, que se consideravam vítimas da sorte ou do exílio, irritados ou estupidificados, vivendo uma vida vazia e monótona. A questão do ádvena, já sabemos, é importante, pois é o contrário de uma aristocracia da terra. Ádvenas são muitos, todos eles avessos à terra e estranhos a ela, e desde sempre sem os mesmos direitos que as estirpes antigas.

Condições raciais do país na Independência

Entre os fins do século XVIII e os primeiros anos do século seguinte, o Brasil já tinha chegado a um dos pontos culminantes de sua história: ia separar-se de Portugal. Ainda não se formara a nação, mas apenas a sociedade. Começava, no entanto, a se afirmar a consciência geográfica, que fixava e delimitava o território. Examinemos as condições em que se ia constituir o laço social determinando o crescimento, os movimentos e o agrupamento das populações.

Por essa época, nos centros marítimos, de Pernambuco para o Norte, diversos tipos étnicos contribuíram para a formação contínua do Brasileiro que iria surgir, já em 1817, nas lutas da emancipação política.

Haviam:

- Os **européus**, os brancos já nascidos no Brasil; vinham das velhas famílias da aristocracia rural; diziam-se alguns descendentes dos primitivos donatários, tinham grande orgulho nessas ascendências e pregavam com algum ridículo a própria importância. Eram os proprietários dos grandes engenhos onde a vida lhes

⁴⁰ RB, pg.198.

corria quieta e indolente. Fato comum era a bastardia que a escravidão desenvolvia; para corrigi-lo, funcionava frequentemente a roda dos enfeitados que inspiravam à população um carinho quase supersticioso.

- Os **mulatos** de todas as nuanças; desprezavam o mamaluco. Pretendiam pertencer à classe dos brancos e vangloriavam-se em não terem parentes índios. Sentiam a sua inferioridade em relação ao branco, desde que esse lhe era superior em riqueza; chegavam a se humilhar diante de outros mulatos mais ricos ou de melhor condição social. Podiam entrar para ordens sacras e serem magistrados: bastava-lhes um atestado de sangue limpo, mesmo que a aparência desmentisse o certificado.

- Os **mamalucos** cruzados do branco e do índio em todas as suas variedades; havia mais no sertão pernambucano. Eram mais belos do que os mulatos, sobretudo as mulheres. Na independência do caráter, na repugnância pela adulação ao branco, mostravam a nobreza da ascendência livre dos dois lados.

- Os **índios domesticados** que eram os caboclos do Norte; eram, com as suas virtudes conhecidas, o sertanejo, corajoso, hospitaleiro - o tipo clássico da caatinga do Nordeste.

- Os **índios ainda selvagens**, que eram os tapuias; apareciam longe do litoral, nas proximidades do Maranhão.

- O resto era o **negro africano ou crioulo**:

- crioulos da colônia;

- os africanos forros ou escravos;

- e, finalmente, os mestiços, classe inumerável dos que mediavam entre os índios e os negros.

O negro envenenou a nacionalidade. A Bahia e Rio de Janeiro como exemplos.

Paulo Prado elabora um quadro da vida nas cidades coloniais - Recife, Salvador e Rio de Janeiro - onde havia uma predominância do elemento negro, que não poderia ser mais negativo. É realmente preciso ler os vivos quadros da imundície, do desleixo, do fedor horrendo de cidade escravocrata que surge de suas cores, em estilo que tanto justifica o seu declarado impressionismo quanto a influência de Oliveira Martins, na sucessão de quadros ao invés da exposição discursiva - geralmente baseada em depoimentos de viajantes.

Todo o raciocínio de Paulo Prado, no que toca o problema do negro, vem de Joaquim Nabuco (como veremos melhor no capítulo sobre o seu **Post-Scriptum**). Para estes dois autores, o negro escravo, sendo a base da economia agrícola brasileira, *"e como que em represália aos horrores da escravidão, perturbou e envenenou a formação da nacionalidade, não tanto pela mescla de seu sangue como pelo relaxamento dos costumes e pela dissolução do caráter social, de consequências ainda incalculáveis."*

Da forma como coloca o problema, as verdadeiras vítimas da escravidão teriam sido as famílias dos senhores de escravos: os negros *"eram terríveis elementos de corrupção no seio das famílias. As negras e mulatas viviam na prática de todos os vícios. Desde crianças (...) começavam a corromper os senhores-moços e meninas dando-lhes as primeiras lições de libertinagem. Os mulatinhos e crias eram perniciosíssimos. Transformavam as casas, segundo a expressão consagrada e justa em verdadeiros antros de depravação. (...) Da promiscuidade surgia toda a sorte de*

*abusos e crimes. Senhores amasiavam-se com escravas, desprezando as esposas legítimas, e em proveito da descendência bastarda".*⁴¹

É uma completa visão advinda da Casa-Grande.

Situação de São Paulo

Todo o raciocínio de Paulo Prado - todo o seu raciocínio - visa estabelecer uma diferença vantajosa para São Paulo com relação ao resto do Brasil. Após este quadro dos horrores da predominância negra nas mais importantes cidades do país, retorna mais uma vez à sua tese sobre o Caminho do Mar, porém estabelecendo agora um declínio desta região causado pela abertura do contacto com o resto do Brasil. Se grande no isolamento, São Paulo tornou-se semelhante ao Brasil: a *"mineração bandeirante tirara-lhe o melhor do sangue com a emigração dos elementos sadios da capitania; a estúpida administração portuguesa do século XVIII viera em seguida abafar e suprimir o que restava nas populações da antiga fortaleza e independência. Foi quando os Paulistas se barbarizaram de uma vez"*.

A vida acanhada, porém, não escapava à dissolução geral dos costumes, que se generalizara por toda a colônia: *"Se por essas bandas aparecesse um visitador do Santo Ofício, as 'confissões de São Paulo' seriam decerto tão curiosas como as da Bahia e Pernambuco"*.⁴²

⁴¹ RB, pg.203.

⁴² RB, pg.206.

Síntese da situação brasileira

Três séculos tinham trazido o país a esta situação lamentável. Resumidamente, eis o quadro de Paulo Prado: *"População sem nome, exausta pela verminose, pelo impaludismo e pela sífilis, tocando dois ou três quilômetros quadrados a cada indivíduo, sem nenhum ou pouco apego ao solo nutridor; país pobre sem o auxílio humano, ou arruinado pela exploração apressada, tumultuária e incompetente de suas riquezas minerais; (...) povoadores mestiçados, sumindo-se o índio diante do europeu e do negro, para a tirania nos centros litorâneos do negro e da mulata; clima amolecedor de energias, próprio para a 'vida de balanço'; hipertrofia do patriotismo indolente que se contentava em admirar as belezas naturais, 'as mais extraordinárias do mundo', como se fossem obras do homem; ao lado de um entusiasmo fácil, denegrimiento desanimado e estéril: (...) indigência intelectual e artística completa, em atraso secular, reflexo apagado da decadência da mãe-pátria; facilidade de decorar e loquacidade derramada, simulando cultura; vida social nula porque não havia sociedade, com as mulheres reclusas como mouras ou turcas; vida monótona e submissa, sem os encantos que a poetizam; (...) esforço individual logo exausto pela ausência ou pela morte e, como observa Capistrano, manifestações coletivas sempre passageiras, certamente pela falta de cooperação tão própria do antepassado indígena; disseminadas pelos sertões, de Norte a Sul, as virtudes ancestrais: simplicidade lenta na coragem, resignação na humildade, homens sóbrios e desinteressados, docura das mulheres."*⁴³

⁴³ RB, pg.207.

O ROMANTISMO

Neste livro inteiramente regido pela lógica dos determinismos, principalmente o biológico, no qual as características históricas das populações são traduzidas em conceitos fisiológicos, também a literatura e as esferas de representação mental sucumbirão a esta semântica. Assim, o Romantismo é convertido em fisiologia, em doença - e se a superação deste mal for o Modernismo, podemos melhor compreender a expressão "missão saneadora e étnica" atribuída a Oswald de Andrade.

Portanto, no Brasil, esse *"organismo precocemente depauperado, exposto às mais variadas influências mesológicas e étnicas, ao começar o século da independência, manifestou-se, como uma doença, o mal romântico"*⁴⁴.

Para Paulo Prado a essência do romantismo é a visão deformadora da realidade: *"Na própria expressão - romantismo - depara-se uma dualidade em que se pode distinguir o romantismo do sentimento e o da inteligência. Um é sinônimo de lirismo e de pessimismo, o segundo, ao contrário, é uma afirmação de generosidade, de ardor, de fé no inesgotável poder do espírito humano."*⁴⁵ Um e

⁴⁴ RB, pg.209.

⁴⁵ RB, pg.209.

outro destes sentimentos encontrariam sua imediata fonte inspiradora em Jean-Jacques. Em espantoso reducionismo, considera que *"tudo no romantismo vem de Rousseau, em Rousseau tudo é romântico. Dele vem em literatura o egocentrismo sentimental e exibicionista, o sonhar inútil e solitário, o orgulho e o espírito de revolta que deram um cunho tão peculiar às gerações atraídas pela sedução do cidadão de Genebra. Não é menor, porém, a sua influência na história política do mundo. Da sua grandiloquência nasceram os lugares-comuns que forneceram à Revolução Francesa a sua empolada fraseologia."*

No Brasil, as primeiras tentativas nacionalistas estiveram ligadas às experiências de outros países: em primeiro lugar, à declaração de independência dos Estados Unidos, concretização da propaganda iniciada pela Enciclopédia. De 1770 a 1800 as idéias prediletas de Jean-Jacques inspiraram e guiaram os movimentos revolucionários franco-americanos: soberania do povo, liberdade individual, igualdade racial e política, infabilidade da nação. Estas idéias aparecem na Proclamação da Independência e na Constituição da Virgínia de 1776, e na França em 1792, na Declaração dos Direitos do Homem. Os ecos deste movimento chegam até mesmo à apagada existência do Brasil colonial: *"Precederam, como é natural num país inculto, o aparecimento do romantismo literário, que veio influenciar as idéias e os sentimentos da alma nacional."*⁴⁶

Muitos dos brasileiros notáveis deste período foram românticos.

Romântico teria sido também o nosso pacto constitucional - *"excelente espécie de romantismo político, disse Sílvio Romero - e que comentadores mais*

⁴⁶ RB, pg.210.

tarde afirmavam assentar em três princípios de um delirante misticismo: 'a soberania universal, a unidade da soberania organizada e o equilíbrio do mandato...'"

O país nascia assim sob a invocação dos discursos e das belas palavras. Endeusamento, na política, do mesmo liberalismo *"verboso e sonoro que Vitor Hugo ia reclamar para a literatura no prefácio do Hernani."*

Esta é uma passagem significativa: a partir dela, fica explícita a ligação, que já vinha subjacente, entre romantismo e liberalismo, e a carga negativa de um é tributado ao outro, para serem ambos rejeitados. A citação de Vitor Hugo é esta: *"Le romantisme, tant de fois mal défini, nést, à tout prendre, et cest là sa définition réele, si l'lo ne l'envisage que sous son côté militant, que le liberalisme en litterature."*⁴⁷

No Brasil, a política tem sido *"um habilidoso discursar em que sempre reaparecem, com outras roupagens, as velhas idéias de Hugo, de Michelet e de Quinet."*⁴⁸

Sendo um mal, o romantismo ia encontrar no "organismo depauperado" do país as condições mais propícias para a sua propagação. Apenas no litoral havia algo que se poderia aparentar com a civilização. Mas a chegada da côrte *"acentuou a*

⁴⁷ RB, pg.212.

⁴⁸ Paulo Prado dá o exemplo de um chefe do partido liberal durante o Império, que exclamava "como um herói de Ossian": *"Saiu-me de encontro a política, a infecunda Messalina, que seus braços convulsos pelo histerismo a ninguém deixa sair senão quebrantado e inútil; veio-me ao encontro, arrastou-me para as suas orgias..."*. (Retrato do Brasil, pg.217)

desordem dos espíritos pela transplantação de um organismo vetusto e anacrônico para a ingenuidade primária das populações".

A côrte portuguesa trouxe para o Brasil uma *"parte sadia e sólida"*, constituída de *"homens de Estado, de valor, artistas de fama, bom senso atrasado mas útil na desordem colonial"*. O país assistia a aspectos inéditos de uma vida mais requintada, e a súbita surpresa dessa invasão *"veio acordar a mandranice brasileira apodrecendo nas delícias da mestiçagem, nas intrigas da carolice, num desleixo tropical, entre mulatas, lundus e festas religiosas"*.

Algumas individualidades se destacaram neste cenário, aperfeiçoados pelo curso em Coimbra ou a *"autodidaxia desenvolvida pela inteligência espontânea da raça."* É o elogio dos Andradas, de Feijó e outros paulistas que atuaram nas Regências: *"Formou-se assim o grupo escolhido e de incontestável valor moral e intelectual, a quem coube a princípio a direção dos negócios públicos, e em seguida, os principais papéis na comédia parlamentar que veio a ser, em grande parte, a história política do Império"*. Este grupo, fatalmente, tornou-se presa fácil para o romantismo, *"que com as galas de moda francesa atravessava os mares, de 1820 a 1830, sob a inspiração de Hugo, Vigny, Lamartine e depois de Lamennais."*⁴⁹

Com *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, inaugurou-se na literatura brasileira esta corrente, e o sucesso deste livro tão medíocre explica-se por corresponder *"a um estado de espírito em evolução, a uma nova sensibilidade latente e de que já havia traços na política nacional e na poesia do nosso pré-romantismo."*

⁴⁹ RB. pg.214.

O acolhimento da nova corrente corrobora a idéia de que ao romantismo correspondia um "lado doutor": seus principais epicentros foram os dois centros intelectuais que eram as escolas de Direito fundadas em 1827 em Olinda e em São Paulo, *"e em que se formaram, sobretudo na última, os dois grandes focos de infecção romântica."*

Enquanto Pernambuco voltou-se mais para a formação política e jurídica, formando os mais notáveis políticos do segundo império, *"São Paulo, pelas condições especiais de meio e geográficas, teve influência mais intensa na formação social e intelectual. Foi o grande centro romântico"*.

Paulo Prado desenha um notável quadro da vida estudantil paulistana, que seria alucinadamente inspirada em Byron. Nos meios acadêmicos celebrizaram-se figuras como as de Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, etc, tanto pelo talento lírico dos seus vinte anos *"como pelas excentricidades de românticos descabelados, tentando realizar numa vida acanhada as idealizações de Byron, Musset, Spronceda e George Sand."*⁵⁰

Espalhou-se então por todo o país, a partir destes bacharéis, *"as miragens, as ilusões poéticas, o mau gosto artístico e literário, a divinização da palavra, todo o divórcio entre a realidade e o artifício, que é em suma, a própria essência do mal romântico. Vinha a infecção das margens do Tietê ou do Capibaribe e aos poucos contaminava o Brasil inteiro. Caracterizavam-na dois princípios patológicos: a hipertrofia da imaginação e a exaltação da sensibilidade. Deformou insidiosamente o organismo social, muitas vezes sob o disfarce de inteligências brilhantes em que a*

⁵⁰ RB, pg.216.

facilidade de apreensão e de expressão substitui a solidez do pensamento e do estudo."

Infecção, contaminação, patologia, organismo social. A doença romântica tudo avassalou: *"política, literatura, artes, viver cotidiano, modos de sentir, afeições"*.⁵¹

Mas apesar de anacrônico, o romantismo - assim como o liberalismo - ainda resiste no Brasil: *"Apesar da crescente influência da revolução modernista, que está transformando o mundo, a nossa indolência primária ainda se compraz no boleio das frases, na sonoridade dos palavrões, nas 'chaves de ouro'. (...) Só escapam à nefasta influência os simples, os analfabetos, os que representam ingenuamente a alma popular, ou então os raros que tentaram e souberam evitar o perigo de deformação literária."*⁵²

A herança que o romantismo deixou no Brasil aparece na forma do desequilíbrio que separa o lirismo romântico da positividade da vida moderna e das forças vivas e inteligentes que constituem a realidade social. *"Hipertrofia da imaginação e da sensibilidade, e pela lei das reações em que todo excesso se paga, misantropia e pessimismo. São dois característicos do mal do século. O romântico adora a própria dor. É a fonte mais abundante da sua inspiração"*.

O romantismo foi de fato um criador de tristeza ("pela preocupação absorvente da miséria humana, da contingência das coisas, e sobretudo pelo que Joubert chamava o insuportável desejo de procurar a felicidade num mundo

⁵¹ RB, pg.217.

⁵² RB, pg.219.

imaginário") e o Brasil, lembremos, é um país triste. Aqui, um círculo vicioso se fechou: *"versos tristes, homens tristes; melancolia do povo, melancolia dos poetas"*.

As nossas duas primeiras gerações românticas foram tristes: a primeira, porque religiosa e moralizante, como observou José Veríssimo; e a segunda ainda mais, pelo ceticismo e desalento dos chefes da escola.

Os poetas destas gerações, quase todos, morreram na extrema juventude, e tiveram o pressentimento dessa fatalidade: *"Morte e amor. Os dois refrãos da poesia brasileira. O desejo de morrer vinha-lhes da desorganização da vontade e da melancolia desiludida dos que sonham com o romanesco na vida de cada dia. E fisicamente fracos pelo gasto da máquina nervosa, numa reação instintiva de vitalidade, procuravam a sobrevivência num erotismo alucinante, quase feminino"*.

Estes poetas foram a síntese do Brasil, na sua tristeza, na sua morte precoce, nas suas incapacidades para a vida, nas suas patologias: *"Representavam assim a astenia da raça, o vício das nossas origens mestiças"*.

"Viveram tristes, numa terra radiosa."

Uma leitura atenta deste capítulo poderá revelar um sub-texto bastante interessante. O argumento de base literária, que tratou o romantismo a partir de prismas e critérios notavelmente singulares, serve e foi construído para reforçar, no plano da ideologia, a tese da necessária separação entre São Paulo e o Brasil.

Senão, vejamos.

Paulo Prado faz o romantismo ser triste para identificar esta escola com o "brasileiro": as "três raças tristes" são as "nossas origens mestiças". Nossa, bem entendido, o Brasil. O Romantismo, por suas características - incapacidade de tratar da realidade, doença, desalento, astenia, espírito de cópia - é a expressão espiritual

do país. Além do mais, precisa ser destruído. Mas o Romantismo já foi superado por um movimento literário e artístico que é o contrário de tudo isto: o Modernismo. Este mesmo Modernismo que surgiu em São Paulo, e que rompeu com tudo que foi produzido pelas raças mestiças do Brasil. O Romantismo também foi importantíssimo em São Paulo, mas o foi pelo fim do isolamento, que possibilitou a contaminação desta província.

Há uma dicotomia construída neste capítulo:

a) **Romantismo** = Liberalismo = Tristeza = 3 raças tristes = Brasil

b) **Modernismo**: sendo a luta contra o Romantismo, o é necessariamente
contra o Brasil. É um produto mental da regeneração paulista.

Consequentemente, pela sua condição de base, o Modernismo (pelo prisma de Paulo Prado) é intrinsecamente separatista. Este é o ponto laboriosamente planejado.

POST-SCRIPTUM

"Tenho aliás achado muita graça na reação patrioteira que o livro de Paulo Prado causou. O 'Retrato do Brasil' está sendo lido e relido por todos. E comentado. Comentado prá atacar. Inda não topei com ninguém que concordasse com o livro. Isso me diverte porque toda a gente ataca a letra desse trabalho tão sutil e acaba concordando com o espírito dele. Acham que o livro é ruim, o Brasil não é aquilo só, a sensualidade não entristece ninguém, o brasileiro não é triste mas com palavras diferentes o que todos acham mesmo é que 'o Brasil vai mal'. Ora no fundo o espírito do 'Retrato do Brasil' é isso mesmo. Paulo Prado é uma inteligência fazendeira prática. Fazendeiro sai na porta da casa, olha o céu, pensa: vai chover. Chama o administrador e fala:

Vai chover. Ponha os oleados no café.

Pouco importa que o céu esteja puro, fazendeiro sentiu que ia chover. Pouco importa que chova ou não (e no geral chove mesmo) o importante é que se chover o café esteja coberto.

Foi o que Paulo Prado fez. A moral do 'Retrato do Brasil' é bem e unicamente essa:

- 'Vai chover'.

Sucedeu porém que se tratava de escrever um livro, tinha que haver considerações. Paulo Prado fez as considerações. São considerações de fazendeiro. É melhor a gente afirmar, apesar de todos os desenganos que Santo Amaro é o chovedouro de S. Paulo, do que ler nos jornais as profecias do Observatório. Está cinzando pro lado de Santo Amaro: saio de capa.

Franqueza: está ridícula a reação contra o 'Retrato do Brasil'. Toda a gente vai reagindo contra a credence prática dos chovedouros populares, reconhece que vai chover mas sai sem capa por causa das teorias. E inda acham que Paulo Prado é que tem tese!... Têm tese são esses! Ao passo que pra Paulo Prado que conheço, prático e com quem comentei o 'Retrato do Brasil', pouco importa que chova ou não. O importante era sentir, afirmar e prevenir: 'Vai chover'.

Mário de Andrade, **O Turista Aprendiz**

Retornemos agora ao Post-Scriptum.

Após as considerações sobre método, que julgamos mais adequado fossem feitas no início deste capítulo, chegamos novamente às indicações que Paulo Prado faz do estudo de Martius, **Como se deve escrever a História do Brasil**.

Vimos que Martius indicava o estudo das "três raças tristes", cuja miscigenação resultaria no novo tipo étnico que será o habitante do Brasil: o índio, o povoador português, típico do Renascimento, marcado pela paixão descobridora, pela ânsia de enriquecer e viver às soltas; e recomendava *"conhecer enfim o negro africano, nos seus costumes, preconceitos e superstições, nos defeitos e virtudes, máquina de trabalho e vício criada para substituir o índio mais fraco e rebelde, e que se tornou companheiro inseparável do branco, ambicioso e sensual."*⁵³

O Negro como o problema mais angustioso na formação da raça brasileira. A influência de Joaquim Nabuco.

Lembrando o fato de que foi Martius o primeiro a assinalar a importância do papel do negro na formação racial do país, Paulo Prado considera ser este justamente o *"problema mais angustioso dessa evolução"*.

Neste aspecto, é evidente, Paulo Prado segue inteiramente o raciocínio de Joaquim Nabuco sobre o tema da escravidão e do negro, em particular as reflexões

⁵³ RB, pg.222.

do capítulo *Influência da Escravidão sobre a Nacionalidade* de **O Abolicionismo**. Estando resolvido na prática a questão do abolicionismo (o Conselheiro Antônio Prado, lembremos, foi signatário da Lei Áurea) o que permanece com interesse para Paulo Prado, na obra clássica de Nabuco, é justamente a constante deste capítulo, a presença do negro na resolução étnica do país.

O raciocínio de Nabuco sobre este tema é resumidamente o seguinte: quando iniciou-se a introdução dos negros escravos no Brasil, não pensaram os principais habitantes que preparavam um povo composto em sua grande maioria de descendentes de escravos. E escravidão pesou assim como uma herança de berço sobre a população. O efeito mais importante do fato da escravidão foi africanizar a população, saturando-a de sangue preto. A própria vingança dos escravos foi a de tornarem numerosa a sua descendência. Pela miscigenação, "*os vícios do sangue africano acabavam de entrar na circulação geral do país*".⁵⁴ Considerava que a escravidão era desnecessária à colonização, e se a metrópole tivesse optado por outra forma de ocupação econômica da colônia, o Brasil se assemelharia ao Canadá e à Austrália. Citando Oliveira Martins, para quem "*a escravidão dos negros foi o duro preço da colonização da América, porque, sem ela, o Brasil não se teria tornado no que vemos*"⁵⁵, argumenta Nabuco que o "duro preço" foi pago pelo Brasil, e não por Portugal. A africanização do Brasil pela escravidão "*é uma nódoa que a mãe-pátria*

⁵⁴ Nabuco, Joaquim - **O Abolicionismo**. Editora Vozes, Petrópolis, 5a. edição, pg.105.

⁵⁵ Idem, ibidem, pg. 106. Citação da obra de Oliveira Martins **O Brasil e as Colônias Portuguesas em África**.

imprimiu na sua própria face, na sua língua, e na única obra nacional verdadeiramente duradoura que conseguiu fundar".⁵⁶

Para Paulo Prado, o negro pode ser tomado sob dois aspectos:

1) como fator étnico, intervindo pelo cruzamento desde o início da colonização;

2) como escravo, elemento preponderante na organização social e mental do Brasil.

No que se refere ao primeiro destes itens, considera que assim como o negro substituiu o índio como trabalhador, "do mesmo modo a negra, mais afetuosa e

⁵⁶ Idem, ibidem, pg. 106. Continua Nabuco: *"A história da escravidão africana na América é um abismo de degradação e miséria, que não se pode sondar, e, infelizmente, essa é a história do crescimento do Brasil. No ponto a que chegamos, olhando para o passado, nós, brasileiros, descendentes ou da raça que escreveu esta triste página da humanidade ou da raça com cujo sangue ela foi escrita, ou da fusão de uma e outra, não devemos perder tempo a envergonhar-nos desse longo passado que não podemos lavar, dessa hereditariedade que não há como repelir. Devemos fazer convergir todos os nossos esforços para o fim de eliminar a escravidão do nosso organismo, de forma que essa fatalidade nacional diminua em nós e se transmita às gerações futuras, jamais apagada, rudimentar e atrofiada.*

Muitas das influências da escravidão podem ser atribuídas à raça negra, ao seu desenvolvimento mental atrasado, aos seus instintos bárbaros ainda, às suas superstições grosseiras. A fusão do catolicismo, tal como se apresentava ao nosso povo o fanatismo dos missionários, com a feitiçaria africana - influência ativa e extensa nas camadas inferiores, intelectualmente ativa e extensa nas camadas inferiores, intelectualmente falando, da nossa população, e que pela ama de leite, pelos contatos da escravidão doméstica, chegou até aos mais notáveis de nossos homens; a ação de doenças africanas sobre a constituição física de parte de nosso povo; a corrupção da língua, das maneiras sociais, da educação e outros tantos efeitos resultantes do cruzamento com uma raça num período mais atrasado de desenvolvimento, podem ser considerados isoladamente do cativeiro". (pg. 108 s.)

submissa, tomou no gineceu do colono o lugar da índia." A "hiperestesia sexual", traço peculiar da formação étnica do país, "evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos dominados pelos preconceitos das antipatias raciais."⁵⁷ No Brasil, ao contrário, "a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças".

Diferenciados ficam os "problemas" brasileiro e americano com relação ao negro, considerando-se ainda que nos Estados Unidos existe um conflito racial aqui inexistente. Entre nós, a mescla foi gradual, resultando em que o *"negro não é um inimigo: viveu e vive em completa intimidade com os brancos e com os mestiços que já parecem brancos. Nascemos juntos e juntos iremos até o fim de nossos destinos."*

Mas para Paulo Prado a questão é agravada pelo problema da biologia, da etnologia *"e mesmo da eugenia"*. Para ele, questão da desigualdade das raças, conforme a desenvolveu Gobineau e outros, *"a ciência vai resolvendo em sentido negativo"*. É seu pressuposto que *"todas as raças parecem essencialmente iguais em capacidade mental e adaptação à civilização"*.

Resolvida negativamente a questão da desigualdade, *"resta na transformação biológica dos elementos étnicos, o problema da mestiçagem. Os americanos do Norte costumam dizer que Deus fez o branco, que Deus fez o negro, mas que o diabo fez o mulato. É o ponto mais sensível do caso brasileiro."* Para Paulo Prado, a arianização do habitante do Brasil é um caso de observação diária, já que com 1/8 de sangue negro a aparência africana desaparece inteiramente. Desta forma, o negro desaparece aos poucos, *"dissolvendo-se até a falsa aparência do ariano puro."*

⁵⁷ Raciocínio que Gilberto Freyre vai desenvolver amplamente em **Casa-Grande & Senzala**.

Para Paulo Prado há uma miscigenação "certa", a paulista, da qual não participa o negro, e a outra, a brasileira:

*"Etnologicamente falando, que influência pode ter no futuro essa mistura de raças? Com o indígena, a história confirmou a lei biológica da heterose em que o valor híbrido é sobretudo notável nas primeiras gerações. O mamaluco foi a demonstração dessa verdade. Nele se completaram admiravelmente - para a criação de um tipo novo - as profundas diferenças existentes nos dois elementos fusionados. A história de São Paulo, em que a amalgamação se fez intensamente, favorecida pelo segregamento, é prova concludente das vantagens da mescla do branco com o índio".*⁵⁸

Já a mestiçagem do branco e do negro, nos vários países, ainda não está definitivamente estudada. No Brasil ainda não há a possibilidade de um juízo imparcial. O mestiço brasileiro tem sido representado por indivíduos de alto valor intelectual e moral; mas as populações *"oferecem tal fraqueza física, organismo tão indefesos contra a doença e os vícios, que é uma interrogação natural indagar se esse estado de coisas não provém do intenso cruzamento das raças e sub-raças."*⁵⁹

Aderindo prontamente ao que colocou como hipótese, cita "cientistas americanos" que julgam não haver solução para este problema nos Estados Unidos, *"a não ser que se recorra à esterilização do negro"*. Evidentemente, não lhe ocorre indagar, dentro da mesma lógica, do porquê de não se recorrer à esterilização do branco.

⁵⁸RB, pg. 224.

⁵⁹ RB, pg.225.

No Brasil, raciocina Paulo Prado, não tem sentido estas especulações, já que a miscigenação está implantada: *"se há mal, ele já está feito"*. Portanto, *"esperemos, na lentidão do processo cósmico, a decifração do enigma com a serenidade dos experimentadores de laboratório."*⁶⁰

Indo agora para o segundo item, que possui maiores ressonâncias do pensamento de Joaquim Nabuco: o negro, além de elemento étnico, representou na formação nacional outro fator vital, o de ser escravo. Um dos horrores da escravidão é que o cativo, *"além de não ter a propriedade de seu corpo, perde também a propriedade de sua alma."* Este fator então vem a desencadear um processo no organismo social brasileiro: *"reduziu à própria miséria moral e sentimental do negro a ilusória superioridade do senhor de escravos. (...) Na promiscuidade do convívio, verificava-se que a escravidão foi sempre a imoralidade, a preguiça, o desprezo da dignidade humana, a incultura, o vício protegido pela lei, o desleixo nos costumes, o desperdício, a imprevidência, a subserviência ao chicote, o beija-mão ao poderoso - todas as falhas que constituíram o que um publicista chamou a filosofia da senzala, em maior ou menor escala latente nas profundezas inconfessáveis do caráter nacional"*.⁶¹

Teria sido esta, então, a visão sugerida por Martius em seu estudo, conforme a interpretação de Paulo Prado.

A linha de raciocínio e de exposição de Paulo Prado conduziu ao último ponto: o problema da unidade nacional. Segundo seu juízo, teria sido a indolência e

⁶⁰ RB, pg. 225.

⁶¹ RB, pg. 226.

a passividade das populações que teriam facilitado esta união social e política do vastíssimo território. Em outras palavras: a unidade nacional é produto da falta de vitalidade desta sub-raça que é o brasileiro. A persistência da união constitui assim um verdadeiro milagre. Entretanto, o Brasil não progride: *"vive e cresce, como cresce e vive uma criança doente no lento desenvolvimento de um corpo mal organizado."*³ O cenário brasileiro de miséria e atraso, saído da paleta de Paulo Prado, já é nosso conhecido.

Esquemáticamente, assim se constituiria o quadro brasileiro:

Capital estrangeiro: algumas regiões do Brasil conhecem o progresso - os planaltos da Serra do Mar, da Mantiqueira e os campos do sul -, mas este progresso é absorvido pelos capitais estrangeiros, e os poucos grupos financeiros nacionais que só cogitam dos próprios interesses.

Iniciativa privada X Estado: nas poucas regiões desenvolvidas do país, e revivendo o tempo das bandeiras, tudo se deve à iniciativa privada. Foi o empenho particular que desbravou a mata, que plantou, que construiu estradas de ferro, que fundou cidades, que abriu fábricas e fez portanto o país existir: o Estado apenas estabeleceu impostos, prática herdada da metrópole estúpida. O Estado não acompanhou o desenvolvimento do país, e tornou-se um impecilho e um trambolho. No resto do país o caso se agrava: os homens, de incapazes, tornam-se desonestos e pela

³ RB, pg 228.

cumplicidade dos apaniguamentos eleitorais, aceitaram o consórcio das funções administrativas com os interesses mercantis.

Negócios públicos sem norma: na desordem da incompetência, do peculato, da tirania, da cobiça, perderam-se as normas mais básicas na direção dos negócios públicos.

Higiene: vive de esmolas americanas.

Polícia: protege criminosos e persegue inocentes.

Estradas de ferro oficiais: possui os fretes mais caros; descarrilham diariamente; deixam apodrecer os gêneros que não transportam.

Lavoura: não tem braços porque não há mais imigrantes. Valorização artificial dos preços do café, com consequente descuido da produção. Seringais abandonados, assim como o algodão, os rebanhos. Açúcar e cacau sem condições de competitividade.

Justiça: em contato com a politicagem, não resiste ao arbítrio e ao abuso de poder.

Forças Armadas: ineficientes, tornaram-se repartições públicas.

Analfabetismo de quase 100% entre as classes inferiores, corre paralelo com a bacharelise romântica do que se chama a intelectualidade do país.

Cultura intelectual inexistente, pela falta de instrução, de humanidades, de ensino profissional. Ou finge existir em semiletrados mais nocivos que a peste.

Vício da imitação: tudo é imitação, desde a estrutura política "*até o falseamento das manifestações espontâneas do nosso gênio criador*". Imitação que dizer importação. Nesta terra, em que quase tudo dá, importamos tudo: das modas de Paris ao cabo da vassoura. Passa pela alfândega tudo que constitui as

bênçãos da civilização: saúde, bem-estar material, conhecimento, prazeres, senso estético.

Exportação: para tamanha importação supõe-se uma equivalente exportação. Essa é porém uma perda de substância. Exportamos o ouro que não possuímos, para o pagamento daquilo que não fabricamos. Sangria contínua, exaustiva, fatal depauperamento de consequências incalculáveis.

Os políticos: tripudiam sobre este corpo atrofiado. Completa incapacidade de resolver ou mesmo de pensar os reais problemas nacionais. Tomam a si como único assunto: *"Somente a questão política, que é a questão dos homens públicos. Há-os de todo o gênero: os inteligentes, os sagazes, os estúpidos, os bem-intencionados (dantesca multidão), os que a sorte protege como nas loterias, os efêmeros, os eternos."*

O Império: *"O mal vem de longe"*, diz Paulo Prado. Fundada a nacionalidade e o Império num ímpeto romântico, os fundadores passaram 50 anos a representar a comédia do parlamentarismo à inglesa. *"Só nos ficou dessa época falsa e estéril a consolidação da unidade nacional e a abolição"* - duas questões particularmente afeitas ao interesse paulista.

A República: *"A questão militar, mal de nascença de que nunca se curou o país, a desorganização dos partidos, as falhas da administração, o romantismo da abolição, a desordem geral dos espíritos - fizeram a República, nesse 15 de Novembro que foi a journée des dupes da nossa História. E é o que aí está".*

A "política dos governadores": era o poder das oligarquias estaduais, vício orgânico que degenera o próprio poder central do país.

O quadro que Paulo Prado traçou do país revela um descalabro no qual, por similitude ou por continuidade, a situação brasileira deste final do século XX pode se reconhecer de corpo inteiro.

"Para tão grandes males", diz ele, "parecem esgotadas as medicações da terapêutica corrente: é necessário recorrer à cirurgia". E esta cirurgia, expressão coerente para quem pensa a nação como organismo, teria necessariamente como finalidade impedir o desmembramento do país e a sua desapareição como uma unidade criada pela história. Esta cirurgia, então, aparece na forma de duas soluções catastróficas: a Guerra, a Revolução.

A Guerra faz surgir as capacidades eclipsadas pela rotina e pela mediocridade: *"os novos, os pobres, os esquecidos, os oprimidos surgem quando se ateia nas cidades e nos campos o fogo devastador das invasões."* Nestas circunstâncias surge *"o herói providencial"*, uma figura frequente na obra de Michelet. *"Vem muitas vezes das camadas profundas do povo onde o vão encontrar as necessidades da salvação pública"*. No Brasil poderá surgir um desses líderes, vindo de qualquer região, para a regeneração do país.

"A Revolução é a outra solução." E Paulo Prado não a confunde com meros desequilíbrios circunstanciais: *"Seria encerrar numa modalidade estreita a ânsia de renovação que é a própria pulsação vital da História. A Revolução virá de mais*

longe e de mais fundo. Será a afirmação inexorável de que quando tudo está errado, o melhor corretivo é o apagamento de tudo que foi mal feito."

É preciso avaliar com destaque estas palavras do **Retrato do Brasil**. Elas estão encaminhando as derradeiras idéias deste livro, são o ponto de chegada e de máxima síntese deste ensaio que acumulou tão laboriosamente os seus argumentos.

Sabemos que os males do país são dados pela sua condição de origem racial: foi a mescla da espuma turva das civilizações européias, com o índio lascivo acumpliciado pelo deserto, e com o negro envenenado pela escravidão, e ele próprio expressão acabada da corrupção dos costumes - esta mescla torpe, enfim, a origem de todos os males da vida nacional. Ora, o que Paulo Prado querará dizer com a frase "*quando tudo está errado, o melhor corretivo é o apagamento de tudo que foi mal feito*"? A conclusão evidente é que ele pensava na alteração, por vias de excessão, da fonte destes males. Administrar as raças. Eugenia ? Extermínio ? Apartheid ? A ausência de concreta resolução destas indicações também possui o seu interesse. Incapacidade de ir ao cabo de suas próprias indicações ? Esta incapacidade poderia estar além da dimensão individual, pessoal, de Paulo Prado: dever-se-ia à própria incompletude da burguesia brasileira, da qual ele seria a ponta mais avançada, mais reveladora, mais argumentada desta classe - mas guardando as características básicas da mesma: a incapacidade de ir ao fim de suas inclinações resolutivas.⁴

⁴ O movimento errático da vida ideológica brasileira, causado pela incapacidade de nossas elites de elaboração de um projeto próprio e de levá-lo a termo, teria sido compreendido por Machado de Assis, e que o transformou em estilo de suas obras mais significativas, como **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Ler, sobre este assunto, **Um Mestre na Periferia do Capitalismo**, de Roberto Schwarz.

Mas em meio da Revolução deste tempo, (*"Capitalismo, Comunismo, Fordismo, Leninismo"* - que estranha listagem) *"em meio desse cataclismo em preparo, que papel caberá ao Brasil? O da mais completa ignorância do que se passa pelo mundo a fora. Dorme o seu sono colonial."* A advertência de Paulo Prado adquire um tom de grande urgência: deseja abrir os olhos do país para uma grande catástrofe iminente, e o Brasil *"não vê o desastre que se aproxima; não vê o perigo de estarmos à margem dos grandes caminhos mundiais da navegação e da aviação; não vê que a terra se tornou pequena demais para os imperialismo (...) e que é um paradoxo a laranjeira à beira da estrada, carregada de laranjas doces..."*

Neste marasmo em que vive o Brasil, em que se comprazem governantes e governados, *"será necessário fazer tábua rasa para depois cuidar de renovação total"*.

O que seria "fazer tábua rasa" ? E *"renovação total"*?

As últimas palavras deste livro revelam a adesão de Paulo Prado à revolução, como ele a compreende: *"exprime a síntese de duas tendências opostas: esperança e revolta"*.

O revoltado, que não tolera este estado de coisas, poderá ir até *"a destruição violenta de tudo que ele condena"*. Este não é Paulo Prado. O revolucionário, porém, *"como construtor de uma nova ordem é por sua vez um otimista que ainda acredita, pelo progresso natural do homem, numa melhoria em relação ao presente"*. E é para assumir-se como *"revolucionário"*, possível *"construtor de uma nova ordem"*, que Paulo Prado se declara, não sem alguma ironia, um otimista: possui *"confiança no futuro que não pode ser pior do que o passado"*.



Paulo Prado, num grupo tirado em São Paulo em 1936, tendo à direita Otávio Tarquínio de Sousa e José Lins do Rêgo e à esquerda José Américo de Almeida e Gilberto Freyre.

O SEGUNDO *PREFÁCIO* (1934) DE PAULÍSTICA

Estas questões finais do **Retrato do Brasil** ficam melhor compreendidas quando acompanhadas pelo *Prefácio* da 2a. Edição de **Paulística**, de 1934, o único texto importante de Paulo Prado de data posterior à Revolução de 32, e o último de seus escritos.

Era uma circunstância de graves e sucessivas derrotas para o café - para São Paulo. A crise causada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, retraiu catastroficamente o mercado mundial, fazendo com que o café perdesse seus compradores. Esta circunstância potencializa a crise da sociedade brasileira, que já vinha se acumulando durante toda a década de 20 - Movimento Tenentista, a Coluna Prestes, a Política dos Governadores, surgimento de novos interesses econômicos oriundos do setor industrial, enfim, questões por demais complexas para que possamos discutí-las convenientemente nestas páginas. Uma das decorrências deste acúmulo de tensões foi a queda da República Velha, expressão política que contemplava primordialmente os interesses paulistas. O novo governo, o de Getúlio Vargas, embora atendesse algumas reivindicações importantes do setor cafeicultor, como a compra para queima dos estoques excedentes em 1931, (com enorme sacrifício para a economia de todo o país) não sustentou esta prática no ano seguinte: tal teria sido o motivo básico da radicalização paulista, que lançou-se a uma guerra

civil contra o resto do Brasil. As idéias de Paulo Prado, parcela destas circunstâncias, saíram do papel para os campos de batalha. Onde foram derrotadas as tropas paulistas.

Dois anos depois, Paulo Prado lança a segunda edição de **Paulística**, aumentada pelos ensaios que foi escrevendo e publicando nas páginas de **O Estado de S.Paulo** desde 1926. No *Prefácio* que preparou para esta edição, analisa as recentes circunstâncias, que tão a fundo tocavam as suas posições.

Repõe inicialmente todas as suas teses: já de início achou-se São Paulo diferenciado na evolução do povo brasileiro; "*os antecedentes étnicos do complexo social, o subconsciente coletivo das diferentes gerações (...) deram-lhe logo a especificidade que o caracterizou durante o seu processo evolutivo, e onde Oliveira Martins já divisava os rudimentos de uma nação.*" Mas por ter constituído, pelas bandeiras, o território nacional, os paulistas permaneceram parte integrante do país, e não seguiram caminho próprio. Pouco valeu "*a coincidência da proclamação da independência na pequena cidade provinciana de 1822. A História se fazia na corte.*" Pelo seu caráter desconfiado e retraído, os paulistas não brilharam nas lutas do parlamentarismo. Não obstante, mantiveram a influência da província nos acontecimentos políticos: "*E assim tivemos a Regência, o Segundo Império, a Abolição, a República, o Café, a Revolução: acontecimentos miliários na História do Brasil, e etapas também da História de São Paulo.*"

São Paulo, após a síncope sofrida, vai recomeçar a sua história. Nesta história "*sobressai desde logo a continuidade de ação, ressurgindo em retornos inesperados, como que ao contato do seu patrimônio histórico: influência da Terra e dos Mortos,*

segundo a fórmula barresiana". Paulo Prado está falando de telurismo e de tradicionalismo, duo que seria o motor oculto da trajetória paulista.

Paulo Prado confessa ter cometido um grande erro, "*não esperando pacientemente o desenrolar dos fenômenos no cadinho em que se processou a evolução histórica da antiga capitania*". Culpa-se de não ter visto "*que no paulista do século XX amadurecia a mesma semente que antes o fizera escravizador de índios, buscador de ouro, chefe de bandos armados, desbravador de sertões, plantador de café, novo-rico, grileiro, e, no fundo desse ímpeto racial, a persistência da febre de novas empresas, o mesmo anseio de expansão mal calculada, indo até à ruína e ao desespero*". Paulo Prado não teria sabido reconhecer a hibernação das forças paulistas, e a confundiu com perda das virtudes ancestrais.

Mas há um ressurreto paulista, que vem coincidir com o grave período por que passa o país. A Revolução de 30 perdeu as suas possibilidades: "*Adiou a solução de quase todos os problemas que entravam a vida nacional*." E aqui retorna ao tema do final - e central - do **Retrato do Brasil**: estes problemas "*ficam entregues ao futuro duvidoso e à grande incógnita que é a elaboração étnica em que ainda mal se fixaram os resultados das transplantações híbridas e das confusas mestiçagens. Raças de transição, perigosas e incertas, nas quais pouco podemos confiar. Não são dignas do benefício das colheitas - dizia Rathenau -: servem, passam, e em seguida se atiram ao monturo...*"

Paulo Prado listou longamente o que considerava como problemas nacionais; e diz que o problema magno da formação brasileira é a questão da unidade nacional: dirige-se assim ao tema do separatismo. A história do Brasil foi marcada por focos

de separatismo: Confederação do Equador, República de Piratini, a revolução federalista baiana, a República Juliana. Há sempre o fermento do separatismo.

Existem duas questões envolvendo o separatismo no Brasil: a econômica, *"inelutável no critério materialista da História"*, e a questão sentimental. São *"forças agindo em sentido oposto, e é com o equilíbrio assim mantido que se tem conservado a milagrosa unidade política, fraca, tênue, periclitante mas resistindo a todos os ataques"*.

O Norte do país tem-se aproveitado desta sentimentalidade. Apesar da sua riqueza cultural, o *"homem do Norte, sufocado pelo clima, desanimado pelo atraso e a pobreza que o cercam, com dificuldade resistirá ao desejo de emigrar que o caracteriza, despovoando a terra natal e privando-a dos seus melhores elementos de trabalho e progresso"*.

Isto faria aumentar as tensões: a *"imobilidade do faquirismo tropical não pode sofrer confronto com o desenvolvimento econômico das regiões do Sul, onde o acréscimo, lento mas contínuo, das necessidades materiais aumenta na mesma proporção a produtividade do trabalho e a consequente melhoria das condições sociais."* E o Sul - *dizia Capistrano - o Sul, no fundo é São Paulo*.

*"Tudo assim parece separar o Norte do Sul"*⁵. Natureza desigual, homens desiguais, desigualdade e cisma. A desagregação talvez seja inevitável. As novas gerações é que irão decidir a sorte da nacionalidade.

⁵ A idéia de separação de São Paulo do resto do Brasil mobilizava parte expressiva da intelectualidade paulista da época. Mário de Andrade, que com Paulo Prado e Alcântara Machado dirigiu a Revista Nova, publicação abertamente pró-separação, opinava que havia *"De fato uma distinção intransponível por enquanto entre S.Paulo e o Brasil. É que são duas civilizações diversas. O Brasil é uma... não chega bem a ser uma civilização, é uma*

Um grande perigo cercaria o Brasil: "*os imperialismos dos grandes povos nos cercam e nos espreitam*"; como possível consequência, "*o conflito surgirá não mais do Norte contra o Sul, mas do Sul contra o Estrangeiro*". Isto significa que a expansão e fortalecimento do Sul (de São Paulo), a "*legítima expansão dos regionalismos*", corresponde ao máximo interesse do país, pois só assim poderá defender-se. A solução possível seria o perfeito acordo, o justo equilíbrio das "*forças centrífugas e centrípetas*".

"Amor da independência local e da autonomia, contrabalançado pelo orgulho comum da história pátria... Duas fidelidades, dois patriotismos."

* * *

precariedade, em grande parte de caráter equatorial. S.Paulo é uma civilização européia cristã, com a mentalidade, o clima, a internacionalidade, os recursos duma civilização européia cristã. (...)

S.Paulo estraga o Brasil, o Brasil estraga S.Paulo. São Paulo é uma grandeza já e seria muito mais grandioso si não fosse estragado pelo Brasil. Mas é uma civilização europeia, não creio que se possa esperar nada de realmente novo dele, sob o ponto-de-vista social. O Brasil é uma precariedade, mas é novo, e dele se pode esperar uma solução nova, um avanço novo, uma criação social nova, uma civilização nova. É verdade que pra muito longe. Ou pra nunca porque os homens do Brasil pra combater a civilização cristã querem se civilizar à europeia. A exemplo do japonês que trocou uma civilização por um progresso..."(Conf. Originais de Mário de Andrade, s/d, pg.7/8 (MOVIMENTO PAULISTA/REVOLUÇÃO DE 32), DOCUMENTOS VÁRIOS, Instituto de Estudos Brasileiros - USP.

Paulo Prado mudou-se para o Rio de Janeiro em meados da década de 30. Planejava escrever suas memórias, mas não o fez. Faleceu a 3 de outubro de 1944.

Gilberto Freyre, que escreveu seu necrológio, considerou-o uma espécie de Dr. Jeckyll e Mr. Hide.

BIBLIOGRAFIA

I - OBRAS GERAIS

ABREU, Capistrano de - CORRESPONDÊNCIA - INL, Rio, 1954.

_____ ENSAIOS E ESTUDOS - Civilização Brasileira, Rio, INL, Brasília, 1975.

ABREU RAMOS, Plínio de - OS PARTIDOS PAULISTAS E O ESTADO NOVO

Editora Vozes, Petrópolis, 1980.

ALMEIDA, Guilherme de - *O ROMANTISMO BRASILEIRO* in CLIMA nº. 6, Nov. 1941, S. Paulo.

ALMEIDA, Renato - *HERMANN KEYSERLING* in MOVIMENTO BRASILEIRO - (VII, 12, jul.1929).

ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar - TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA - Seleção e

apresentação de Alfredo Bosi, Rio, Livros Técnicos e Científicos, S.Paulo, EDUSP, 1978.

AZEVEDO, Fernando de - A CULTURA BRASILEIRA - Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963.

BENJAMIN, Walter - *O NARRADOR* in TEXTOS ESCOLHIDOS - (Coleção OS PENSADORES), Abril

Cultural, S. Paulo, 1980.

_____ *TESES SOBRE A FILOSOFIA DA HISTÓRIA* in SOCIOLOGIA - Org. Flávio R.

Kothe, Coord. Florestan Fernandes, Ed. Ática, S. Paulo, 1985.

BILAC, Olavo - CRÍTICA E FANTASIA, Lisboa, A.M.Teixeira, 1904.

_____ - *FLAUBERT*, in Correio Paulistano, 24.10.1907.

BOBBIO, Norberto - DICIONÁRIO DE POLÍTICA. Editora Universidade de Brasília, 2a.Ed., 1986.

BOSI, Alfredo - HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA - São Paulo, Editora Cultrix,
1975.

CANDIDO, Antonio - FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA - Momentos Decisivos. S. Paulo,

EDUSP; Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.

- _____ Prefácio a MÁRIO DE ANDRADE POR ELE MESMO, Paulo Duarte.
- _____ e CASTELLO, José Aderaldo - PRESENÇA DA LITERATURA BRASILEIRA. Vol. I: *DAS ORIGENS AO ROMANTISMO*. São Paulo-Rio, DIFEL, 1976.
- CARPEAUX, Otto Maria - A PEQUENA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA DA LITERATURA BRASILEIRA - Rio, Editora Letras e Artes, 1964.
- CARONE, Edgard - A REPÚBLICA VELHA (Instituições e Classes Sociais). S. Paulo, DIFEL, 1970.
- _____ - A PRIMEIRA REPÚBLICA (Texto e Contexto). S. Paulo, DIFEL, 1969.
- CARVALHO, Ronald - PEQUENA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA - Rio, F. Briguet & Cia, Editor, 1929.
- CHASIN, José - O INTEGRALISMO DE PLÍNIO SALGADO - Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio. S. Paulo, Liv. Edit. Ciências Humanas, 1978.
- COLLINGWOOD, R.G. - A IDÉIA DE HISTÓRIA - Editorial Presença, Lisboa, s/d.
- CRUZ COSTA, J. - CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DAS IDÉIAS NO BRASIL - Rio, Civilização Brasileira, 1967.
- EAGLETON, Terry - A IDEOLOGIA DA ESTÉTICA, Jorge Zahar Editor, Rio, 1993.
- FAUSTO, Boris - A REVOLUÇÃO DE 1930 - S. Paulo, Brasiliense, 1970.
- _____ - O BRASIL REPUBLICANO, 4º. Vol. *ECONOMIA E CULTURA* in HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. S. Paulo, DIFEL, 1984.
- FREYRE, Gilberto - *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil I* - CASA-GRANDE & SENZALA - Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal, Rio, Liv. José Olympio Edit., 1933.
- _____ - INTERPRETAÇÃO DO BRASIL - Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas. Rio, Liv. José Olympio Edit., 1947.
- GARDINER, Patrick - TEORIAS DA HISTÓRIA - Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 1984.
- HAUSER, Arnold - HISTÓRIA SOCIAL DA LITERATURA E DA ARTE - São Paulo, Mestre Jou, 1972.

- HIRSCHBERGER, Johannes - HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA - S.Paulo, Editora Herder, 1968.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de - RAÍZES DO BRASIL - Liv. José Olympio Edit., Rio, 1936.
- HORKHEIMER, Max - ORIGENS DA FILOSOFIA BURGUESA DA HISTÓRIA - Lisboa, Editorial Presença, 1984.
- KAYSER, Wolfgang - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA - S.Paulo, Martins Fontes; Coimbra, Arménio Amado, 1976.
- KEYSERLING, Hermann von - LE MONDE QUI NAIT - Librairie Stock, Paris, 1927.
- LAMBERT, Rosemary - A ARTE DO SÉCULO XX - Rio, Zahar Editores, 1984.
1. LEVI, Darrel E. - A FAMÍLIA PRADO - S.Paulo, Cultura 70 Liv. e Editora S/A, 1977.
- LYRA, Heitor - O BRASIL NA VIDA DE EÇA DE QUEIRÓS, Edições Livros do Brasil, Lisboa, 1965.
- LUKÁCS, Georg - CONVERSANDO COM LUKÁCS - Rio, Paz e Terra, 1969.
- _____ - ENSAYOS SOBRE EL REALISMO - Buenos Aires, Ed. Siglo Veinte, 1965.
- _____ - MARXISMO E TEORIA DA LITERATURA - Rio, Civilização Brasileira, 1968.
- _____ - ESTÉTICA - Barcelona, Ediciones Grijalbo, 1966.
- _____ - EL ASALTO A LA RAZÓN - La Trayectoria del Irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. Barcelona/México, Ediciones Grijalbo, 1972.
- _____ - SOCIOLOGIA - Org. José Paulo Netto, S.Paulo, Editora Ática, 1981.
- _____ - INTRODUÇÃO A UMA ESTÉTICA MARXISTA - Sobre a Particularidade como Categoria Central da Estética. Rio, Civilização Brasileira, 1970.
- LUZ, Nícia Vilela - A LUTA PELA INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL - São Paulo, DIFEL, 1961.
- MARX, Karl - HISTÓRIA CRÍTICA DE LA TEORIA DE LA PLUSVALÍA - México, Fondo de Cultura Económica, 1945.
- _____ - e ENGELS, Friedrich - LA IDEOLOGIA ALEMANA - Crítica de la novíssima filosofía alemana em las personas de sus representantes Feuerbach, B. Bauer, y Stirner y del socialismo

- alemán en las de sus diferentes profetas. Montevideo, Ediciones Pueblos Unidos; Barcelona, Ediciones Grijalbo, 1972.
- MENDONÇA TELLES, Gilberto - TRISTÃO DE ATHAYDE - Teoria, Crítica e História Literária. Rio, Livros Técnicos e Científicos; Brasília, INL, 1980.
- NOGUEIRA FILHO, Paulo - A GUERRA CÍVICA - 1932 - Rio, José Olympio, 1956.
- OLIVEIRA MARTINS - HISTÓRIA DE PORTUGAL, Publicações Europa-América, Editor Francisco Lyon de Castro, Lisboa, s/d.
- OLIVEIRA, Francisco de - *A EMERGÊNCIA DO MODO DE PRODUÇÃO DAS MERCADORIAS: uma interpretação teórica da economia da República Velha no Brasil* - in HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, O BRASIL REPUBLICANO I, São Paulo, DIFEL, 1975.
- OSBORN, Loran David e NEUMEYER, Martín Henry - A COMUNIDADE E A SOCIEDADE - Introdução à Sociologia - S. Paulo, Cia Editora Nacional, 1936.
- PRADO, Eduardo - A ILLUSÃO AMERICANA - S. Paulo, Livraria e Oficinas Magalhães, 1917.
- _____ - EÇA DE QUEIROZ - O PASSADO E O PRESENTE in EÇA DE QUEIRÓS VISTO POR SEUS CONTEMPORÂNEOS. Prefácio de José Trêpa, Lello & Irmãos, Porto/Lisboa, 1945.
- PRADO JR., Caio - HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL - S. Paulo, Brasiliense, 1969.
- RANKE, Leopold von - HISTÓRIA - Org. Sérgio Buarque de Hollanda, S. Paulo, Edit. Ática, 1979.
- SARAIVA, António José e LOPES, Óscar - HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, Porto Editora, Lda, Porto, 1985, 13a. ed. corrigida e atualizada.
- SCHAWARTZMAN, Simon - TEMPOS DE CAPANEMA - Rio, Paz e Terra, São Paulo, EDUSP, 1984.
- SCHWARZ, Roberto - AO VENCEDOR AS BATATAS - S. Paulo, Duas Cidades, 1977.
- _____ - UM MESTRE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO - Duas Cidades, S. Paulo, 1989.
- SILVA, Sérgio - EXPANSÃO CAFEIEIRA E ORIGENS DA INDÚSTRIA NO BRASIL - S. Paulo, Alfa-Omega, 1976.

TORRES, Alberto - O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO - Introdução a um Programa de
Organização Nacional. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1933.

VIANNA, Oliveira - EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO - S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

_____ - POPULAÇÕES MERIDIONAIS DO BRASIL - (Vol. II), Rio, Paz e Terra, 1974.

_____ - RAÇA E ASSIMILAÇÃO - S. Paulo, Cia Editora Nacional, 1934.

VILELA LUZ, Nícia - A LUTA PELA INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL - São Paulo,
Editora Alfa-Omega, 1978.

II - OBRAS SOBRE O MODERNISMO

AMARAL, Aracy A. - TARSILA, SUA OBRA E SEU TEMPO - S.Paulo, EDUSP, Edit. Perspectiva, 1975.

_____ ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22 - Subsídio para uma história da
renovação das artes no Brasil, São Paulo, EDUSP, Edit. Perspectiva, 1972.

ANDRADE, Oswald de - PONTA DE LANÇA - Rio, Civilização Brasileira, 1972.

_____ *MANIFESTO ANTROPÓFAGO* in OBRAS COMPLETAS VI, Rio, Civilização
Brasileira, Brasília, INL, 1970.

_____ O ESFORÇO INTELECTUAL DO BRASIL CONTEMPORÂNEO - Revista
do Brasil n.º. 96, S.Paulo, Dez. 1923.

_____ O MODERNISMO - Anhembi, ano V, n.º. 49, vol XVII, São Paulo, Dez. 1954.

_____ POESIAS REUNIDAS - S. Paulo, Círculo do Livro, 1976.

ANCONA LOPEZ, Telê Porto - MACUNAÍMA: A Margem e o Texto - São Paulo, Hucitec, Sec. de
Cultura, Esportes e Turismo, 1974.

_____ MÁRIO DE ANDRADE: RAMAIS E CAMINHOS - S.Paulo, Duas Cidades,
1972.

ALMEIDA PRADO, Yan de - PAULO PRADO E A ÉPOCA DE SUA FORMAÇÃO

ALVARENGA, Oneyda - MÁRIO DE ANDRADE - O Estado de S. Paulo, 26/2/1946.

_____ SONORA POLÍTICA - Revista do Arquivo Municipal, 12 (106), S.Paulo, 1946.

ARANHA, Graça - A ESTHÉTICA DA VIDA - Rio, Livraria Garnier, s/d.

ÁVILA, Affonso, org. - O MODERNISMO - S.Paulo, Edit. Perspectiva, 1975.

BANDEIRA, Manuel - *MÁRIO DE ANDRADE E A QUESTÃO DA LÍNGUA* - Anhembi, n.º. 23, vol. VII,
ano II, S.Paulo, out. 1952.

- BECCARI, Vera D'Horta - LASAR SEGALL E O MODERNISMO PAULISTA - S.Paulo, Brasiliense, 1984.
- BRITO, Mário da Silva - HISTÓRIA DO MODERNISMO BRASILEIRO - ANTECEDENTES DA SEMANA DE ARTE MODERNA - Rio, Civilização Brasileira, 1974.
- BRUNO, Ernani Silva - *A TRISTEZA DO POVO, O ASSUNTO DE PAULO PRADO*, F.S.P., 25.9.1981
- CANDIDO, Antonio - Prefácio para MÁRIO DE ANDRADE POR ELE MESMO - Org. Paulo Duarte, S. Paulo, Hucitec, 1977.
- CARVALHO, Ronald de - OS "INDEPENDENTES" DE SÃO PAULO - Recortes de Mário de Andrade, sem indicação de periódico, 1922 (?).
- CASTELLO, José Aderaldo - *MODERNISMO OU NEO-ROMANTISMO?* - CULTURA n.º. 5, jan/mar. 1972, Brasília.
- CENDRARS, Blaise - ETC ... ETC ... (UM LIVRO 100% BRASILEIRO) - S.Paulo, Perspectiva, 1976.
- COELHO, Saldanha, org. - MODERNISMO - Estudos Críticos - Revista Branca, Rio, 1954.
- DASSIN, Joan Rosalie - POLÍTICA E POESIA EM MÁRIO DE ANDRADE - S.Paulo, Duas Cidades, 1978.
- DEL PICCHIA, Menotti - O MODERNISMO - A Gazeta, S.Paulo, Edart, 1971.
- EULÁLIO, Alexandre - A AVENTURA BRASILEIRA DE BLAISE CENDRARS - Edições Quiron Ltda/TNL, S.Paulo/Brasília, 1978.
- GREMBECKI, Maria Helena - MÁRIO DE ANDRADE E L'ESPRIT NOUVEAU - S.Paulo, IEB/USP, 1969.
- HENRIQUES, Luis Sérgio Nascimento - *CONTRADIÇÕES DO MODERNISMO* in REALISMO E ANTI - REALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA - Rio, Paz e Terra, 1974.
- JARDIM DE MORAIS, Eduardo - A BRASILIDADE MODERNISTA - Sua Dimensão Filosófica - Rio, Edições Graal, 1978.

- JOSSERAND, Sylvie Catherine - Edição Crítica de CAFÉ - Tese de Doutorado, Nanterre, Paris X, orientação de Claude Guichard. Mimeo.
- LAFETÁ, João Luiz - 1930: A CRÍTICA E O MODERNISMO - S.Paulo, Duas Cidades, 1974.
- _____ - *ESTÉTICA E IDEOLOGIA: O Modernismo em 1930* - Argumento, nº. 2, Rio Paz e Terra, 1973.
- LEVY, Darrel E. - A FAMÍLIA PRADO - Cultura 70 Livraria e Editora S/A, S.Paulo, 1977.
- MARTINS, Wilson - O MODERNISMO - S.Paulo, Cultrix, 1969.
- MELLO E SOUZA, Gilda - O TUPI E O ALAÚDE - Uma Interpretação de Macunaíma - S. Paulo, Livraria Duas Cidades, 1979.
- MENDONÇA TELES, Gilberto - VANGUARDA EUROPÉIA E MODERNISMO BRASILEIRO - Petrópolis, Edit. Vozes, 1972.
- MILLIET, Sérgio - DIÁRIO CRÍTICO, vol. X, S.Paulo, Martins, EDUSP, 1981.
- MORAIS NETO, Prudente de - *MODERNISMO NÃO É ESCOLA: É um estado de espírito* - Correio da Manhã, Rio, 19/VI/1925.
- MOTA FILHO, Cândido - CONTAGEM REGRESSIVA - MEMÓRIAS, José Olympio, Rio, 1972.
- PRADO, Paulo - *POESIA PAU-BRASIL* in OBRAS COMPLETAS de Oswald de Andrade, Vol. 7, Rio, Civilização Brasileira.
- _____ *PROVÍNCIA & NAÇÃO - PAULÍSTICA - RETRATO DO BRASIL* - Rio, José Olympio, 1972.
- PROENÇA, M. Cavalcanti - ROTEIRO DE MACUNAÍMA - Rio, Civilização Brasileira, INL, 1977.
- RICARDO, Cassiano - MARCHA PARA OESTE (A Influência da Bandeira na Formação Social e Política do Brasil). Rio, José Olympio, 1940.
- THIOLLIER, René - EPISÓDIOS DE MINHA VIDA, Editora Anhembi, Ltda, S.Paulo, 1956.
- VÁRIOS - BRASIL : 1º. TEMPO MODERNISTA - 1917/29 - DOCUMENTAÇÃO -IEB/USP, 1972.
- VÁRIOS - REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL, CVI, S.Paulo, 1946.